

MD Magno



Velut Luna
A Clínica Geral
da Nova Psicanálise

NOVAMENTE
editora

O direito de impressão é pessoal e intransferível.

VERSÃO
E-BOOK

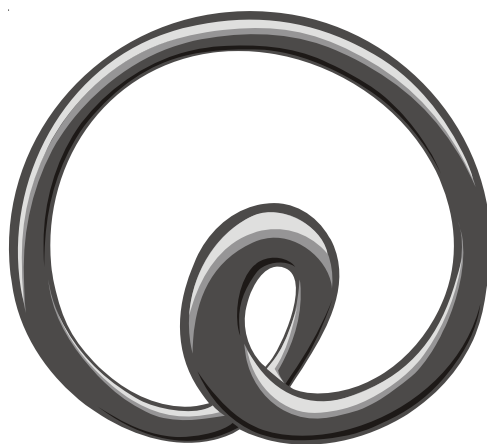
MD Magno

VELUT LUNA

A CLÍNICA GERAL DA NOVA PSICANÁLISE

Seminário 1994

2ª Edição



NOVamente
editora

VERSÃO

E-BOOK

NOVAMENTE
editora

é uma editora da

UNIVERCIDADE DE DEUS

Presidente
Rosane Araujo

Diretor
Aristides Alonso

Copyright 2005 © MD Magno

Preparação do texto
Potiguara Mendes da Silveira Jr.
Nelma Medeiros

Editoração Eletrônica e Produção Gráfica
NovaMente Editora

Editado por
Rosane Araujo
Aristides Alonso

M198e

Magno, M.D. 1938 -

Velut Luna: seminário 1994 / M. D. Magno ; [preparação de texto: Potiguara Mendes da Silveira Jr., Nelma Medeiros]. 2.ed– Rio de Janeiro : Novamente, 2008.

310 p ; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-87727-42-8

1. Psicanálise - Discursos, ensaios, conferências. I. Silveira Junior, Potiguara Mendes da. II. Medeiros, Nelma. III. Título.

CDD-150.195

Direitos de edição reservados à:

UNIVERCIDADE DE DEUS

Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá
22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Telefax: (55 21) 2445-3177
www.novamente.org.br
www.novamenteeditora.com.br

VERSÃO
E-BOOK

Sumário

1. NOSSAS REALIDADES VIRTUAIS

Reconsideração da postura clínica da psicanálise diante do processo geral de deterioração – *Velut Luna* como imagem de *hiperdeterminação* – Hiperdeterminação como referência última de cura – Manejo da ordem primária e secundária a partir da hiperdeterminação – Proposição de dois níveis de realidade virtual: efetiva e em reserva.

13

2. DEONTOS?

Validade do enunciado lacaniano “não abrir mão do seu desejo” – Na referência à ALEI é impossível abrir mão do desejo – Entendimento do regime de culpa e inocência no cumprimento d’ALEI – Assimilação contemporânea da ética ao exercício superegóico do sintoma – *Clínica Geral* exige projeto deontológico baseado no Revirão.

35

3. ANAMNESE

Exigência de anamnese no processo de cura – Comparação entre taoísmo e confucionismo segundo René Guénon – Exemplaridade de taoísmo e confucio’nismo no entendimento da referência à hiperdeterminação e à Clínica Geral – Esclarecimentos sobre o sentido de anamnese – Apresentação do esquema de vinculações na história do pensamento: AMÃE, OPAI, OFILHO, OESPÍRITO e AMÉM.

57

4. AMÃE... AMÉM

Referência estritamente primária na religião d'AMÃE – Na religião d'OPAI referência é passagem de Primário ao Secundário – Referência estritamente secundária na religião d'OFILHO – Pensamento cristão como exemplaridade de referência secundária – Pensamento gnóstico indica passagem de Secundário para Originário: religião d'OESPÍRITO – Referência ao Originário permite vigência do Vínculo Absoluto na religião do AMÉM – Entendimento do processo de Cura e de anamnese como comparecimento de referência ao Originário.

83

5. OS CINCO IMPÉRIOS

Equivalência entre ordem simbólica e amor na religião d'OFILHO – Comprometimento da psicanálise com o Terceiro Império – Crítica da redução lacaniana da transferência ao amor e à suposição de saber – Transferência é referência direta ao Vínculo Absoluto – Condição de Vínculo Absoluto é oposição externa entre Haver e não-Haver – Pensamento trágico é entendimento decadente da irreversibilidade.

101

6. A SEIS REFERÊNCIAS CLÍNICAS

Apanhado dos aparelhos de base da atividade clínica – Primeira referência: ALEI Haver desejo de não-Haver – Segunda referência: três regimes de recalque (primário, secundário e originário) – Terceira referência: Cinco Impérios – Quarta referência: quatro sexos (consistente, inconsistente, insistente e desistente) – Quinta referência: nosologia (neurose, psicose e morfose) – Sexta referência: vetorização segundo eixos tópico, intensivo e liminar.

119

7. OS IMPÉRIOS AINDA

Retomada das principais características dos Impérios – Heresia e gnosticismo são rompimentos em relação à referência paterna – Quinto Império como reconhecimento

da hiperversidade d’ALEI – Razão comunicacional é razão sintomática – Possibilidade da instituição psicanalítica diante do problema da razão sintomática – Hiper-mestre se exercita na referência ao AMÉM.

137

8. UM ODOR DE POCILGA

Clínica Geral: intervenção nas questões do mundo com referência analítica – Denegação nos discursos contemporâneos – “Ética” é baseada em consensos sintomáticos como denegação da falta de fundamentos – Teorema psicanalítico pode estabelecer fundamento ético? – Fundamento místico da psicanálise é garantia de postura suspensiva – Postura suspensiva sustenta ética do bem-dizer – Problema da falta de fundamento ético na atualidade.

151

9. O INCONSCIENTE

Retorno *de* Freud: inconsciente é da ordem do recalcado – Reelaboração do conceito de recalque: recalque primário, secundário e originário – Inconsciente em nível primário, secundário e originário – Inconsciente é o discurso do mesmo – Dimensionalidades do inconsciente – Inconsciente como superfície do plano projetivo.

167

10. O SUJEITO

Problematização do conceito de sujeito – Estatuto do Eu (*Ich*) freudiano – Exame do cogito cartesiano – Sujeito é solução para movimento de dubitação – Sujeito transcendental de Kant – Deslocamento lacaniano do conceito de sujeito – Crítica ao conceito de sujeito como escolha em Badiou – Sujeito da Renúncia: dubitação e exasperação entre Haver e não-Haver.

179

11. O TEMPO

Sujeito da Renúncia é atingível no lugar com’Um – Função da análise é encaminhamento para lugar com’Um – Crítica ao conceito de tempo lógico – Ato analítico, indecidibilidade

e decisão – Tempo da resistência em psicanálise – Lógica do ato em Lacan é lógica da Hiperdeterminação.

199

12. A FUNÇÃO CURATIVA DO TRÁGICO

Trágico é o embate entre reversibilidade da mente e irreversibilidade das formações – Cura, progresso e heroísmo: suspensão de irreversibilidade – Essência do trágico é utopia como não-Haver – Proposição de relativismo absoluto – Possibilidade de hierarquia diante do relativismo absoluto.

219

13. ÉTICA E VERDADE

Insustentabilidade do relativismo contemporâneo – Hipocrisia filosófica oculta sustentação dos discursos – Verdade coincide com ALEI – Dimensão trágica da ética em psicanálise – Dissociação entre desejo e culpa – Ética da psicanálise coincide com sua operação e com sua verdade – Teatro pedagógico de Brecht: catarse diante do irreversível.

235

14. A BANDEJA DO HERÓI

Biografia de Galileu como exemplaridade da pedagogia do herói – Definições de Ética, Herói e Trágico – Três Poléticas: 1) Revirão; 2) Indiferenciação; 3) Produção de Próteses – Polética da Bandeira e referência à hiperdeterminação – Crítica do lema ético “ama teu sintoma como a ti mesmo” – Singularidade do herói.

253

15. AS SOMBRAS SÃO

Crise do conhecimento – Maquiavel e a Clínica Geral: Virtude como força de enfrentamento da Fortuna – Vocação iluminista da psicanálise: CLEAN-ICS – Crítica ao

conhecimento sustentado na relação sujeito/objeto – Teoria do conhecimento: mapeamento e agonística entre formações – Definição de *gnomo* – Hiperdeterminação e produção de conhecimento – Perguntas sobre prótese, sujeito da renúncia, criação e conhecimento.

267

16. NOSSAS VIRTUDES REAIS

Sentido de Clínica Geral – Eliminação de fronteiras entre campos discursivos – Clínica identifica pólos discursivos – Resumo dos principais pontos do seminário.

283

ENSINO DE MD MAGNO

305

O FORTUNA
(Fortuna Imperatrix Mundi)

O Fortuna,
Velut luna
statu variabilis,
semper crescis
aut decrescis;
vita detestabilis
nunc obdurat
et tunc curat
ludo mentis aciem,
egestatem,
potestatem,
dissolvit ut glaciem.

Sors immanis
et inanis
rota tu volubilis,
status malus,
vana salus
semper dissolubilis,
obumbrata
et velata
michi quoque niteris;
nunc per ludum
dorsum nudum
fero tui sceleris.

Sors immanis
et inanis,
rota tu volubilis,
status malus,
vana salus
semper dissolubilis,
obumbrata
et velata
michi quoque niteris;
nunc per ludum
dorsum nudum
fero tui sceleris

Ó FORTUNA
(Fortuna Imperatriz do Mundo)

Ó Fortuna,
tal a lua,
uma forma variável!
Sempre enchendo
ou encolhendo:
ó que vida execrável!
Pouco duras,
quando curas
de nossa mente as mazelas;
a pobreza,
a riqueza,
tu derretes ou congelas

Bruta sorte,
és de morte:
tua roda é volúvel,
benfazeja,
malfazeja,
toda sorte é dissolúvel.
Disfarçada
de boa fada,
minha ruína sempre queres;
simulando
estar brincando
minhas costas nuas feres

Gozar saúde,
mostrar virtude:
isto escapa a minha sina;
opulento
ou pulguento
o azar me arruína.
Chegou a hora,
convém agora
o alaúde dedilhar;
a pouca sorte
do homem forte
devemos lamentar.

Carmina Burana: Canções de Beuern (Trad: Maurice van Woensel) São Paulo: Ars Poetica, 1994.

1

NOSSAS REALIDADES VIRTUAIS

Em primeiro lugar, agradeço voltarem ao Seminário e, apesar da distância, o trabalho de virem até aqui. Este ano, vamos tratar um pouco da atividade clínica. Sobretudo no que diz respeito à nomeação, que me ocorreu dar à tarefa, de *Clínica Geral*.

Depois de ter passado alguns anos estabelecendo os princípios teóricos capazes de nortear nossa ação, e depois também de passarmos o semestre anterior a este recordando a organização e os fundamentos da teoria tal como já foi colocada, quer me parecer que, com estas bases, vocês já tenham condições de começar a depreender quais seriam as posturas clínicas da psicanálise segundo o ponto de vista apresentado nesses teoremas. Entretanto, não fica fácil para quem não é o articulador direto desta construção teórica, depreender imediatamente suas consequências clínicas. Por isso mesmo é que, juntamente com a chamada de atenção para isto, que será feita através deste Seminário, solicitei aos encarregados da organização do Colégio Freudiano – que, hoje em dia, é uma parcela da instituição onde estamos, a UniverCidadeDe-Deus – que organizassem uma série de *Mutirões* para o ano inteiro sobre o que chamei *A Diferença Clínica*.

* * *

Vocês têm noção da série de posturas clínicas apresentadas na psicanálise durante sua breve história de cem anos. Várias foram apresentadas, sendo que algumas são de importância e outras não. As de importância, certamente que se apóiam em considerações teóricas novas, em relação, pelo menos, à postura de Freud. E uma vez que venho colocando diferenças teóricas, é de se supor que tenham interesse pragmático, que não é por mera diversão que se está mexendo na construção teórica. Isto certamente deve ter origem em alguma prática, numa experiência que induz a reflexão e deve ter como consequência também que tal prática seja investida de algum modo, que seja sugerida sua transformação.

Hoje, vou me repetir para organizar o percurso, pois tento introduzir a questão genérica. Nos dias de hoje, como nos tempos mais recentes, é difícil, se não impossível, sustentar-se uma postura curativa, seja qual for o sentido que se queira dar a isto, que tenha sido desenhada de uma vez por todas num determinado momento, digamos, por Freud ou por algum seguidor imediato. Os tempos estão atropeladamente se precipitando e, dentro de tal precipitação, mudanças radicais de postura, de organização do mundo, etc., estão ocorrendo, de tal modo que não me parece que se possa sustentar um mesmo tipo de postura, como se tivéssemos descoberto os universais da mente humana de uma vez por todas. Tão bruscas transformações certamente obrigam a mudanças na organização teórica.

Uma primeira questão, enorme, se coloca aí. Sim ou não, há construções teóricas produzidas, seja por quem for, de Freud até hoje, que possam ser o desenho de alguma organização supostamente universal para a mente humana? Segunda questão, sendo sim ou não, os efeitos dessas bruscas variações dentro do clima, vamos dizer assim... O clima dá uma idéia clara dessas transformações, uma vez que mesmo os especialistas em climatologia, ou em meteorologia, vivem em palpos de aranha para dar conta do que seja essa coisa chamada clima. Pode-se acompanhar, correndo atrás, os acontecimentos climáticos para se ter uma idéia mais ou menos próxima das variações que vêm daqui a dois ou três dias, mas muito mal. Nossa situação não é diferente. As psicologias em

geral dão a impressão errônea de que se sabe a respeito do psiquismo, para o que a psicanálise, aliás, não deixa de contribuir. Não a psicanálise efetivamente trabalhada, mas o que resta de textos sobre psicanálise dá a impressão de que agora se está sabendo. Depois de Freud, todo mundo sabia o que acontecia. Havia um tal Édipo, papai, mamãe, não sei mais o quê, já se sabia como se estruturava aquela coisa.

Por isso, mantenho que é possível que, por trás da construção produzida por qualquer dos teóricos da psicanálise – ainda que seja o Freud iniciante da questão –, possamos surpreender, traduzindo-se em idéias abstratas, algum universal embutido ali. Mas certamente ele se exprime mal com os modelos com que nos apresentaram. O modelo edipiano, corresponderá ele a algo de importante e universal? Certamente não se exprimirá através da historinha caseira com que Freud desenhou, primeiro, a situação, embora não tenha permanecido, também ele, só nisso.

Lacan, por sua prática, por sua reflexão, forçando o reconhecimento de que naquela historinha freudiana havia algo universal, recompõe a historinha de outro modo e reclama o Nome do Pai. É a indicação de um significante, no campo do Outro, que é significante do Outro enquanto lugar da Lei – isto é bonito. A gente acredita, usa, porque é o disponível. Vai-se fazer o quê? É o melhor que se fez. Isto é delicado. É uma armação sofisticada que Lacan inventou, a qual reduz o bobajal dramático da idéia de Édipo à lógica de produção de *um significante* que seria capaz de segurar a zorra significante, indicando que o lugar do significante no campo do Outro, o tal Inconsciente, estruturado como uma linguagem, é capaz de ser organizado por esse significante, que apenas indica que ali é o lugar de certa lei, obviamente, pois se é estruturado como uma linguagem tem que ter uma lei (é chover no molhado), e que foi chamado de *Nome do Pai*. Besteira chamarmos de Nome do Pai, pois isto é na França, onde o que se chama de *nom du père*, aqui no Brasil chamamos de *sobrenome*.

Não esquecer que quando Lacan produz essas coisas, é um momento bonito do mundo, embora existam tensões. Temos o império soviético como

representante de uma revolução possível, temos um baita Partido Comunista no mundo inteiro, dividido, brigando que nem psicanalista, mas acreditando que há uma revolução possível. No meio disso tudo e achando que a herança da União Soviética não era lá grande coisa, temos a figura de Mao Tsé-tung, levantando a bandeira de uma revolução permanente, dita cultural. Aí foi a sopa no mel para o psicanalista, pois não foi nem mais uma questão meramente econômica, de império, de uma economia distributiva no sentido do nivelamento pelo proletariado, mas sim a revolução cultural em torno das raízes populares. As gerações mais novas não tiveram chance de viver momentos tão festivos. Elas estão mal e não sabem, tadinhas. Não são dos bons tempos da gonorréia, da sífilis, em que a gente fazia o que queria, depois tomava uma injeção e ficava boa. Agora, se se faz o que se quer, se fode e não se levanta nunca mais. Portanto, não se faz o que se quer.

Quem, verdadeiramente, iniciou a revolução sexual? Não terá sido o Dr. Sigmund ao propiciar aqueles conhecimentos que seriam capazes de mostrar que não é nada disso, que há um tal Inconsciente, que o que ele quer é comer a mamãe dele, que é natural, essas coisas...? Talvez tenha iniciado, ajudado, contribuído fortemente para uma revolução sexual na qual a minha geração levou a melhor, mas ficou ali pelo meio. Já não tinha as repressões do papai e da mamãe, mas também não tinha a repressão direta da morte como está hoje. Os analistas gostavam de dizer, Lacan repetia com tanta boa vontade, que: “Sexualidade está ligada a morte”. Agora está *mesmo*! Tanto rogaram praga que o negócio se acoplou. Ninguém fode mais, ou todo mundo se fode. Tenho pena desta geração. Mas ela terá que fazer um esforço, como quer parecer que está fazendo, do qual acho que vai nascer algo interessante. Talvez uma forma ultra moderna de amor cortês. Estão reinventando a virgindade, a fidelidade, tantas coisas. E tenho a impressão de que vão inventar o amor cortês de maneira completamente nova. Daqui a pouco, estamos em plena cavalaria medieval e de maneira completamente diferente. Vamos ver o que acontece.

De qualquer modo, aquelas construções, aquela possibilidade de festa, de euforia, de esperança, foi para o brejo, mesmo que o pessimismo de Lacan

ficasse gozando com a cara dos estudantes de maio de 68 através, aliás, dos famigerados quatro discursos que compôs para arrumar a estudantada. No que tinha toda razão. Estão aí os cara-pintadas que não deixam mentir. Vocês verão o que o Congresso vai fazer com essa besteira. Lacan, então, escreve aquela gozação chamada *L'Envers de la Psychanalyse*, no sentido de fórmula, mesmo com pessimismo e sabendo que aquilo tudo era bobagem. Não sabemos até que ponto ele podia atinar com estas possibilidades. Ele era realmente um homem de gênio e de visão, tanto é que o testemunho de Philippe Sollers, que é tão brilhante e altamente sensível, é de nos sugerir que Lacan sacava que esta merda estava indo para o brejo, e que não tinha saída. Contudo, não é fácil deixarmos de nos influenciar pelas disponibilidades de pensamento e de ação que estão ao redor, e ainda insistir como ele insistiu durante algum tempo.

Se vocês se lembram de uma pequena conversa que tivemos no final de nosso primeiro Mutirão da Diferença Clínica deste ano, eu dizia que era talvez preciso retomar a questão de Lacan no sentido de que o último Lacan já não estava mais nessa. Mas não o Lacan que as pessoas estudam, que é a tolice do significante, do estruturado como uma linguagem, do tal sujeito que fica entre um significante e outro, essas coisas...

* * *

Estamos vivendo um processo geral de deterioração no mundo contemporâneo. Isto não é nenhuma profecia, mas uma constatação. Isto, em todos os sentidos, se é que vamos acreditar nos ecologistas, que têm uma paixão meio idiota pela tal Natureza. De qualquer forma, eles conseguem indicar que mesmo a vitalidade, digamos, natural, no sentido que coloco, do mundo está meio capenga. Pode ser. Seja isto verdade ou não, no sentido da tal espécie humana e de suas articulações com esse universo dito natural, as coisas vão bastante mal.

Há deterioração evidente em todos os níveis, ao mesmo tempo que se vê um grande movimento a favor da saúde física, da ginástica... Era hora de

Nietzsche se revolver na tumba e ficar contente. Afinal de contas, se deram conta de que esse negócio de psiquismo não vale nada, o negócio é ser saudável. O negócio é a saúde do corpo, e a mente corre atrás. Pode deixar que ela vem atrás. É o que ele achava. Talvez seja verdade, quem sabe. Nunca ninguém fez realmente este teste a não ser a aristocracia grega, que, aliás, era bastante saudável, bastante interessante, em vários sentidos.

Tudo se deteriora, inclusive a psicanálise. É só olhar ao redor para ver que há deterioração generalizada desse campo que Freud inventou, que lá na Nova-IPA chamam de campo freudiano. Ninguém se sente muito à vontade em apostar efetivamente nos referenciais dessa psicanálise. Virou uma grande baderna como Lacan havia prometido, aliás: Na mão da canalha, a psicanálise vira besteira. Ou em outra frase mais forte: “O fraco submetido à psicanálise sempre se torna um canalha”. Não fui eu que o disse, não digam que fui eu. Ele disse também que a canalha submetida à psicanálise fica besta. Observem que ele disse que o fraco submetido à psicanálise *sempre* se torna canalha. Não é que pode acontecer, mas sim que *necessariamente*, sempre, se torna canalha.

Tenho apontado isto com precisão. Frequentemente tenho tido a chance de demonstrar que o titica do fracote... Sabem o que é um fraco? Vou definir pelo lado de Nietzsche: é aquele que é incapaz de aturar uma grande dose de verdade. Nietzsche media a força de um suposto homem por sua competência para aturar verdades. Naturalmente que a *seu* respeito, pois a meu respeito ele atura com a maior facilidade. Ou seja, se fôssemos capazes de – doendo ou não, sorrindo ou não, até com certa indiferença, ou seja, se fôssemos um pouco treinados na psicanálise – escutar muitas verdades, seríamos fortes. Mas a maioria é isso aí mesmo: um bando de fracotes que a psicanálise transforma em canalhas defensivos. Isto é, empresta ferramentas para aqueles fracotes ficarem defensivos, manterem, sustentarem sua fraqueza e, pior, assassinares e destruírem as forças que vierem a comparecer diante deles. É isto que ele chama de *ressentimento*: não suportar ver que há forças a seu redor e querer destruí-las. Tenho tido a sorte de demonstrar isto com frequência e ainda terei mais, podem esperar.

Tudo está se deteriorando. Como poderíamos sobreviver? Pergunto isto enquanto interessado nesta joça chamada psicanálise e na sua prática, na sua possibilidade de cura, de intervenção. É claro que essa canalha não cura ninguém, pode ganhar dinheiro em consultórios – o que é muito bom, todo mundo gosta – e fazer pequenos manejos adaptativos para que aquelas senhoras e senhores que lá vão tenham aspecto um pouco mais parecido com gente. Acontece que não é bem isto que a psicanálise nos havia prometido. Eu, pelo menos, caí no conto do vigário se for isto, pois não foi o que me prometeu quando tomei contato com ela. Ela prometeu um movimento de grande força, de grande aventura no sentido de uma Cura possível para esta espécie.

Minha tentativa – talvez, só mera tentativa – neste Seminário é de, em cima dos teoremas que me ocorreu desenvolver, repensar a possibilidade de retomar esta força, antes ainda que os fracotes me destruam, pois que é assim que sói acontecer. Isto no sentido de tentar se defrontar com a questão e com a realidade da deterioração em todos os níveis. Acho mesmo que alguém há de reconstruir isso.

* * *

Adotei, para este Seminário sobre Clínica, o título *Velut Luna*, tirado, como ouvimos no início, do famoso conjunto de canções da *Carmina Burana*, retomado por Carl Orff. A canção que abre o conjunto é *Fortuna Imperatrix Mundi*. Está no momento de retomarmos esta noção, aliás já tomada por Lacan quando atribui tudo à possibilidade de uma tiquê, de um encontro, ou seja, de um *acontecimento*, se o quisermos traduzir no sentido nietzscheano. A tiquê de Lacan não é senão o *evento* que acontece e que, em latim, se chama *Fortuna*: imperatriz do mundo. É a Sorte, como costumamos dizer mais freqüentemente em brasileiro. O coro canta: “Ó Fortuna, lua volúvel”. A Fortuna é como a lua, que vive girando, portanto, não se sabe onde vai dar, *statu variabilis*, pois seu estado varia muito.

Por que estou atribuindo este valor de lua volúvel a isso com que a psicanálise na sua prática clínica tem que lidar? Porque é óbvio que é isto.

Aliás, os malucos, quer dizer, nós, são chamados de lunáticos. Não sei por que cargas d'água, deve haver algum motivo significativo. A cultura ocidental, pelo menos, atribuiu à lua o valor de tiquê. Há até a chamada lua negra, que tem relações com a famosa Lilith, de quem já falei em Seminário antigo. Mas quem será essa lua a quem atribuímos esse valor? Nada mais, nada menos do que a minha Deusa suprema, que, como sabem, eu a chamo de Kaganda Iandanda, porque ela é oriental, à qual chamam de Fortuna, Tiquê, essas coisas.

À lua, não sei por que foi atribuído o valor de hiperdeterminação. É engraçado como sonharam a hiperdeterminação na cultura e a atribuíram à lua, que tira as coisas do lugar, mexe com as marés, com o bucho das fêmeas, com as menstruações e parições, com o tesão da humanidade, dos animais, daqueles que viram lobisomem... Há também aqueles que nascem “virados para a lua”.

Aliás, o *acaso*, que pode ser bom ou mau, é, em brasileiro, chamado de *azar* por um lado puramente negativo. É um defeito da língua. Se dissermos: “Fulano tem uma sorte!”, não sei se é *boa* ou *má*, mas supõe-se que tenha boa sorte. Quando tem *má* sorte, dizemos que ele tem azar. No Brasil cindiu-se uma coisa que, equívoca, seria melhor.

Quero falar agora da pletora, da montanha de sobredeterminações que cai sobre cada indivíduo. No sentido ocidental da sorte, da fortuna, da tiquê, quem sabe mesmo no sentido oriental, isto faz parte do acontecimento. *Acontece que* fulano é branco, que sicrano é preto, que lhe caiu na cabeça ter nascido num país indecente, ou num outro país decente... Acontece esta montanha de coisas sobredeterminando o indivíduo. É claro que, fazendo-se as leituras pregressas destas determinações, encontraremos que isto não é hiperdeterminado, e sim que as coisas, os encaminhamentos, foram para ali. O cara, então, aquele que é hiperdeterminado sem sabê-lo, mas sente, tem a experiência da hiperdeterminação em algum lugar da sua construção psíquica, toma tudo isso como uma *sorte* que lhe caiu na cabeça.

Se acompanharmos os processos de sobredeterminação, veremos que é claro, se a mãe dele estava ali, ele nasceu ali, ia fazer o quê? Vamos acompanhando as sobredeterminações e encontrando seus desenhos. Mas acontece

que o cara, qualquer um de nós, de repente, se encontra como *gente*. Eis senão quando, o cara se dá conta de que é gente. Isto é, dá-se conta de que nada tem a ver com nada disso. Quando a criança começa a estranhar a língua que fala, a família que tem, a casa onde mora, é o que Freud chama de *Unheimliche*. Ela é aquela acostumada a isto desde que nasceu. Ela olha e se pergunta: o que tenho a ver com isto? Por que cargas d'água a louca dessa senhora foi cair na minha mão para ser minha mãe? Fui nascer num país, com um Congresso que só faz besteira, que rouba... Poderia ter nascido num país vizinho, na casa do vizinho, com a mãe do outro... O estranhamento não é senão disponibilidade à hiperdeterminação, a qual questiona as determinações, sejam quais forem.

Então, minha sorte é essa de estar com aparência de aleatório. Uma das formas da volubilidade da lua é essa aparência. Por que caiu assim, por que foi dar nisso? Mas se, como disse, formos estudar parecerá que não há aleatório algum, que tudo é sobredeterminado, compreensível. Mas há outras formas de volubilidade. Depois que se caiu sob a massa de sobredeterminações dadas de início, as coisas ainda mudam de lugar e se deslocam até as determinações que se aprendeu, aquelas que se conseguiu agarrar como situação. Mais volubilidade da tal lua! Talvez sejam volubilidades também acompanháveis por vias de sobredeterminação. Nós é que não estamos vendo que várias determinações mudaram.

Mas, em última instância, há disponibilidade para a hiperdeterminação e o Universo que está à volta, de algum modo, também é hiperdeterminado: portanto, é lunático como nós.

* * *

Nossa questão é: dada a teoria possível, qual é a Clínica viável? Qual o procedimento de Cura viável, sobretudo no mundo contemporâneo onde tudo se deteriora, se degradingola?

As formações sobredeterminantes de cada um dos indivíduos desta espécie são absolutamente terríveis. Isto para quem sabe que tem o direito de

estranhar. Não me consta que, até hoje, nenhum animal tenha reclamado de suas sobredeterminações. Estou me referindo ao animal enquanto tal, puramente animal, aquele que não tem condições de afetação de hiperdeterminação. Nós outros, tão bestas, tão metidos, somos também pressionados e sobredeterminadíssimos pelas formações que cada indivíduo carrega. Se tiver um mínimo de uso de sua humanidade, digamos assim, de vez em quando vai estranhar tudo isso. Mas não podemos nos livrar com facilidade dessas sobredeterminações.

As formações sobredeterminantes, como já disse, são de vários níveis. Sobredeterminações primárias, por exemplo. As formações primárias são um terror, na medida em que são estupidezes – no sentido latino de paralisias, de organizações que não se mexem – de construção *somática*. Não vou dizer de construção *genética*, pois não creio nisto. Acredito, junto com certos biólogos da Inglaterra, que nossa produção não é estritamente genética, que pode ser morfológica também, como diz Sheldrake. Não se sabe sobre isto, mas não acredito que a genética dê conta, é digital demais. Então, falta algo que Rupert Sheldrake chama de morfogênese.

Para juntar isso num barato só, chamo de *autossoma*, que é a construção do boneco biológico. Só isto já é um terror. Ou seja, para aquele que porta a capacidade de hiperdeterminação, de estranhamento, já é repressão demais e capaz de construir recalque demais. Isto porque há as conseqüências. Um cara nasce preto, outro branco, outro grande, outro pequeno, é uma complicação, uma pressão, uma coisa horrível. Não posso brincar - como no clip do Michael Jackson, que gosto tanto – de trocar de vestimenta autossomática. Ainda não dá. Um dia, quem sabe? Mas não será para nós. São formações autossomáticas terríveis que já são uma Sorte.

Mas isto, para mim que tenho a competência da hiperdeterminação, se torna um *acontecimento*. A coisa se reverte. Eis senão quando, me acontece notar que esta massa é um acontecimento. O que faço, então, com esse acontecimento que meu próprio corpo, enquanto produção autossomática, é para mim (que não sou ele, *mim* é outra coisa)? Meu corpo me é um acontecimento ao qual terei que ficar fiel ou não para dar conta do que faço com isso. É, se

quiserem, a pergunta sartreana quando ele diz: “Não me importa o que fazem de mim, importa o que faço do que fazem de mim”. Que faço eu que nada tenho a ver com esse boneco? Não seria este o que escolheria, pelo menos para hoje. Para ontem, quem sabe? Para amanhã, seria outro. No entanto, é este boneco que não me larga. E se o largo, estou mal, pois, aí não falo mais. Então, ele se torna para mim um acontecimento que caiu sobre a minha cabeça, uma sorte tirada, ou atirada sobre mim.

Junto com o boneco, e conseqüentemente com esta construção autossomática, ainda há as construções etossomáticas, que me pressionam e me impõem determinadas coisas sem eu me dar conta. Há comportamentos meus sobre os quais penso: “Mas este cara é um babaca que se comporta assim”. Se estranho isto é porque são formações etossomáticas que são da ordem do lunático também. Para mim que as estranho, são. Não o são para o cachorro, que não estranha nada. Há o estoque genético, ou morfológico, que é terrível, há raça, cor, cheiro, tamanho, tudo isso é um horror. E temos que ficar presos a esse negócio.

Mas as formações secundárias desta espécie, porque se dispõe à hiperdeterminação, começam a degradingolar as primárias e a secretar e excretar outras de nível um pouco mais sutil, que certos pensadores da Grécia Antiga costumavam chamar de *incorporais*. Não sei por que, pois são absolutamente corpóreas, são capazes de matar, de nos ferir corporalmente, e mortalmente. As formações secundárias, que seriam, digamos a nossa sorte histórica, começam então a fazer violenta pressão. A tal família, por exemplo. Nunca vi cachorro com família. Eles sobrevivem na natureza, têm formações etológicas de sobrevivência. Mas a gente tem família, tem a cor da pele. Já não estou falando no nível autossomático, mas da cor atribuível à pele: como é que me pintaram?

Há outro peso terrível chamado dinheiro. Quanto dinheiro você tem? Você tem dinheiro suficiente para me comprar? Afinal de contas, quando Marx consegue desenhar o que desenhou... Felizmente a União Soviética caiu do galho. Agora o pessoal poderá pensar Marx com um pouco mais de soltura,

sem ter que ficar obediente a Partido ou a guerras frias ou quentes disponíveis. Uma das coisas que gostaria de fazer, este ano, se possível, é tomar como questão clínica a questão colocada por Marx e que ninguém antes dele colocara desta maneira. O que é o tal capitalismo? Ou seja, o capital como dissolvente universal de todas as morais possíveis. Ou seja, o substrato da *prostituição universal*. Ele denuncia na formação burguesa a invenção e a decantação de um capitalismo que esculhamba com todos os valores possíveis no mundo e os torna prostituíveis. Esta é uma questão clínica contemporânea fundamental.

É assim mesmo e se leva às últimas consequências, como até sugere Deleuze? Ou não é assim, como queria Marx? É preciso enfrentar essa burguesia e esse capitalismo no sentido de se perguntar: *que outros valores podem ser soberanos em relação à prostituição universal?* Esta é uma questão clínica fundamental. Pensem bem e vejam que a menor atividade clínica, a menor intervenção, está comprometida e suja pelo simples fato de não se saber responder a isto. Neste nosso tempo, qualquer intervenção que se faça é regional e está emporcalhada por não sabermos responder a esta questão. Ou seja, a questão, para mim, faz sintoma desconhecido. Estou doente de um sintoma que não sei nomear. E faço a minha intervenção de *dentro* desta ação sintomática. Não podemos esquecer isto.

Lacan utilizou a letra sigma, Σ , para nomear o sintoma que, segundo a perspectiva lacaniana, pode ser generalizável no seu conceito. Quando falo em formações primárias (autossomáticas, etossomáticas), formações secundárias, etc., estou falando desta mesma letra que sempre significou *soma*, o somático, e que ele usa para significar sintoma, que, na verdade, é a mesma coisa. Ou seja, estamos lastreados, sufocados e abarrotados por uma massa sintomática enorme, que são o nível primário e secundário e não encontramos recurso senão em nossa referência à hiperdeterminação.

Lacan fica, e Freud também ficava, preocupado em discernir a psicanálise da psicologia. Discernimento deles, e não de Nietzsche, por exemplo, que achava a psicologia uma coisa forte, que era possível uma boa psicologia em vez de ruim, fraca e comprometida com a sobredeterminação. Mas

interessava a Freud e a Lacan dizerem que a psicologia é capaz de manejar algumas sobredeterminações dentro do limite das possibilidades de mutação ou de manejo dessas sobredeterminações. Limites que são estreitos, e se atribuía ao psicólogo a vocação de manejá-los. A psicanálise, esta sim, seria uma extrapolação. Traduzindo nos meus termos, esta extrapolação não é senão a referência à hiperdeterminação, a qual é, pelo menos do ponto de vista mental, da máquina cerebral, capaz de suspender minha submissão às sobredeterminações. É difícil e raro que as pessoas se esforcem a ponto desta suspensão.

* * *

Onde mora o analista? Qual o seu lugar? Se é possível analista, onde é seu lugar?

É claro que dificilmente o achamos em casa. Ele está sempre no olho da rua, chafurdado no cotidiano sobredeterminado. Mas o endereço verdadeiro do psicanalista é a hiperdeterminação. Nós o encontraríamos, se ele fosse capaz de permanecer em casa, no terceiro lugar, desde onde alguma indiferenciação se possibilita em relação às sobredeterminações. A única chance de cura é a existência de alguns que pelo menos se empenham em se referir à hiperdeterminação, à indiferenciação, ao terceiro lugar. Não esquecer que este é o ponto de referência do movimento de cura, o qual entretanto só se dá chafurdado na sobredeterminação.

As pessoas se esquecem disto não para se tornarem grandes analistas unicamente hiperdeterminados, mas para se tornarem bons canalhas ao pensar que podem simplesmente fingir que estão nesta referência e, assim, exercerem um sadismo animalesco. Se há condições para o exercício de uma Pedagogia Freudiana, como costume chamar, é na medida em que a referência fica lá, mas que se pode manejar as sobredeterminações no sentido de demovê-las, de refazê-las, etc. E isto no reconhecimento de que é preciso um mínimo de cuidado com elas para não se produzirem lesões muitas vezes irreversíveis.

É este jogo que faz a diferença entre o suposto abuso terapêutico de Lacan, na cabeça de certos lacanianos que o repetem e não sabem o que estão

dizendo, e a boa vontade de Ferenczi, por exemplo. O rigor não é de fingir que se está morando lá, pois lá ninguém mora, não há ninguém em casa, não há nenhum analista em casa, a gente nunca o acha em casa. Mas a referência é obrigatória, sem o que não há analista. No entanto, o retorno, o manejo, etc., exigem – e isto faz parte da deterioração contemporânea – que se reconheçam as formações, que se tenha um mínimo de cuidado com elas. É do regime da impostura, de fingir que se é hiperdeterminado o tempo todo, que os canalhas se aproveitam para exercer sadismos, roubar o próximo, manipular pessoas.

Como é que um cara, supostamente analista, capaz de exercitar esta formação, mantém sua referência hiperdeterminada, não abre mão dela, é rigoroso, e no entanto, sabe retornar e manejar no cuidado com as formações? É isto que vamos encontrar, por exemplo, na burrice repetitiva do momento político mundial contemporâneo: a tal Ecologia. Ou caio de quatro fingindo que sou um animal e, assim, fico olhando para o mundo, e fica, então, uma burrice natureba, idiota, pois não sou isto. Ou penso na hiperdeterminação e vou destruir a natureza. Nem uma coisa nem outra. Está aí uma intervenção clínica da nossa competência: se esta espécie é hiperdeterminada, sua referência é lá, mas ela pode retornar sem um compromisso com a natureza, já que sabe que tudo é artifício.

Mas preciso retornar, até no interesse mesmo desta espécie. E deve ser no interesse fundamental. Se quiserem chamar de humanismo, chamem à vontade, pois sou mais importante do que uma formiga. Isto porque *quero* que assim seja. Sou hiperdeterminado e digo que qualquer pessoa é mais importante do que um cachorro. Mas posso retornar da hiperdeterminação e cuidar daquilo sem me identificar com aquilo. É o que dá a impressão de que o ecologista faz: identifica-se a um animal.

Como é que pensamos o entendimento da ordem primária, da ordem secundária, da referência absoluta à hiperdeterminação e da capacidade de retornar sem perder a hiperdeterminação? Ou seja, retornar sem virar um animal de certa espécie, em suspensão e com certa indiferença? Cuidar dos dois campos, primário e secundário, é uma ocupação difícil. Faz parte da determi-

nação contemporânea as pessoas não se darem conta disto e pensarem que é o vai-da-valsa, o vale-tudo e, ao contrário, se fecharem no seu animal.

De uma vez por todas, vamos entender que eu – isto é, qualquer um que se chama de *eu* – sou um ser hiperdeterminado, ou com a competência para a hiperdeterminação, e no entanto, tenho sérios compromissos de repressão, de recalque, de formações com o animal que me carrega nas costas. É só retornarmos um pouco ao passado para ver que o desenho desta espécie é mais o de um centauro do que este que comparece. Sou um centauro, um cavalo, é só olharmos que veremos que há um animal, que é “bestial”, como diz o patrício. Este animal está lá e tenho que cuidar dele. Isto porque preciso lhe dizer: “Você não vai apitar nas minhas relações com a hiperdeterminação, pois não vou permitir!” Só quando eu estiver distraído é que isto se permitirá. Entretanto, não estou desejando destruí-lo, pois eu iria junto. Então, vou cuidar bem dele. Mas o tempo todo lhe dizendo *Não* quando for necessário.

Esquecemos que funcionamos como animais a maior parte do tempo. Quando, referindo-me a alguém, digo: “É um animal!”, falam mal de mim porque chamo as pessoas de animal. Mas como é que posso lidar com o animal? Isto só vai ficar mais claro para esta espécie quando ela própria, por desenvolvimentos que vem fazendo, começar a secretar e excretar os seus processos sem dependência da ordem carbono, da ordem *bio*. Com isto, quero dizer que esta espécie vai, um dia, se reproduzir para fora da ordem animal. Não há menor dúvida quanto a isto. Podem escrever, e terei sido um profeta.

Estamos no encaminhamento de nos reconduzir como seres hiperdeterminados capazes de lidar com a sobredeterminação, com defeitos, com sintomas, mas fora da ordem *bio*, da ordem carbono. E é a espécie humana que vai fazer isto no Universo. Pelo menos, aqui em nosso pedaço, onde não pintou nada fora da ordem do carbono. Mas podem surgir computadores ultra-sofisticados, uma ordem de silicone, sei lá do quê, com uma construção capaz de funcionar como nós e que não seja animal no sentido *bio*. Vai ser neurótico, etc., mas em outro sentido, pois também terá materialidade. Não vai precisar de certos cuidados, não vai se ferir com tanta facilidade. Quando estas coisas começarem a apare-

cer com evidência, vamos começar a nos dar conta disto. As pessoas não acreditarão enquanto isto não comparecer. E é difícil comparecer, pois a repressão é enorme sobre os cientistas e as tecnologias no sentido de evitar que isto se crie depressa. Nada tenho contra a ciência, pois as possibilidades são infinitamente grandes.

* * *

Aproveitando um termo que está em voga e o usando de maneira absolutamente particular, eu diria que somos uma espécie disponível para a *realidade virtual*. Aquela coisa que Freud chamava de realidade psíquica, e Lacan também, chamem de uma das formas da *realidade virtual humana*.

Distingo, pelo menos, dois níveis de realidade virtual. A realidade virtual de nossa mente tem dois níveis. Há dois níveis de virtualidade para nós. O primeiro, quero chamar de *realidade virtual efetiva*: aquela que, através de sonhos e de outras coisas que vão aparecendo, as invenções, as produções artísticas, científicas, etc., posso efetivamente trazer à tona dos acontecimentos. Quando estou imaginando ou sonhando, estou numa realidade virtual efetiva, a qual posso atingir desses modos. A outra, é a *realidade virtual em reserva*, que não utilizamos muitas vezes, aliás sempre, pois não temos condições de levantar o recalque que, uma vez levantado, permitiria que ela comparecesse. Isto é o que está escrito no meu Revirão, e que teremos que distinguir ao longo deste Seminário: os dois níveis de realidade virtual.

Freud ficava procurando a realidade, encarando a realidade virtual dos sonhos. Ora, esta ainda é muito pouco, pois o sonho, se o sonhei, isto foi uma concessão de desrecalcamento que me deixa encarar uma realidade virtual. E o resto que não está nem recalcado porque foi proibido ou porque está recalcado, por exemplo, no nível primário e que é disponibilidade possível para mim? Como é que um cientista chega – e chamamos isto de heurística, de processo inventivo – a suspender? Imaginem o ato de um poeta, de um cientista. É um ato de violência, pois suspende a ordem recalcante e pede a presença de algo que às

vezes nem mesmo estava recalcado secundariamente, e sim primariamente. Ele pede a presença daquilo e quer construí-lo na realidade presente, e não na virtual. Ou seja, é preciso ir à realidade virtual que está em reserva, que nem me acode no momento do sonho, para buscar uma diferença e tentar construí-la efetivamente.

Por exemplo, você, aí sentada, em vez de ser branquinha, com cara de inglesa, etc., tem em reserva a possibilidade de ser uma neguinha, mas ninguém sabe fazer isto, ainda. Michael Jackson disse: Quero esta realidade, quanto custa?, vou fazer um desrecalcamento e virar isto. Só que ficou preso na virada. Não pode voltar e virar neguinho tão fácil.

Mas, retornando, aqui e agora – e isto é temporal, e não estrutural –, tenho uma realidade virtual efetiva, à qual tenho certo acesso, às vezes até, como dizia Freud, inconscientemente. Não gosto mais desta palavra, mas Freud dizia que, inconscientemente, você sonha e traz à tona uma realidade psíquica à qual não tem acesso porque estava recalcada, mas que está disponível. Ou seja, aqui e agora tenho uma grande realidade virtual disponível para mim e tenho uma realidade virtual em reserva, que não está disponível, que não me acode, que não me vem. Não estou falando de estrutura, e sim que cada pessoa tem um volume de realidade virtual efetiva, e todo um volume de realidade virtual em reserva, que, este, é igual para todo mundo. Todos estão sob recalque, mas a algumas pessoas ocorre ter acesso a isto, lhes acontece suspender um recalcado que, para toda a humanidade, estava em reserva naquele momento.

• Pergunta – *Como se provoca isto?*

Referindo-se a, buscando a hiperdeterminação, entrando no ato místico. Por isso, digo que o fundamento da psicanálise é místico, de defastamento de tudo que é formação dada. Quando me afasto assim, fico disponível ao surgimento do que não o era efetivamente para mim. Aí, posso, quem sabe, colher da reserva alguma coisa. Quando certos indivíduos proclamam algo que nunca ninguém viu, nunca ninguém disse, etc., o que estão fazendo é ultrapassar a realidade virtual efetiva da humanidade conhecida naquele momento.

É só isto o que acontece. Quando se consegue sonhar o que ninguém sonhara, aí é que é bacana. Não é transformar o sonho em realidade, mas sim que se conseguiu sonhar o que ninguém ousara sonhar ainda.

Transformar em realidade é outro brinquedo. Aí, já é a guerra de querer mostrar para os outros: sonhei isto e posso transmiti-lo a vocês. É nossa loucura fundamental. Não se viu nenhum cachorro, nenhuma outra espécie, até hoje, *inventar* sonho. Uma coisa é ter um sonho, outra, é inventá-lo. Isto não é um ato volitivo. É que você se torna, se põe, neste ato místico, disponível. E não é qualquer um, nem a qualquer hora, que chega lá. Trata-se do ato místico que, a meu ver, coincide com a vigência da intervenção psicanalítica. Trata-se de ficar disponível para o evento, para o novo, para o indiscernível da sua situação.

• P – *Não se trata, aí, do hipertexto?*

Não. Hipertexto é acumulação, no computador e na visualidade, de uma quantidade enorme de linguagens. É leitura, som, música, foto, etc. Uma vez cheguei a dizer a besteira de que o inconsciente é estruturado como um hipertexto. Eu só quis dizer que o psiquismo é cheio de porcarias, uma lata de lixo onde há de tudo.

Para fazer o percurso que lhes proponho, temos que começar a nos libertar de uma porção de coisas que foram boas de se aprender, mas que não prestam mais. Por exemplo: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Meu Deus do céu!, era uma grande novidade quando escutei. Mas *o quê* não o é? Para que serve? O sapato é estruturado como uma linguagem. Quando Lacan disse isto era uma grande coisa e nos ajudou a andar para frente, mas, pelo menos para esta espécie, o que não é estruturado como uma linguagem? E digo mais: o Haver é estruturado como uma linguagem. Então, isto não me serve de grande coisa. Não faz diferença disponível para eu atuar.

Este é o percurso que vou tentar este ano.

* * *

• P – *Por que realidade virtual?*

Porque achei bonitinhos aqueles negócios que inventaram e que são, tecnologicamente, um bom exemplo. Os caras produzem a mesma sensação que se tem não na realidade, mas no sonho. Você coloca aquelas máquinas e começa a sonhar o programa que está no computador.

• P – *Você viu o filme O Vingador do Futuro?*

No momento em que o personagem, do Schwarzenegger, está fazendo sua viagem na realidade virtual, está viajando na realidade virtual efetiva que aquele momento lhe permite. É uma das efetivas que o momento lhe permite. Se prestarmos atenção, veremos que há uma enorme quantidade de memórias de que falamos como nossas e que são da vida dos outros, de leitura, de não sei o quê... Há certos fenômenos que temos que estudar com cuidado no futuro. Fenômenos de *empatia*, por exemplo, que chamamos de transferências. Mas, fora do registro psicanalítico, a pessoa fica naquela paixão pela existência de tal cantor popular ou tal filósofo, que é seu “ídolo”. O cara fala como se tivesse intimidade, como se aquela vida fosse a sua. Ô cara, te manca, você nada tem a ver com ele! Mas é difícil arrancar o sujeito desta coisa porque não é identificação, e sim hipnose no sentido mais reles. Não é que se reconheça que um cantor, uma atriz, um filósofo, seja inteligente, excelente, mas sim uma mistura a ponto de se ficar preocupado em estudar a vida, escrever uma biografia daquele cara. Ele está absolutamente tomado, como se aquela existência fosse a sua memória. Vemos isto no campo político, artístico, etc.

Não é que não se possa interessar pela biografia de alguém. Tecnicamente, talvez, seja a coisa melhor a se fazer no futuro: desenhar individualidades, produzir biografias com precisão. Mas não é assim que se faz. Alguém se debruça sobre a vida de outro, se identifica, se transforma, começa a viver uma memória que não é a sua e não se dá conta. É muito diferente – e faz parte da cura – ir-se à hiperdeterminação, olhar para o mundo e saber que, para entender determinada coisa, talvez fosse preciso pegar tal singularidade e descrevê-la para o mundo, o que é uma contribuição interessante. Mas não é bem assim que se costuma fazer.

• P – *Quando você fala da realidade virtual em reserva, isto tem a ver com o momento de cada um?*

Num certo momento, na sua história pessoal, por exemplo, pode acontecer. Mesmo que a humanidade inteira já esteja sabendo, você não sacou. Aí, de repente, você saca. Para você, foi uma emergência de realidade virtual em reserva. Mas, às vezes, há um cara que traz o que a ninguém na face da Terra, até agora, aconteceu trazer à tona. Ele traz algo cujo recalque era tão formidável que não ousava comparecer para ninguém.

- P – *Diante da realidade virtual, como fica a questão da morte?*

Como digo que a morte não há, não ousarei jamais entender isto. Não me acontecerá jamais, não é possível, nem morrendo, pois há essa realidade virtual que não está nem em reserva, que não comparece jamais para ninguém. Outras coisas comparecerão. De repente, o cara é tomado, e isto é o verdadeiro ato místico. Digo que o fundamento da psicanálise não é ético, como diz Lacan, mas *místico* porque só tenho condições de cura e de afloramento de qualquer recalco na minha referência ao Cais Absoluto, à hiperdeterminação e, portanto, na indiferenciação até nojosa para com o disponível. Isto é que é o pensamento místico, e não essa tolice de runas, de não sei o quê, que é só credence. Místico é o contrário, não tem significação nenhuma, é zero, nada, vazio, indiferença.

- P – *Mas por que uma realidade é em reserva e outra efetiva?*

O que aqui e agora eu possa atingir, estou chamando de *efetiva*, e o que aqui e agora não comparece, de *em reserva*. A maior parte, para todos, é em reserva. Quando comparecer, deixa de ser em reserva para ser efetiva aqui e agora. Estava, por exemplo, em reserva para toda a humanidade (por recalques terríveis, mesmo que se olhasse o espaço, os pássaros, que se ficasse com inveja, pois não se tem asas no corpo) que se pudesse voar. Os caras tentavam, quebravam a cara, morriam disso. Ou seja, estava em reserva esta disponibilidade. E tentar só não basta, pois o que se vai agarrar como disponibilidade em reserva para fazer voar? Santos Dumont não ficou botando asinhas de papelão nas costas e pulando de edifícios. Ele foi é arranjar uma reserva para trazer. Foi aonde havia. Que volta o cara vai dar para ir buscar onde não se sonhou, um sonho novo? Antes ainda de Santos Dumont conseguir produzir avião, tinha

que sonhá-lo. E sonhar não é só imaginar que se vai voar. É sonhar com precisão um troço que voa.

Não adianta sonhar com a cura. O maluco do Freud, por exemplo, não ficou assim: Ah, seria tão bom se as pessoas não fossem tão neuróticas! Ele foi sonhar com precisão um aparelho que o ajudasse a fazer o troço mexer. Ninguém tinha pensado, sonhado antes.

• P – *O sonho acabou?*

Certos sonhos andam meio em suspenso, mas não se pode dizer que o sonho acabou. Sei lá o que vão fazer com isso. De repente, vão inventar, por exemplo, um amor cortês absolutamente novo. Nossa geração queria inventar uma revolução sexual infinita, até chegar o dia em que vale tudo e ninguém morre de Aids. Não vamos conseguir, pois agora se morre. Certamente, alguém vai inventar um troço aí que acaba com a Aids, mas até inventar o pessoal não vai ficar só se masturbando no vazio. Pode surgir daí um movimento, um troço qualquer com o valor medieval do amor cortês. Por enquanto, estão apenas estarecidos: vamos voltar para a pureza, para a virgindade. Se não sair algo brilhante, é pura repressão, mais nada. Uma coisa é inventar-se um sonho, outra, é a burrice humana que volta para o conhecido, que está atrás. Para a família, por exemplo.

10/MAR

2

DEONTOS?

Vamos tentar continuar a conversa sobre a chamada Clínica. Alguns dias, este Seminário será mais formal, outros menos. É assim. Quem há de saber o que a Fortuna nos reserva?

Pelo que vi no *Mutirão da Diferença Clínica* realizado sábado passado, quero supor que, de vez em quando, aqui, para além do que acontece lá, era bom que as pessoas trouxessem – bem articuladas, de preferência – efetivamente suas questões. Acho que pode ser assim de vez em quando, não sempre, pois, às vezes, tenho coisas organizadas para dizer. Hoje, por exemplo, não tenho. No Mutirão, escutei questões que me pareceram difíceis de serem esperadas. Pelo menos eu achava um pouco difícil esperar por aquilo. Ou seja, antes ainda de só nos questionarmos na comparação com a apresentação de um outro, de um outro caminho de abordagem clínica, gostaria efetivamente que vocês questionassem um pouco mais também aqui para já irmos com certo ferramental mais apurado.

* * *

Lacan diz que, do ponto de vista da ética da psicanálise, é culpável quem “abre mão de seu desejo”. Culpável por quem?, pela ética da psicanálise?, pelo Dr. Lacan?, por nós?, ou pelo cara que abre mão de seu desejo?

Eu, não acredito absolutamente que ninguém consiga abrir mão de seu desejo. Não conheço, nunca vi isto, nem mesmo cachorro, nem mesmo suicida, capaz de abrir mão de seu desejo. Desejar não desejar é desejar ainda. Não vejo como alguém possa escapar disto.

- Pergunta – *Pelo exemplo de Lacan, seria o contrário de Antígona. Ou seja, cederia em relação a Creonte.*

Pois é, mas fico preocupado com isto. Antígona foi teimosa em relação ao enunciado local momentâneo e temporal de seu desejo, isto é uma evidência. Tivesse ela levado Creonte na conversa ou andado de um lado para outro, estaria abrindo mão de seu desejo ou estaria praticando um desvio no mesmíssimo desejo?

- P – *O desejo dela estava, naquele momento, esteado numa vontade de enterrar Polinício.*

Lacan o eleva a uma categoria bem superior quando diz que não é o mero desejo de enterrar o irmão, e sim o de afirmar uma Lei suprema acima da lei de Creonte. Ou seja, seu desejo estaria esteado numa Lei superior à de Creonte. Suponhamos que seja assim. Se, para demonstrar que não se abre mão do próprio desejo, ao invés de situá-lo no nível banal da temporalidade, da atualidade e da localização aqui e agora de um enunciado, pois apontar esta teimosia o banalizaria, se, então, devo fazer como Lacan faz – isto é, para escapar desta banalidade, fazer referência à Lei maior –, onde fica o limite da referência à Lei maior? Como é possível alguém abrir mão disto?

Estou questionando da validade do enunciado de que é culpável aquele que abre mão de seu desejo. Isto, baseado não na mesma argumentação, porém no mesmo gesto, no mesmo movimento que Lacan fez. Se me refiro ao não abrir mão de seu desejo em Antígona com referência àquele fatinho, aí estou na, digamos, rivalidade entre Creonte e Antígona diante de uma questão que estava enunciada na lei do Estado. Estado gerido por Creonte, o qual, se não fosse o tirano – no sentido grego de *tyrannos*, de dono daquele lugar – que era, talvez até abrisse mão. Mas, depois que colocou o decreto na rua, como representante do Estado, não podia voltar atrás.

Antígona ousou enfrentar o representante daquele Estado, baseado em que há Lei superior à do Estado. Então, ela não abriu mão de seu desejo de enterrar Polínício ou de seu desejo de referir-se à Lei maior? Lacan argumenta e salva Antígona pela referência à Lei maior do *adelphós*, da fraternidade: “Ele é meu irmão!” Isto é o que está instituído na Lei divina e é dito inclusive pela voz de Édipo. Logo por quem! Não é engraçado? A Lei divina dita pela voz de Édipo. Vejam que confusão. Mas é a Grécia, ali vale quase tudo. A Grécia é o texto, pois consta que aquela Tebas ficava no Egito. A referência é, então, elevação de nível, de grau, do regime da lei a que aquele se refere.

Como a Lei no sentido lacaniano era referência a certo Nome do Pai instaurador de Lei, então, lá, ficava valendo. Isto em nome do pai, chamado Édipo, fundador por reprodução e por reconhecimento dentro do Estado daquela filiação, fundador da relação *adelphós* entre os três filhos. Ela se referiu então a isto. Lacan, portanto, dentro de sua perspectiva, está com seus argumentos no lugar certo. Como não é esta minha referência legal, gostaria de escapar da determinação judeu-cristã do Nome do Pai lacaniano e mesmo do Édipo freudiano, sem ter que cair necessariamente na pretensão grecizante tanto da ordem mítica quanto da ordem reflexiva da filosofia. Estou tentando escapar disso tudo.

Se Antígona me escutasse, não faria esse tipo de referência e, de qualquer forma, estaria exemplificando o fato de que ninguém abre mão de seu desejo. Isto porque simplesmente é impossível. É possível no nível mais baixo, o sujeito abrir mão da designação do enunciado do desejo aqui e agora. Aí sim, pois o desejo enunciado aqui e agora é – aliás, num certo sentido freudiano como no sentido lacaniano da marcação significante historicamente posta – um desejo comprometido com a ordem do recalque e recalque do bom, o secundário. Então, qual é a distinção suprema, máxima, que posso fazer entre desejo e pedido, ou demanda, como Lacan faz? Mas abra a boca, enuncie qualquer coisa e me diga que você não está pedindo, solicitando, demandando.... A não ser como um anjo zen ou como certos atores, talvez do Kabuki ou do teatro de Brecht, que fazem: “Oooh!” – dá um ataque desejante, e não entendemos o

conteúdo. Não sei. É uma interrogação, pois há uma expressividade nesta ênfase. Como sair dessa?

Poderíamos, então, dizer que ninguém abre mão de seu desejo, mas desloca, desvia, como aliás Freud está careca de ensinar. Sublima, faz isso, aquilo, uma porção de coisas, recalca. Se recalcou, não abriu mão. Abrir mão seria expeli-lo uma vez por todas, mas não se consegue, ainda que seja aquele desejo nomeado. E por trás de qualquer desejo nomeado, em última instância, há a insistência da ALEI, mesmo quando ela parece desistente. Aliás, desistente do quê, se não é possível desistir? É preciso, pois, entender a gravidade da diferença da postura teórica, e subseqüentemente da postura clínica, ou será ao contrário?

Reconheçamos o que Freud ensinou, no começo da teoria, dizendo que *não há morte no Inconsciente*, e, no fim, ao dizer que *há pulsão de morte*, ou seja, que *a morte não há*. Como conseguir, então, abrir mão de seu desejo? É impossível. Esta reviravolta muda completamente nossa postura diante das situações. Não posso dizer que alguém abriu mão de seu desejo porque “desejar não desejar”, frase de Lacan, “é desejar ainda”. Ou seja, a postura búdica de eliminação do desejo é o ápice, o cúmulo, da pressão desejante. Se isto for verdadeiro, como enunciado de Freud e retomado por Lacan, queira-se ou não, a morte não há como há tanto tempo repito, e é impossível não desejar. Possível é fazer desvios quanto ao enunciado do desejo. Ou seja, é possível tentar enganar o outro ou deslocar efetivamente a pega sintomática do desejo. Isto tanto no sentido da cura quanto no das oportunidades, dos interesses.

- P – *No registro da demanda lacaniana, o enunciado traz o desejo sempre deslocado...*

Tanto melhor. Se todo e qualquer enunciado apresenta o desejo de outra forma, já há desvio na sua mera e simples apresentação. Qual a régua que tenho para estabelecer o nível permissível de desvio que faria com que não houvesse, nesse desvio, tentativa de abrir mão do desejo? Não tenho medida para isto. Posso apenas, em função da minha postura sintomática diante do desejo enunciado, conjecturar. Minha postura sintomática, aqui e agora, diante

do desejo enunciado, dirá para o outro, como dizem os lacanianos: você está abrindo mão do seu desejo! Mas como se pode dizer isto? Posso dizer, e digo com frequência: você está abrindo mão do *meu* desejo!

- P – *E a culpa?*

O que é culpável, então? Nada? Ou seja, caímos, junto com o século, no cinismo absoluto da ausência de culpa e podemos dizer que o neurótico tem sentimentos de culpa porque é neurótico e fica pensando que os enunciados estratificados são vários? Se é como estou dizendo, criou-se um problema seriíssimo tanto no nível da teoria, da ética em geral, como no nível da técnica analítica. O que é culpável? A culpa é regional ou é abrangente?

- P – *O que não é culpável seria a referência ao terceiro?*

Essencialmente, se o que tenho dito presta para alguma coisa, seu raciocínio está correto. Se não tenho condições de suspensão e de referência ao terceiro lugar, sou culpável por quem? Pela ética da suspensão, que diz que é culpável aquele que não faz referência ao terceiro. É a única coisa que tenho para dizer. Mas culpável como, se digo que *nada obriga*? Então, existe a disponibilidade de um falante ser gente – que Lacan gosta de chamar ser sujeito –, mas, nesta espécie, todo mundo está com pinta de gente, mas não o é necessariamente. Lacan chamava o sujeito de ser falante, mas não acredito que só porque o cara está falando necessariamente haja “gentidade”, ou mesmo gentileza. Há animais falantes, não tenho a menor dúvida. São neo-etológicos, obviamente, porém da mesma estirpe psicológica. Estamos diante de uma questão difícilíssima, que não quero resolver filosoficamente. Interessa é saber o que faz o analista, a psicanálise, diante disso. Se chamarmos os filósofos, eles vão trazer quilos de filosofemas aqui. Não estou interessado nisto.

- P – *O que vemos na clínica é que quanto maior o peso do recalque, maior é a culpa.*

Então, estou todo endividado, só porque este corpo... Costumo, sobretudo aos obsessivos – ou seja, aqueles que acho que têm pinta de obsessivo, que é a única coisa que posso dizer –, toda vez que me dizem que estão sentindo culpa, dizer: você não está sentindo, você é culpado mesmo! Esta é uma regra

que já ensinei a vários. Joguem toda a culpa em cima dele. A única maneira de começar a ter condições de cura é saber que é culpado *mesmo*. Isto, para mim, é uma maneira de fazer com que ele se dê conta de que não presta, não vale nada. Se prestasse, não era obsessivo. Se está sentindo culpa, alguma você fez, algum crime você cometeu. Não se trata de aliviar a situação, mas de fazer entender a disponibilidade ao ato criminoso. Obsessivo adora praticar um crimezinho que ninguém note. São os pequenos assassinatos cotidianos do obsessivo. Ele não pode ver um desejozinho se manifestando que vai lá e mata. Então, já é culpado só por estar presente, por existir. Ele existe como tal, logo está culpado.

Se estendermos o regime da culpa até às últimas consequências... Lacan fazia isto quando escrevia *la coupabilité* em vez de *culpabilité*. Para ele, importava o corte, a falta, etc. Em última instância, então, cumprir a ALEI inexorável (Haver desejo de não-Haver) – aliás, não a cumpro porque sou boa gente, e sim porque ela é inexorável; as leis menores, posso tapear, mas esta maior, não consigo, pois é inexorável –, na medida em que não posso escapar de cumpri-la, estou em regime de quebra de simetria, de castração. Ora, em termos lacanianos, se estou em regime de castração necessariamente, ainda que o denegue, e denegar é afirmar, ainda que finja que não saiba, e fingir que não sabe é tapar o saber que se tem, já não estou no regime do desvio, pelo menos? Ou seja, naquilo que Lacan chamaria de abrir mão de seu desejo?

Então, como junto as duas frases que eu disse? A primeira, *ninguém abre mão de seu desejo*, não existe isto; e a segunda, *todo mundo é culpado*, pois todo mundo abre mão de seu desejo. Qual é o lugar onde este paradoxo tem habitação? Ou seja, de que lado pego a moça, na hora da análise, para estar numa posição ou noutra nessa dança?

- P – *Mas o desejo do Haver como tal não é pura inocência?*

Há uma inocência radical, sobretudo divina. Deus é absolutamente inocente. O Haver também é pura inocência. Acontece que se o Haver, portanto, se o psiquismo – aliás, é um forte desejo sintomático meu abolir a palavra Inconsciente; para que Inconsciente se há o Haver? – está submetido

inexoravelmente à ALEI de desejar não-Haver, jamais nada que pertença ao Haver, portanto, o Haver em si, pleromicamente, nem nada que está lá dentro, deixa de ser carreado segundo esta ALEI inexorável. Portanto, não se abre mão de seu desejo. É impossível. No entanto, no esforço contínuo de não abrir mão desse desejo, o que acabamos por fazer é: abrir mão desse desejo. E isto por determinação do Impossível, pois o desejado não há.

Digamos, então, que não é volitivo, que abri mão porque não há. Ou seja, fui aberto. Abriu-se mão do meu desejo em mim. Isto na medida em que a quebra de simetria se me apresenta como também inexorável. Então, sou absolutamente culpado no lugar da minha inocência, e sou absolutamente inocente no lugar da minha culpa. Saiam desta, se puderem. Por isso é que ficamos oscilando entre a absoluta irreverência da inocência e a absoluta prostração da culpa.

• P – *Aí é o terceiro lugar?*

Não. Já estava no terceiro lugar. Aí estou no paradoxal, estou no indecível radical, pois cumprir ALEI me coloca indecidivelmente como aquele responsável pelo desejo, o que é ser inocente na via de seu movimento e culpado na via de sua decepção. Esta é uma condenação terrível. Primeiro princípio de observação da cura, de que é que fundamentalmente sofremos? Disto. E, pior, mesmo quem chega nesta beira de Cais, não pode ficar na indecisão. Tem que retornar e fazer opções no sentido de conteudizar os movimentos e, portanto, tornar-se responsável com ou sem culpa. Aí é questão de como vamos organizar a culpabilidade.

Isto tem dois movimentos, um de ida e outro de volta. Pode-se estar no movimento de ida sem tomar a menor noção do vigor da ALEI, ou seja, aí estar de maneira animal – animal de segundo grau, como chamo, neo-etologicamente –, absolutamente irresponsável. Um animal não é responsável diante da ALEI. Quando o leão age como age, mata o bicho e come, simplesmente está fazendo o que é possível fazer dentro da sua etologia. E deve fazer, se não, está ferrado. Se hesitar diante da gazela, vai acabar escrevendo um poema. Mas não hesita. Ele pode estar deteriorado, alimentado, seu cérebro, seu rabo, ou sei lá o quê,

estarem podres, mas ele está para aquém da poesia. Mas há o movimento de ida onde, às vezes, o sujeito nem sabe que está indo. E há o movimento de volta, que dá de cara com a inocência absolutamente culposa, culpável, dessa culpa absolutamente inocente, nesse indecível radical de ter que descer aos infernos, como está em todas as mitologias, e tomar posições lá.

É preciso fazer uma pequena diferença entre inocência e ignorância. Eu e Deus somos absolutamente inocentes de dentro do processo, tendo atingido esse lugar. Se não, não é inocência, e sim ignorância. Quando estou na empolgação secundária, por exemplo, de que vou chegar lá, estou na ignorância, no que Lacan chamava de paixão da ignorância e, aí, não posso decretar nenhuma inocência e, talvez, também nenhuma culpa. Mas quando chego lá, isto significa que posso me reportar à experiência de Cais Absoluto, que não nasci ontem, que já tenho certa experiência disto, que passei por algumas, então, quando me reporto a esta experiência, sei que não estou vigorando em nenhuma ignorância, e sim no reconhecimento disto. Sei que esse lugar é inocente, portanto, culpável, ou culpável e no entanto inocente. Sei que estou vigorando aí no regime de uma *indecidibilidade* que me acossa e que, para fazer qualquer coisa um pouquinho aquém desse lugar, um milionésimo de segundo ou de espaço abaixo desse lugar, já tenho que tomar decisões.

* * *

Em função dos discursos que, no momento, correm no Planeta, nossa questão é: poderíamos, abaixo desse nível, estabelecer alguma *ética*? Ou não há ética possível? Ou a ética vira um departamento da política? Ou seja, é em função da política do *aqui* e do *agora*, que indicarei qual é a ética certa? A ética se tornaria politicamente correta em função dos acontecimentos sociais?

• P – *Aí não seria ética.*

Mas é o que estamos vivendo no momento. Toda vez que alguém fala em ética na política, ou não sei onde, que é preciso ter ética, do Betinho até o último dos deputados, temos que perguntar: do que é que esse cara está falando?

É preciso conversar e perguntar como o termo se corrige politicamente para ele, ou seja, como se torna politicamente correto. Uma vez que ele nos responda, poderemos dizer: Ah bom, é disto que você está falando, então, a tal de ética é isto! Vocês se lembram no início do Seminário de Lacan, sobre *A Ética da Psicanálise*, que ele toma as duas modalidades gregas da palavra ética. Uma, ele reporta à mera repetição de hábitos e fala da digestão, da revolução dos planetas, etc. Outra, ele reporta a uma indicação transcendente, ou, pelo menos, a uma posição transcendental diante de uma indicação que supera aquilo. Ou seja, uma ética politicamente correta não é nem um pouco distinguível da psicologia animal do Secundário, pois está na dependência dos interesses, *hic et nunc*, que qualificam a ética politicamente correta.

• P – *Mas não existe isso de politicamente correto. A ética não é política. Afinal, o que é a ética?*

Eu perguntei primeiro. Você está igual ao Rolando Lero (personagem da Escolinha do Prof. Raimundo, do Chico Anysio), e se estivesse em seu lugar eu faria o mesmo. Nossa questão é: ou bem, do ponto de vista da psicanálise, que é o que nos interessa, é possível constituir uma ética... E Lacan teve esta pretensão, pois não está fazendo uma ética filosófica, ele não é Espinosa ou Aristóteles. Ele estava tentando, com a psicanálise na mão, constituir uma ética e fez o papelão que fez. Isto porque, hoje em dia, já lemos aquilo e já percebemos que “não abrir mão de seu desejo” não é nada. Então, o problema se recoloca de novo. Ou bem, fora da solução do problema, ficamos sem ética radicalmente. Aí, entramos no cinismo, ainda que da referência nietzscheana dos cínicos originários da Grécia. Ou seja: nada tenho a ver com isto, lavo as mãos, para mim tanto faz como tanto fez, pois não tenho como reportar isto. Notem que o *cínico* originário não era o *sem-vergonha* contemporâneo. Ele era simplesmente o cara que dizia: me é indiferente, não sei. Hoje em dia, cínico é aquele que se aproveita da falta de referência ética para lesar o próximo.

Estamos, então, de volta a um momento tão difícil quanto aquele e que tem consequências drásticas dentro da Clínica, a qual está se degradingolando sobretudo por falta de referencial neste nível. Os lacanianos que quiserem reve-

reenciar a frase de Lacan podem fazê-lo, só que não funciona mais, porque já foi dissolvida, já se tornou dissoluta no seio da situação. Então, continuamos com um problema seriíssimo na mão. Se o que estou dizendo presta para alguma coisa, chegamos a um ponto de indecidibilidade que inocenta e culpa radicalmente. Ou melhor, condena. Digo que culpa porque condena. Se me sinto condenado, dá a impressão de que fiz alguma coisa errada. Não fiz, mas a condenação está lá. E a própria condenação me põe no lugar de inocência absoluta, de indecidibilidade radical. E contudo, não posso viver sem decisões.

No mundo contemporâneo, então, está acontecendo que, nos dois níveis, da sociedade e do Estado, ambos estão brandindo a palavra ética em cima da suposição de que certos interesses são bons e outros maus. Suposição de consenso, de senso comum, de média, de senso de alguma coisa. Observemos, por exemplo, tudo que acontece dentro de certo Congresso Nacional – isto é uma doença, estamos tentando fazer análise do doentinho –, onde temos, seja no nível da Câmara dos Deputados seja no do Senado, agora piorou, pois um tal de Supremo Tribunal, que deveria estar acima da fossa, pairando como mosca por cima de todos, ele também está enfezado... E agora? Não é que nunca tivessem feito isso, são macacos velhos, mas agora está evidente. Aí, de repente, qualquer Itamar vira Antígona. Itamar, quem diria?, acabou em Tebas.

Nosso problema não é ficar xingando fulano ou sicrano, mas se pudermos agir clinicamente, seja dentro de um consultório, seja no mundo, qual será a nossa intervenção? De modo geral, quando os debilóides analistas abrem a boca nos jornais, nas televisões, etc., dizem o quê? A mesma abobrinha que os outros: é uma questão de ética. Está legal, está bacana falar em ética, se não falar, nêgo vai ficar desconfiado de você. Então, falam, com o mesmíssimo sentido de qualquer discurso de qualquer campo. Então, o analista está lá fazendo o quê? É completamente desnecessário. Qualquer deputado com cara de bom moço – por exemplo, Ibsen Pinheiro –, ele mesmo vai falar essas coisas. Ou seja, o suposto paladino da seriedade ética num processo é o suposto ladrãozinho no outro. Este não é problema só nosso, é do mundo. Estão todos lançando os dados da indecidibilidade numa mesa de jogo onde regras não existindo, ou a regra não sendo explicitada, vale o consenso sintomático do momento.

Então, você está sujeito à maior de todas as injustiças de nossa época. Alguém pode estar num percurso que nem vamos dizer que seja honesto ou correto, mas sim válido, potente, forte, vigoroso, pelo menos. Ali adiante, será decapitado porque, no momento em que estava passando, era João Alves que estava fora de moda, em outro momento, pode ser ele que esteja na moda. Dada a situação que aí está, quem me garante que João Alves não vai ser Antígona daqui a três anos?

• P – *Trata-se de uma imposição superegóica da situação?*

Estou denunciando que a manipulação que se está fazendo de lançar mão do consenso sintomático do aqui e agora como valor ético e brandir a palavra *ética* sem mesmo indicar isto, suscita em cada um uma referência pessoal ao que Freud e Lacan chamavam de Superego (que é um termo que não consta do meu projeto). Um cara chega e diz: *A ética...* Aí todo mundo se borra nas calças porque fez a sua referência pessoal à sua zona superegóica. O cara, então, caga regra na cabeça de quem quiser. É uma maneira de se constituir uma servidão – que não se pode chamar de voluntária porque ou é servidão ou é voluntária – ou um voluntarismo ético do superego, capaz dos melhores fascismos, dos racismos da melhor qualidade. Estamos diante de uma situação mundial em que se um cara suficientemente brilhante, com carisma e forças adequadas, começar a brandir essas coisinhas, leva todo mundo na conversa. Ele não está falando de nada, só falou em ética, não disse o que é. Cada um é que assimilou esta palavra referida à sua zona de culpabilidade superegóica.

* * *

O que se faz, então, com o termo *ética*? E se não se fizer nada, como continuar fingindo que se está fazendo um processo clínico, sem ter algo a fazer com isto? Lacan colocou que “o fundamento da psicanálise é ético”, já *sartei* fora dizendo que o fundamento da psicanálise é místico. Mas a pragmática exige uma postura nessa ética. Não posso me fundamentar, segundo *mim*,

psicanaliticamente, fora do que chamei de mística, mas não posso agir, atuar psicanaliticamente, sem construir um aparelho ético. Se não fizer, estarei estritamente referido ao processo Zen, e não preciso da psicanálise. No Zen não há intervenção, é a indiferença absoluta: “Refira-se ao terceiro e dane-se”. Ora, assim, a psicanálise não precisava ser inventada, já havia o Zen.

Jogamos a psicanálise no lixo? Vamos ser todos zen? Ou a psicanálise, com sua prática, sua teoria, indicaria um modo de operação do aqui e agora no mundo, que proporia uma ética qualquer? Não se pode receber alguém no seu consultório ou estar no mundo de maneira psicanalítica sem pelo menos suscitar decisões. Pode-se estar zen, não querer saber, querer o vazio, não estar nem um pouco interessado em decisões, ficar sem interferência. Até em nível de governo, deixa o povo rolar que chega lá, como dizia Lao-Tsé. Ou seja, deixa rolar o sintoma que ele acha suas saídas. Para o quê? Para outros sintomas. O governante fica observando e dizendo: ah é! Governador zen é aquele que governa *a posteriori*. Tudo que acontece, ele bendiz. Se aconteceu, é porque tinha que acontecer, é assim. Mas o analista, até segunda ordem, não deixa acontecer, intervém. Ele faz uma postura de indiferença, retorna, escuta e intervém de algum modo.

O que faço? Fico zen ou faço intervenções? Se ficar zen, estou dispensado da psicanálise. Não preciso dela para nada, enterre-se a pobrezinha, que teve vida curta durante um século e era simplesmente um engano bobo de Freud. Ou há alguma coisa específica, da maior validade, que vamos utilizar? Vamos escolher, pois não vou ficar fingindo que sou analista para dizer que sou ocidental bancando o zen. Digo que, se não serve para nada, joga-se no lixo, para que ficar estudando Freud, Lacan, Melanie Klein, isto nunca foi a lugar algum. A não ser que vire literatura para pessoas que não têm o que fazer... Pelo amor de Deus!, quem me responde? Perguntei primeiro.

- P – *A ética teria a ver com o apontamento de que há decisão?*

De que há, pelo menos, possibilidade de decisão e que se tenha alguma garantia para dizer que isto é possível, e que deve ser agido e baseado no quê. Não quero dizer que vou defender a decisão tomada por mim ou pelo anali-

sando, mas sim que é possível, necessário e que é viável pelo menos isto. Ou seja, para tomar um partido ético, preciso demonstrar e ter competência para defender a hipótese, como tese, de que decisão é possível, aceitável, desejável, que deve ser tomada. Pelo menos isto... Qual? Não sei.

• P – *Poderíamos dizer que o neurótico não é aquele que abre mão, mas sim que denega o seu desejo, portanto, se coloca como não responsável diante da ALEI? Caberia, então, ao analista responsabilizá-lo.*

A coisa é mais difícil. Se tenho o mínimo de experiência do Cais Absoluto, o mínimo de referência à ALEI, já estou na posição de me saber condenado, seja eu culpado ou inocente. Então, já estou respondendo à ALEI no que reconheço minha condenação inocente ou minha culpa inocentável. Mas, como disse, *nada obriga* que se vá até lá. Isto significa que, apesar de portar as estruturas, elas não fazem uma pressão de exigência. Pode acontecer, num tropeção... Há alguns que, às vezes, parecem psicóticos e aparecem no consultório. Eles vinham andando distraidamente pela vida, com ou sem formação intelectual, de repente, tomam um susto e começam a surtar. Quando os ouvimos, vemos que não há psicose. É que, completamente desavisados do Cais Absoluto, deram de cara, bruscamente, com ele. E isto sem nenhuma pedagogia. Aí, ficam pirados. Então, os pegamos, arrumamos, e os vamos introduzindo à questão, e eles vão ficando bons. Não são psicóticos, apenas tiveram um surto “psicótico”. Isto porque seus modelos lhes pareciam hiper-recalques, deram lá um esbarro sem preparação, e aí se ferraram. É completamente diferente do psicótico que está amarrado historicamente no hiper-recalque, do qual não consegue se soltar e, aí, degringola. Tive recentemente um caso destes. O cara tropeçou lá, pronto!, enlouqueceu. Eu mais o psiquiatra o colocamos no lugar. Uns remedinhas aqui, umas porradinhas ali, umas conversinhas de lá...

• P – *Como se pode dizer, se não se faz a experiência, que há o lugar de Cais Absoluto? Ainda mais quando nada obriga.*

Só posso dizer conjecturando a partir da minha teoria. É o que tenho. Eu não disse que era Deus. Não cheguei a tanto, ainda. Minha loucura está pelo meio... Com os teoremas que tenho, quero dizer que se tem essa referência,

que essa experiência é possível, ao que nada obriga. Aquele que mencionei esbarrou lá por acaso. A maioria da humanidade fica “animalescamente” no Secundário. Fica sofrendo, tomando porradas, perdas violentas, mas reportando tudo para trás. Não vou acreditar que uma pessoa, só por que tenha um sofrimento grande, uma perda violenta, vá lá. Não vai. Não necessariamente. Na maioria das vezes, reporta para trás. Como um bicho. Então, acho que nada obriga. Isto, para não me chamarem de kantiano, como se houvesse uma obrigação de ir lá, um empuxo. Não. Aquilo é uma coisa *possível*. Posso me humanizar chegando ali perto. Há gente que passa a vida inteira sem raspar lá, ou, se raspa, corre para o outro lado.

- P – *Este, então, não é um responsável diante da ALEI?*

É um irresponsável total, quase um animal. Aí, sou nietzscheaneamente hierárquico. Então, mesmo que tenha essa referência, passe por essa experiência, depois, você não vai ficar lá em cima que nem um doido, olhando para o buraco da virgem. Vai descer, e uma vez que desceu, aí, é o analista que vai intervir no mundo, no sentido da Clínica Geral, por exemplo. A partir deste momento, há que conjecturar um projeto ético. Tiremos a palavra se quisermos, se não gostarmos das duas raízes que Lacan apresentou. Chamemos de projeto *deontológico*, o que é pior ainda. Notaram que coisa horrorosa eu disse. Isto porque, no meu caso, serve. Apresentei como sendo essencial da espécie o Revirão, então, poderia dizer que ele é ôntico para a espécie. É uma deontologia baseada no Revirão. *De óntos*, faço uma deontologia, que também se pode chamar de ética. Mas como é possível construir isto? Esta é a questão. Não quero dar nenhuma resposta, só discutir com vocês.

Estou, então, descendo do meu nível místico, de empuxo psicanalítico, para o nível ético pragmático, deontológico. Minha referência continua sendo mística, continua sendo o Cais Absoluto. Como a referência é a uma experiência de indiferenciação disso tudo, e tenho que retornar, não posso fazê-lo com indiferença, se não, não tomo nenhuma decisão. Então, repito a pergunta, para a qual já dei resposta e fingi que não dei: essa decadência é sustentável? É possível tirar daí a possibilidade de atribuir valor a um processo decisório (sem

conteúdo ainda)? É possível atribuir um valor positivo ou negativo a uma decisão? Ou seja, estou descendo e perguntando se tenho algo em que basear qualquer ato decisório meu. Ou bem tenho e posso, então, começar a pensar uma ética. Ou bem não tenho e vou virar zen. Ou faço a ética da psicanálise ou vou ser zen e, aí, acabou a psicanálise. Se este problema não for solucionado, está todo mundo desmoralizado como analista.

Como se referir psicanaliticamente, eu já disse. O que funda o psicanalista é sua referência, mas funda o Zen também e pode fundar muitas coisas. Mas se o psicanalista é interventor, alguém que interpreta, isto, se não for uma coisa precisa, é uma violência política, ou semiológica. Ou tenho algo para me referir sabendo que pode ser uma violência, mas não meramente política ou semiológica, pois tal fundamentação me dá uma garantia.

• P – *Por que você clínica?*

Porque tenho o hábito de fazer isto. E me desculpo muito bem dizendo que não sei, mas procuro. Vejam como estou procurando, tanto é que perguntei primeiro. Assim, já me coloquei eticamente melhor do que todos, e não porque seja o melhor, logo estou mais ou menos “limpo”. Repetindo, a referência não garante o meu ato. Ela me põe no preciso lugar que o analista pode ocupar. Se ficar aí, sou zen. Supostamente o analista intervém. Como? Já disse aqui algumas coisinhas que podem talvez nos orientar. Por exemplo, se intervenho pelo menos supostamente no sentido de empurrar o analisando para essa referência, já estou em certa ética da psicanálise. Mas isto é tudo?

Já dei uma primeira resposta há dois anos atrás. Ou seja, saio da minha referência mística e entro na referência deontológica quando faço, pelo menos, a suposição de que minhas intervenções referidas àquele Cais Absoluto estão no sentido de empuxar aquele onde exerço a minha intervenção para este mesmo lugar. Chamei isto de *Pedagogia Freudiana*. Aí já começa uma zona deontológica, uma zona ética, diferente da referência mística. Entretanto, não posso fazer isto na inocência, pois tenho que intervir em coisas localizadas e fazendo a suposição de que estou empurrando para lá. Então, que decisões tomo para intervir nessas coisas localizadas? Aí é que está a questão. Se lhes digo: olhem

como estou limpo, como sou um místico de primeira categoria, um ético maravilhoso porque já disse que minha referência é mística, ou seja, que sento no lugar do analista onde indiferencio tudo para lá... Esta, aliás, é que é a postura mística, quando me afasto radicalmente do mundo. Isto não é ir embora dele, é indiferenciá-lo, ou seja, aceitá-lo completamente, pleromicamente, como ele é. Ou seja, me afasto quando o engulo. O que quer que venha, serve, logo sou místico. Para o santo, cocô ou hóstia é a mesma merda. Ele pode comungar com hóstia ou com merda. Quando me afasto, me indiferencio porque estou aceitando tudo, estou zen, estou em arqui-alfa, em áleph. Aí estou no lugar do analista. Estar aí significa que me referi a isto, que tomei vergonha.

Mas tenho que intervir. Para isto, onde está a ética? Está na suposição de que as minhas intervenções são éticas, pois estou intervindo no sentido de levar o animalzinho à mesma referência que me postura. Com a referência, como disse, o analista sai dos seus maneirismos particulares. Entretanto, ele não interfere ficando zen, mais sim mexendo conteudisticamente.

- P – *A deontologia aí está ligada ao Revirão, ao processo de empurrar, ao reviramento.*

Mas me demonstre que meu empurrão não é falso. Qual é, pelo menos, o referencial que tenho para dizer que não estou de sacanagem, que estou fazendo suposições, que sei que há margem de erro, etc., mas que estou tentando mesmo, que sou preciso?

- P – *Qual é o cálculo a fazer?*

A palavra é esta, *cálculo*: cálculo nos rins, no sapato, uma pedra no sapato de Freud... É o cálculo do Inconsciente. O Inconsciente é calculável a um certo momento. Há, pois, um cálculo possível, o qual tem que ser de tal maneira que possa zerar tudo, se não, é tendencioso. Como podemos estabelecer uma calculação que tenha o valor algébrico de uma equação. Isto quer dizer que o que quer que se escreva de um lado seja igual a zero do outro, pois é na passagem de um lado para outro que se acha a solução. Então, posso tentar um cálculo cuja equação o seja, isto é, iguale zero?

- P – *Edgard Allan Poe, por exemplo, no conto Uma Descida no Maels-trom, nos mostra um personagem que faz um cálculo preciso para conseguir reverter a situação e se salvar.*

Mais do que isto. Fez o cálculo preciso para exercitar o Revirão e sair do mesmo outro lado. Allan Poe constitui um Revirão *in natura*, atravessa e retorna do mesmo outro lado. Como ele calculou aquilo? Se não, ele morria.

- P – *Sob uma pressão de morte.*

Você nos lembrou de uma bela figura literária, mas continuo na mesma.

É claro que, nesse cálculo, há uma margem infinitamente grande de erro. Não estou perguntando sobre se vai acertar ou errar, mas que postura se deve ter tal que, acertando ou errando, você esteja eticamente bem sentado. Posso errar, mas não estou de sacanagem. Se errar apenas, com a postura certa, não tem importância, pois aquilo revira, recalcula. Posso errar demais, mas posturalmente certo. De onde vem a aparência de arrogância, de independência, de auto-determinação, e mesmo de auto-autorização do analista?

O que mais vemos nos cálculos analíticos das relações de supervisão nas sociedades analíticas? É ficar calculando se o analista acertou ou errou. Isto não importa muito. A questão é: podemos ter uma relação de controle, de supervisão, o nome que quiserem dar, em relação a alguém em formação, no sentido de se estar perenemente verificando a referência mística e a postura ética? Isto porque, na referência e na postura corretas, psicanaliticamente não há erro. Se há Revirão, o que quer que se coloque é válido porque, em algum lugar, por alguma ordem recalante, está denegado. A maquininha do Revirão serve para fazer esta revirada teórica que acabei de lhes apresentar.

Digo, então, que *não há erro* não porque estou referido à neutralidade, mas porque a postura, que já está cá embaixo em nível ético, de tomada de decisão, acolhe qualquer face da moeda. Qualquer uma serve, pois sempre conduzirá ao mesmo lugar. Então, não há erro. Minha referência mística indiferencia. Aí, desço e faço intervenção. A precisão postural me indica decisões sobre o que colocar aqui e agora, mas o que quer que aconteça não é errado, é aproveitável. Não que eu vá ficar indiferente ao que aconteceu, mas sim que o

que quer que aconteça – no nível do que vem da resposta do analisando, por exemplo – é retomável no processo. Não há isto no Zen, como Lacan já explicou com clareza. O Zen parte do princípio de que, se seguirmos a referência indiferenciante, aquilo funciona. A psicanálise parte do princípio de que tenho referências, mas que não é daí que a coisa brota. Não é só da postura do mestre e de suas referências, mesmo conteudísticas, que brota a possibilidade de pedagogia. É da postura do analista, de sua intervenção *sobre o material que vem de lá*, do analisando. O que estou dizendo, diferentemente de outros, de outras posturas clínicas, é que, se tenho as referências mística e ética corretas, não tenho erro. Ou seja, não devo considerar nada como erro. Devo considerar e manipular *tudo* como aproveitável.

Se são válidas as teses do Revirão, da referência mística, da referência ética, etc., estamos mergulhados em neurose até à raiz do cabelo. Isto por definição, pois a massa enorme de Recalque Primário e Secundário decantada sobre nós, me faz suspeitar o tempo todo de que estamos amassados debaixo do processo recalcante. E não adianta me dizer que tem não sei quantos anos de análise, pois, queira ou não, você tem uma maçaroca neurótica. Ou seja, vai-se fazer 35 anos de análise e não se vai esgotar a massa. Não vai mesmo. Então, vamos desistir? Não. Sei que não tive tempo útil nem trabalho suficiente para esgotar essa massa, mas tenho certeza de que, com um salto único, escapo dela. Com um salto único de referência, indiferencio tudo. Por isso, disse que é a *pedagogia do pulo do gato*, a pedagogia desta referência. Mas quando retorno, encontro a maçaroca sintomática de novo e terei que tomar decisões aqui e ali, na política, p. ex., pois retorno e chafurdo na lama. Mas uma coisa é chafurdar na lama. Outra, é sê-la.

- P – *Como é a questão dessa postura na Clínica Geral, na sociedade?*

Aí, desculpe informá-lo, mas você está mal. A pretensão de entrar no mundo com a Clínica Geral é suicida. Você deve ter percebido como há facas nas minhas costas. Se as pessoas enxergassem as realidades, veriam que tenho um monte de facas enfiadas aqui atrás. Como muitos outros têm. Não sou só eu não. Isto porque a tal sociedade, o tal estado, são o regime da luta de pres-

tígio e de poder das grandes razões sintomáticas. Qual é o sintoma que está na moda? Quem está no poder? E não se trata de Sr. Fulano que é presidente da república. Esta forma de poder se dissemina entre nós. Todos estamos engajados nesse poder, estamos agindo de acordo com a moda do momento, a *moda do poder*. Ora, o primeiro que levanta a voz e começa a inventar no sentido de suspensão, está sujeito a chuvas e trovoadas mais frequentes.

Os analistas, supostos de insistir de maneira que as pessoas os conhecessem como um bando estranho, vão abrir mão de sua intervenção por causa disto? O que há de esquisito nos analistas é que não são um bando estranho, mas sim senhores respeitáveis, de família, igual a qualquer outro. São pessoas decentíssimas, às vezes, peruas virgens... Não se vê o pessoal dizer: ih, há um bando aí que faz a gente passar vergonha, deixam a gente em mal-estar, fazem coisas espantosas, dizem coisas que nos deixam perplexos. Não acontece isto. Pode-se colocar analista na televisão que não fará diferença de qualquer outro que lá esteja. É de se estranhar que o cara diga que passou pelo processo analítico e que não o vejamos como esquisótico, monstruoso. Ele é normal. E quando você exerce a monstrialidade, ainda vêm todos de dedo duro.

Lacan dizia que o espantoso não é que haja psicóticos, e sim por que todo mundo não o é. Dadas as condições com que nos deparamos, devia ser todo mundo psicótico, e não é. O espantoso é que os analistas são normais, logo não há analista. Tudo bem, ninguém é de ferro, podiam fingir o dia inteiro, mas era preciso que se percebesse que o cara está fingindo que é normal para ninguém bater nele. Mas não. Você olha e vê que o cara é normal. Aí você o empuxa para um outro lugar, ele entra em pânico.

* * *

Como vêem, estou falando barato, cá embaixo, pois é no nível das intervenções que a coisa pega.

Um analista de boa cepa, digamos, de boa referência ao Cais Absoluto, com boa postura no nível das intervenções, o que significa que é capaz de

reviramento – o que não quer dizer que o sujeito pegou e se virou pelo avesso, pois não se vai revirar este corpo aí, não é assim –, que não lhe é difícil considerar reviramentos, o difícil é realizá-los... Desculpem a péssima colocação que vou fazer, mas, didaticamente, vamos separar o mental do resto. Ou seja, mentalmente, tenho uma disponibilidade quase que total para a aceitação dos Revirões, mesmo que não tenha competência para, por exemplo, revirar isto aqui de preto em branco agora, pois é preciso tecnologia, mas posso aceitar sem dramas as minhas possibilidades de reviramento, isto é uma postura. Isto, para mim, se aproxima do que eu poderia chamar de uma *ética*, isto é, uma *pragmática* psicanalítica.

Mas, como eu ia dizendo, um analista de boa cepa, bem referendado, bem posturado, não terá ele o direito de, por exemplo, investir violentamente sobre o analisando, de lhe dizer: você é um mau caráter, 171? Baseado no quê? Estou perguntando porque disse para uma ontem: fora daqui, não quero você como analisanda, procure outra pessoa. Vocês deviam achar que é o contrário, que eu devia ficar com ela, pois quem vai curar a moça? Não é paradoxal? Como Jesuscristinho, não é preciso andar com as putas, com os doentes, para curá-los? Mas não é sempre assim, e sobretudo quando o sujeito se apresenta como recalitrantemente incurável. Qual será a melhor intervenção? Não estará você, assim, lhe dando a chance de um tropeço lá adiante que a faça ir à procura de cura? Isto é, à pró-cura?

Todo mundo sabe como sou. Isto corre o Planeta. Um analisando, outro dia, me dizia: é tão esquisito, vou em vários lugares do Rio de Janeiro e sempre há alguém falando mal de você. Eu disse: mas você não foi a Porto Alegre, ao Ceará, ao Recife, a Paris, a Nova York, então, ainda não ouviu falar quase nada. Há tempo os consultórios, as instituições psicanalíticas viraram corriolas de acumulação de “pessoas que transam a psicanálise”.

• P – *Mas, a rigor, a intervenção do analista devia se distinguir, de alguma maneira, do resto das intervenções.*

Lacan diz que se distingue radicalmente, que a interpretação analítica vai no sentido contrário de toda idéia que se faça de interpretação. Querem

ouvir outra frase trágica, dramática, de Lacan: não é possível haver análise fora das regiões de insuportabilidade. Fora do insuportável, não há análise. Insuportável é o quê? O analisando está numa situação de insuportabilidade, você supõe que ele caia lá sozinho – às vezes, cai porque pirou –, mas quem deve ser o insuportável para que ele se depare com o insuportável? O analista, sim, mas se você brincar de insuportável o que acontece? Estávamos falando de que é suicida fazer-se intervenção no nível geral. Mas, atualmente, está se tornando impossível também *dentro* do consultório. A disseminação das instituições fez o *paraíso psicanalítico*. Cada instituição é mais simpática do que outra, cada analista é mais simpático do que outro. As pessoas vão lá para ficarem felizes. Como é que pode? Não era assim no meu tempo. As pessoas vão embora do Colégio Freudiano porque o Magno é insuportável. Jamais recebi maior elogio. Como se estivessem dizendo alguma novidade. Eu sempre disse: não sei como vocês me agüentam, sou insuportável.

Isto é coisa séria: ainda há possibilidade de psicanálise no mundo? Ou tudo vai virar massagem psicológica? Todo mundo é massagista. Só têm um defeito: *as próprias*, cobram mais caro. Abram o jornal, telefonem, perguntem o preço e verão como vocês cobram barato.

24/MAR

3

ANAMNESE

Podemos tomar as questões que teríamos guardado para hoje pelo viés da oposição – que surge com muita frequência e que em nosso último Mutirão, sobre a clínica de Melanie Klein, se demonstrou bastante exótica – entre *terapia* e *psicanálise*. Não é exatamente esta questão que quero tratar, mas é um eixo muito interessante para o desenvolvimento dos temas sobre os quais gostaria de conversar hoje.

Segundo os teoremas que consegui adiantar, parece-me que a psicanálise fica em posição difícil de ser sustentada, pois que aparentemente ambígua num movimento de giro em torno de um eixo e se voltando para posições radicalmente diversas em aparência ou, pelo menos, do ponto de vista das possibilidades de definição.

* * *

Reencontramos, através da história dos pensamentos, como na filosofia, várias coisas que foram colocadas pela psicanálise. Isto é notório. Mas o interessante é destacar também a presença contínua no campo psicanalítico – presença esta que deve ser analisada, é material para análise – de diversos momentos, diversas construções, de *posições religiosas*, das mais antigas às mais recentes, sejam do Oriente ou do Ocidente.

Isto significa apenas que as religiões devem ter construído determinados aparelhos sustentadores do discurso das fés relativas às suas posições. Seja porque estes aparelhos são coincidentes ou com as figuras espontâneas, isto que chamamos de natureza – e que chamo de artifício espontâneo –, ou com os artifícios discursivos fundadores de estruturas sociais, etc. Naturalmente, deve ser tudo parecido neste imaginário enorme. Mas seja por que motivo for, freqüentemente encontramos as religiões discutindo assuntos que, hoje, são discutidos pela psicanálise como embasamento de suas posições teóricas. Devíamos, pois, perguntar se isto é uma necessidade, se mantemos estas formas, ou se tentamos aboli-las de uma vez por todas.

Como sabem, minha posição é sempre tentar esquematizar, abstrair o mais possível e me libertar das configurações anteriores, das figuras (no sentido do figurativismo apenas, pois, se quisermos, podemos também chamar de figuras certas formações abstratas). O figurativismo dessas histórias me incomoda e acho que, se há um mínimo de vocação científica, seja lá o que signifique este termo, no seio da psicanálise, seria no sentido desta limpidez. Aliás, acho a psicanálise algo medieval, mesmo em sua terminologia. Se compararem textos “científicos” antigos, verão como a ciência se apresentava montada sobre metáforas extremamente figurativas, anedóticas e, aos poucos, vai se libertando disto e construindo aparelhos próprios, mais abstraídos. A psicanálise, mesmo depois de Lacan, ainda consegue falar em Édipo, papai-mamãe, não sei o quê, essas bobagens. Acho isto grave, pois significa fraqueza do discurso que não pode traduzir esses acontecimentos em aparelhos mais abstraídos. É como se a ciência ainda estivesse dizendo que os astros são empurrados pelos anjos, como se dizia “cientificamente” no passado. Os anjos ainda estão empurrando o psiquismo humano. Não o meu Anjo, que é uma figura maravilhosa, abstraidíssima, mas aquele anjo careta freqüente no barroquismo das igrejas.

É interessante notar – o que é, digamos, uma prévia que os discursos religiosos apresentam – como, no caso do cristianismo, por exemplo, as heresias, os discursos heréticos, são freqüentemente bem mais precisos, mais reivindicadores de alguma precisão de pensamento do que os discursos ditos

ortodoxos, componentes da ortodoxia cristã ou católica, melhor dizendo. No caso da *Gnose*, algo que gosto de citar e que até já usaram como xingamento a mim, em Paris, quando algumas pessoas do Colégio Freudiano foram lá falar em meu lugar. Então tá, é o discurso da gnose, pronto! Há laivos de referência gnóstica nisto e acho mesmo interessante que se reconheça que não sou ortodoxo. Em contraposição, há outros discursos que parecem catolicismo ortodoxo... Mas os gnósticos faziam questão de tentar diferenciar, por exemplo, os níveis de ascese dos espíritos dos indivíduos no mundo. O processo de ascese dependia de o indivíduo situar-se em níveis os mais diferentes, no da carne, do *pneuma* (espírito), etc.

Eles tinham a idéia de fazer oposição entre *amnésia* e *anamnese*, o que acho interessante, pois nos serve também. Quando digo que nada obriga, diferentemente de qualquer força kantiana do imperativo, quero dizer que *nada obriga* que um humano reconheça e se referencie à sua própria hiperdeterminação. Ou alguém tem que sugerir de fora, e isto é uma *pedagogia*, ou seja, alguém que sacou, que reconheceu isto, pode, de fora, exigir que o outro rememore esta coisa. Ou o sujeito tropeçou e repentinamente bateu em alguma coisa que começa a exigir dele esse reconhecimento. Vocês diriam que, neste momento, algo obriga. Mas não é o que ocorre, e sim que algo *propicia*: freqüentemente encontramos indivíduos perdidos nesse momento sem sentirem obrigação de se referir a isso.

Não há nada que obrigue, a não ser justamente que alguns homens reconheçam a referência à hiperdeterminação e queiram chamar a atenção de outros para o fato de que é assim. Quer me parecer que, em toda a história, quando isto foi verificado de algum modo, foi assim que se tentou transmitir. Chefes religiosos, políticos, filósofos, etc., se deram conta de que há algo assim e querem mostrar para outros, inclusive exemplificando na vida de cada um uma presença disso. Disso o quê? Segundo o que pude construir, a *hiperdeterminação*, que se representa, se desenha para nós, em última instância, como o aparelhinho que chamo de *Revirão*. No caso dos gnósticos, é como se dissessem que alguma coisa de essencial no *pneuma*, no espírito humano, fica

absolutamente esquecida, entra em *amnésia*. Ou seja, o homem tem a tendência a esquecer, a não rememorar, esta sua construção essencial. O trabalho da gnose é o da *anamnese*, de fazer o sujeito rememorar a possibilidade de referência à ordem (segundo eles) pneumática. Acho isto parecido com o que suponho em relação à hiperdeterminação. Ou seja, qualquer um de nós, se é gente, se é supostamente humano, a maquininha está lá, mas nada obriga que ela lhe seja referência.

Ocorre que isto está, como disse, sob uma massa enorme de recalques primários e secundários para alguém do Recalque Originário, o qual até me ajudaria a rememorar se eu mantivesse relação com ele. Mas justamente o mais difícil é aproximar o que chamo de Recalque Originário, pois a força recalcante primária e secundária é uma inesgotável e forte massa de produção de amnésia da possibilidade de relação com o Recalque Originário, que é a nossa essencialmente.

Então, se a psicanálise presta para alguma coisa, é para tentar forçar entre as massas recalcentes a anamnese desse esquecido.

* * *

Mircea Eliade, no livro que indiquei na bibliografia distribuída hoje, *Histoire des Croyances et des Idées Religieuses* (Vol. II: *De Gauthama Budha au triomphe du Christianisme*. Paris: Payot, 1976), diz que “a descoberta do princípio transcendental no interior de si mesmo constitui o elemento central da religião gnóstica, como construção do anjo, enquanto filho de Deus”. Há certa semelhança com o que estou procurando destacar. A gnose, banida pela igreja ortodoxa, preconizava, então, que era preciso que cada um conseguisse reconhecer este princípio transcendental em si mesmo como *anamnese* do esquecido. E estou dizendo que a psicanálise diz exatamente a mesma coisa, embora o desenho que tenho para o “pneuma” não seja o mesmo. Não pensem que estou fazendo esta referência só como curiosidade, como anedota histórica. É importante perguntar se a psicanálise, em sua história, não tem resvalado

para certa subserviência a algumas construções ortodoxas de religiões ocidentais. Considero isto uma espécie de decadência da força que ela poderia ter, pois encontramos posições heréticas bem mais vigorosas e bem mais próximas do que interessaria ao discurso psicanalítico.

O próprio Lacan, não sei por que motivo, é claro que não diretamente pela ortodoxia cristã mas por outras vias, insistia freqüentemente na função *despertar* da intervenção do analista. Função esta que é justamente a da anamnese da gnose, e não da ortodoxia. Mas em outros pensamentos filosóficos e mesmo até não filosóficos, como por exemplo o Zen, existe a metáfora do despertar como cura. Lacan insistia terrivelmente nisto. Como o sujeito poderia desadormecer, digamos em vez de despertar, sair da hipnose conteudizada e simplesmente despertar? Ele chamava mesmo a atenção, quase de modo zen, para esse breve passo para um despertar que, imediatamente, recai num sonambulismo qualquer.

Diz Eliade que “o despertar implica a anamnese, a redescoberta da verdadeira identidade da alma”. Eu, estou dizendo que a verdadeira identidade do homem é a hiperdeterminação, no Revirão, e que o reconhecimento de sua origem celeste, pneuma, ou espírito, é Revirão. Ele cita também um texto do Maniqueísmo, que era uma das formas da gnose: “Desperta, alma de esplendor, do sono de ebriedade em que caíste, e me segue até o lugar exaltado que ocupavas no começo!” É o que eu mesmo falo sobre a questão do Revirão. Ou seja, meu começo como Recalque Originário é a fundação da quebra de simetria, do Revirão. Este é o grande esquecido. Aí, parece que estou imitando o pobrezinho do Heidegger, mas o seu grande esquecido é outra coisa. Para mim, é exatamente a originariedade do processo de recalque que, ela própria, vai sucumbir à sua redistribuição fractal no seio do Primário e do Secundário. O difícil é tirarmos todo esse lixo, esse monte de escombros primários e secundários, e nos darmos conta de que, no fundo, a maquininha é despertador para esta essencialidade, a qual estou mostrando que está lá no discurso da gnose.

Deixemos isto por enquanto.

* * *

No começo, eu falava sobre a posição ambígua e de pivotagem da psicanálise em relação a duas posições que parecem absolutamente contraditórias ou externas uma à outra, mas que fazem parte do mesmo processo.

Comparativamente, quero fazer referência a um certo René Guénon, que foi famoso nas primeiras décadas do século como estudioso das religiões. Num capítulo de uma série de ensaios de sua obra completa, encontramos um estudo precioso intitulado *Taoísmo e Confucionismo* (publicado no volume *Aperçus sur l'Esotérisme Islamique et le Taoïsme*. Paris: Gallimard, 1992). Quem conhece a série dos Seminários de Lacan, tem lembrança da freqüente referência que faz a seus estudos orientais, sobretudo ao taoísmo. Isto, tanto do ponto de vista do atingimento de certa posição de indiferenciação, pela qual, às vezes, passa no seu discurso, como mesmo sobre os processos de construção discursiva, de escuta, da escrita poética chinesa. Ele gostava de estudar essas coisas pela via da língua chinesa, da qual tinha certa freqüentação. Já comentei aqui, diversas vezes, anos seguidos, a relação e a diferenciação entre as posições do psicanalista e do mestre zen, do Tao. Mas neste pequeno estudo que René Guénon faz sobre o taoísmo e o confucionismo, às vezes com certo ar de inocência, é como se tivesse tentando estabelecer uma diferença de posição e de valores para um objeto único. Parece que, na época em que escreveu, ele vinha justamente querendo demonstrar às pessoas que não havia diferença, oposição fundamental, entre *taoísmo* e *confucionismo*. Na verdade, os dois eram quase a mesma coisa, ou a mesma coisa com uma diferença de operação, o que fazia as pessoas pensarem que eram opostos.

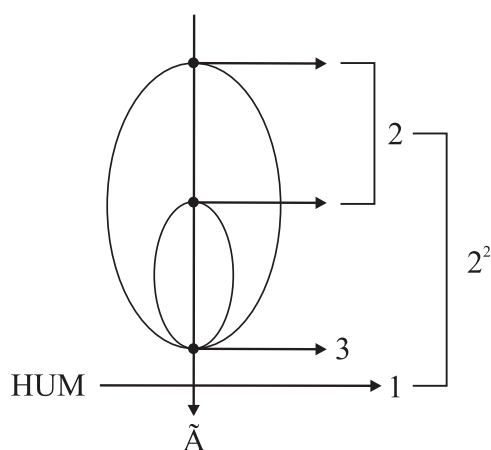
Encontramos a mesma dificuldade para situar, segundo os esquemas que venho apresentando, o psicanalista na sua vocação para a referência externa, ao terceiro lugar, ao que chamo de ALEI fundamental, Haver desejo de não-Haver, portanto, referência ao não-Haver, e depois o seu retorno para a ordem (digamos entre aspas) “interna” dos processos do campo do Haver. Aí, ele certamente vai parecer radicalmente em oposição à sua posição de referência à hiperdeterminação, *mas é o mesmo lugar*: é o mesmo analista, com as mesmas preocupações, as mesmas referências, que vai se mover nessas duas posições.

Por isto, achei interessante, ilustrativo e mesmo didático para o nosso entendimento, a oposição que Guénon faz entre o Tao e Confúcio. Ele quer demonstrar isto de maneira semelhante ao que há alguns anos fiz quando trabalhei o texto *Her-Bak Discípulo*, de S. de Lubicz (*Her-Back “disciple de la sagesse égyptienne*. Paris: Flammarion, 1956), e me referi à oposição entre a referência de Moisés a Amon-Rá e as referências religiosas do Egito às configurações dos deuses construída de maneira, digamos, quase mítica. Tomei, naquela ocasião, o texto de Freud para mostrar que Moisés estaria talvez interessado – e foi aí que ele, segundo Freud, foi derrotado e assassinado pelos próprios judeus – na abstração da religião, ao passo que o povo não estava interessado em seguir, no Egito, a religião abstrata criada por Akhenaton. O próprio povo judeu se rebelou e talvez tenha assassinado Moisés porque preferia a religião popular e figurativa do Egito contra as investidas de Akhenaton. O grande fracasso, segundo Freud, talvez tenha sido ali. Acho mesmo que é um fracasso para o judaísmo, pois, apesar de Moisés, ficou sujo desta composição menor da estruturação da religião egípcia.

Guénon parece mostrar o mesmíssimo problema numa região outra, na China. O taoísmo construindo – não gosto de chamar o taoísmo de religião, pois é um pensamento – uma postura de alta abstração, de alta indiferenciação, de ligação direta com um processo de esvaziamento que não é diferente da indiferenciação que aponto dentro do Revirão. Diz ele que, não tendo talvez a baixaria da espécie de oposição que encontramos no Egito em relação a Akhenaton, é como se Confúcio tivesse entendido a via, o Tao, do taoísmo e tentasse, depois, voltar-se para o povo e produzir um discurso de referência ao Tao, mas competente em lidar com o governo das coisas. É aí que encontramos, por exemplo, metido o patriarca que tentou escrever o *I Ching*, que, hoje em dia, virou uma brincadeirinha de ocidental jogar, tirar a sorte, essa bobagem. Aquele é um manual de reflexão, onde mesmo a sorte tirada não é para revelar o futuro de ninguém, mas para deslocar o sujeito de suas repetições sintomáticas e fazer com que possa refletir fora delas. Aqui, virou repetição sintomática de histórica, que fica “lendo” o futuro nos tracinhos...

Segundo Guénon, não se pode olhar o taoísmo e o confucionismo como duas escolas rivais, pois jamais o foram. E mais, esta oposição corresponde muito exatamente ao que, em outras civilizações, é aquela entre a autoridade espiritual e o poder temporal. Ele está tentando explicar a função do exercício no Tao, digamos, da *ascese* taoísta para cada pessoa conseguir o processo de esvaziamento, de indiferenciação radical e, depois, seu retorno e a possibilidade de, em referência ao Tao, continuar a manejar as coisas do mundo.

Eu diria que esta aparente oposição – freqüente na história do pensamento, das religiões, talqualmente encontramos no Egito e que estamos aqui observando entre taoísmo e confucionismo – é da mesma natureza, digamos, do que acontece com o lugar do analista. Como não existe o monge psicanalítico – aliás, de repente, podíamos mesmo fundar um monastério –, não se consegue perceber a diferença. É a questão de o analista ter que fazer o seu processo como ascese, exercício, no sentido da hiperdeterminação, mas não ficar na beatitude disto porque está aí para intervir no sentido da cura. Estou, portanto, falando do pivô, que já lhes desenhei diversas vezes, de poder ocupar este lugar, 3 aí no desenho, virado ora para o não-Haver, ora para a oposição interna.



Virado para não-Haver, ele está fazendo a referência máxima, está numa posição unária absolutamente singular, no sentido de nem ter conteúdo (e não no da conteudização), de abstração e de indiferenciação radicais. Justo por isto, pode retornar ao mundo das oposições com a possibilidade de indiferenciar e, portanto, por *indiferença auditiva*, poder escutar a diferença e intervir. Aí vem a questão: Como? Intervir para quê? Por quê? Para que lado? Aí vem a parte suja da psicanálise. Lao-Tsé escreveu o famigerado *Tao Te Ching*, um livro belíssimo, que todo mundo devia não ler (não sei o que lá está: já o li em várias línguas, mas como não sei a língua originária, acho que não li), cujo nome é interessantíssimo: *O Livro da Via e da Retidão*, traduzem alguns, *do Caminho Perfeito*, traduzem outros. Acho que a tradução que podemos tomar como interessante, e que é permitida por aqueles que dizem que entendem do assunto, é: *O Livro da Via Direta*. Tenho a impressão de que ele quer dizer que há uma Via, e que há uma Via que é Direta, que vai diretamente ao que interessa. É assim que quero entender o título do livro e há vários entendidos que me corroboram. Isto porque, talqualmente Guénon chama atenção, o Tao é o *exercício da via direta*. Ou seja, em nosso sentido, é o exercício de colocar-se no terceiro lugar virado diretamente para o esvaziamento que interessa. É a Via como exercício. *O Livro da Via Direta* quer dizer: *o livro que vai mostrar quais são os exercícios que faço para me colocar diretamente no sentido da hiperdeterminação*.

Guénon quer nos chamar a atenção para o fato de que, segundo ele, Confúcio, tendo entendido e se iluminado, ou seja, se esvaziado segundo a via direta, percebeu que manter-se nela não permite intervenção. Então, ele se traveste (ou se veste, sei lá qual é o caso) de governante. Ele se volta para dentro do mundo para tentar governá-lo segundo sua referência direta à hiperdeterminação. É, como vimos, interessante que Guénon tenha dito que é isto que acontece aí, que são a mesma coisa: o taoísmo olhando diretamente para o princípio das coisas, para o esvaziamento radical, e o confucionismo que o segue partindo de sua experiência, mas metendo a mão na massa do mundo.

A dificuldade da posição do analista é que ele precisa fazer as duas coisas, mas até aqui vimos com muita frequência aqueles que só ficam virados

para dentro da massa do mundo, os “*terapeutas*”. Isto é que seria exatamente uma terapêutica. Parece que ou nunca passaram pela experiência da referência direta ou só entenderam de Confúcio os conselhos que deu para governar a gente. Millôr Fernandes, por exemplo, passou muitos anos, numa revista, gozando. Ele tinha uma seção intitulada *Confúcio disse*, onde colocava uma quantidade enorme de conselhos confucianos que travestia de brincadeira brasileira. Era engraçadíssimo, mas era no regime terapêutico, digamos assim, do que se faz para manejar isto e aquilo. Mas Guénon nos mostra que Confúcio tentava operar o que chamo de *Clínica Geral*. Ele fazia o exercício da hiperdeterminação, segundo o Tao – e não segundo a psicanálise, mas, quem sabe, era a mesma coisa ou parecido –, e depois retornava para o mundo no sentido da intervenção governante deste mundo.

Guénon faz, por exemplo, a observação da posição chamada por ele de transcendental na referência máxima e direta ao Tao e à idéia que tem o taoísmo de aprender aí no terceiro lugar a *não agir*. Isto significando *um processo de indiferenciação tão radical que é o cúmulo da ação*. Ou seja, o indivíduo está tão defastado de toda e qualquer opção, de toda e qualquer designação para um lado das oposições, que sua pura presença como não-agente age absolutamente. Ele se torna uma espécie de – e já falei disto a respeito do analista – *catalisador* de acontecimentos. No caso do analista, ele é catalisador para o analisando. Se você não age absolutamente, está praticando sua ação no campo do indecível radical. Qualquer um que esteja por perto tentando captar ali uma decisão será remetido a um processo próprio de decisão. Então, isto será um catalisador das decisões, das opções, das escolhas. O que catalisa é agente excessivo. Não age. Por isto, age demais, é o cúmulo da ação, faz agir demais: faz com que quem não esteja no mesmo lugar comece a estrebuchar e a procurar decisões no campo menor da interioridade do governo das coisas. Aliás, não há outro “*tempo lógico*” senão este.

Guénon diz que não-agir é a plenitude da atividade em contraposição ao confucionismo, cujo ponto de vista é o da ação. Mas mesmo o confucionismo fala de um destacamento absoluto, de uma indiferenciação diante dos

objetos para poder agir com precisão. Fala também da *imperturbabilidade do agente*, que é algo que Freud pensava que poderia encontrar como *neutralidade do analista*, a qual, segundo minha reflexão, não é senão conseguir estar intervindo, ou fingindo que intervém, na referência permanente ao lugar de indiferenciação. Mas temos as duas posições. Octave Mannoni tem um texto interessante, onde diz que uma análise pode ser feita sem nenhuma intervenção: o analista simplesmente nunca diz nada e a análise se faz. É a análise do taoísta, o analista funcionando exclusivamente como catalisador, ficando na dele e deixando rolar. Isto é extremamente difícil não só para o analista sustentar como para funcionar com o analisando. Segundo ele, isto pode acontecer. Também acho que pode, mas não depende só do analista, e sim também do próprio analisando. Este tem que ter um talento tal para a análise que se permita fazê-la nesta indiferenciação. Então, se fizer apenas isto, talvez esteja sendo o analista perfeito, mas acho difícil que sua eficácia seja muito freqüente, sobretudo, no caso de Clínica Geral, quando o mundo nem ao menos declinou seu pedido de análise. É claro que está pedindo análise, se não, não estaria se comportando na minha frente. As pessoas fazem as coisas na minha frente, portanto, estão pedindo intervenção. Quem mandou fazer diante de mim? Como não pediu análise? Pediu sim, se não, não existia diante de mim. Se existe, está pedindo análise.

Para fazer o tipo de intervenção que chamo de Clínica Geral, talvez tenhamos, então, que baixar até Confúcio. Isto não é necessariamente terapêutico, pelo menos se baixarmos tentando manter a referência à hiperdeterminação. Mas isto é muito difícil de situar, de convencer. Terapêutico seria você, quando retorna ao mundo, querer intervir de maneira a conformar a situação do outro a uma das duas posições, a um dos dois alelos do Revirão. Por exemplo, à posição normal da sociedade, ou o contrário, à posição anormal. Segundo Lacan, estamos fazendo terapia toda vez que tentamos *converter*. Alguém está numa posição e tentamos convertê-lo para outra. Já *equivocar* não é converter, mas simplesmente lembrar que o oposto também existe. Então, como sair desta? Quando se está na posição do Zen, do Tao, é não agir, é a não

intervenção, catalisação pura, a gente não se mete com nada, fica-se na sua referência no meio do povo e este, por causa disto, vai se virar, produzir seus Revirões. E isto só pela catalisação. Mas Confúcio dizia que é preciso voltar e agir, intervir. Se volto a intervir, preciso dar um sentido à minha intervenção. Qual sentido daria Confúcio? Segundo Guénon, é: ‘O sábio quando volta para o povo e vai intervir, é no sentido da paz’. Saiam desta, se puderem. Ou seja, há a pretensão de que a intervenção precisa ter um sentido que, no campo deles, é o da *paz*. O sábio estaria sempre intervindo para criar a *paz*. Digamos que intervir para criar a paz fosse tentar equivocar. Mas como sei eu, quando estou intervindo, se estou criando a paz ou a guerra, justo porque estou virado para dentro das oposições? Como sei eu se, para criar uma paz que dure algum tempo, não é preciso fazer uma guerra hoje? Então, isto não quer dizer nada. Para além da catálise, o sentido em que se vai intervir para criar a paz, que é o sentido do Confúcio, não quer dizer nada, pelo menos para nós.

* * *

E o analista, para que interviria? Baseado no quê? Tudo bem que seja baseado na sua referência terceira, mas se vai baixar de nível, em que sentido vai intervir?

- Pergunta – *Segundo Lacan, não é no sem-sentido?*

Se ele conseguir. Aliás, nunca vi Lacan conseguir isto. Ele disse, também posso dizer. Por exemplo, vou dizer aqui e agora que não vou intervir no sem-sentido, que vou tentar intervir no sentido de, apesar de estar intervindo aqui, reclamar a referência terceira. No máximo, o que poderei fazer é um pouco de equivocação. Sem garantias. Lacan teve a saída de o cara chegar, ele partir para o *koan*, para o não-senso, para alguma coisa desta ordem. Mas o que adianta tentar apresentar o sem-sentido para aquele que é cheio de sentido e que dará qualquer sentido ao que eu tirar? Não tenho o menor domínio sobre os efeitos da minha falta de sentido como sentido, nem do meu sentido como a

falta dele. O menos ruim que me ocorre, é que estaríamos ainda exercendo um pouco de análise, mesmo que fôssemos veementemente lateralizados, alalizados, quando pelo menos supomos estar fazendo isto no sentido de sustentar a indiferenciação para o outro, de produzi-la. Mas isto vai ser da ordem do acontecimento, que não podemos garantir. Ou seja, vamos supor, apenas supor, que eu possa garantir a minha posição terceira de catalisador, que eu me sustente na referência à hiperdeterminação. Aí, faço alguma intervenção. Não é simplesmente a minha presença catalisadora, mas intervenho mesmo. E toda vez que intervenho, queira eu ou não, isso puxou para um dos alelos. Estou, então, na suposição de que o indivíduo está aprisionado em determinada região alélica e estou tentando equivocar puxando-o para outra. No meu ponto de vista, com a referência terceira à minha indiferenciação e tentando equivocar, tenho a suposição de estar exercitando isto, mas não posso garantir que, em função da massa recalcante do analisando, que ele vai tomar assim. Posso até me dar conta, por exemplo, de efeitos paradoxais. Puxei para outro lado, e ele reforçou o mesmo.

É preciso que o analista mantenha a posição de saber que pode muito pouco. Que a única força que tem é aquela referência. E continuar na escuta para ver para onde foi, para onde vai. Ou seja, ele pode manter, sustentar o judô, mas não tem garantias de que a intervenção vá para o lado que ele quer. Nem por isso ele deve deixar de agir.

• P – *E a questão da prótese aí?*

A prótese é algo que só se consegue construir no só-depois do processo de cura. Não existe produção de prótese na prisão alélica, nem mesmo para um inventor, um cientista, que nada tenha a ver diretamente com a psicanálise. Ele teve que fazer o processo de indiferenciar e saltar fora. Se não, não inventava nada, ficaria preso nos alelos anteriores. O protético é efeito de passagem pelo lugar de indiferenciação. Aí não interessa se se é analista, ou neurótico, etc. Interessa que ele conseguiu uma prótese quanto àquilo, quanto àquela formação do Haver. Ele conseguiu saltar, é uma prova. Não é mera produção, e sim *criação*. Para conseguir saltar fora e propor uma prótese, ou seja, uma nova

construção da corporeidade humana, preciso ter ultrapassado as oposições no lugar onde aquilo se produziu. Se não, não conseguiria, pois estaria preso num lado. Quem está preso num lado, não cria nada.

• P – *Você pode explicar o sentido que está dando a anamnese? É rememoração do acontecimento?*

É *anamnese* no sentido da *rememoração* da sua originariedade. Anamnese do Revirão que você porta, e do qual todos estão freqüentemente esquecidos. A palavra está dizendo, é não-amnésia, o contrário do esquecimento, fazer lembrar. Na psicanálise faz-se referência à história para quê? Para revirar onde está pegado, onde há aderência. Então, é bom percorrermos a própria história e a dos outros para perceber cada aderência. Se pudermos ir soltando cada uma delas, estaremos fazendo *n* rememorações do reviramento originário. É o que Freud chamou de desfazer recalque, no sentido secundário dele. Como o meu recalque vai para todas as ordens – do Primário, do Secundário e do Originário –, posso continuar chamando assim também. Posso falar em desfazer recalque primário e secundário.

• P – *É construir o homem com'Um, como você já colocou em Seminário passados?*

O homem absolutamente com'Um, quando o é, ele é Um. Aliás, gostaria de substituir o termo *sujeito*, já abominável em nossa época, pela palavra *HUM*. Pelo menos, aí, pratica-se radicalmente o *húmus* que construiu o humano.

• P – *A rememoração é abrupta, intempestiva? A pedagogia analítica deveria evitar que o analisando suspendesse todas as pegadas...*

Quem dera! Isto não existe. Ninguém pirou por causa disto. Aí, é a minha questão com a questão de Lacan na psicose. Por isto, inventei a hiperdeterminação. Não acredito que ninguém tenha, assim, um surto de reviramento. Muito pelo contrário, todo mundo é reacionário, reativo, aquelas coisas que Nietzsche apontava.

• P – *Você colocava que, deste lugar terceiro, a intervenção não precisa se preocupar com certo ou errado...*

Só não sei se seu efeito vai para onde quero. Não tenho que me sentir culpado ou errado por causa da intervenção, e sim continuar acompanhando

seus efeitos. Estarei errado se supuser que fiz a intervenção e ela funcionou para o lado que quero. Simplesmente porque a intervenção será correta se a fizer dentro da indiferenciação. Ou seja, sou honesto porque a faço deste lugar, mas não sei como vai bater. *É preciso continuar acompanhando seus efeitos.*

- P – *Seria psicoterapia quando você intervém já sabendo.*

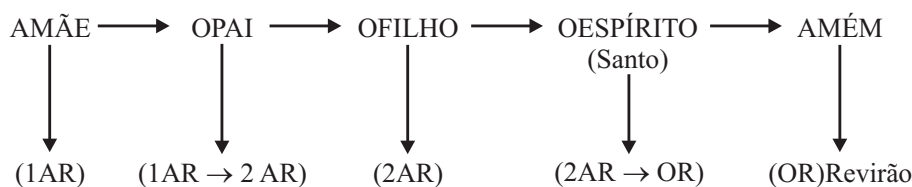
Se você já sabe para onde vai e procura empurrar o sujeito para o lugar “certo”, este é o conceito de *terapia*, de *conversão* daqui para ali. Não estou falando de conversão porque os efeitos podem ser espantosos. Por exemplo, pode haver o efeito paradoxal de acrescentar o lado que queria demover, ou pode fazer o efeito não paradoxal e excelente de me superar. Vocês já imaginaram? Dou uma interpretada no analisando, ele me devolve. Aí, já não sei mais quem é analista, quem é analisando.

- P – *Você vê na história política, de certos personagens, o príncipe, o déspota esclarecido, por exemplo, a possibilidade de isto ter acontecido?*

A vocação ocidental, o que chamo de positivismo larvar do Ocidente – que, por mais que pense em fazer outra coisa sempre está recaindo no positivismo de maneira exagerada –, é a de pensar que tudo é uma questão de competência logística para manipular a posição interna (notada por 2 aí no meu desenho). Tem sido este o vício do Ocidente. É claro que há vários pensadores ocidentais, gregos, pré-socráticos e tantos outros depois, que chamaram atenção para o terceiro. Posso acreditar e quero supor que podemos encontrar, por exemplo, no bloco dos governantes, momentos excelentes desse tipo de intervenção. Catarina da Rússia costumava apresentar momentos assim, segundo alguns observadores. Podemos imaginar o que acontecia no império de Marco Aurélio por comparação com sua posição estóica.

* * *

Gostaria, hoje, de começar a abrir uma questão que me parece grave, para a qual teremos que dar um mínimo de endereçamento. Vejam o seguinte esqueminha das vinculações na história das religiões e dos pensamentos:



Aí está, segundo me parece, o ciclo de nossa observação dentro da questão da psicanálise, da terapia, dos processos de aprisionamento da psicanálise no seio da cultura, das religiões, dos pensamentos, etc. Em AMÃE, coloco o Primário; OPAI vai de Primário para Secundário; OFILHO tenta se estabelecer no Secundário; OESPÍRITO tenta ir de Secundário para Originário; e, quem sabe, o AMÉM vai ficar no Originário e estabelecer, de uma vez por todas, o reinado do Revirão. Que assim seja! Considero que a história do pensamento e a história da psicanálise estão presas dentro disso aí. O processo de libertação da psicanálise como reflexão e como abstração depende do entendimento dessa sequência: sair de AMÃE e chegar a AMÉM.

A história da psicanálise está, repito, presa aí, e a de muitos pensamentos, mitologias, filosofias, religiões, etc., segue mais ou menos este percurso. Quero denunciar que, para chegarmos a um grande processo teórico, a um grande processo de cura, cada vez mais afastado de todas as conteudizações, precisamos entender como os teoremas e as tentativas de intervenção foram feitas na dificuldade de análise da própria situação do analisante, isto é, do analisador. A psicanálise, por exemplo, precisa sofrer análise para poder ir ficando livre disso até chegar ao AMÉM. Quem sabe, quando chegar aí, possamos dizer que ela é científica, seja lá o que isto quiser dizer. Ou dizer o contrário, que não é científica, mas um pensamento unitário.

AMÃE é toda vez que as reflexões a respeito das possibilidades de historicização são feitas em cima dos processos de herança direta do Primário (*1ar*). Para as mitologias, os pensamentos que consideram que o que quer que compareça no Secundário (*2ar*) é transmissão direta do Primário, a prova é materna. Estava aí isto como coisa constituída, dada *in natura*, quer dizer,

artifício espontâneo, e de dentro é que saiu a formação secundária. Pensar de maneira genética, por exemplo, o geneticismo delirante, é materno, primário, pois supõe que os efeitos serão correspondentes à ordem genética. Isto, aliás, é uma estupidez quase animal.

• P – *O matriarcado a que se refere Oswald de Andrade...*

Não é questão de ser matriarcado, e sim de que a herança das significações, quer dizer, as formações disponíveis são supostamente construídas por herança primária direta. Este é o princípio da AMÃE.

Quando a psicanálise vem brandir o tal do Pai como simbólico, está tentando fazer o que religiões também fizeram, separar o Primário do Secundário. *Simbólico* quer dizer *metafórico*. OPAI é algo absolutamente postigo, artificial, que mimetiza o que no Primário é natural. OPAI não existe, ninguém sabia quem comeu a moça. Sabia-se que de dentro da moça saiu alguém. Quando se funda a idéia de Pai, está-se construindo no nível que Lacan quer chamar simbólico, que chamo de mimético ou metafórico, direto do nível primário, uma ordem secundária como se fosse herança primária. Se tomarmos a história, veremos como a herança da psicanálise passa por aí. Tomem, na história do Ocidente, o judaísmo. Poderemos colocá-lo no lugar que merece: d’OPAI, a religião de Jeová. Aliás, só é considerado judeu quem nasceu de mãe judia, mas ainda corta-se o peruzinho dos meninos e separa-se o pequeno anel de couro. Isto porque o Pai primitivamente constituído como metáfora direta da mãe, tem que carregar a sujeira, os defeitos, do maternal. Ele não é um Pai tão simbólico assim, mas sim aquele que evidencia o processo de simbolização do dado. Ele é alguma construção que se reconhece na passagem do Primário para o Secundário. Por isto, só se é judeu em função da Mãe. E por intervenção simbólica do Pai, passa-se a ser reconhecido *filho da mãe*. Só é filho da mãe (judia) aquele que o pai assinou embaixo. Mas para ser filho do pai tem que ter passado pela vulva da mãe. Isto se controla com aquelas pedradas da Bíblia. É na porrada que a coisa funciona. Se não, vai-se esculhambar a passagem do Primário para o Secundário. Está aí, pois, o judaísmo inteirinho.

OPAI é – e sempre será toda vez que for referido como lugar de passagem do Primário para o Secundário – essa pega. Ou seja, não é tão

simbólico assim como Lacan quis, ou é exatamente o simbólico que Lacan quis, que não é senão a simbolização, a secundarização do tal Primário. Encontramos, assim, a psicanálise em seus primeiros momentos construídos por Freud, como o judeu que era, metida nesse processo cultural. Édipo cabe inteirinho na passagem de Primário para Secundário. Ele tem pega é aí. Tanto é que Lacan disse que Édipo é o sintoma de Freud, ou melhor, da psicanálise no seu nascimento. Quero chamar atenção para o fato de que isto é judaísmo como construção de origem: Jeová criando gente, fazendo aquilo tudo, desmunhecando no sétimo dia (*cansou*)... É o Pai, mas do filho da mãe.

O cristianismo vai se contrapor a isto e dizer que OFILHO nada tem a ver com essa senhora, pois é filho do Pai. A religião do filho, que *sono Io*, diz Jesus Cristo, é do filho enquanto filho direto e dileto do Pai. Tirem a mãe desta jogada. É claro que a Igreja enfiou a Virgem Maria no meio, trouxe depois tudo de volta, por pressão certamente de algum São Paulo da vida. Mas a invenção cristã é uma tentativa de cura. Por isto, costumo dizer que Lacan é cristão, pois construiu seu aparelho na força da postura secundária para deixar o Primário para lá, pois enquanto seres humanos o que nos define é a secundariedade. Igualzinho ao projeto, digamos assim, da emergência do cristianismo. É claro que, depois, aquilo se suja com gregos, baianos, São Paulo, etc., que estragam o cristianismo. Temos, pois, o judaísmo e dentro dele uma postura de, em termos de Lacan, simbolizar o Primário e entender que a nossa especificidade é o Secundário, e não o Primário. Isto, aliás, custou a vida do rapaz.

De lambuja, na história disso tudo, ainda veio o Espírito Santo, que é algo muito sério. Na medida em que me reconheço filho dileto e direto do Pai, sem intervenção da Mãe, é porque a Mãe produz a carne no Primário e me deixa solto enquanto ser esta espécie que sou. Espécie que só pode se dizer do filho direto e dileto do Pai *porque porta o Revirão, ou seja, porque OESPÍRITO Santo funciona*. Então, porque estou para além de Primário e Secundário, deve haver algum Originário me produzindo nesta indiferenciação.

Mas isto que viriam a chamar de *religião do Espírito Santo*, até hoje não veio bem à tona. Quem pediu esta religião? Os heréticos. A função das

heresias no cristianismo foi ter entendido que, se passou de AMÃE para OPAI e deste para OFILHO é porque, em última instância, só interessa OESPÍRITO. É aí que está a Gnose. Não se teria como deslocar, descolar OPAI da AMÃE e OFILHO como posição estritamente secundária se não houvesse algo que soltasse tudo e que fosse OESPÍRITO em estado puro. Isto foi o que as heresias pensaram, o que não é senão constituir-se como passagem do Secundário ao Originário. Mas até hoje, a não ser por via da psicanálise e talvez por lembrete meu, não se tentou constituir *Arreligião do Originário puro. Para além do puro OESPÍRITO* se quiserem (e podem tirar o “santo”, pois não precisa ser sancionado porque já estava lá).

Quero dizer que se a psicanálise conseguir alguma coisa vai ser neste *processo de limpeza*. Acho que Lacan parou mais ou menos n’OFILHO, é claro que se encaminhando do Secundário para OESPÍRITO, mas o que propôs em certos momentos e continua se mantendo com o tal Nome do Pai, tudo isto não é nem da ordem do Espírito, mas sim do Filho e de sua referência paterna pura. Por isso, *não gosto do Nome do Pai e não me reporto a ele para fundar nenhuma nosologia. É um arcaísmo dentro da psicanálise, uma velharia*, não porque foi de Lacan, mas uma velharia da história do homem, e que precisa ser abolida.

Ora, Lacan não quis abolir isto de repente, pois nossa cultura ainda está nesta. Então, permaneceu no entendimento da cultura e durante longo tempo falando com ela segundo os ditames dela. Mas não sempre, pois ninguém pode inconsequentemente construir, no final de sua vida, um Seminário chamado *Les Non-dupes Errent* reduzindo o Nome do Pai à construção de real, simbólico e imaginário... Lacan, em última instância, reduz o nome do tal Pai do Filho, o pai lá dele, ao qual a ordem do Filho enquanto Secundário faria referência como simbólico puro, à *trindade divina* de real, simbólico e imaginário. Por isto, pôde dizer que a religião verdadeira é o cristianismo.

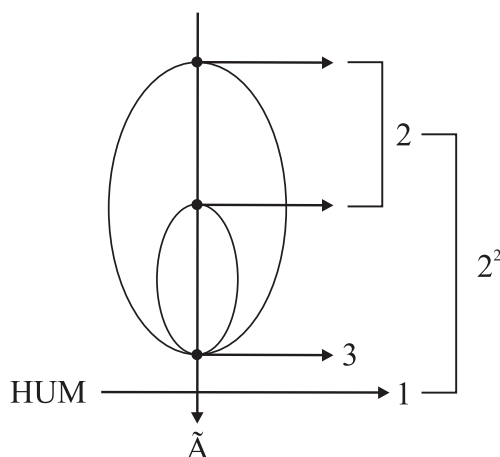
Dany-Robert Dufour, de quem desde o ano passado pedi que lessem *Les Mystères de la trinité* (Paris: Gallimard, 1990), na página 260, diz: “Com o freudismo, um pensamento autenticamente trinitário, renovado, não binarizado,

retorna à superfície de maneira manifesta: a psicanálise vale pelos operadores ternários que utiliza e que estruturam o seu discurso. Esta presença maciça de um pensamento recalcado pela binariedade me parece explicar o mal-estar que, ainda hoje, atinge o mundo científico [*savant*], tomado de pensamento binário, sempre que se trata de psicanálise...” “Lacan se encaminhou dentro dessa via, ele foi, talvez, em muitas direções ao mesmo tempo (quero dizer que, simultaneamente e às vezes confusamente, pôs em jogo categorias que dependem do unário, do binário e do trinitário), mas devemos reconhecer a ele o mérito de ter claramente identificado a forma trinitária. O que chamou de ‘nó borromeano’...” Aí ele cita Lacan: “*C’est là que le christianisme vous baise*”. “É lá que o cristianismo vos fode” – ou vos beija, não sei –, “ele é a verdadeira religião”. É um daqueles querigmas de Lacan. Aí pergunta Dufour: “A verdadeira religião? Sim” e cita Lacan de novo: “a verdadeira, é justamente por isto que haveria alguma coisa a tirar dela. Para saber, [...] o caminho a seguir é o de remeter-se a isso. Se vocês não interrogarem o verdadeiro da Trindade, vocês são feitos como ratos, como o Homem dos ratos” – aquelas brincadeiras de Lacan. Ou seja, se não entender o ternário, você é um animal, como costume dizer...

“Mas a intuição estava lá”, diz Dufour, p. 261, “a trindade desempenha um papel capital na formação do sujeito, quer dizer na formação do vínculo pessoal”. Isto é o óbvio ululante, não há nada a discutir, Lacan construiu mesmo isto. Como deixa demonstrado Dufour pela reprodução do “nó borromeano”, tirado de um documento de 1355, século XIV, o mesmo nó aparecia como a Trindade divina, *unitas*, unidade dos três, Pai, Filho e Espírito Santo, na Igreja. *Então, qual é a pelotiquice em jogo aí? É que Lacan diz que a religião verdadeira é a cristã porque inclui o nó borromeano e a trindade... que ele tomou da religião cristã para construir sua prova de verdade. Ou seja, vai na religião cristã, pega a trindade, constituída como nó borromeano, constrói o nó borromeano como construto do psiquismo e diz que o cristianismo é a religião verdadeira, pois é igualzinha ao psiquismo, mas que ele tirou foi de lá.*

Muito bem, entendido este golpe, eu mesmo venho dizendo há anos que é preciso voltar ao pensamento ternário. Mas que ternário? Estou falando do

ternário, do terceiro lugar, mas é preciso voltar diretamente à questão entre OFILHO e OESPÍRITO. É, pois, o ternário que lhes desenhei no início.



Então, segundo a prova concreta e inventada do meu Revirão, que não tomei de lugar nenhum, de religião alguma, tenho o binário da situação, das oposições internas do Revirão, 2, e tenho entre o terceiro e o não-Haver o lugar do unário que constitui isso tudo como *Um*, absolutamente não transável senão como *Um*: a oposição disso tudo diretamente ao não-Haver, 1. *Tenho, pois, no lugar de indiferença, a construção do ternário, do binário e do unário. Mas a grande construção que poderíamos chamar de ternário absoluto não é bem trinária, é quadrangular, ou quadrada, no sentido de elevado ao quadrado.* Isto porque, na verdade, tenho a oposição binária entre uma oposição binária interna e a binariedade de uma oposição externa. Ou seja, tenho a oposição de uma binariedade interna e uma binariedade criada externamente entre todo este conjunto e o não-Haver, que não há. Então, *o que tenho são duas binariedades, um binário ao quadrado, 2².* Toda aparência de trindade não é, portanto, senão que tenho um binário absolutamente interno capaz de ser suspenso quando marco o ternário da indiferença entre as oposi-

ções, mas este ternário já é elemento de um binário outro entre Haver e não-Haver. Então, o terceiro suposto não é senão o lugar de passagem e de pivotagem entre duas binariedades, uma interna, que extrapola a sua indiferença, e outra, digamos que “externa”, a oposição entre Haver e não-Haver. São *dois níveis de oposição binária*.

Dufour reclama, como já reclamei às vezes no passado, o retorno ao ternário contra a imposição binária da época contemporânea, com os computadores, a ciência, etc. E se não for? E se tudo não é senão uma questão de entender os dois níveis de binariedade, que vão nos retribuir o unário, o binário, o ternário e o quaternário?

O unarismo é quando estou na posição entre Haver e não-Haver dizendo que daqui para trás faz Um em oposição ao que não há. Então, é HUM, é aí que existe o homem com’Um, que já apelidamos de Sujeito no passado. E não é por causa de sua singularidade enquanto particularidade, e sim porque sua singularidade, que é a mesma de todos, é o *Vínculo Absoluto*. É a mesma singularidade de qualquer HUM da espécie. Neste lugar, sou o mesmo singular – notem o aparente absurdo que estou dizendo –, *sou HUM*.

O Vínculo Absoluto é que estar nesse lugar me vincula absolutamente a qualquer HUM. É ali onde escrevi HUM. É estar no lugar de quem se defronta com seu desejo de não-Haver, no cumprimento d’ALEI, Haver desejo de não-Haver. Daqui para trás tudo se indifere, tudo é HUM diante disso que não há. Tenho a oposição: Haver HUM/não-Haver, não-há/Haver HUM. Aí sou com’HUM, estou em vinculação absoluta com qualquer HUM, seja com qualquer um de vocês, seja com o Universo, isto é, com o Haver enquanto tal: estou absolutamente vinculado. Esta vinculação absoluta não me impõe conteúdo nenhum. É a mesma posição do analista como catalisador, ele é com’HUM. Se for absolutamente com’HUM, faz catálise, é o homem do Tao. Se está no lugar de vinculação absoluta, é um catalisador absoluto, pois faz Vínculo Absoluto com qualquer HUM.

Quando consigo ocupar esse lugar, estou na vinculação absoluta e sua referência é a de absoluta vinculação. Tudo para cá não faz mais do que HUM,

do que Haver, diante do não-Haver que não há, que, entretanto, é desejado, conforme ALEI. Aí nesse lugar, estou absolutamente com' HUM, cuja especificidade é portar esta construção que é idêntica à do Haver, mas não à das formações de dentro do Haver. Os animais não são idênticos a mim, eles pertencem à ordem do Haver, mas não a portam. *O homem pertence e porta a mesma ordem do Haver*. Daí a impressão de que há Deus, de que o Haver é como eu. Quando Espinosa constitui o seu "Deus sive Natura" está dizendo: o Haver enquanto tal é como eu, sujeito divino. Para mim, o que há é Deus *vel* Natura: a concepção de divindade brota por ocupação do lugar que faz interseção entre Haver e não-Haver.

O lugar só é terceiro quando me viro para dentro, na indiferença, e conto: um, dois, eles em oposição, e eu como terceiro. Quando me viro para fora, só há Um, pois que o *dois* nesta oposição não comparece, ele só existe de direito, mas não de fato. Ou seja, me proponho de direito esse outro lugar como oposição, mas ele não há. Aí surge o HUM. *Estou, então, fazendo a crítica do terceiro lacaniano dizendo que não se pode senão pivotar entre a dualidade interna e a externa*. Isto parece fazer três por causa do lugar, que é terceiro em relação à dualidade interna, mas não o é em relação à externa. Não há nem mesmo *trindade divina*, é uma aparência, um efeito do pivotar que dá a impressão de terceiro, terceiro sexo, como disse. Deste lugar, quando olha para dentro e vê os outros dois, você é absolutamente: *sexo*. Nem este nem aquele, é: *sexão*. Aí é que está o sexo da nossa espécie. Agora, lá para dentro, você faz a oposição que quiser.

[Pergunta sobre a transcendência]

A postura é transcendental, mas não há transcendência, pois o não-Haver não há. Se houvesse transcendência, seria inventar alguém para ficar no lugar do não-Haver, ainda que fosse Deus. Ou seja, a postura é transcendental, ponto. E tampouco há *representação* alguma no meu pensamento, o que há são formações dentro do Haver.

[Pergunta inaudível]

O não-Haver ser exigido de direito não foi tirado da cartola, e sim de que o Real é catóptrico, por isto, propõe um não-Haver que não comparece.

Mas o propõe de fato e ele só comparece de direito. A postura é transcendental porque ALEI o manda, Haver desejo de não-Haver. A plerocinese é transcendental porque ALEI é, por princípio de catoptria, Haver desejo de não-Haver. A catoptria exige o não-Haver, só que ele não comparece, não vem, não há.

O Vínculo Absoluto existe de direito e de fato. O que consigo prometer aí, contra os filósofos contemporâneos, é que não venham com história de que todos os fundamentos de vínculo estão perdidos. Isto porque *o Vínculo Absoluto não se perde jamais*. Como perderam todos os vínculos por perda, digamos assim, de conteúdos fundamentais, pois não há conteúdos fundamentais, estão desesperados. Mas por que isto, se o vínculo é absoluto? Aí, estou contra esses pensadores contemporâneos. Certamente, sou o único errado, ou o único certo. Escolham, façam jogo.

O Vínculo Absoluto é com cada um. Cada um está vinculado a você absolutamente, pois o Haver só faz Um, não há outro Haver, não há o não-Haver. Portanto, estou absolutamente vinculado a ele por causa disto e com qualquer HUM que apareça dentro do Haver com a formação paradoxal igual à dele. Todas as outras formações são inferiores, só esta é absoluta. Então, qualquer um está vinculado absolutamente a mim como estou vinculado ao Haver. É daí talvez que o cristianismo, com certas vocações de Santo Espírito, tirou a idéia de que porque você está vinculado a Deus, está vinculado a todos os homens. Mas eles colocam um sujeito transcendente absoluto com quem a vinculação se dá. Não é preciso nada disto para o Vínculo aparecer.

[Pergunta sobre o afeto e o Inconsciente]

Michel Henri quando quis demonstrar que o Inconsciente freudiano tal como designado até hoje não existe, é impossível, disse que se existisse, seria aquilo de que se tem absolutamente consciência, que é consciência do afeto puro, a angústia. Só isto é inconsciente e mais nada. É difícil sair desta, pois Inconsciente mesmo é cúmulo de consciência, segundo ele, é a consciência da angústia absoluta, sem conteúdo. Pode-se mesmo invectivar Lacan aí quando diz que o Inconsciente não é o não-consciente, pois está dizendo a mesma

coisa. Onde vou, então, enfiar o Inconsciente de Lacan? No tal significante que não vem à tona? Isto é não-consciente. O que se faz com o Lacan que dizia isto, influenciado por Jacques-Alain Miller numa certa década de 60? Depois, ele dá outras guinadas.

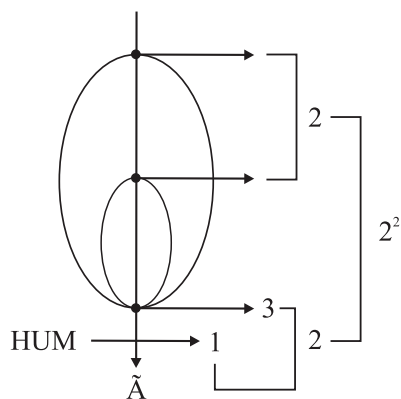
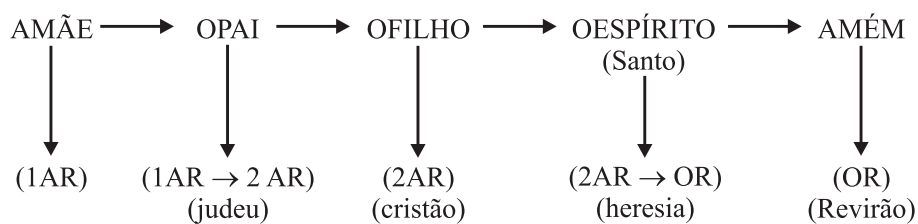
• P – *Você disse que a ternariedade de Lacan foi tirada do cristianismo. E o seu Revirão, foi tirado de onde?*

Eu disse que o ternário que Lacan nos mostrou como sendo a prova da veracidade, mesmo da verdade da religião cristã, foi tirado de lá mesmo, logo, não é prova. O meu Revirão, eu, honestamente, não sei de onde tirei. Caiu do Céu. Caiu na minha cabeça um dia em que estava olhando as estrelas, é uma estrela cadente. É claro que saiu de algum lugar absolutamente conhecido. Sei lá de onde. A massa de formações que foi capaz de me dar isto é imensa. Estou só tentando mostrá-lo, ele já devia estar aí antes.

14/ABR

4 AMÃE... AMÉM

Fiquei com a impressão de que, da vez anterior, trouxe coisa demais. Prefiro hoje, então, esclarecer, discutir. Quis deixar indicado que a esquematização dos recalques em *Originário*, *Primário* e *Secundário* nos permitia entender os fenômenos entre os humanos, segundo a seguinte ordenação:



Parece-me compreensível e destacável que é no regime do Primário que temos o que é da ordem do autossomático, da constituição chamada propriamente de biológica, seja estritamente genética ou não. Aliás, não vejo motivo para acreditarmos só no pensamento genético, mesmo que outros biólogos, que estão realizando estudos plausíveis, não tenham conseguido demonstrar outras interferências. Então, mesmo que um Sheldrake aponte, e muitos o acompanham na sua pesquisa, para além do genético, do DNA ou ADN, o que chama de *morfogênese* da construção dos corpos biológicos, tudo isto cabe no Primário. Como sabem, o Primário, com seu poder de recalque inclui, para mim, também o que é da ordem do etológico no reino animal, mesmo que este etológico enquanto de animal seja pertinente também à espécie humana. Aí, recalca-se a ordem originária, a qual é a nossa construção essencial, chamada Revirão.

O que quer que nos venha sob a égide da ordem primária estrita, chamei de *AMÃE*. Encontramos isto em diversas religiões, diversos pensamentos, diversas ocasiões da história, quando o homem encontra como referência para suas manipulações, ainda que secundariamente postas, a ordem primária. Como já disse em Seminários anteriores – e isto é corroborado pelos autores pós-estruturalistas que citei –, a própria ordem do parentesco, por exemplo, não pode ser senão invenção secundária, do Neolítico, mas tendo como referência a ordem primária, que é a ordem dos nascimentos. Aí, podemos surpreender uma transmissão direta no nível biológico e na ordem materna, pois a ordem paterna é antropologicamente indiscernível para aqueles primitivos. Não podemos esquecer que, pela primeira vez na história da humanidade, temos hoje, década de noventa, a ordenação paterna estatisticamente comprovável. Do ponto de vista biológico, só agora temos isto, mas assim mesmo é uma porcentagem estatística, não é cem por cento. Quando escrevo 99,999...% é a mesma coisa que escrever nada, pois, se resta dúvida, a dúvida é mais importante.

Mesmo se quisermos tomar esta prova, isto é, inserir a paternidade no lugar da mãe – pois, na verdade, é isto –, seria uma regressão, uma reificação do pai. Estaríamos conseguindo, no final do século XX, inserir o pai no mesmo lugar onde a mãe sempre habitou. Fica engraçado, pois só há mãe agora. Leiam

os romances de Philippe Sollers, onde ele se angustia e trata com frequência destas questões. Quando, ao contrário de Lacan, diz que “só há mulheres”, é absolutamente verdadeiro. Não há mais homem, acabou há tempo. O que Lacan escreveu como fórmula do Homem parece que não vale mais. É engraçado observar que em seu romance chamado *Femmes*, Mulheres, as personagens principais são Lacan, Foucault, Derrida, Barthes, aquelas mulheres, aquela fofoca de Paris... Frequentemente, neste e em outros romances, Sollers levanta a questão da comprovação biológica da paternidade, da manipulação *in vitro* da reprodução. É preciso entender que está falando de *mulheres* quando, na verdade, na história da humanidade, a ordem de referência sempre foi *a mãe*. Sempre foi no feminino e no materno que a referência foi primária. Feminino enquanto fêmeo, corpos fêmeos, capazes de comprovar, por exemplo, uma filiação materna.

A invenção do Pai – que pode ser desprezível, não existir em algumas culturas primitivas, mas sempre há, e isto é antropológicamente descrito, algum homem, algum macho representante de certo poder (no caso do avunculado, por exemplo, o irmão mais velho da mãe) – é algo que Lacan sacou muito bem. Ele chamou atenção, no seu desenvolvimento teórico, para que é algo da ordem do Secundário, do simbólico. É um pai simbolicamente inventado, mas em sua primeira instância é uma atribuição que o supõe ainda ser o pai, digamos, consanguíneo do filho da mãe. Ou seja, é uma invenção secundária que tem como referência a sustentação do Primário. Ele não é puramente simbólico. É da maior importância entendermos o fenômeno no seu processo, pois quando o pai foi inventado, não era ainda pensado na primariedade, pois primária é a mãe. Os antropólogos mostram que há diversos grupos primitivos que atribuem a fecundação a um ser espiritual, uma árvore, um rio, o boto... Tanto faz remeter a paternidade ao boto por não se saber que é o homem que fecunda, como para esconder a fecundação por algum homem. Isto então é a prova concreta de que não se pode provar absolutamente nada a respeito. Pode-se ficar desconfiado o resto da vida, pois o filho pode parecer com o vizinho, pode ter trejeitos de outros. Afinal, todo mundo é mais ou menos da mesma tribo...

O importante é sacar que quando se inventa o pai, isto se faz secundariamente, mas com apoio no Primário. Ou seja, inventa-se OPAI, que teria sido o fecundador do filho d'AMÃE. Eu – e outros autores pós-levistrausseanos – acho que a paternidade e as regras de parentesco são inventadas no Neolítico, baseadas na observação da reprodução animal. É lá que começa a criação de gado, ao invés da caça apenas aos animais que passam desprevenidos. Isto leva à observação e controle do processo de reprodução para daí inventar-se, também para os humanos, um gado marcado como era o gado animal. É o gado da mistura do Primário com o Secundário.

* * *

Isto me parece essencial, pois é o que se oferece na estrutura completa do pensamento judaico, que interessa em nossa cultura subdita à ordem judeu-cristã, embora com alguns remendos gregos.

O mundo judaico está esteado sobre a vigência simbólica d'OPAI, mas com a garantia de que ele é pai do filho d'AMÃE. No judaísmo, como sabemos, só é judeu quem é filho de mulher judia. Além do mais, está nas leis do Antigo Testamento que se a mulher cornear o marido deve ser apedrejada. Isto porque o que assim fica prejudicado na passagem do Primário para o Secundário, que é uma passagem misturada no mundo judaico, é o conceito de *propriedade*. Se não houver controle da paternidade através da proibição da fornicção, sobretudo, da chamada adúltera, o que se adultera é a paternidade com garantia primária. A legislação no mundo judaico e todo conceito de judaísmo têm esta garantia.

É porque são de um pensamento extremamente vigoroso em torno da questão da passagem do Primário ao Secundário, que sofrem tantas perseguições. Já deveriam ter abandonado isto há tempo, pois é regressivo. Mas insistem, e como isto se faz amarração da carne com o simbólico, sofrem todos os preconceitos raciais, carnis, etc., que vêm de outros lugares. E precisamos ter claro para nós que, nos seus textos, demonstram que são racistas. Não adianta tomar o que os rabinos subseqüentes fizeram como interpretações sucessivas

que abrandavam a questão, pois o que interessa é a *fundação* do pensamento judaico, com ou sem assassinato de Moisés, pois é neste nível que a coisa se passa. Quando, por exemplo, Jesus Cristo aparece fazendo revolução no seio do judaísmo, aparece dentro desta situação. Basta lermos no Novo Testamento, por mais recente que seja, sobre a sua possível existência. Lembrem do trecho do processo da mulher adúltera sendo apedrejada, que já citei aqui. Jesus diz: quem não tiver pecado, que jogue a primeira pedra. O pecado aí era de apropriação, contra a propriedade. Igual às questões da relação do templo com o comércio. Ora, o templo judaico era lugar de fazer dinheiro (e a igreja católica aprendeu isto muito bem). Mas por que Jesus foi se rebelar contra esta mistura? Não será porque é a mesma do Primário com o Secundário?

Jesus Cristo veio fazer uma revolução, que foi detestada pelos judeus. Os romanos estavam pouco ligando, pois não era problema deles. Sabiam como imperar sobre o mundo apesar de todas aquelas seitas. Basta ver a presença deles em todos os pontos da África, da Grécia, do Egito, etc. Cada imperador até passava por rituais das seitas de cada região para poder ser imperador daquela gente toda. Aceitavam os rituais de cada um. A mentalidade romana era: danem-se as seitas, desde que o Império seja meu. Mas como há condições políticas, sociais, etc., para uma tentativa de revolução, Jesus tenta revolucionar dentro de casa – e os judeus o fizeram trucidar, o que é uma evidência, por mais que a Igreja, hoje, queira passar manteiga para poder transar bem com esses mesmos judeus, mas foi a acusação feita durante séculos e o fato parece absolutamente verdadeiro – não aceitando a mistura de Primário com Secundário *como referência*. Atenção, isto é importante para nós, pois tenho receio quanto ao modo como as coisas possam ser tomadas. O importante não é supor que possamos eliminar os casos, pois não podemos. Enquanto a humanidade for feita de macacos de carne e osso não é possível eliminar o Primário nem a passagem para o Secundário. O que importa é saber qual *o referente que rege o meu entendimento dos outros campos*. Estou, então, querendo dizer que, com ou sem judaísmo, a humanidade passou talvez milênios e milênios se organizando – mesmo que houvesse língua, isto não tem a menor importância, pois emergência

secundária não é incompatível com a referência primária –, criando cultura, o que é da ordem da emergência do Secundário, mas mantendo o referencial primário. Depois, encontramos, aqui e ali, a invenção do Secundário como referencial. Não que ele já não existisse, pois havia língua, etc., mas o Neolítico é um momento fecundo de invenção do Secundário *como referencial*.

Os antropólogos sonham e pensam que houve uma era de matriarcado e depois se passou a patriarcado, mas vê-se que não era bem um matriarcado. Aconselho-os a trocar de tese. Se pensarem que houve um grande, imenso período de *referencial primário* e depois a *passagem do Primário ao Secundário*, então entenderão que não se trata de matriarcado ou patriarcado, e sim de referência primária e depois passagem à referência misturada de Primário e Secundário.

* * *

A religião ou cultura d'OFILHO é, então, em nossa cultura ocidental, o momento em que foi aproveitado o tal Jesus Cristinho. Ou seja, o momento em que alguém dentro daquela cultura, daquela religião, daquela mentalidade d'OPAI enquanto pai do filho da mãe, diz: vamos deixar de tolice, pois nossa referência humana mais importante não é o Primário e nem a passagem do Primário ao Secundário, que é suja, exige uma apropriação do Primário que fecha os processos sociais, limita a liberdade humana, cria preconceitos, assassinatos sociais, diferenças horríveis de poder, de riqueza, etc. Quer me parecer que, se o Novo Testamento lida com este tipo de questão, isto indica que é possível a tese de que Jesus Cristinho supunha que a diferença na riqueza era por causa disto e que a distribuição social era feita nessa passagem ao invés de ser abstraída. Ele era mais capitalista do que a sociedade judaica e pensava numa coisa mais abstrata do que o relacionamento tão misturado com a carne, com as descendências, etc. A referência que ele propunha era absolutamente secundária. É claro que os profetas e depois os evangelistas, etc., escreveram as coisas no sotaque da cultura judaica. Tanto é que vão procurar a seqüência

de nascimentos que levou a Jesus Cristo. Isto para provar que ele era realmente descendente do esperma de David. Ele, não ligava para isto. Ele é aquele que diz: chega de família, só me interessa quem está ouvindo a minha *palavra*, quem tem sua referência no Secundário para o qual aponto, o resto é coisa de animal. Mas os evangelistas retomaram de maneira regressiva e reificante a questão. Disseram: Jesus é mesmo descendente de David, por isso é rei dos judeus. Meu Deus!, basta comparar com Buda, por exemplo, que era rei porque estava desperto. Aliás, ele já nascera príncipe, mas isto não lhe valia de nada, pois só podia reinar sobre os homens porque havia despertado.

A referência cristã, no sentido puro – é claro que, depois, cada Cristo tem o São Paulo que merece, que faz o que fez na história do cristianismo, e ainda houve o imperador Constantino, etc. – da emergência da mensagem cristã, é uma mensagem em contradição para com o pensamento judaico. Por isto Jesus foi assassinado. Para eles, Jesus não foi assassinado, pois era um marginal, um bandido, destruidor da cultura judaica, e que foi julgado e condenado. Assim é que os judeus pensavam, como qualquer um pensa até hoje quando se tenta dizer alguma coisa nunca antes ouvida. Aliás, é um erro pensar que ele tenha sido condenado pelos romanos só porque, já que eram política e marcialmente os donos da situação, endossaram a condenação. Foram os judeus que prepararam tudo e o entregaram de bandeja. Pilatos lavou as mãos: nada tenho a ver com isso, é problema da judeuzada, se quiserem, matem o homem, sou romano.

Acho que quem quiser estudar as religiões sem os resquícios ditos historicizantes, com cabeça de analista, e não de historiador ou de religioso, vai se dar conta de que não interessa se Jesus existiu ou não historicamente, e sim que existe o personagem – pode ser um “personagem conceitual”, como diria Deleuze – que diz que está contra a cultura bárbara dos judeus, que tem referência tão baixa, que é secundária quanto à paternidade mas misturada na primariedade, e que a referência devia ser estritamente secundária. Estou falando da *referência*, repito, pois isto não significa que não sou mais de carne e que os outros lugares não tenham existência para mim. Aliás, nos primeiros momentos da sua teoria, Lacan era um cristão puro, pois queria porque queria transformar a psicanálise

numa referência estritamente secundária. Era o que ele dizia que Freud veio fazer. O simbólico, o significante, etc., tudo isso é puramente cristão. É claro que Lacan dá passos adiante e, depois, diz que o que vale é o real...

A religião d'OFILHO significa o conceito grego de *adelphós*, retornado como fraternidade universal. Se OPAI é estritamente simbólico, se não tem a ver com o conceito de propriedade das fêmeas e das suas vulvas sagradas capazes de parir isto ou aquilo, ele é uma referência simbólica pura e só pode estar nos céus, pois é obvio que não há simbólico puro aqui na terra. Com tal referência, então, torna todos irmãos entre si. Esta é a mensagem eucarística do Jesus Cristinho. A transmissão passa a ser lateral. Comparem com a Grécia, que é pederástica, onde a transmissão amorosa é de cima para baixo, e verifiquem que ele faz, digamos assim, a pederastia generalizada porque lateral. Chama-se a isto *eucaristia*.

Jesus dizia, rangendo os dentes: seus bárbaros, vocês vão acabar no inferno, raça de víboras, como é que podem ser tão animais e não fazerem a suposição de que, se temos uma referência simbólica na cabeça, vamos fazer um deslocamento radical do Primário e até tratá-lo como o Primário que é, com referência no Secundário; somos todos irmãos, vamos parar com isso, pois todo mundo é filho do mesmo! A mensagem é ótima, só que ninguém quis escutar. É, de qualquer forma, uma superação belíssima, radicalíssima. Lacan ficou tão empolgado que chegou a dizer que era a religião verdadeira. Eu, não acho, mas é um grande passo, no pensamento e na religião, fazer do Secundário o referencial e tratar a passagem do Primário para o Secundário, e o Primário, com vistas ao Secundário. Isto muda radicalmente nossas posturas.

A coerência do pensamento de Cristo, se é que ele existiu, que está no Novo Testamento, sem as interferências históricas, em relação a diversos pontos, é muito importante. Nietzsche pode abominar os judeus, abominar um pouco os cristãos, vomitar em cima de São Paulo, mas a Jesus Cristo tem respeito. Dá para vomitar em cima do tal Paulo – que *não pode parar* até hoje, o desgraçado –, pois é aquele que aproveitou a passagem para forçar a barra e reintroduzir o Primário. Mas o que Jesus tinha contra aquela judeuzada? Ele queria colocar

no Secundário os princípios de referência, mesmo até de juízo no sentido jurídico (e de punição) que estava apoiado do Primário. Ou seja, ele promete que num futuro remoto vai-se para o inferno, ouvir ranger de dentes, ele é meio mauzinho, mas não permite que se apedrejem as adúlteras, que arranquem olho por olho, dente por dente, essas coisas que os judeus cultivam até hoje (basta darmos uma olhadinha no chamado Oriente Médio).

O referencial cristão é secundário. É onde encontramos firme o primeiro Lacan, a quem Saussure ajudara a reinventar a psicanálise. Freud não era lá grande judeu. Outro dia vi um cartaz anunciando série de conferências sobre Grandes Pensadores Judeus, entre os quais fiquei pasmado de ver o nome de Espinosa. Jesus Cristinho, então, ficou em torno d'OFILHO. Por este motivo é que a voz no dia do batismo diz: este é meu filho dileto, unigênito. Notem que acabou com o primogênito, pois se todos são irmãos e aquele é dileto e unigênito, qualquer um é unigênito e dileto, qualquer um é o mesmo. Se a referência é simbólica, é porque não há primogênito, que é artigo cronológico de carne, para a qual é preciso ficar olhando para ver se saiu primeiro. Qualquer um é um no Reino do Ofilho. Há Um. Se todos são irmãos como filhos do Pai, tirou-se a mãe da jogada. O referencial é paterno, estritamente simbólico. Se aquele que vem como representante da palavra paterna é *unigênito e dileto* e é irmão em nível de igualdade de todos os outros, cada um é um, cada um é unigênito e dileto. Esta é uma invenção absolutamente nova na história do Ocidente. Cada um vai se sentir o *homem com'Um*, de que falo e que já está indicado aí. Em relação ao Pai simbólico, todos são filhos (irmãos) unigênitos e diletos. Não há mais diferença enquanto filiação.

Judeu não podia agüentar uma novidade dessas. Tiveram que matar o rapaz, pois veio dizer que sua mãe... Ele só estava dizendo que a referência não é materna, nem paterna enquanto sendo pai aquele tal José. No Novo Testamento, o pai era a pomba. Então, José já não interessa mais, pois o que interessa é que OPAI é de todos. Portanto, José passa a ser irmão e Maria, irmã. Todo mundo é irmão. Não se exclui aí que existam o Primário e a passagem do Primário ao Secundário, o que se faz é com *que se refiram a uma*

nova ordem. O importante é isto, se não, fica-se com a impressão de que estamos aqui para sermos apenas simbólicos. Quando comecei o Colégio Freudiano, falei nessas coisas de Lacan e todo mundo entrou numa que vivia no simbólico. Eliminaram o imaginário e o real, não tinham mais corpos... Não é disto que se trata. *Aí a referência é que é o Simbólico.*

Os cristãos também passaram por isto e ficaram pensando que tudo era no céu, que tudo era simbólico. Jesus Cristinho – tenha acontecido ou não, não interessa, pois como texto está lá –, um dia, falava para o público quando alguém lhe diz que sua mãe e seus irmãos queriam vê-lo. Ele responde que não os conhece, pois seus parentes já estavam todos lá, era tudo igual. Ou seja, o que diz é: sou capaz de manter a minha referência simbólica, secundária, não venham me fazer privilegiar referências judaicas de mãe e irmãos, todos saídos da mesma vulva. Acho, pois, que o cristianismo andou por ali e, em seu desenvolvimento, os vários santos, etc., tentaram dar uma empurradinha para a frente com a referência ao chamado Espírito Santo.

Então, porque a referência era abstrata – o Filho que passou a ser Deus como representante direto do simbólico paterno: Deus é o Pai, o Filho, o Espírito Santo, seja lá o que isto signifique –, foi invocada, no próprio cristianismo, a passagem do Secundário para o Originário. Ele se funda por uma rebelião contra a religião d’OPAI, criando a religião d’OFILHO e instaurando o Pai como absolutamente simbólico, portanto, absolutamente secundário, e, no seu desenvolvimento, reclama algo mais essencial que possa garantir que o Pai seja estritamente simbólico. Isto ocorre do mesmo modo que Freud, entendendo que existe o recalque normal, chamado secundário, tem que inventar uma teoria do recalque originário para garantir o seu recalque secundário. Ora, então, para garantir o Secundário d’OFILHO, não bastava fazer com que este deslocasse OPAI do Primário e o colocasse no Secundário. Era preciso que reclamasse uma Originariedade qualquer. Isto é o que reclama a presença do Espírito Santo. Não diretamente, mas por tabela. O Espírito Santo vem, pois, garantir a secundariedade d’OPAI, no que remete de algum modo ao puro Originário, que só teremos no AMÉM.

Reclama-se, então, a religião d'OESPÍRITO.

Há, nesse momento, grandes guerras, grandes lutas intestinas no seio da igreja católica. Há, por exemplo, guerras da Igreja com diversos grupos *heréticos*, assim chamados pelos vencedores (os quais se chamavam de ortodoxos). Se outro tipo de católico vencesse, a Igreja não seria como é hoje. Mas houve algumas lutas intestinas no sentido de, na trindade dita divina de Pai, Filho e Espírito Santo, dar valor fundamental ao Espírito Santo, e não ao Pai. Esta é uma das guerras mais importantes, pois algumas heresias, bem mais interessantes, mais inteligentes do que a ortodoxia católica, pretendiam, para eliminar cada vez mais a presença d'OPAI n'OFILHO – pois o Pai lá no começo estava sujo da Mãe –, dar a primazia a OESPÍRITO.

É o caso, por exemplo, dos *gnósticos*. Assim como Freud inventou o recalque originário para salvar o seu recalque secundário, inventaram o Espírito Santo para liberar de uma vez por todas o Pai de sua condição animal. Os gnósticos tinham grandes diferenças para com a ortodoxia que se impunha. Leiam o livro de Henri-Charles Puech, que lhes indiquei na bibliografia, *En Quête de la Gnose* (Paris: Gallimard, 1978). São dois volumes. Num, estão seus estudos sobre a gnose e o outro aborda o evangelho apócrifo de São Tomé, um dos que a Igreja rejeitou. Como sabem são vários os evangelhos apócrifos, rejeitados porque batiam de frente com os interesses que se decantavam nos Concílios que realizavam para resolver a política a se adotar.

Há grandes lutas para se decidir quem era o Papa, por exemplo. Outras, às vezes sangrentas, são em torno da questão do Espírito Santo. Os gnósticos diziam que o que interessa é o pneuma, o Espírito. É algo difícil, até hoje, situar bem a questão do Espírito Santo, pois é tão difícil quanto a questão do Pai, uma vez que está na passagem do Primário ao Secundário, portanto, não tem um rosto muito próprio como tem o Filho no sentido cristão. O Espírito Santo é passagem do Secundário para o Originário, então, é meio confuso também. É como tentar entender o recalque originário em Freud. É uma construção, que

ele não tem como exemplificar senão para trás, regressivamente, em cima de Édipo, do Pai, não sei do quê. Isto porque, para a frente, não há uma invenção do Originário enquanto tal. Ora, se não há esta invenção, se estou na passagem do Secundário para o Originário (ou terciário) invento o troço mas as referências do Espírito acabam sendo simbólicas, d'OPAI. Por isso, a igreja ortodoxa preferiu ficar com a primazia do Pai, Deus todo poderoso, embora seja uma trindade. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo – deixaram o Espírito Santo para o final. Se os gnósticos ganhassem seria: *em nome do Espírito*, e o resto não interessa.

• Pergunta – *Uma das definições que a Igreja deu foi que a questão do Espírito Santo é o amor entre o Pai e o Filho...*

Ela devolve para a Grécia. É pederastia o nome disso. A transmissão passa a ser como a pederastia. Não há amor algum entre Pai e Filho. O Pai não há, é pura referência simbólica. O que temos é eucaristia, o amor entre irmãos. É muito mais para Zeus do que para Cronos, pois o Espírito ultrapassa a própria filiação, a própria eucaristia, a própria fraternidade. Ele põe a todos no caminho para o Vínculo Absoluto, que nada tem a ver com ser irmão de ninguém, e sim com essa vinculação, absoluta, da qual não podemos escapar.

Espírito é, então, essa coisa meio mista entre Secundário e Originário. É a tentativa de passar, mas a Origem não se define muito bem, então, a referência fica sendo, para trás, OPAI d'OFILHO no sentido simbólico. Mas se é assim, dando um pouquinho mais para trás, fica OPAI d'OFILHO d'AMÃE. No entanto, é uma referência bem mais refinada. É uma referência no sentido curativo. A cura para a humanidade vai mudando de lugar. Se a referência é primária, é barbarismo total; quando passa entre Primário e Secundário, é pelo menos uma referência paterna – é o Édipo freudiano segundo Lacan: o Pai como terceiro entre o Filho e a Mãe, separando o Primário do Secundário... O Édipo mora aí no judaísmo, só que Freud, sempre brilhante, indicou que era preciso andar para a frente, pois havia mais. A religião d'OFILHO não está mais interessada nessa separação, pois acha que não há aí nenhum vínculo que

interesse ao homem, ao “filho do Homem”. Este tipo de vínculo só interessa ao filho do animal.

• P – *E a Teologia da Libertação dentro disso?*

Podemos chamar Leonardo Boff para vir aqui falar. Por melhor que seja a referência a Marx... Aliás, Marx é absolutamente genial quando assume a função secundária. Ele é mais ou menos parecido com Lacan, é aquele que assume politicamente a hegemonia do Secundário. Mas me parece que certo cristianismo, que não é da Igreja – a qual já dejetou a Teologia da Libertação: Leonardo Boff não mais faz parte da Igreja –, é o grande representante da função secundária. A Igreja o mandou calar a boca porque não estava gostando da mistura com Marx. Isto por uma razão muito simples: concorrência séria no mercado. Como se já não bastasse Jesus Cristo para fazer de todos irmãos, Marx, através do entendimento do capitalismo e do equacionamento da economia, vem mostrar que tudo se passa no plano do simbólico. Isto pode, quem sabe, substituir a guerra cristã pela guerra marxista. É concorrência direta, pois ninguém precisa mais de Jesus Cristo se há Marx. O papa não gostou. Vocês se lembram que João Paulo, no dia em que tomou posse, disse que Freud, Marx e Nietzsche estavam banidos da Igreja. Ele não ataca Freud porque os freudianos são uns bundões, nunca fizeram uma revolta como a Teologia da Libertação.

* * *

A psicanálise e muitos pensadores passaram pela série desses momentos e acho que para onde somos levados é para a última instância que chamei de AMÉM. Então, que *assim seja*: d’AMÃE até o AMÉM.

Isto seria nos libertarmos até mesmo da referência ao famigerado OESPÍRITO, que é meio mal definido. Se pudéssemos ter a referência originária, que cria o *Vínculo Absoluto*, ou seja, o entendimento de que a referência que a espécie humana tem como fundamento é o Recalque Originário que funda o seu Revirão, poderíamos, então, olhar para trás, saber que os níveis e passagens anteriores não sumiram e não vão desaparecer, mas como a referência é

ao AMÉM, ao Recalque Originário, ao Cais Absoluto, a perspectiva muda radicalmente, vai-se tratar isto de outro modo. Não é que não exista OESPÍRITO como passagem de Secundário a Originário, mas sim que a referência com a qual se vai tratar da questão é originária. Não é que não exista a possibilidade de irmanação e de fraternidade universal, mas sim que deve ser tratada no regime do Vínculo Absoluto e não no da suposição do transcendente, pois não precisamos dele. Não há transcendente algum. O único transcendente que há é o não-Haver, logo não há. Na religião d'OFILHO, o transcendente está lá, pessoalmente. Chama-se Deus, figura humana, ou quase.

Estou propondo o movimento de mudança de referência como movimento da Cura da espécie, portanto, movimento de qualquer Cura. Temos precursores: Nietzsche viu isto quando nos falou no eterno retorno, na imanência total do Haver; Espinosa também viu; muita gente viu. Eles nos indicam que temos que ter uma referência absoluta e radical para poder *limpar a área de toda a mundice* que tivemos em nossa história para chegar até aqui.

- P – *A mudança de referência é a referência à mudança, ao movimento?*

O movimento aí tem uma flecha de temporalidade e de situação. Dentro do que estou apresentando, o movimento não se torna regressivo, pois a flecha tem direção única, temporal e material. A referência ao Originário é que muda a perspectiva do resto, e não a referência à mudança.

- P – *É preciso que cada um crie a sua originariedade no processo de despertar?*

É preciso apenas, como disse da vez anterior, aquilo que os estóicos e os gnósticos chamavam de *anamnese*. O Originário já está em nós, sempre esteve aí, está é recalcado. Então, não estou dizendo que um homem vai criar um processo de originariedade, e sim que está recalcado. Despertar é atingir o seu Originário, é fazer a anamnese do que está embaixo do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto e passar ao quinto tempo. Imitando Fernando Pessoa, eu diria que é *passar ao Quinto Império*.

- P – *Nietzsche diz que são traidores, pois conseguiram sacar e fingiram que não viram. Será que viram esse movimento em direção à Cura?*

Tudo que Nietzsche queria era a Cura, seja lá o que for que concebesse como tal. Se me lembro bem, ele chama esses caras de esotéricos, o que é uma referência herética. Acho que está querendo dizer que os caras sacaram essa vertente, que, em última instância, repito, é búdica como ele mesmo mostra. Aliás, ele denuncia aí um orientalismo larvar. Por exemplo, no esoterismo de Platão. Mas diz que Buda era um sujeito decente do ponto de vista pragmático. Não era o besteiro, o meio-barbarismo do judaísmo, por exemplo. O judaísmo é bárbaro do ponto de vista humano.

Mas Nietzsche não foi buscar Buda, pois não era bobo. Ele tomou Zoroastro e desenhou um Zaratustra que nunca existiu, que era seu, que, através do eterno retorno, procurava reconstituir o Originário. Mas, a meu ver, há um defeito grave no seu pensamento – se não, eu não estaria falando aqui, bastava lê-lo –, pois ele é vitalista demais para seguir o processo. A aposta que faz nos instintos da vida é porque não conseguiu conceber um “instinto” fundamental que banisse a referência aos outros instintos. Ele sacou o processo e restou na fractalização da pulsão cultivando Dionísio. Não estou nesta.

Nietzsche estava encaminhando seus achados para o mesmo lugar que estou, mas, como não inventou o conceito de pulsão, apontava para ele disseminado na fractalidade dos instintos. É vitalista demais. Quando digo que a morte não há, coloco-me condenado à situação em que estou, embora nada obrigue que eu aqui permaneça. No entanto, não há saída nem me matando. Então, minha posição é mais vitalista do que a de Nietzsche, que diz: viva a vida! Não digo isto, e sim: esta vida é uma merda, então vamos à merda! Nietzsche faz a apologia da vida, aposta na vida, mas é no vitalismo, e não no biologismo (na descendência da carne). É na vida como tesão. Ele tem certeza de que o tesão se embasa na vida. Para mim não, pois pode estar nos astros. A crítica que faço é que quando ele está falando de vitalismo, de vida, está falando no tesão que a vida propicia, mas porque o homem é feito de biótico, de vida, acredita no tesão que vem daí. Também acredito, mas com referencial de pura ALEI, e não da distribuição vitalista que ele faz. Como Nietzsche não construiu a pulsão de morte no AMÉM, ele encontra o Haver espalhado. Para mim, trata-se de uma

condenação da qual não se pode sair. Precisamos apenas despertar para ela, deixarmos de ser tolos e perceber que estamos condenados. Ou seja, já que há o inevitável, relaxemos e aproveitemos. Sou um pouco mais pessimista. Há certo otimismo no pessimismo nietzscheano.

Freud deu o passo de apontar que, para além do fractal dos instintos, das pulsões, existia algo fundamental, do qual falou pouco e que tento retomar. Se a referência humana é a função fundamental e ALEI é Haver desejo de não-Haver – aliás, indicada por Buda (Sidarta) –, temos aí uma referência absoluta, originária, fundamental. Uma. O resto será tomado como fractalização, mas sempre na desconfiança. Não posso, como Nietzsche, confiar nos instintos, no *devenir animal* que Deleuze tanto preza, pois isto não me suspende. Apelo, sim, para o *devenir animal*, para minha espiritualidade, aqui e agora, mas mantenho uma suspensão, uma suspeição, porque minha referência é absoluta, então, não posso chafurdar demais. Deleuze, para não chafurdar, conta com a dispersão e a diferença. Mas se apostarmos só na diferença, estaremos sujeitos às guerras entre diferenças e numa diferença opressiva, num diferente opressivo, porque não mantendo constantemente a suspensão e a suspeição em relação até mesmo à própria diferença. Prefiro a referência freudiana que é mais radical.

Desconfio de mim, o tempo todo – e nem por isso me paraliso. Se for investir aqui e agora numa vertente instintual, paro de desconfiar. Só desconfiarei quando o outro bater de frente comigo, por diferença. Não é isto o que quero, e sim ser gerador autônomo de diferença. Passar por uma análise é tornar-se gerador autônomo de diferença, estar na suspeição e na suspensão em relação a tudo, inclusive ao que supostamente é seu. Assim, não é preciso bater de frente com outrem para se saber da suspensão.

Podemos, aí, invocar com muita cautela os cétricos, o seu *skeptomai*, mas com o sentido (*epoché*) de simplesmente suspender, desconfiar. O importante é questionar sobre qual é o processo de cura para cada um e para o homem como história. Para mim, é esse processo de suspensão que lhes apresentei. Lacan dizia que se o maluco pensa que é Napoleão, ele não é

menos maluco do que Napoleão pensar que o é. O importante é não colar jamais com nenhum nível, nem mesmo com OESPÍRITO. Como é possível haver a não aderência? Se tivermos um princípio de não aderência neurótica, não aderência morfótica e não aderência psicótica, poderemos a cada momento manejar, operar, agir, mas em distanciamento, em suspensão dos níveis. Aí a cura teria condições de se espalhar pelo mundo. (Sei que isto é extremamente difícil, praticamente impossível).

Não é preciso aderir a nenhuma formação. Posso ficar na dependência por não ter coisa melhor no momento e esta ser a melhor ferramenta que consegui diante de tal situação. Outra coisa é aderir a ela. Aí ela começa a me atrapalhar. Isto não é nada de novo. Piaget sabia disto quando inventou a destinação pedagógica no sentido do “pensamento lógico”. O grande problema da humanidade inteira e da cura de cada um são as nossas aderências a formações idiotas. Não se consegue formular processos de consenso provisório, de ferramenta provisória. Começa-se a idolatrar, a criar ídolos das piores besteiras: carros, aparelhos tecnológicos, idéias... A própria tecnologia evolui devagar por causa da aderência da maioria a princípios reificantes de tecnologias antigas. Qualquer engenheiro da General Motors sabe que não pode dar grandes passos tecnológicos porque o mercado não aceita. O que quer dizer o mercado não aceitar? Há cerca de uns 15 anos, por exemplo, apareceu no mercado do Brasil uma peça de papelão para as mulheres mijarem em pé. Achei uma coisa brilhante, pois as livrava daquelas privadas imundas. Mas o mercado banuiu. Por quê? Alguém teve a brilhante idéia de dar um canudinho para elas, mas elas disseram *não*, não compraram. (Assim como os homens ficam envergonhados de mijar sentados, quando isto é um prazer indescritível).

• P – *Já é difícil operar em análise de criança muitas vezes por causa dos pais, imagine, então, tratar de uma judia que namore um não judeu, como a família reagirá?*

A família é onde isso tudo é trabalhado para impregnar a todos. É a forma racista do judaísmo evidenciada. E o contrário, o rapaz namorar uma moça não judia, é muito pior. E não é só complicado não, é difícil, é insustentável.

Não é só uma questão clínica, mas uma questão política. Isto porque se minha referência é analítica, tentarei eliminar isto que está como caroço na história da pessoa, o que vai empurrá-la para adiante. Com isto cria-se um problema político seriíssimo, pois o sujeito pode até ter cura, mas se contar em casa que você o está curando, como é que vai ser? Os pais não gostam que se curem os filhos, ainda mais eles pagando. Estão pagando para que se conforme o filho a eles, e se você o empurra para a suspensão de que falei, eles ficam irados. Não vamos confundir as questões políticas do analista com as questões clínicas. Pode-se dizer como Lacan que o verdadeiro católico é inalisável, mas acho que um verdadeiro judeu também o é, embora Lacan achasse que não, talvez porque Freud parece que conseguiu.

28/ABR

5

OS CINCO IMPÉRIOS

Continuarei insistindo, já pela terceira vez consecutiva, no esquema que lhes apresentei, pois é aí que está o miolo da questão. Do que é que se pretende curar?

No comecinho do *Nascimento da Tragédia*, de Nietzsche, fragmento 3, há um apólogo que tem sido freqüentemente tomado na história da psicanálise. Lacan o retoma como indicador daquilo que se pretende curar (é claro que Nietzsche não está interessado nisto, nós é que estamos): “Conta uma velha lenda que o rei Midas” – que é aquele que tudo em que tocava virava ouro (não é o rei Merdas, que conhecemos de perto e que tudo em que põe a mão vira...) – “perseguiu por muito tempo na floresta o sábio Sileno, o companheiro de Dionísio, sem conseguir pegá-lo. Quando enfim cai em suas mãos, Midas lhe pergunta qual é a melhor e mais aproveitável coisa do mundo. O demônio se cala rígido e imóvel até que, como o rei o obriga, profere estas palavras acompanhadas de um riso estridente: ‘Infeliz raça do efêmero, filho do Acaso e da Dor, por que me obrigas a te dizer palavras que não te servirão para nada? A melhor coisa do mundo está fora do teu alcance: é não haver nascido, não ser, ser nada. Em segundo lugar, o que seria melhor para ti, já que nasceste, é morrer o mais rápido possível’”. Então, trata-se de curar disto.

Freud retoma este mesmo apólogo de outra maneira. Não conta a historinha, mas nos lembra de que são poucos, estatisticamente, aqueles que não nascem... O que nos interessa é que a cura é a cura da situação inarredável

de que a melhor coisa do mundo é não-Haver, que aliás não há. As pessoas têm dado toda sorte de aparente solução a esta questão. Eu, aqui, estou tentando trazer a minha. Clínica é no sentido de curar o que Freud chamava de *Unbehagen*, mal-estar, daqueles que estão aí. A tentativa é, então, de promover alguma espécie de cura dentro disto. Vejam que há um impasse no apólogo, pois o Sileno não responde que já que não há escapatória, então Midas deve se matar imediatamente. Ele diz que se a primeira coisa está fora de seu alcance, a segunda melhor é morrer logo. Mas não diz como, pois, segundo o esquema que tenho apresentado, não existe a menor condição de se retirar disto. Meu desenho é muito peremptório. Não adianta dar tiro na cabeça, se jogar da ponte Rio-Niterói ou do décimo-segundo andar da Uerj, que é um suicidódromo muito freqüente (de vez em quando, você está dando aula e vê passar um pela janela... um corpo que cai). Nada tenho contra a decisão de alguém se suicidar, nem moralmente nem intelectualmente, só que não é a solução para o problema posto. Já que não se pode freqüentar o famigerado não-Haver, logo não há solução.

Morrer logo, segundo o Sileno, também não sei se é uma boa opção, pois não vejo como alguém pode ficar livre de algo cuja liberdade não possa curtir. Se você está sentindo uma dor e posso tirá-la, aí você curtirá a ausência da dor, mas como não se pode curtir o não-Haver, então solução não é. Mas nada impede que o sujeito esteja aporrinhado demais e não queira estar presente a coisa alguma, nem ao Haver nem ao não-Haver, nem a nada. Além do mais, os caras que fazem essas coisas costumam freqüentemente perecer e não podemos mais conversar com eles, portanto não há a menor condição de fazer nenhum juízo a respeito. Eles não podem tomar a palavra, logo não há nenhum juízo. Qualquer opinião é dos vivos e esta não interessa, pois é uma experiência que não cabe na experiência daquele que pereceu.

A solução que chamei de cristã me parece compatível com o lacanismo. Lacan, para mim, é um cristão, trouxe à tona e matemizou claramente a solução cristã. Digo isto sempre *com a ressalva de que os movimentos subseqüentes do próprio Lacan, assim como os de Freud, indicam a última instância*. Se

não colocasse isto, estaria sendo falso quanto à verdade do que foi posto. *Mas não posso deixar de reconhecer que o grosso da postura de Freud é judaica e que o grosso da postura de Lacan é cristã.* E sobretudo que ocorreu um aproveitamento posterior destas posturas. Se Freud foi gênio suficiente para se encaminhar até à última instância, e Lacan também, o que sobrou por aí não foi isto. Em suma, não é muito diferente da “religião do amor”, que é o cristianismo. Não é à toa que Lacan ficou, durante toda a sua vida, todos os seus Seminários, tão ocupado com a questão do amor.

A religião d’OFILHO é aquela capaz de suspender a relação do Pai com a reprodução. Mas por que temos que restar nessa do amor? Por que será que o amor é sustentação dessa postura do Terceiro Império, do Império d’OFILHO? O essencial da religião d’OFILHO é que ela vem distinguir o simbólico do restante, vem chamar atenção para o fato de que, nas relações entre os humanos, o que é essencial como referência é o simbólico, e não as descendências carnis. Lacan define o amor sempre no registro do simbólico. Isto porque não é o desejo, não é movimento pulsional e não depende estritamente da pulsão. O amor, para ele, é uma relação para com o sujeito. E como o seu sujeito está definido entre significantes, na razão simbólica, ele claramente situa o amor na relação simbólica, na relação para com o sujeito. Não é exatamente o que está dizendo a religião d’OFILHO, o cristianismo? Lacan esclarece muito bem – é claro que a patrística católica também deve esclarecer de algum modo – que a religião do amor é a verdadeira, entre outras coisas, na medida mesmo em que faz referência estritamente ao simbólico. Isto porque o amor, para ele, é uma relação a sujeito. Ou seja, quando ama alguém, você está *entre*, no lugar de sujeito que este alguém ocupa em sua postura subjetiva. Não faço a menor idéia do que seja isto, mas ele diz que é assim.

Nossa questão é saber se poderíamos começar a pensar um processo de cura e um tipo de vinculação entre as pessoas que cada vez mais se afastassem das vinculações já propostas. Bem ou mal, queiramos ou não, temos que situar em algum lugar a vinculação, a qual está sempre mais intrinsecamente aderida a uma proposta de lei, ou seja, põe uma proposta de lei a cada

caso. A lei, no caso da religião d'AMÃE, por exemplo, é bárbara. Encontramos isto nos processos não civilizatórios de grupos que chamaríamos de bárbaros, pois as referências são reprodutivas, carnaís, maternas: a terra, isso, aquilo... A tal religião d'OPAI no mundo judaico propõe uma lei que é imposta por determinado patriarca. Ela é dita tomada diretamente de Deus, pois só ele teria condições de conversar com Deus e as imposições legais aí são no sentido da *veracidade* dos processos reprodutivos. Se tomarmos em estado puro, teríamos mesmo na religião d'OPAI certa *pregnância odienta*. Isto é dito quando se afirma que Jeová é melhor do que todos os outros deuses, que o povo eleito é o melhor e que será o povo vencedor. Ou seja, o amor que tem pelo Pai, na verdade, é distinguível pelo ódio que se tem ao Pai e à filiação dos outros. Se devem sair vitoriosos, devem massacrar todos que não sejam filhos de Jeová. Mas eles é que entraram pelo cano? Relativamente. Pois acabaram ganhando a guerra. A religião d'OFILHO tenta reverter este ódio. É a religião do amor que poria *um Deus único mesmo para os inimigos*. Todos serão irmãos perante a lei, perante a divindade, a qual não designa a carnadura dos afiliados.

Precisamos ter certas atenções para poder, quem sabe, intervir no lugar e no momento corretos. Os ressurgimentos diferenciais por propostas arianizantes, como é o caso do nazismo alemão e de outras facções, teriam o mesmíssimo desenho do ressurgimento, digamos, semítico. Em princípio me parece que, na briga de judeus com nazistas, tratam-se de habitantes do Segundo Império. Apenas ponho um grande ponto de interrogação, pois não sei dizer no momento se a ordem ariana em estado puro é efetivamente um aprisionamento aí nesse Império. Evidentemente, em termos da formação da Índia, temos as castas e tudo que é igualzinho aos semíticos, então, precisamos decidir com calma sobre a guerra que terá havido quanto à hegemonia de discursos políticos situados no Segundo Império. Tenho a impressão de que semitas e arianos são a princípio da mesma laia. Mas devemos entender melhor o que é o espírito ariano, no sentido nietzscheano mesmo. Aprimorar a raça e coisas assim foi o sentido que os nazistas deram. *O que estou fazendo é perguntar se a formação do espírito ariano é de Segundo ou de Terceiro Império*. Não sei dizer, no

momento, pois quando lemos os livros mais importantes como o *Bahagavad Gita* vemos que há uma forte tendência simbolizante. O arianismo nazista foi uma importação do arianismo indo-europeu, que é outra versão que não a semita da história da humanidade. Aliás, não sei o que estavam fazendo arianos louros de olhos azuis na Alemanha, pois os originários não são assim.

* * *

Minha questão hoje está mais centrada em torno do que estará fazendo a psicanálise no Terceiro Império, comprometida tão de perto com a religião d'OFILHO e com o amor, sem ter conseguido estatuir-se como discurso, como postura de pensamento, científico ou outro, num estágio para além daí.

Vejo Lacan, por exemplo, se encaminhando vigorosamente para a frente, mas nem por isso deixando de estar mais ou menos aprisionado ali. Para confirmar isto, basta vermos que se pode reconhecer no seu pensamento que a psicanálise se define pela presença da transferência. Sim ou não, definir a psicanálise pela *transferência* e definir a transferência como amor me permite errar quando indico o Terceiro Império em vigor aí? Esta é uma questão candente. Parece que estou falando bobagem, mas é essencial colocar esta questão, pois não há psicanálise onde não há transferência. E o que é transferência? É uma forma de amor, se não for a essencialidade mesma do amor. Lacan vai buscar sua exemplaridade em Sócrates, no *Banquete*, de Platão, numa relação pederástica vigorosamente descrita, onde a postura socrática se desloca até mesmo das relações carnavais e resta na *philía* abstrata das relações amorosas.

- Pergunta – *Por que os gregos só podiam gostar de adolescentes?*

Porque são mais gostosos. Esta é uma questão material. Não vamos ficar repetindo a bobagem de dizer que a pederastia grega era uma relação paterna. Não. Eles queriam comer os garotos porque eram deliciosos. Mas como há a ordem simbólica, surge a questão de como tratar isto, o que é outra

história. Aliás, ocorre aí uma confusão que é primária e absolutamente aceitável, pois se soltarmos um cachorro no meio de outros, ele se confunde vai em cima dos filhotes para comê-los (no bom sentido). Isto porque o que parece mais receptível ao tesão e até à reprodução são as ofertas de carne fresca que as fêmeas jovens como os meninos apresentam. Então, o Secundário será aproveitado como se quiser: vai-se transubstanciar o Primário em Secundário e Terciário. Temos que considerar assim, se não, vamos ficar lendo o discurso pederástico grego como se fosse um grande processo de racionalização dos tesões, vamos ficar pensando no espírito, Ohh!... Não é isto, e sim que, em não sendo animais pura e simplesmente, isto é transubstanciável em outras coisas. Até a legislação de Sólon e a crítica social ao redor do fenômeno são no sentido de: já que isto existe, não vamos ser denegatórios! Há os que são denegatórios, que inventam a tal eucaristia e ficam se comendo reciprocamente dentro dos conventos. Aparentemente, ninguém come ninguém, só come Cristo porque é melhor... Como dizia da vez anterior, não é que possamos eliminar o que está para trás, e sim que é preciso explicitar a partir de que referência operamos o restante. Então, quando vemos o mundo grego operando o Secundário como Segundo ou Terceiro Impérios, este é um processo de, digamos no sentido freudiano, *sublimar*, o que é simplesmente: tocar para a frente. Não interessa se se está comendo ou não. Vamos deixar a besteira de pensar que sublima aquele que não aplica a pulsão. Não. Ele aplica a pulsão sublimatoriamente. Está comendo a moça e dizendo: oh, o amor! É a poesia lírica.

Mas nossa questão é que a psicanálise continua mais ou menos aprisionada no Terceiro Império. É preciso empreender a faxina sobre estas posições e rever o processo em todas as suas articulações, desde o Primeiro até o Quinto Impérios. Repito, então, o que tomei como primeiro caso: quando situo a transferência como relação amorosa, qual é a minha referência? Estou me referindo ao Império que me permite garantir a transferência como fundamento amoroso. Não é que não encontremos relações de Segundo Império na transferência. Encontramos sim, mesmo que as definamos mediante o quinto nível, do AMÉM. Então, vão aparecer confusões nesta vinculação dentro da

análise. Frequentemente acontece que ambos, analista e analisando, possam se confundir, pois o Secundário está embutido na vida de todos. Assim como podem se confundir no nível primário e chegar a vias de fato. Então, enquanto definirmos a transferência como relação amorosa, estaremos situando nossa referência no nível d'OFILHO e contemplando o restante. A mudança de perspectiva é sempre radical, pois se dá em função do nível em que se coloque a primazia do vínculo. Quando o situo num determinado nível, leio os outros a partir da referência do nível em que o situo. É isto que quero abstrair, pois a transferência não é nenhuma relação amorosa. Se surge relação amorosa na transferência é porque ela também tem vinculações de Terceiro Império, mas se a defino em outro nível não é esta posição que dará a chave para um entendimento do percurso que se possa fazer pelos outros níveis.

- P – *E o fato de Lacan tê-la também definido como sujeito-suposto-saber?*

Com isto, ele deu um grande passo. Conseguiu acertar, para além do Seminário d'*A Transferência*, onde não existe esta colocação, um fundamento como que matêmico. Ou seja, no *Seminário 20*, a transferência vem como uma relação amorosa que existe pela suposição do saber que o sujeito põe sobre outro.

- P – *Aí estaria vinculada ao desejo?*

Vinculada ao desejo enquanto este se desenhasse como habitante do Outro, da casa do saber, que é o Inconsciente, que é aquilo que percorre a série de significantes, S_1 , S_2 , etc., a relação entre um Significante Mestre e o significante do Outro como campo dos significantes – está tudo aprisionado aí. E se está aprisionado na suposição de saber – a qual não pode estar desvinculada da indicação da massa significante como farinha do Inconsciente, aqueles sacos de saberes –, se está definido assim, não está desembaraçado da relação amorosa que se dá necessariamente com um sujeito determinado como representação de significante para significante. Mesmo assim definida a relação é amorosa. Então, para Lacan, o que funda a transferência é sujeito-suposto-saber, suposição de saber posta sobre um outro, Sujeito. Sujeito este que se representa de significante para significante, de S_1 para S_2 . É claro que existe o

tal $S(\mathcal{A})$, mas o sujeito é suposto saber dessas faltas, o sujeito continua mais ou menos aprisionado na massa de saber, que é chamado de Inconsciente, enquanto saber do Outro. Tanto é que Lacan usou a palavra *saber*. Por que sujeito-suposto-saber? Por que não sujeito-suposto-não-saber ou sujeito-suposto-desejar, sujeito-suposto-poder? Então, embora Lacan tenha apontado todos os recursos até a última instância, pois se continuarmos dando a volta no processo encontraremos o saber periclitado numa relação de falta em $S(\mathcal{A})$, tudo isto está designado como suposição de saber e como relação amorosa. Tanto é que Lacan só vai conseguir definir a relação amorosa, no *Seminário 20*, pela relação para com o sujeito, o qual é determinado dentro do campo do saber inconsciente.

Lacan não está definindo só a transferência do neurótico, ou seja, supondo que uma neurose de transferência, como chamam, só funciona no engano do neurótico de supor uma relação amorosa. Ele tentou dar um substrato a ela, pois, com ou sem neurose, existe algo que faz transferência. Se atribuíssemos a vinculação como possibilidade apenas do neurótico, estaríamos dizendo, por exemplo, o contrário do que ele diz quando coloca que a contra-transferência também é de se esperar dentro do próprio regime da transferência. Então, ou chamamos o analista de neurótico também ou dizemos que a transferência não depende da neurose.

Há que pensar isto, pois está ainda apegado ao regime do Terceiro Império. Ou seja, por mais esforço, brilhantismo, inteligência e genialidade que haja no processo lacaniano, continuo a insistir em que, em sua panorâmica, é um processo cristão, de Terceiro Império.

* * *

Vejamos, por exemplo, o excesso de compromisso que Lacan ainda tem ao fazer o *design* da sexualidade.

Não podemos atacá-lo por esse viés porque ele desenha de um modo e logo começa a relativizar e equivocar. Ele faz um texto como *L'Étourdit* que

deixa todo mundo boquiaberto, pois vai topologizando a questão. Mas ainda insistia na colocação de masculino, de feminino, ou pior, O homem, A mulher. Isto quando um referencial mais abstrato poria que as funções independem dos corpos. Ele também acha isto, mas continua chamando assim. Nós, não precisamos mais disto, é coisa de barbarismos antigos. Prefiro hoje dizer que há uma sexualidade Consistente e uma Inconsistente, que há o movimento psíquico consistente e o inconsistente. A *limpeza* do processo psicanalítico é, pois, no sentido de mudar o referencial.

Vejo a psicanálise ainda no campo d'OFILHO e não conseguindo grande distanciamento em relação a outras práticas. Num momento de crise, como o que estamos vivendo, essas práticas cheias de mitologias, como astrologia, runas, etc., são bárbaras. De que adiantou falarem mal de Jung se é para continuar com o mito do masculino, do feminino, do amor transferencial? É tudo mitologia. Se a psicanálise quiser dar um passo tem que, pelo menos, parecer um pouco mais com os processos científicos. Lacan tinha razão ao buscar matemizar, abstrair ao máximo. Mas como estamos aprisionados no Terceiro Império da Religião do Amor, não sabemos dizer coisa muito diferente do que a massa ocidental cristã diz. Acho a psicanálise medieval. Quando será que ela vai dar um lance e ficar livre dessa mitologia, desse barbarismo e, só-depois, vir a se datar? Existe desde Freud a tentativa de cientificar a psicanálise. Não estou propugnando por isto, não acho que necessariamente tenha que ser ciência. Estou me perguntando se não pode se transformar num discurso compatível com o que se chama de ciência. Suponhamos que não tenha que ser ciência, mas o psicanalista está longe de ser colega dos cientistas. É um pouco colega dos mitólogos, dos antropólogos, dos filósofos, os quais não fazem senão recompor velhos mitos em quadros um pouco mais abstratos.

Quem sabe, a psicanálise pode ser um discurso com competência própria e cada vez mais *limpo* dessas referências arcaicas? Isto de tal maneira que não tenha que brincar de Édipo, por exemplo. Só porque uma criança nasce de dentro de um corpo fêmeo e com a colaboração de um corpo macho e depois se organiza na religião d'OPAI ou no Neolítico, sei lá onde, como família, tenho

que supor que sejam estas as referências? Não. Isto é referência de subdesenvolvido mental. Se alguém está aprisionado nesses mitos e aparências, o analista e a psicanálise não devem estar. Qual é, então, o grau de abstração que deve ter para poder ver o sujeito aprisionado em semblantes absolutamente baratos, arcaicos, e não tratá-los assim? Ou seja, não vai nem supor que a transferência esteja estatuída deste modo, nem praticar o modo referencialmente amoroso à transferência, pois pensa que há uma vinculação outra, e só interessa como sustentação e como independência este nível absoluto que descobriu. O resto são coisas arcaicas ou de estratos anteriores a este nível, que ainda estão aí. Ou seja, minha referência a cada momento da história do pensamento é que vai governar minhas relações. E nunca é o caso de pensar, como o falso santo do cristianismo – pois o verdadeiro não pensa estas bobagens –, em atingir as regiões do espírito e eliminar as outras. Trata-se de cavalgar todas as regiões com a referência suprema.

Enquanto formos bonecos de carbono que nascem deste jeito, nada disso vai desaparecer. É claro que as coisas andam meio abaladas ultimamente, pois já existe bebê de proveta, por exemplo. Mas como ao mesmo tempo há a prova de ADN, da paternidade animal de alguém como pai do filho da mãe, nada disso vai ser abolido. É preciso, então, saber qual é a referência que se toma para fazer a leitura do tratamento disso. Minha denúncia é de que a psicanálise, no presente momento, no estágio em que anda por aí, não é nem um pouco diferente da vertente cristã. Ela ainda está procurando ansiosamente a cura pela eucaristia. E quando se fazem exigências um pouco mais fortes, fica parecendo algo monstruoso. São exigências que podemos encontrar tangencialmente em Freud, um pouco mais em Lacan, de que há que insistir no referente absoluto e recompor o texto teórico de maneira que vá se libertando paulatinamente, como as outras ciências o fizeram, da tralha filosófica, mitológica, antropológica, e ficando solto para poder lidar com as coisas com certa independência de desenho, de formação. Neste sentido é que me esforço para construir a noção de *Vínculo Absoluto*, por exemplo. Ano passado, fiquei n’A *Natureza do Vínculo* e não fui muito longe. O que tento é estabelecer o que

seja o vínculo, qual seja o princípio vincular, qual o seu máximo de abstração, para pensar um Vínculo Absoluto que independa das regiões conteudísticas, que seja logicamente aceitável, para se tornar o referencial no AMÉM.

A transferência não é, pois, uma relação amorosa. Surge aí uma relação amorosa de outros níveis, pois ela passa por essas baixarias, mas ela não é definível como relação amorosa e não é uma suposição de saber. *A transferência é a leitura que se pode fazer, em qualquer HUM, dependendo das circunstâncias oferecidas em determinado momento, da vinculação absoluta funcionando, da referência direta ao Vínculo Absoluto.* Onde quer que haja transferência, acendeu-se para alguém a vinculação absoluta. É claro que se o sujeito não sabe fazer a relação direta à vinculação absoluta, vai fazer o que pintar para ele, vai supor que fulano é quem sabe, p. ex. Ou seja, baixa o nível da vinculação para as que se possam nomear, inclusive a tal vinculação amorosa que tem definido até hoje a transferência. Isto não é mal, o que é um índice errado para se trabalhar é o analista continuar, ele próprio, na suposição de uma relação amorosa ou de suposição de saber sustentando a transferência. Isto porque, vinculado em nível baixo, nunca conseguirá dar conta do que realmente interessa. Se ele próprio já passou por esta experiência, já se deu conta de que o que está sustentando aquilo é uma vinculação absoluta que, por ser absoluta, independe de, mas topa qualquer outra vinculação de qualquer nível. Quando Lacan diz que, no fim da análise, a transferência desaba, cai o sujeito suposto saber, o analista se torna dejetado, considero esta visada ruim, pois o que se está dizendo é que o que desaba são descrições conteudizadas desta transferência em nível baixo. Isto porque *é impossível dissolver a transferência quando ela é verdadeira, quando se tem como referência a hiperdeterminação.*

O que interessa é esse progresso aí.

* * *

O Vínculo Absoluto que desenhei está absolutamente posto e designa determinada situação que há em qualquer falante como há no Haver. Como é

assim, todos estão vinculados a isto. Portanto, não estão vinculados diretamente entre si. O estar vinculado um ao outro é decorrência de todos estarem vinculados ao Vínculo Absoluto. Estou dizendo que a estrutura (não no sentido do estruturalismo, mas a maquininha que nasceu nos corpos) é de que qualquer um que se postar no lugar onde possa fazer charneira entre a diferença interna, arrumada como imposição ou não, e a diferença externa, entre o Haver e o Impossível, verá que é um lugar indiferenciado e que cria indiferença. Nesse lugar terceiro chamado Cais Absoluto, lugar do Real, quando estou referido a ele, quando ali me posturo e posso fazer charneira, no que a faço, me dou conta de que estou absolutamente vinculado a qualquer funcionamento dessa máquina. Se fizer a suposição de que seres da mesma espécie são subditos a ela, que todos estão vinculados àquele ponto de charneira, querendo ou não, estou absolutamente vinculado a eles, pois estou vinculado ao próprio Haver que se articula assim. Não posso defini-lo como entre um e outro porque nunca o percebo aí, mas o percebo na charneira. Se um outro estiver vinculado ali, e eu também, conseqüentemente estamos vinculados um ao outro.

Só digo isto porque não tenho como ler vínculo entre eu e um outro. A comunicação de inconsciente a inconsciente de que fala Freud, é quando duas pessoas em relação vincular absoluta, de repente se deparam como vinculadas a esse mesmo lugar. Ou seja, uma reconhece isto na outra. Por exemplo, quando um está papeando com outro e ambos se estranham tão profundamente, é aí que se pode ver que a única vinculação possível que há entre eles é esta. Não pensem que são efusões amorosas, pois a menor efusão amorosa mata o Vínculo Absoluto. Se estou me dando muito bem com você em qualquer nível mais baixo, não tenho como reconhecer a vinculação absoluta. Mas é quando me estranho radicalmente em relação a outro que ele passa a ser tão estranho que o único vínculo possível será aquele absoluto reconhecível nesse familiar estranhamento.

Lacan e Freud dizem que transferência é bom para acontecer análise, mas atrapalha tudo. Hoje, temos condições de discernir isto. Eles colocaram a transferência no lugar da ambigüidade porque só conheciam aquela que tinham

distinguido teoricamente. É aí que vai minha crítica. Agora chegamos no ponto quente. *A transferência não sofre nenhum impacto por causa da relação amorosa quando é referida a seu lugar próprio.* Não tenho, pois, que dizer que ela é condição *sine qua non* da análise e, ao mesmo tempo, o que a atrapalha. Não atrapalha nada. O que atrapalha é referenciar a transferência a níveis mais baixos de sua estação, que são as resistências do Haver como formação.

• P – *Como isto seria aplicável às questões sociais, aos contratos políticos, por exemplo?*

Quando Lacan faz um Seminário chamado *D'un Discours qui ne serait pas du Semblant*, está se perguntando se a psicanálise não seria capaz de inventar uma vinculação cujo contrato não estivesse disponível às formações inconscientes. Como vêem, continuo na mesma linhagem, buscando conseguir fazer a referência de uma região de vinculação que absolutamente nos vinculasse para além de todo e qualquer conteúdo discursivo contratual. Ou seja, de modo a que possamos estar associados vincularmente aos outros numa possibilidade permanente de tomar toda e qualquer relação contratual como mera ferramenta local sem termos que nela votar de coração. Isto é muito difícil de conseguir, pois o que dizem é: *sou flamengo*, tenho que matar o cara do fluminense. Quer dizer, não sabem *brincar*.

• P – *Como incluir o que você apresentou como análise propedêutica no que está sendo dito hoje?*

Na propedêutica, há que fazer o trabalho de chegar à experiência do Cais Absoluto para jogar isso no lixo. Mas depois é preciso praticar tratos entre as pessoas que, por estarem na referência vincular absoluta, deixarão claro que se, em determinado momento, estamos brincando de tal coisa, é preciso levar a sério. Mas sabendo que estamos brincando.

• P – *Comparativamente, não é disso que Lacan falava quando dizia que, na análise, vinculações de nível menor devem ir para o lixo?*

Devem. Só que não acredito que nada vai para o lixo. As coisas retornam, só que numa postura diferenciada para quem tiver feito sua

propedêutica. Se não, vira um santo babaca, que é aquele que é tão santo que não existe mais. Só acredito em santo vivo. Então, minha referência é tão abstrata que até brinco com as outras coisas, brinco de qualquer coisa, mas preciso saber do que estou brincando, pois não posso invadir o Primário diretamente. Acho mesmo que as relações amorosas e outras podem se tornar mais firmes, pois, se for o caso, faz-se mesmo uma grande guerra quando se brinca direito. Há certas dificuldades intransponíveis no nível da impossibilidade modal, que podem deixar de ser impossíveis amanhã ou depois, mas por cima das quais não posso passar aqui e agora. Então, posso saber brincar de maneira que seja o menos doído possível. Isto porque não estou arrasado debaixo da impossibilidade modal, já que sei que é assim.

* * *

• P – *Qual é a cura então?*

Tentar minorar esse mal-estar. Já que se entrou e não há saída, é no encaminhamento para a vinculação absoluta. Pode-se tentar diminuir o mal-estar jogando, brincando com as possibilidades de efetivação de níveis menores por referência do nível supremo. A gente faz muita bobagem, e frequentemente certas propostas de produção dão errado porque temos fé demais nelas. Isto em vez de colocar uma proposta abstraída de brincar direito. O que acontece de essencial nessa afirmação de tudo é que se chega a uma verdadeira afirmação do-que-quer-que, desde que se tenha condições de negar. Ou seja, posso aceitar qualquer coisa que seja afirmável, justamente porque tenho condições de negar.

• P – *O que há de trágico nisto que você está dizendo?*

Estou interessado em saber o que seja o trágico, como em tragédia grega, por exemplo. Mas ouvimos isto de bocas as mais ignaras. Em Seminário antigo, coloquei o *desejo* em relação com a *liberdade* e o *gozo* em relação ao *poder*. Quando os nietzscheanos, deleuzianos, etc., tentam distinguir Vontade de Potência, não querem que se fale em Vontade de Poder. O que Nietzsche chama de Vontade de Potência é o que chamo de *desejo* (ligado a liberdade),

e o *poder* a que me refiro (ligado ao gozo) é o que ele chama de *força*. O que me interessa como distinção, hoje, é lembrar que não vejo nenhuma diferença entre Vontade de Poder e Vontade de Potência, pois o que há é movimento pulsional aplicável aqui e ali. Esta é a nossa *liberdade de desejar*, que só consegue ser livre para valer quando vai direto ao Absoluto, quando quer o Impossível. Já o *poder é condição de gozo*. Se temos condições de gozo, temos poder. O trágico é quando o poder nos falta radicalmente.

Noutra época (em 1989) defini o trágico como irreversibilidade, seja ela no modal ou não. Ou seja, se eu puder meter uma faca em você e depois passar o filme ao contrário, não há tragédia, não há trágico. Podemos ter feito as coisas conscientemente ou não. Se você sai de casa e cai um edifício na sua cabeça, o que se vai fazer? Você estava no seu movimento desejante, aí caiu. Você nem preparou, nem provocou aquilo. Então, a irreversibilidade se nota toda vez que acontece algo de irreversível no sentido nefasto, pois, no sentido fasto, faustoso, ninguém reclama. Isto porque o que é faustoso não é trágico. Nietzsche chama de trágico o puro acontecimento, a alegria pura e simples do acontecer. Mas não é assim que podemos ter todos os passos relativos a este referencial. Ou seja, se Nietzsche dá aquela louca de chegar à referência suprema e fica nela, pois a partir dela o bacana é o acontecimento, não é bem assim, pois a humanidade jamais chamou nem nunca vai chamar isto de trágico. Faço esta crítica, pois quando o acontecimento é faustoso, é filho de Póros, não nos apresenta nenhuma aporia, mas sim acrescenta as possibilidades de reviramento. Um acontecimento faustoso é o que acrescenta reviramentos. Nefasto é um acontecimento que retira uma possibilidade de reviramento ou que já revirou anteriormente. Então, não é nem isto que é trágico, mas sim não se poder reverter isto. É o que, referido a Prigogine, eu falava do processo de reversibilidade/irreversibilidade do Pleroma.

Nossa mente é absolutamente simétrica e reversível. Por isso, não podemos, como queria Nietzsche, jogar a dialética no lixo. Podemos relativizar, dizer que podemos funcionar dialeticamente até certo ponto e, depois, saltar para outro nível. Mas nossa mente é simétrica, e sofremos quando alguma

coisa nefasta acontece. Isto porque a mente continua a exigir o contrário daquilo. E uma vez que esse acontecimento é irreversível, aí estamos metidos no trágico.

Como disse, não há sentimento de trágico quando o acontecimento é fausto, pois um acontecimento faustoso amplia e não diminui a reversão. Os efeitos podem ser trágicos, mas não o acontecimento. Você pode ganhar na loteria e, por causa disto, tomar o avião e morrer. Se não tivesse ganho, não teria tomado o avião. Mas você não vai sentir tragédia na loteria, e sim na queda do avião. E claro que, se for suficientemente neurótico, vai dizer: bem feito, fui ganhar na loteria, o dinheiro não traz felicidade, essas tolices... Então, o nefasto diminui a potência de reviramentos, mas não constitui o trágico imediatamente. *Trágico é não se poder revertê-lo*. Algumas vezes se pode sim. Está aí a história da humanidade constantemente revertendo formações localizadas. Afinal de contas, o que é a criação? Tentar criar em qualquer nível é tentar reverter o que parecia irreversível. Inventar um remédio para dor de cabeça, por exemplo, é torná-la reversível. Não posso voar, invento o avião, então, reverti uma impossibilidade modal.

• P – *Então, o perecimento súbito é sempre trágico?*

Depende, pois um outro pode achar ótimo. É preciso saber se é nefasto, para quem, danosamente irreversível, para quem? Na pura e simples afirmação, de que fala Nietzsche, em nível supremo da referência absoluta o que quer que haja é positivo. Quando se está no vigor disto há um sentimento de aceitação absoluta. Não chamo a isto de trágico, e sim de indiferente. Nietzsche não chama assim, pois chama tudo o que há no Haver de diferença pura. Ele não pensa em oposições. Como pensa só em diferenças, fala na “alegria das diferenças”. Mas sei que, dentro do Haver, as diferenças são opositivas e que, no momento em que aponto para uma, não quero seu oposto, e que, se sou capaz de aceitar todas as positivities desde o Cais Absoluto, sou indiferente, e não, alegre.

Nietzsche resolveu não aceitar oposições e que, dentro do Haver, só há diferenças. Aconteceu que, sem querer ser filósofo, nem analista, nem nada, desde pequenininho sei que o trágico é, por exemplo, não conseguir empurrar, a

hora que eu quiser, estas árvores que estão aí fora. Isto não é mera diferença, mas sim oposição ao meu desejo. Oposição não é o que inventamos por sermos hegelianos, e sim que ela cai em cima de nós. Nietzsche positiviza a indiferença, dá-lhe uma flecha valorativa. Ele positiviza a alegria: “*Oh! Freude!*” Acho inteligente, mas é meio bobo. Isto não é da experiência dos homens. Por isso, não pensem que sou nietzscheano. Mas vamos ser cautelosos e condescendentes para com Nietzsche. Ele merece. Ele é um desses homens acima da maioria, portanto, tenhamos respeito. Ele está falando do lugar do absoluto e, nesta medida, considera tudo que há abaixo como pura diferença.

Minha contestação é de que ninguém, minimamente, alguém deste lugar absoluto, deixa de ter a experiência da oposição, imediatamente. Portanto, mesmo aí, segundo minha experiência, meu discurso, não se fica em franca alegria. Fica-se em oposição para com o não-Haver desejado e com a quebra de simetria nos aporrinhando. O absoluto de Nietzsche, então, não tendo a oposição do não-Haver, é pura positividade. Posso supor que ele enlouqueceu disto. Sua loucura não é nenhuma psicose. Ninguém lembrou ao pobrezinho que ele estava num delírio de positividade extrema. Mas a alegria possível é aquela que ele próprio indicou. Eu a encontro como possível aí nesse mesmo lugar. Aliás, um poeta nosso chamado Augusto dos Anjos, tendo ou não lido Nietzsche, escreveu num poema dos que já repeti tantas vezes, que “Só a arte esculpindo humana mágoa...” A única alegria possível é criar. É quando você reverte uma situação modalmente irreversível.

12/MAI

6

AS SEIS REFERÊNCIAS CLÍNICAS

Tenho dito que não tenho pressa porque estou interessado em ir didatizando as questões da clínica devagar. E ainda temos o próximo semestre inteiro para detalhes. Parece que tem sido eficaz retomar os objetos deste jeito. Podíamos então hoje fazer um pequeno apanhado dos maquinismos que dão suporte à atividade clínica e colocá-los em questão. É claro que são os mesmos aparelhos, as mesmas máquinas que nos dão suporte teórico. Não esqueçamos, pois que no momento da aplicação da teoria a referência é às mesmas máquinas constituídas a partir da suposição do que se passa numa experiência analítica. Digo isto porque algumas pessoas ao conversarem comigo me deram a impressão de fazer a suposição de que os aparelhos estariam soltos e de que o último construto, que chamei de Cinco Impérios, seria suficiente para a manipulação da clínica. Não só os aparelhos não me parecem soltos porque são dependentes do entendimento da estrutura de base, como também a referência clínica não é apenas a um tipo de construção. Temos que nos referir às diversas modalidades de construção a que nos referimos durante a escuta. Mas são poucos os aparelhos.

* * *

- PRIMEIRO APARELHO: *a concepção da ALEI, Haver desejo de não-Haver, A ♦ ã.*

Esta é uma referência clínica de base. Não existe clínica inocente, como já disse tantas vezes. Algumas pessoas, suponho eu mais ou menos ignorantes quanto a isto, conseguem manter a aparente rivalidade entre teoria e prática, entre clínica e teoria psicanalíticas. Isto é bobagem. Mesmo que haja pessoas sensíveis, videntes, sei lá, que recebem espíritos numa tribo primitiva, elas já o farão em conformidade com os aparelhos mitológicos ou outros desenhados pela tribo. É a teoria deles. Mitologia é o modo de teorizar primitivo, e em maior compatibilidade com a sintomática local. É modo de teorizar em maior compatibilidade com o sintoma. Não é que não haja compatibilidade entre a teoria e os sintomas locais, culturais, de uma época, mas isto é um pouco mais abstraído. E quanto mais abstraído for, (ou seja, aquilo que Lacan gostava de chamar de matêmico), quanto mais matemizado for, com indicações de pouca referência conteudística, pode ser mais eficaz, já que está um pouco mais livre das referências sintomáticas locais. É um pouco mais independente, mais abrangente, mais capaz de incluir maior quantidade de mitemas, por exemplo. Mas não deixa de estar sintomatizado, como é o caso das escritas matemáticas, que sempre estão mais ou menos desenhadas em conformidade com a sintomática local, da época, etc. Se não, a matemática não teria futuro.

Vamos parar com isso de supor que, pelo simples fato de se matemizar algo, chegou-se à abstração radical. O que se fez foi simplesmente algo que tem maior futuro, abrangência maior, pois não tem conteúdo imediatamente reconhecível. Mas chega um momento em que aquela formulação, aquela formalização, também ela, já pode ser um pouco deficitária. Podemos ver isto acontecer na história da matemática. Vemos uma série de formulações matemáticas utilizadas perenemente até hoje, mas com restrições às suas aplicações, pois, com a mudança do problema, elas se tornaram localizadas demais. Ninguém tentaria, hoje, resolver problemas de física quântica com o teorema de Pitágoras...

O aparelhinho da ALEI por enquanto parece me servir – se servir para outros, fico satisfeito de tê-lo cedido – tanto como maquininha de sustentação, como escrita abstraída e abstraente do processo teórico, quanto como maqui-

ninha de referência, para a clínica. Se estou acreditando nas possibilidades deste teorema, na clínica, posso me referir a ele. Logo, deve ser um referencial na minha prática, é um referencial clínico. Aliás, não podemos esquecer que esta formulinha inclui embutida em sua alma, em sua significação, as próprias noções de Pleroma e de Revirão. Portanto, na trama constituída teoricamente em torno da suposição de que ALEI, dentro da ordem do Haver, é *Haver desejo de não-Haver*, ela é que vai constituir o Haver. Na verdade, isto não é senão a grande fantasia última de Freud, da qual me apropriei. A Pulsão de Morte era uma fantasia sua que, depois, foi articulada como conceito. Por isso digo que é a fantasia primordial. Isto porque faço a suposição de que ela estava na cabeça do último Freud – que não é aquele que morreu por último (que podia estar gagá), e sim aquele que falou o *último* –, que também estava na cabeça de físicos anteriores e que revelava o que se chama de *segunda lei da termodinâmica* (que, hoje, se pode descartar um pouco, *ma non troppo*, pelo menos com o sentido de perecimento absoluto da ordem cósmica). Aliás, o que tomei da indicação de Ilya Prigogine de que há inflação e deflação no Cosmos é que há um retorno talvez eterno, mas não sumiço...

Freud fez, então, essa grande fantasia, que se decantou em conceito, na medida mesmo em que, tendo se referido ou não à termodinâmica, pôde reconhecer que era um dado da escuta na análise. Atribuo esta fantasia a todo o Haver e a tudo que ocorre dentro dele. É a maquininha da ALEI, que funciona como Lei geral e genérica dentro do Haver. Daí decorre tudo. E se tomar isto como um parâmetro fundamental do grande teorema que tenho lhes apresentado, verificarei que é uma *maquininha clínica*. Encaro toda e qualquer escuta, inclusive as minhas manifestações, como sendo da ordem do cumprimento d'ALEI, a qual se torna referencial e desenha para mim como consequência o Pleroma e o Revirão. Isto na medida em que o não-Haver, como o nome está dizendo, não-há. Notem, portanto, que esta maquininha é a do que Freud chamou de Pulsão (de Morte). Ou seja, *a pulsão é ALEI do Haver*: Haver desejo de não-Haver. Lacan fez um desenho complicado da pulsão, onde havia alvo, objetivo, aquelas coisas de Freud, no sentido dos movimentos

pulsionais instalados e referidos às bordas corporais. Não estou falando disto, e sim tomando a pulsão como conceito, cuja pretensão é o gozo radical e definitivo, extinguir-se, seja no nível micro seja no macro.

Se desde Freud estivermos mais ou menos certos e se estiver valendo minha insistência na Pulsão como sendo o conceito fundamental que Freud pôde descobrir, ou seja, que esta é a grande fantasia da psicanálise decantada em conceito e atribuída tanto ao próprio Haver como ao homem, então, temos aí a *máquina fundamental da clínica*. Daí decorrem necessariamente a formação do Pleroma e o conceito de Revirão.

- Pergunta – *Seu conceito de Revirão é anterior ao da ALEI e ao do Pleroma?*

Cada um faz as coisas como pode. Ocorreu-me o conceito de Revirão na apreensão da maluquice individual, minha e dos outros, na escuta e em comparação com uma grande proliferação do conceito sem este nome em diversos pensamentos, até naqueles que são tios do de Lacan, como Hegel, por exemplo. A grande construção já estava num texto meu intitulado *Gerúndio*, como movimento oscilatório da catoptria. Mas, naquela época, eu não sabia o que fazer com aquilo que caíra na minha cabeça. Custou muitos anos saber o que tinha pensado. Ou seja, pensei mas não entendi. Você tem uma idéia, não sabe o que fazer com ela, ela fica se impondo e você tem que trabalhar muito para perceber para o que ela serve, o que quer te dizer. Não se costuma dizer em nossa língua: *eu fiz uma idéia*, mas foi o que fiz e fui tentando ferramentas para dar conta dela. Foi um esforço tremendo para arrumar o troço, sem conseguir, durante muito tempo. No Seminário *A Música* já começa o desenho, mas é ainda um esforço de arrumação...

* * *

- SEGUNDO REFERENCIAL: *os três regimes do recalque*.

Na construção da ALEI, Haver desejo de não-Haver, estava implicado o reconhecimento da função catóptrica do Real. Como sabem, para deduzir

que o movimento pulsional era este, tive que supor a catoptria como ALEI do Real. Que foi por isto que o Revirão nasceu primeiro. É esta exigência de replicação que, em última instância, acaba em absoluta quebra de simetria. Então, na medida da suposição de que o próprio conceito de Pulsão como escrita d'ALEI do Haver não pode não produzir quebra de simetria, isto já inclui necessariamente o que quer que se queira chamar de *castração*, arredores e derivados. Não é preciso procurar nas transas pessoais para encontrar um conceito de castração que, em última instância, mesmo no término do pensamento de Freud e no de Lacan, abandona a diferença sexual, se torna o conceito de uma incompletude que ali está e com a qual se vai jogar. Não é preciso o conceito de castração baseado no que se encontra na anedota entre as crianças sobre se têm ou não têm. O que temos é que a quebra de simetria funciona no encontro com as diferenças e que uma diferença tão *quente*, para falar corretamente, como esta, é necessariamente uma diferença de grande emergência, de grande surgimento, uma aparição muito importante. Como nosso esforço é deslocar para uma região mais abstrata, o conceito de *castração* se torna desnecessário, pois é puramente *quebra de simetria*, a qual é também decorrente da mesma ALEI, a qual força e exige a produção do Revirão, seja no Haver, seja na espécie humana. Isto porque estamos necessariamente designados – que é a mesma coisa que desenhados –, construídos, segundo este aparelho de Revirão.

Se, então, fizermos a suposição de que a essencialidade desta nossa espécie, para além das macaquices e formas inferiores que portamos ou que nos portam, é a maquininha de reviramento, não podemos não retomar o conceito de Recalque de Freud. Ou seja, se esta é a essencialidade e se a espécie não funciona sempre assim, é porque sofreu recalques para aquém do grande Recalque Originário que fundou o próprio Revirão. Ou seja, são recalques do próprio Revirão que fundou a quebra de simetria. Então, para aquém da maquininha, se ela não aparece como decorrência da quebra primeira de simetria, que é como deveria funcionar, é porque algo está recalcando ou limitando. Por isso, coloquei os *três registros do recalque*, o *Primário*, o *Secundário* e

o *Originário*. Este deveria vir na frente, mas como o descobrimos muito tarde, coloquei-o por último e chamei de *terceiro*. O óbvio ululante, como dizia Nelson Rodrigues, do Recalque Originário só aparece com muito trabalho, muito esforço. Aparecem primeiro suas decorrências.

Então, retomando, primeiro a maquininha é *Haver desejo de não-Haver*, a qual inclui tudo: quebra de simetria, Pleroma, Revirão, etc. E em havendo Revirão como essencialidade, já que a maquininha é aquela, temos os três registros de recalque. Como podemos ver, minha escuta fica orientada, não é inocente (como não é a de ninguém aliás, dos freudianos, dos lacanianos, dos kleinianos). Esta é a nossa doença, nosso defeito pois, se nos referirmos a isto, a teoria é a nossa limitação. Só que faço a suposição de que a teoria que lhes apresento é mais aberta do que as anteriores. Sem fanatismo, como costumamos dizer, me parece *uma ferramenta* mais manejável, mais adequada, mais precisa, mais abrangente e mais simples.

A produção da dissimetria já é o recalque. N' ALEI, Haver desejo de não-Haver, como não-Haver não é possível, já está inscrito o recalque, pois não há atingimento de não-Haver. Se isso gozasse direito passava a não-Haver e ficaríamos felizes. Ou não? Não ficaríamos, pois não saberíamos que estávamos lá. Então, quando o recalque vigora é que há comparecimento da quebra de simetria. Mesmo no Revirão há Recalque Originário. É preciso saber que o recalque nunca deixa de funcionar. Suponhamos que fosse possível limpar todos eles – o que não é possível –, sobraria pelo menos o Recalque Originário, pois continua a referência ao desejo fundamental que está escrito na fantasia primordial (e não se consegue eliminá-la, já que não se pode passar a não-Haver). Pergunto de novo: se conseguíssemos passar a não-Haver ficaríamos felizes? Não, pois não conseguiríamos passar, e se passássemos não saberíamos que passamos. Suponhamos que o Haver se extinguisse. Não creio que vá se extinguir, jamais, mas, se o fizesse, não teria nem mesmo havido. Quando digo que a morte não há é que, se ela houvesse, conseguiria fazer com que não houvesse nem havido.

Só há desejo porque há recalque. Se não houvesse recalque, não havia desejo, pois se haveria passado a não-Haver e então não haveria nem nada.

Lacan dizia *lei/desejo*, mas estatuiu no nível das dialogações entre os falantes, o sujeito e o Outro. A lei e o desejo são o mesmo que está escrito n'ALEI de maneira bem mais abstraída. Ou seja, ALEI do Haver como tal inclui o desejo e o recalque como tais, um não existindo sem o outro. Portanto, n'ALEI como fórmula da Pulsão estão: o desejo; a castração; a decorrência do Pleroma construído como tal porque não se pode passar, então, tem-se que dar a volta; o Revirão, constituído a partir daí; e o recalque. Então, na fórmula da pulsão, do movimento desejante, já está o recalque, ou seja, o binômio lei/desejo, só que não estatuído no nível da referência sujeito, entre falantes, como Lacan estatuiu. Para nós, é a ALEI do Haver, a qual se replica também como ALEI dentro dos falantes e que está aí no Haver. E pouco me importa que esteja ou não, pois se, de dentro da falação do Haver, posso constituir uma cosmologia, uma física, que atribui isto ao Haver e o pensa assim, então é assim.

O Haver tem a catoptria como exigência de última instância. Ou seja, a exigência de catoptria, que é do Haver, em última instância, exige o não-Haver. Então, o não-Haver falta de direito, de fato e de todas as maneiras, mas não falta nada ao Haver. É o pedido de uma simetria absoluta, que é o que não comparece jamais. Então, a falta há, mas ao Haver não falta nada a não ser que ele sonha com a falta. Mas não falta nada, pois o não-Haver não há. Ao mesmo tempo que digo que ao Haver não falta nada, tenho que dizer que a falta há. E não falta nada. Mas tenho que dizer que a falta há. E não há paradoxo nenhum aí, pois a máquina é assim. Não gosto de chamar isto de paradoxo porque paradoxo é uma frase lógico-gramatical que se paradoxaliza em si mesma e não é este o caso. Isto é assim, é a máquina.

A exigência de simetria é *por causa* da catoptria interna, exigência de absoluta simetria, a qual termina em dissimetria, necessariamente. Então se, por exemplo, fizermos a suposição de que o Cérebro do Anjo, como gosto de chamar, e o Haver por extensão são simetria absoluta, teremos que uma exigência radical de simetrização quando pede a oposição, em última instância, exige não-Haver. Ou seja, o Haver, em última instância, exige o não-Haver, que não há. Então, a quebra de simetria é porque não-Haver não há, como o nome está

dizendo. E não vou ficar puxando os pentelhos por baixo das calças, ou torcendo o cérebro como Heidegger que se pergunta por que há o Haver e não antes o Nada. Não-Haver não há, como o nome está dizendo. E não há essa pergunta. Nossa solução não é de nó Borromeano. É de Nó Górdio.

Haver desejo de não-Haver, é a fórmula da Pulsão, é o desenho da última instância da catoptria, ou seja, é a última instância do pedido de simetria. Mas quebra-se a cara porque, na fórmula, está escrito: não-Haver, e ninguém é maluco de dizer que não-Haver há. Então, uma vez que esta máquina se monta, o não-Haver começa a funcionar para o Haver como sua Causa, o que é óbvio. A Causa não há, mas é causa, que está internalizada como exigência de catoptria. Precisamos sempre lembrar que quando a máquina se monta, não me refiro à exigência de simetria, e sim à Causa, o não-Haver, que é o lugar de um gozo absoluto que causa o meu movimento. E não podemos tampouco esquecer que o homem com'Um, em sua vida cotidiana, substituiu a Causa por outra, pois não costuma suportar topar diretamente com ela. Ou seja, as pessoas não costumam suportar com facilidade que sua Causa não haja. Então, substituem o não-Haver por algo que haja. É o que fazemos todo dia. Começamos a atribuir a causa dos nossos movimentos a isto, àquilo, etc., que são as decantações, as decadências, o clinâmen, a declinação da causa. Ela se sobrepõe aos objetos das formações do Haver que têm alguma vinculação conosco, que passam a ser nossas resistências para a percepção daquilo que até é adequado sintomaticamente, mas não é causa suficiente para a estrutura. O homem com'Um, portanto, está no reconhecimento de que sua Causa não há, mas, em seu cotidiano, decai, deixa de ser com'Um, passa a ser *alguém*. Ou pensa que é alguém.

Se, em última instância, reconhecermos que a coisa não encontra seu destino diretamente, podemos fazer a suposição de que em toda parte há um resquício doentio, há uma aplicação nosológica possível. Ou seja, a clínica é permanente, infinita e interminável. Então, já que não é possível suspender de fato o Recalque Originário, do ponto de vista mental podemos pensar sua suspensão. Aí vem a questão da relação do *poder* com a *liberdade*. O que se vai fazer é tentar conseguir poder suficiente para suspendê-lo de fato, pois, de

direito, ainda que seja ideativamente, suspendemos. Uma análise pode, pelo menos, fazer você ser uma pessoa afável para com as possibilidades suspensivas dos recalques. Outra coisa, é a competência, o *poder*, de suspendê-los no Secundário e no Primário. A tentativa da análise é produzir poder, mas não só isto, pois também incentiva a liberdade. Há pessoas que, por carência extrema de poderes, restam paralisadas mesmo no nível mental. Não têm a liberdade nem mesmo de fantasiar, pensar, sonhar, imaginar. Aí ficam parecendo animais mesmo. Assim, em primeiro movimento, a psicanálise tenta ampliar a liberdade, no sentido em que a coloco. Há possibilidade de se permitir pensar o que der na telha, e mesmo o que um outro possa apontar. Mas, em última instância, a psicanálise visa o *poder* o qual, no sentido em que coloco, é *poder de gozo*.

Se houvesse alguma independência, ela seria em relação às formações. É o que chamo de Indiferença. Não sei se as pessoas acreditam, mas isto é possível, pelo menos em nível *de direito*, no nível das ideias. E se alguém insistir veementemente pode tornar possível no nível das ações. Resta a saber o preço. Não podemos esquecer que, no fim, tudo é questão de custo. Qual é o custo, por exemplo, de se deslocar uma formação primária? É caríssimo. Muitas ainda são impraticáveis. Mas tantos deslocamentos primários já existem a preço módico por causa de séculos e séculos de investimento, de uso e de facilitação. Na minha infância, porque não havia penicilina, as crianças morriam de infecções que são as mais banais hoje em dia. Isto é uma força, um reviramento no Primário por via de prótese. Porque alguém pensou e não quis aceitar aquela situação. É uma rebeldia. Prometeu, aquele que traz o fogo do céu, não é uma vã fantasia da humanidade. Antes de mais nada, você se rebela contra o fato de algo se impor a você. Você não aceita um recalque. Parece paradoxal o fenômeno da cura, pois é preciso que se entenda que o Recalque Originário é inarredável, que não há saída dele, para que todos os outros recalques sejam discutíveis, relativizáveis e supostamente abolíveis.

Os analistas das gerações anteriores me deixam irritado porque querem colocar o recalque em regiões muito baixas, como nos comportamentos. Quando, do ponto de vista modal, e não do absoluto, vê-se que o preço a pagar é alto

demais ou inacessível, é inteligente que se ponha um desejo de lado, no momento, mas não que se o abandone. Abandonar, é covardia. Põe-se de lado um pedido apenas porque não há *verba* para satisfazê-lo. Só posso pôr de lado, sem abandonar, porque sou teimoso e faço referência ao Recalque Originário, o qual, justo porque me ajuda a pôr de lado, me lembra que minha plenitude é maior do que tais limitações.

Esta é a situação ambígua em que a humanidade tem que viver. É preciso colocar pedidos de lado porque seu preço é inacessível, mas não posso dizer que devam ser recalcados definitivamente porque o preço pode mudar. *Denuncio, pois, na psicanálise das gerações anteriores, um rebaixamento do nível de exigência.* Ela quer que o analisando abaixe o nível de sua exigência: “Você tem que se conformar que é um menininho, que é uma menininha...” Por causa do quê? Não se conforme jamais, apenas saiba que agora o custo é caro demais. Uma coisa é se mancar, outra é se conformar. Posso me mancar de que não tenho condições para pagar o preço, mas não vou me conformar, pois seria coisa de animal. Um homem é um homem, não é uma lagartixa.

* * *

• TERCEIRO REFERENCIAL: *os Cinco Impérios – AMÃE, OPAI, OFILHO, OESPÍRITO e AMÉM.*

Em função dos três regimes do recalque, podemos achar que os referenciais possíveis para aqueles que somos nós, historicamente submetidos a uma massa recalcante do tamanho da que temos sobre nós, são os *Cinco Impérios* que venho colocando ultimamente. Vamos, então, *dos três regimes aos Cinco Impérios*, com as passagens (e as ambigüidades) que há entre eles. Os Cinco Impérios são da maior importância como referencial de escuta, pois permitem não só podermos, já que os temos como um referencial teórico desenhado, sacar se a pessoa que escutamos está, no momento, demasiado aprisionada no primeiro, segundo ou terceiro Impérios, como também não esquecer que *nossa referência de escuta é o Quinto Império*. Se o analista, como sói acontecer,

está preso ali pelo Segundo ou Terceiro Impérios, o que é o mais freqüente, ele vai escutar assim, fazer a terapia da passagem até ali e não forçará mais do que isto a ninguém. Por isso, transferência e contra-transferência são a mesma coisa. A postura do analista em relação ao que o analisando diz pode ser de responder simpaticamente, empaticamente, se quiserem, mas como ele está se referindo à última instância, ao Quinto Império, o analisando sente que há um empuxo ali para além do que está dizendo. Ele sente que é inadimplente perante a exigência do analista. E só assim é que as coisas andam. Ou seja, o analista tem que ser um homem com'Um. Musil o chamaria de *homem sem qualidades*.

* * *

• QUARTA REFERÊNCIA: *os quatro sexos – Consistente, Inconsistente, Insistente e Desistente.*

Esta é uma referência que se tem deixado de lado, mas por influência da história da psicanálise, e também porque este lugarzinho é quente... *Tesão é resistência, sabiam?* Quando temos tesão ali, já notaram que fica quentinho. É assim porque há *resistência*. Então, por causa da história da psicanálise e da localização dos tesões, chamei de *Os Quatro Sexos do Haver*, que são uma referência importante na clínica.

Temos assim, até agora, a máquina de inscrição da ALEI, os três regimes do recalque, os Cinco Impérios e os quatro sexos como arrumação de um conjunto mínimo de referências que suportam a clínica. Então, porque há ALEI, que projeta o Revirão, e porque o não-Haver não há, constitui-se, de saída, um *sexo impossível*, que chamei de *Morte*, que não há. Aliás, a mania que os filósofos têm de falar em “ser para a morte” é porque não foram analisados. O desejo de se relacionar com a morte é apenas o tesão do sexo absoluto, que não há. O tal *ser para a morte* é extremamente prejudicial, pois Hegel ficou de tal maneira imbuído de que esta idéia é fundamentação do homem que constituiu a relação de dominação dentro do mundo, de senhor e escravo, em cima da relação que se tem com essa tal morte. Uma besteira. Jamais consegui engolir.

Hoje, repudio radicalmente. Ninguém vai se tornar mestre porque arrostou a morte. Alg'Hum se torna mestre é na porrada, porque *tem* poder. Marx é quem tem razão aí. Manda quem pode e obedece quem tem juízo. Aquela lengalenga da *Fenomenologia do Espírito* não convence.

O sexo que chamei de *Desistente* é assim porque não há como não desistir dele, não há como dele não ser desistente, pois é aquele justamente que indicia o que, desde Freud, chamo de *castração*. O quarto sexo não funcionar é a nossa limitação, nossa quebra de simetria. É um sexo que, na verdade, é o primeiro, que deveria funcionar para a felicidade geral de todos. E não funciona. O que fazer? Agora é tarde, já estamos aqui. Como era este que eu gostaria que funcionasse e não funciona, acho os outros banais, no entanto, interessantes. Ou seja, já que aquele não funciona, ficamos com o rebotalho sexual que são os outros sexos.

Há uma forma de instituição de gozos, seja em que nível for, portanto também naquele que a psicanálise costuma chamar de sexual, que é a *insistência* inarredável da própria ALEI. Mesmo o não-Haver não havendo, portanto, a morte não sendo possível de ser gozada, escrita, na própria ALEI está que há insistência indefectível de gozo. Chamei de *Terceiro Sexo*, pois só haviam falado em dois, mas é o *primeiríssimo*, se não o *único*. É o *sexo genérico*, que se lê: se existe tesão, ou seja, se a pulsão está aí, pode-se negá-la – são as suspensões do recalque –, mas não inteiramente, pois ela sobra. É o que Freud descobriu como possibilidade de cura: o que resta dos processos recalcantes, o retorno do recalcado, é que pode ser compreendido como processo de desvelamento. A *insistência no tesão é a promessa de cura*. Então, se existe tesão – que Lacan gostava de chamar de função fálica –, se existe movimentação pulsional, pode-se até negá-la, mas não inteiramente. Há todo tipo de recalque ajudando a negar, mas não é possível negá-la inteiramente, pois o primeiro sexo não há. É uma decorrência: se o primeiro houvesse poderíamos negar inteiramente. Como não há, sempre temos possibilidade de cura, até para o pobrezinho do Deus. Coitadinho! Até Ele pode fazer análise.

- P – *Como relacionar isto que você está dizendo com a Vontade de Potência, de Nietzsche?*

O que Nietzsche chama de vontade de potência é o que chamo de *liberdade*. Relativa a desejo. O que ele chama de força, chamo de *poder*. Quando ele diz vontade de poder, está falando de vontade de foder. É só lembrar disto que entendemos a diferença. No nosso sentido, o poder é conseguir foder. O que é diferente de ter só a vontade. Ou seja, ele chama de força o exercício de um poder.

A insistência, portanto, está na ALEI. Não há como escapar da *konstante Kraft*, como dizia Freud. Se ela há, podem lhe fazer quinhentas barragens que sempre sobrar um resto. Isto é o fundamento da cura. Nem ousaríamos tentar iniciar um processo que supomos que levaria à cura se não supuséssemos que, por pior que o cliente esteja, em depressão extrema por exemplo, não haja em algum lugar esta insistência para puxarmos por ela. Por pior que o esteja, sempre supomos, e quanto pior ele esteja mais supomos que ele acredita no têsão de morte. Aí, é mais evidente que há saída. Custa é pegar por onde, pois as resistências são enormes.

• P – *É possível supor alguma falha no Recalque Originário em relação a indivíduos que vivem lançando mão do recurso de fantasias suicidas ou de querer morrer?*

Não acredito que haja falha na constituição. Se não, cairemos na tal foracclusão, que não engulo. Não há falha alguma. Se houver, então trata-se de um animal. Como estou falando de gente, estou falando de quem porta Revirão. Acredito que mesmo um mongolóide possa tê-lo. Em outros lugares, talvez, é que está errado. Mas é gente. Se o Cérebro é defeituoso de tal modo que o Revirão não tem funcionamento aí, trata-se então de um bicho. Se é filho de gente, paciência!, pois alguém teve um filho animal. Lembra quando, em 1991, eu comentava sobre o melancólico e disse que ele fica prostrado de frente para e na insistência de pedir o não-Haver? Ou seja, resta num pseudo cumprimento exacerbado d'ALEI, sem querer quebrar a cara e retornar. Entretanto, ele tem uma permanente nostalgia do que está lá atrás. Se não, ele se matava logo e não ficava enchendo a paciência dizendo que queria morrer. Há, pois, um truque de relação interpessoal no melancólico. Melancólico vivo não dá. Não venha

me dizer que quer morrer. Uma vez, em sessão, quando um me disse que queria morrer, respondi: Então tá, esta é a última sessão. Suando frio, fiz isto. Quem estava morrendo de medo era eu. Mas parou nesse papo, nunca mais. Ele voltou reconhecendo que era uma burrice estar me dizendo um troço daqueles. Aliás, quando o vi de novo me contive para não dizer: Ué, você aqui? Mas, atenção, é um risco enorme.

• P – *Por que discutir isto, se cosmologicamente a morte não há, e sim o perecimento dos indivíduos.*

Tenho sempre condições de fazer a conjectura de que não estarei presente, mas é mera conjectura, pois não tenho nem nunca terei a experiência de nenhuma morte. O próprio suicida – aquele que não está de frescura dizendo que quer morrer, mas que se mata mesmo – apostou efetivamente na conjectura da sua ausência aos fenômenos. Mas só apostou, pois não terá esta prova. Jamais ganhará a aposta. Os outros podem supor que ganhou, mas não terão como provar, pois *ele*, não está lá. Nada tenho contra o suicida. A situação pode ficar tão difícil, custar tão caro, que não se quer pagar nem a primeira prestação. Mas não pago nem morta, é o caso de dizer. É, aliás, um direito que um homem tem. Mas não é negócio de se ficar dizendo que se quer morrer. Isto é coisa de neurótico. Nada tenho contra a eutanásia ou coisa do gênero, mas é preciso saber que não se vai ganhar nenhuma aposta. O melancólico é aquele que quer que alguém pague por ele. Este é seu truque.

* * *

• QUINTO REFERENCIAL: *Neurose, Psicose e Morfose.*

É o que chamei de Patologia e depois designei como Nosologia. Na época em que fiz a diferença entre uma e outra considerei que todos existimos dentro do *pathos* e que outra coisa é cair numa região de aprisionamento deste *pathos* em armadilhas das quais pode se desvencilhar. Ou seja, você pode se manter na patologia sem cair na nosologia. Frequentemente dizemos que fulano é um pato-lógico quando, na verdade, ele é patológico como todo mundo. Não

estou dizendo que não haja neurose em termos absolutos, e sim que, em termos regionais, houve condições e poderes de limpar a neura. Mas isto tem seu *pathos*, continua-se pato-lógico. Entretanto, há regiões em que a neurose não vai embora jamais por absoluta impossibilidade de se atingir certas regiões. Vocês se lembram de que, sobretudo no Seminário de 92, *Pedagogia Freudiana*, arrumei e defini, para meu gasto, *neurose*, *morfose* e *psicose*. Em relação às duas primeiras, falei em fixação no Secundário, a qual é recalcante. E impliquei decisivamente, no caso da psicose, com a tal *forclusão*, com o tal defeito significativo que haveria não sei onde. Não acredito nisto. Apostei na possibilidade de um *hiper-recalque*, de uma retroação, uma *hipóstase*, uma reificação: tratar o que é do Secundário definitivamente como se fosse do Primário. E aquilo restando como uma pedra, como sendo do primário. Ou seja, o Secundário se primariza, cria-se um arrebite entre o Secundário e o Primário. Isto é algo que, um dia, o pessoal vai descobrir em termos de fisiologia, dentro da maquininha biológica. Vocês vão ver. Estamos na década do cérebro. Isto promete.

* * *

- SEXTO REFERENCIAL: *a vetorização, a colocação dos três eixos – tópico, intensivo e liminar – como uma espécie de desenho.*

Lembram-se daquelas brincadeiras de criança onde há uma porção de pontinhos que, ligados uns aos outros, fazem aparecer uma figura? Em nosso caso, não vai aparecer figura alguma, mas temos uma maçaroca de pontos, dos quais uns estão em determinados lugares, outros noutros, e temos uma forma que, se você quiser usar este referente, mais ou menos designa o estado atual daquele que você está escutando, ou mesmo o seu. Em que posição tópica colocaríamos isto? No nível das intensidades, que grau lhe daríamos? E no nível do liminar, que é justamente a passagem da vetorização, onde situaríamos isto? Os eixos permitiriam, então, *uma geometria projetiva do estado da situação de alguém*. Dá mesmo para se colocar em computador. Mas não é preciso

acreditar, como a maioria que lida com aquela maquininha infernal começa a fazer, que o computador está lúcido. Ele apenas está nos desenhando a nossa suposição do estado de um caso. Já pensei mesmo em ter, em computador, registros de meus clientes. De repente, conseguiria acompanhar e comparar seus passos segundo os três eixos e de maneira abstrata, em geometria projetiva, numa épura.

Estão aí, portanto, os referenciais mínimos da clínica. Vamos agora às perguntas de vocês.

* * *

- P – *Como se encaixa nisso tudo a neutralidade do analista diante da demanda do analisando?*

Neutralidade segundo quem? Vamos parar com a bobagem de pensar que o que Freud chama de neutralidade é neutro. O que ele chama de neutralidade é a neutralidade que Freud chama. Ninguém é inocente e não existe teoria definitiva. Analista neutro, segundo quem? Ele tem que ter um ferramental. Quando coloco o ferramental que coloco, você será neutro segundo ele. Logo, você já pediu ao analisando que aceite *uma neutralidade que tem desenho*. Se você fosse um neutro absoluto você nem falava com o analisando, não dava nem bom-dia. Você vai ao consultório para quê, se o analista é neutro? Mas monto consultório, decoro, sento e penso que sou neutro: nunca. Se a neutralidade está desenhada assim, então, o dito “desejo do analista” está desenhado segundo aquela demanda de neutralidade. Desejo do analista, se este fosse um homem com’Um o tempo todo, era não-Haver, portanto não teria nada a tratar com ninguém.

- P – *A demanda é do analista ou é da análise?*

Onde quer que você abra a boca, é do analista que acredita naquela bobagem. É ali que está, e ali quem está efetivamente demandando é ele. A psicanálise enquanto tal não abre a boca para falar. Há uns caras que falam em nome dela. Não posso me esquecer de que tenho a intenção de produzir um

campo de neutralidade, mas preciso manter em suspeição o meu desenho desse campo. Como sabem, desenho uma indiferenciação e pretendo que a neutralidade seja uma indiferenciação radical. Daí vem a primeira pergunta: conseguirei eu uma indiferenciação, mesmo aquela que estou designando? Segunda: aquela que estou designando não está subdita à minha designação? Não poderá vir alguém em seguida, depurar mais e mostrar que a minha ainda é muito conteudizada? Não estou livre disto, graças a Deus! Muito pelo contrário, tomara que isto seja superado! Quanto mais depressa melhor.

Estou me referindo ao analista enquanto tal. Na sua pureza, ele ainda é demandante. Se Lacan diz, e qualquer um pode dizer, que há um desejo no analista, ferrou-se. Se há desejo, qualquer um, Haver desejo de não-Haver, desejo do analista, etc., danou-se, porque tem algum desenho. O melhor que consegui fazer foi apontar a Indiferenciação, mas, como sabem, detesto fanáticos. O fanático é antes de tudo um burro. O fanatismo é contra os investimentos. Investir numa ferramenta, aprimorá-la, aplicar certa fidelidade a seu uso, isto as pessoas fazem pouco. E temos que tomar cuidado, pois a tendência é nem mesmo investir, mas ficar fanático. Você raramente encontra um lacaniano hoje em dia que não seja um fanaticozinho. É doloroso. Não foi assim antigamente. Ao invés de investirem numa *mera* ferramenta, preferem investir numa benta *ferradura*.

26/MAI

7

OS IMPÉRIOS AINDA

Gostaria que retomássemos eventuais questões sobre os *seis referentes* que lhes apresentei da vez anterior. Na verdade, são *seis lembretes*, além de referentes, pois há certa decorrência de um a outro. Ou seja, não me parece necessariamente uma divisão teórica, mas sim uma divisão didática e de referencial clínico.

- Pergunta – *Você pode falar mais sobre OESPÍRITO?*

Apenas o designei com o nome que se costuma designar. Fui pelos hábitos, pelo menos ocidentais, da religião dominante. E os filósofos não ficaram muito atrás, certamente influenciados pelos aparelhos religiosos do judaísmo e do cristianismo. Retomando o que apresentei, vimos que o *Primeiro Império*, *AMÃE*, toma como referência as decorrências e emanações do Primário. É como se fosse um primeiro grau de mimese, mesmo no sentido grego do termo. Ou seja, tenta-se copiar o que é oferecido diretamente pelo autossoma e pelo etossoma, mesmo dos animais. É uma imitação, do autossomático e do etossomático, como especular. Como imitação não no sentido metafórico, mas no de repetir o que é oferecido diretamente da dita Natureza. No *Segundo Império*, *OPAI*, é atribuído um valor simbólico a esta passagem. Aí já é um *primeiro grau de metaforização*. Pode-se chamar de metáfora mesmo. Surge a idéia como responsável pela implantação daquele filho, por isso eu disse que era o pai do filho da mãe. O negócio é simbolizado, mas ainda está

chafurdando nos processos primários. É como se fosse a passagem do Primário para o Secundário: o momento de constituição simbolizada dessa passagem.

O *Terceiro Império*, *OFILHO*, é o *design* do cristianismo. Isto porque o tal Cristo se diz filho do pai, enquanto o que havia anteriormente era o filho do pai do filho da mãe. A região d'OFILHO tenta instaurar a relação direta com o simbólico, isto é, relação direta do Filho com o Pai, eliminando Mãe, família, etc., mas com a referência simbólica da paternidade pura que acho que é cristã e que continua intacta na obra de Lacan. Isto na medida em que o Édipo freudiano, com a sustentação que faz do pai, me parece nitidamente do Segundo Império. Lacan tem a audácia (vejam o Nome do Pai) – que não aparece muito bem em sua obra, como pode não aparecer no cristianismo, pois foi criado por São Paulo, e não por Jesus Cristo – de estabelecer uma relação puramente simbólica na paternidade, que abole a reprodução, a relação materna, a relação fraterna, etc. Mesmo na relação fraterna, aí, todos são irmãos enquanto filhos do Pai, enquanto vinculados à idéia do simbólico paterno, do Pai de todos, independentemente de raça, de religião, de posição social. É isto que colocou o tal Jesus Cristinho. Cada atuação ou cada ato seu, dentro do Novo Testamento, é neste sentido. Que eu saiba, no Novo Testamento, não se apresenta nenhuma definição da espécie da qual ele faz parte senão a de serem todos filhos do Pai que está no céu. Ou seja, trata-se daquilo que Lacan chama de falantes e coloca o tal Nome do Pai assegurando-os todos. Mas Jesus nem diz que é porque são falantes, e sim porque todos são filhos do Pai que está lá longe, no céu.

Aí vem o *Quarto Império*, *OESPÍRITO*, sobre o qual foi feita a pergunta no início. Encontro-o mais ou menos registrado também no Novo Testamento, inclusive em relações com o Apocalipse de São João. Vamos tirar São Paulo, arrancar as últimas páginas da Bíblia, pois ele é um perigo. OESPÍRITO está mais ou menos indicado no episódio de Pentecostes em que os apóstolos se reúnem após a morte do Cristo e são tomados por línguas de fogo. Isto é muito bem bolado e ambíguo no Novo Testamento: eles se tornam políglotas, a língua é situada como órgão, simbolizada no fogo como presença de

um espírito puro e como língua falada. Ou seja, é pura e simplesmente *um processo de articulação sem hegemonia*.

Indiquei para vocês o livro de Henri-Charles Puech, *En Quête de la Gnose*, dois volumes. O primeiro, sobre “a gnose e o tempo”, é uma série de artigos de várias épocas. No segundo, o autor apresenta um evangelho apócrifo inteirinho, do tal São Tomé, que é muito utilizado fora do cristianismo oficial. É importante tomarmos conhecimento do que há de interessante nesta abordagem das heresias de modo geral e da gnose em particular. Isto porque o *maniqueísmo* é um tipo de heresia interessantíssimo, ligeiramente freudiano do ponto de vista da insistência na dualidade. É uma heresia que foi expulsa pela Igreja por excessiva insistência na binariedade, que Freud retoma. Acho as heresias deliciosas. Há os cátaros que, com sua orgia sexual, são uns pré-freudianos na prática: o que Freud lê na sexualidade, eles aplicam na religião. Eles também foram expulsos se não massacrados.

O que sobretudo me interessa nas heresias é que nelas há um denominador comum: tentam, de maneiras as mais esquisitas, romper a hegemonia da indicação paterna, tanto no sentido do cristianismo quanto no sentido mesmo do Nome do Pai, de Lacan. Isto porque *se remetem à pura e simples articulação*. Eles têm as maiores transcendências propostas e supostas, chegam a dizer que o Deus de que os cristãos ortodoxos falam é um Deus fajuto, não é verdadeiro, pois excessivamente comprometido com a demiurgia, com a produção do mundo. É um Deus inferior, pois o Deus superior não se mete com essas coisas, é de uma neutralidade, uma total indiferença entre o bem e o mal. Este é um deslocamento radical, pois o Papai-do-Céu herdado de Jeová, mesmo sendo cristão, é sintomaticamente posto. E este é o caso também do Papai-do-Céu lacaniano, o hoje famigerado Nome do Pai, que não consegue sobreviver sem certa pregnância de um significante que seja uma espécie de marca. S_1 , por exemplo. Tomemos por um lado pior. Mesmo que se queira dizer que S_1 é herdeiro direto do Nome do Pai, este, como significante que, no campo do Outro, é significante deste Outro enquanto lugar da Lei... É uma complicação esta frase. Ou seja, é significante de que a Lei, inscrita no campo

do Outro, da fala, do simbólico, é o Nome do Pai. Este enunciado, como significante, é o que Lacan chama de Nome do Pai. Significante, uma ova, pois que a Lei que aí se instaura é uma lei dizível no campo do Outro. Já é decadência, decantação. A denúncia que os gnósticos fazem de que o Deus ortodoxo é inferior, pois se houvesse um superior não estaria comprometido com estas inscrições, é, portanto, a mesma que faço em relação ao Nome do Pai como nome inferior. A Lei a que se refere é a lei instaurável no campo do Outro, então, como disse Lacan, é perversão pura, já é demarcação perversa, já é uma versão instauradora do Nome do Pai (*père-version*). Acho que é isto que os gnósticos liam como coisa esquisita no campo da ortodoxia.

Por que Deus tem que ser perverso? Jesus Cristo também já tinha se invocado com isto, mas manteve o tal Nome do Pai lá no lugarzinho para instaurar a Lei ali na conversa. A questão de Jesus Cristo com Jeová é: Esse cara é perverso, não presta! Não está escrito assim no Novo Testamento, mas o raciocínio só pode ter sido como este: Como vou continuar a me submeter a uma instância paterna que tem filhos privilegiados? Então, os outros não são da espécie? Isto porque se tratava de um povo eleito, um povo que está criando caso até hoje por causa desta dica. Acho que a questão teórica, teológica, do Jesus Cristinho era esta: por causa do quê o outro, o gentio, não é meu irmão se ele é igualzinho, só que vota em outro partido? Por isso, Jesus é radicalmente subversivo no seio do judaísmo, do povo judeu, pois continua insistindo numa legiferação que faz de todos irmãos por uma via de instauração de Lei entre sujeitos. Tal como é a instauração de Lei em Lacan. E qualquer instauração de Lei entre os sujeitos é necessariamente enunciado. Em o sendo, é perversão.

Basta dizer, como diz Lacan no final da vida, que “o Nome do Pai é o significante que, no campo do Outro, é significante do Outro enquanto lugar da Lei”, para vermos que não é significante coisa nenhuma. É um significante que, no campo do Outro, é o *significado* deste Outro enquanto lugar da Lei. Lugar este que, como vimos semestre passado, Bernard Baas vai criticar como kantiano, e que há um imperativo. O mesmo Lacan, que critica Kant junto com Sade quanto ao imperativo, não está instaurando aí o imperativo de uma lei

enunciável que passa a ser o significado de que a Lei, no campo do Outro, talvez funcione indefectivelmente? Mas em textos como o *Seminário XX*, *L'Étourdit*, etc., Lacan fala de um amor para além da Lei, pois a instauração de um amor dentro da lei não está livre de ser perversa. Ou seja, quando saca que isto fecha o campo, fala de um amor que justamente desliza o Nome do Pai (que é a instauração feita no regime do social, na relação do sujeito com o grande Outro, e com as produções culturais, entre as quais o sintoma da língua).

* * *

Aí chega o momento de dizer *AMÉM*, *Quinto Império*.

Em nome da Mãe, do Pai, do Filho, do Espírito, *Amém*. Eles esqueceram da mãe, tiraram para não parecer barbarismo. Os bárbaros são referidos à Mãe. Mas se tomamos em nome da Mãe, do Pai, do Filho, do Espírito dito Santo e vamos dizer Amém, não podemos fazer senão reinstaurar uma perversão absoluta. Não há saída, ou escape da versão paterna como *père-version*, como perversão dizível, ou vou ter que segurar a barra com um troço qualquer que seja absolutamente neutro, mas que vai se instalar como absoluta perversão. Neste caso, é dizer que a ordem é catóptrica, que há desejo que é de não-Haver. Aí é, talvez, o conflito do budismo com o cristianismo: quem é mais perverso? Acho que o cristianismo, pois o budismo é hiperverso, uma perversão que se destrói, se aniquila a si mesma. Então, quando consigo desenhar esta catoptria e digo que ALEI independe do nosso dizer, que nosso dizer pode mapeá-la, mas que ela independe disto, estou dizendo que ela é absoluta aí no Haver. Isto porque parti do pressuposto de que a leitura que se fez – tanto em Freud com a Pulsão de Morte, quanto nos desvios de percalços e erros da física termodinâmica com a lei da entropia – é de que é uma evidência que (eu não morro, mas) os outros morrem, que tudo tende para uma (impossível) anulação absoluta. E, em função dos achados da física e da ciência contemporâneas, isto se reitera. Coloco, portanto, a função catóptrica e digo que há uma ALEI escrita aí, que é Haver desejo de não-Haver. É, aliás, importante saber

que quem entende efetivamente o pensamento búdico sabe que não é uma pregação, que não está querendo convencer ninguém, que não é, como se diz em termos cristãos, evangelização. Não há evangelho búdico. Há, sim, o reconhecimento de que isto está aí porque o desejo é desejo de não desejar. Isto é dado. É muito diferente de se ter uma idéia assentada numa versão paterna, ainda que muito abstrata, e fazer um evangelho para convencer todo mundo. Ou seja, se parto do pressuposto de que isto está aí e que apenas as pessoas não acordam para ele, posso fazer a ascese, o exercício do despertar para ver se se saca. Isto é hiperplatônico: o saber já está aí instaurado, está na cara e é por resistência que ninguém o vê.

Estou dizendo que isso é hiperverso porque ALEI está inscrita no Haver. Não é decorrência de ter acontecido a linguagem, o significante e, por causa disto, fazer um furo no imaginário e aí, então, aparecer o simbólico. Simbólico é dado: o Haver é simbólico. A coalescência do simbólico se imaginariza, mas uma árvore, por exemplo, é uma língua como o francês. Não é o inconsciente que é estruturado como uma linguagem, tudo é estruturado assim, não há o que não o seja. Isto vai ter decorrências esquisitíssimas, não sei onde vai bater direito. Vocês já imaginaram o que pode ser, a partir daí, a concepção de ciência? Até hoje hesito em começar a trabalhar isto em cima do que chamo de *Gnômica*. Ou seja, a concepção de ciência como radicalmente diferente do que temos, como *mapeamento* possível *entre formações* do Haver, como procura de uma formação que melhor se encaixe com outra. O buraco criado desde Descartes até Lacan coloca um real indizível, impossível, intangível, que atravessa todos os discursos de tal maneira que a ciência se torna, ela também, impotente, como o discurso da histórica. Mas mesmo supondo-se que o mapeamento absoluto seja impossível, a impossibilidade modal não deve ser confundida com a impossibilidade absoluta. (Em Lacan, não há esta diferença).

Quero supor que há saberes enquanto tais, enquanto mapas suficientemente corretos, isto é, verdadeiros ou pelo menos verídicos, do que mapearam. Não estou falando de real nenhum, e sim que uma *formação* mapeou

outra formação. Faltou um pedaço, mas esta formação está lá. É um encaixe, é como aqueles brinquedinhos de criança em que pegam um triângulo, por exemplo, e ficam procurando um buraco igual para enfiar. O mapeamento pode ser complexo demais, mas acho que *conhecimento* é conseguir destacar uma formação que encontra satisfatório paralelismo. Não me venham dizer que não se conseguiu mapear inteiramente a folha ou a árvore, pois não estou falando disto e sim que há aquele buraco lá e que a peça encaixou. Há mais, mas aquela que encaixou também há. Então a ciência, como a análise, é infinita, mas, em qualquer de seus momentos, está oferecendo um mapeamento satisfatoriamente plausível.

Por que digo que não há castração? Porque, dentro do regime do simbólico, existe ALEI instauradora, a qual faz um furo. Portanto, nada tenho a ver com castração, a qual é simplesmente dada, como *quebra de simetria*, pelo Haver. Não é preciso pôr o real aí, pois este para mim é apenas aquele ponto de catoptria. Tudo isso que chamam de real é pura realidade, são efeitos, formações do Haver. Como são duras para mim aqui e agora, chamo de reais. São duras agora, mas amanhã podem não ser. Imputo ao próprio Haver a tendência a totalizar, sempre podendo postular um avesso. Isto não importa em que tempo. Sobretudo nossa cabeça, que postula aqui e agora o avesso, pois postula em nível de inscrições, e não de transformação das formações materiais. Deste movimento da própria ALEI é que nasce necessariamente o embaraço de que seu pedido de última instância lhe é negado pelo fato de que não-Haver não há.

Então, podem dizer que o que estou trazendo é hiperverso, pois instalei ALEI dentro do que chamam de real. Mas não é isto o que os físicos procuram? É claro que há malucos da vida que dizem que há o “sujeito” do físico embutido aí. Mas o que procuram é a Lei que há lá. Então, digo que, em última instância, a Lei que há lá é a mesma que há aqui, não é preciso colocar um sujeito separado do objeto, pois estão no mesmo lugar. Não é preciso pensar que há uma Lei subjetiva aqui e um real inabordável lá.

- P – *Já que você postula a hiperdeterminação, não se trataria, na verdade, de uma hiperperversão?*

Se você chamar hiperperversão é porque é hiperdeterminado. E no que sou hiperperverso, não tenho medo de sê-lo, ou de selo. Então, digo que é tão perverso que abole a perversão. Ela se abole ali. Isto é que seria a tal referência ao AMÉM. Ou seja, se é para ser perverso, então vamos lá, que *assim seja*. Mas se a referência é excessivamente perversa, hiperperversa, ela se abole. Digamos melhor: *hiper-verso*. Imaginem um perverso tão perverso, mas tão perverso que vira santo. É o sonho de Georges Bataille. Como se abole, não há perversão alguma. Aliás, o conceito de perversão não serve, pois todas as decadências chamadas de perversões pelos acontecimentos, as formações do Haver, as opções, são em função de outra coisa.

• P – *Trata-se, então, na Clínica Geral, de apontarmos para a referência absoluta?*

Não apontamos, nós *nos referimos* a ela. Não adianta, como qualquer Buda sabe, tentar convencer alguém sobre isto. Se tenho esta referência, nada do que me trazer me serve. Outrem que corra atrás.

• P – *E como se poderia organizar uma sociedade onde todos façam esta referência?*

Este é o grande problema. Como conseguirei não ser escravo de Habermas, de Apel, daquela alemãozada sociológica? É um problema para tratarmos depois. Temos que saber que qualquer brasileiro, querendo segurar as pontas, fica na fantasia do social, da comunicação e dos valores éticos. Fico boquiaberto diante disto. É claro que os pressupostos destes pensadores não são burros, mas os considero indefensáveis. Aliás, gostaria que as pessoas dessem uma lida no que pensa Habermas, Apel, etc., pois é importante ter um mínimo de resposta para essa turma. No fundo da cabeça de qualquer brasileiro supostamente eficaz, eficiente, há esta sociologia de base, ou de ibase, ainda que não seja desses autores. Mas meu medo não é que errem, e sim que acertem, pois se conseguem encontrar o *design* da perversidade social com cara de santidade, arrumam-se situações, vai-se à demonstrabilidade, a prática funciona e a sociedade fica temporariamente tão interessante... Aí danou-se. Vai-se discutir mais como, se criam certo “bem-estar”? Aí, estragou-se tudo,

estragou-se a brincadeira por décadas, ninguém pensa mais. Isto porque os pressupostos deles não são ruins nem ingênuos. Há compatibilidade entre a maneira de raciocinar contemporânea em outras áreas e o modo de eles pensarem.

Qual é o pressuposto deles? É de que quando se postula um conhecimento científico, quando se apresenta qualquer conhecimento, ou seja, quando se transa qualquer transação, inclusive conhecimento, estamos necessariamente partindo de valores comunicacionais e de uma ética dada. Estão errados? Não. A jogada deles é: você jamais abre o bico sem uma referência ética. Estão mentindo? Não. Isto porque jamais se consegue produzir enunciados fora do regime do sintoma. E ética como comportamento sintoma é. Logo, estão certos. Mas só porque estão no pragmático do cotidiano, do que chamo de neo-etologia da cultura. Por isto é que parecem pragmaticamente corretos. O que não sabem, ou não assumem, ou não querem assumir, pois alguma informação devem ter, é que isto que estão chamando de fundamento ético para se começar a abrir a boca, é *fundamento sintomático* e que toda e qualquer transa que se faça neste nível não é ética, e sim *política*. Isto porque não existe uma ética capaz de se sustentar apoditicamente nem do ponto de vista hiper-abstrato. Eles partem do pressuposto de que você não abre a boca sem falar no seu limite, no seu *design* ético. E este *design* é o que apresentam como sendo o fundamento ético de qualquer começo de conversa. Não é este o fundamento ético de Lacan para a psicanálise. Para ele, é *Wo Es war*. Não deixa de haver um imperativo em Lacan: *soll Ich werden*: devo. Há um *dever*, pois o troço empuxa no sentido de você retornar àquele lugar que fundamenta a sua postura subjetiva de não abrir mão do tal do seu desejo ou do que, em segunda instância, Lacan chamava de bem-dizer. Eu, não estou aí.

Aqueles autores dizem que, se abriu a boca, basta espremer uma pessoa até o fim que ela mostrará as pegadas éticas que está utilizando. É verdade. No nível da decadência, cá embaixo, não se abre a boca sem isto, mas isto, repito, é *razão sintomática*. E, continuam eles: se tentarmos conveniar, vamos, por meio de processos comunicacionais, acordar entre nós. Mas *isto é política*,

e não ética. Então, se tomarmos o *ethos* deles, cujo modo de funcionamento é igual ao *ethos* animal, e transportamos para o social, para a cultura, teremos o que chamo de *neo-etológico*. Como são brilhantes, sabem disso, então falam de uma postura transcendental para esta ética. Ou seja, é esta ética mesmo, mas ela não é plena, não é terminada, há uma abertura para não sei onde, que seria a ultrapassagem do sintoma. Então, temos a situação de que parto do pressuposto de que o fundamento ético é contraditório na pressão sintomática de cada um e, depois, digo que, no fundo, o grande barato do ético não é o sintoma. Então tá, vão convencer quem? Ou seja, o que dizem é que, em vez de me referenciar ao aberto, me referencio à “razão comunicacional”, mas só que há um aberto. Não há não, *é* o aberto. Agora, quero ver segurarem o comunicacional. Todos estão carecas de saber que se resolvermos aqui entre nós qualquer coisa, isto será consensual, provisório, momentâneo, em cima da razão sintomática do momento. É isto mesmo, não estou dizendo diferente deles. Mas digo mais, que a referência não é esta e que não há ética alguma aí. Esta é uma razão política. Há que ter cuidado e suspeição permanente quanto a ela. Ou seja, é um acordo e, justo por isto, não serve.

Retornando à questão colocada, como se poderia fundar uma sociedade que levasse isto que acabo de dizer em conta? Vamos esquecer, pois isto não vai acontecer. É o que ficamos procurando quando tratamos da instituição psicanalítica. E se aí verificamos que é um bando de doentes, imaginem em relação a uma sociedade um pouquinho maior. Lacan dizia que se pudéssemos demonstrar a eficácia *de um discurso que não seria semblante*, faríamos uma instituição analítica. Mas não se consegue isto. Estou dizendo que tenho uma ferramenta crítica excelente, mas nem por isso vou acreditar que construirei tal sociedade. Disto já desisti. Faz vinte anos que bato em ponta de faca e não consigo. Então, trata-se de pensar, de ter posturas capazes de serem curativas e ter uma ferramenta de intervenção curativa *permanente*. Mas é de se supor impossível essa sociedade? Não. O que não temos é metodologia de cura suficiente.

Por que uma instituição analítica não dá certo? Como já disse, não posso pegar as pessoas, trancá-las no banheiro e deixar a pão e água. Se

pudesse, talvez desse certo (isto é maneira de falar). A instituição psicanalítica nasce dentro de uma ordem perversa onde as pessoas têm escapes. Um mosteiro medieval, por exemplo, não tinha. No início, na pós-tebaida, havia uma disciplina de um rigor tal que o monge não tinha escapatória se ficasse lá. A psicanálise, apesar do que se fala quanto ao poder do analista, não tem poder nenhum. Um pouquinho de aperto que se dê na análise, o analisando escapa pela tangente. Isto porque não há aquela *vocação* que relatam em relação aos mosteiros zen, por exemplo, onde um discípulo cortava o braço para o mestre aceitá-lo. Alguém em análise está disposto a cortar o braço por você? Nem um fiozinho de cabelo. Isto faz muita diferença. Era mesmo preciso uma mini-sociedade exemplar para a podermos mostrar aos outros. A instituição psicanalítica, desde Freud, tem apenas cem aninhos e não tem um exemplo que preste. A Escola de Lacan é aquela coisa, aquelas guerrinhas, aquele horror... Colégio Freudiano é um nojo... Isto sem falar em outros, dos quais não temos nem que falar, de tão ruins que são.

Mas era preciso poder construir uma pequena sociedade onde cada um pudesse manter certas questões em suspenso sem outro gritar: é mentira!, por exemplo. Talvez seja possível construir tal sociedade, mas não com porcos. É um exercício possível, uma ascese. Aí, teríamos uma sociedade de pessoas capazes de ter a experiência de análise cuja referência fosse a instância que estou chamando de AMÉM e onde se saberia perfeitamente que, na hora das arrumações, o que está em questão são os sintomas. Haveria (para não falar em diálogo, o qual talvez não exista) uma discussão permanente. Se as pessoas são bem analisadas e têm a última instância como referência, estarão sempre interessadas no funcionamento. Nesta hora elas não são analistas, nem simples mestres, mas hiper-mestres porque *querem* que a máquina funcione. A vontade do mestre, segundo Lacan, é de que algo funcione segundo o seu sintoma enquanto agente. Mas estou falando do *hiper-mestre*, daquele que apenas quer que funcione. Aí, serão as formações e seu desempenho que decidirão o sintoma em que alguém se cole, e não o contrário. É o sonho de um Piaget que, mesmo não tendo dito deste modo e seus encaminhamentos sendo meio esquisitos, queria que as pessoas chegassem a um pensamento lógico e construtivo.

- P – *Mas aí as formações do Haver não passam a ser legiferantes?*

O Haver não legifera. Em sua última instância, ele é ALEI. Funciona conforme ALEI. O que se torna legiferante é que, na decadência, as formações vão aparecendo e, aí sim, pode-se dizer que são legiferantes enquanto *design* de cada formação.

- P – *Com isto, você não está querendo eliminar o simbólico?*

Não estou querendo eliminar a instância simbólica, mas sim estou dizendo que não há nenhuma formação que funcione assim e que ela tem seus limites, mesmo que com um *design* que desconheço. Elas são decadências de uma formação maior, que é o Um, mas que se fractaliza por dentro. Portanto, é infinito. O que estou querendo eliminar é que haja diferença entre o tal simbólico e as formações do Haver. Lacan força uma heterogeneidade entre real, simbólico e imaginário, que na verdade não há.

- P – *Como, então, entender o que possa ser um pedido de análise?*

Alguém pediu análise antes de Freud colocá-la à disposição? Então, é um sintoma nascido com Freud este de oferecer às pessoas a possibilidade de acreditarem que há um troço dentro delas que, tratadas pelo analista, vai levá-las a algum lugar. Isto é sintomático. Mas, antes de Freud, no meu sentido, sempre se pediu análise. Ou seja, um cara passa por experiências de horror que lhe indicam que existe uma região que não aborda e ele acha que há alguém que está perto daquilo, que é o que Lacan quis chamar de sujeito-suposto-saber. Vimos o *Pequeno Buda*, de Bertolucci, que – sendo ou não verdade o modo como foi desenhado, pouco importa – achava que o mundo era redondo, perfeito e absoluto até que um dia sai e vê que lá fora há miséria. Pronto, passou por uma experiência da qual tem que dar conta. O que faz ele? Vai procurar um suposto saber que naquele tempo se chamava Iogue e morava no mato. Eles não falavam com o cara, não faziam sessão. Ele é quem os imitava, pois ouvira falar que o exercício, a ascese, daquela prática era fazer assim. Isto era a análise lá dele.

Freud instaurou um sintoma novo chamado prática analítica. Vocês querem coisa mais evidentemente sintomática do que esta? Está no cinema, nos romances, em todo lugar: um gaiato sentado ao lado do divã. É a maior

dificuldade destruir o divã como móvel. Não é nem como idéia. Apenas destruir a peça. Em meu consultório, tenho um sofá, pois não é que há gente que me questiona: o Sr. não tem divã? Por que tem que ser divã? É sintomático mesmo. Em sendo brasileiro, por que não o diálogo entre o banquinho e a rede? Só porque o panaca que inventou o troço morava em Viena e naquela época se usava divã? Mas, depois, nem lá se usa mais divã. Quem aqui tem divã em casa? Ninguém usa mais esta peça. Era assim lá no tempo de Freud. Isto é sintoma, faz parte da cultura. Alguém que entre no seu consultório para pedir análise e estranhe a ausência de um divã, esta doença já é suficiente para ser tratada durante dez anos. Se ele ficar bom do divã, já está culturalmente melhor. E há analista que sofre de *divanização*: se lhe tirarem o divã do consultório, ele passa mal, não acredita mais que é um analista, sente-se impostor... Não pode, por exemplo, sentar no meio fio e suscitar que o outro fale. É igual àquele professor que, se lhe roubarem o caderno de notas, não consegue mais dar aula.

• P – *Mas não é necessário um ritual?*

Minha questão é saber se sou ou não dependente do ritual, como se pode ser dependente de uma droga. Uma coisa é ser capaz de ritualizar, outra, se tirar o divã, eu entrar em crise. É a mesma coisa que tirar o pó de um dependente. Isto é droga. É disto que estou falando. Às vezes, é preciso criar certo ritual, pois ele não é senão a partitura da escansão dos movimentos, para que possamos nos recolocar. Outra coisa é ficar escravo de um ritual sem o qual não se é mais analista. Aliás, podíamos chamar Beckett para fazer uma peça sobre um cara andando no palco com o divã nas costas como o médico leva sua malinha. Um cara com o divã na cabeça, para lá e para cá, sofrendo que nem um filho-da-puta. Aí aparece o cliente e ele diz: Deita aí! Ia mostrar com clareza do que os caras sofrem. As pessoas ainda acham que estou brincando quando falo assim desses doidivans...

09/JUN

8

UM ODOR DE POCILGA

Vimos devagarzinho, este semestre, abordando questões diretamente ligadas à *Clínica* no sentido amplo, *Geral*, mas de serventia direta na operação mais comum do chamado consultório psicanalítico, consultório sentimental, sei lá, alguma coisa dessas que vocês praticam... Preferi insistir nos mesmos temas e tentar esclarecer seus fundamentos. Espero que estes pilares estejam mais ou menos claros. Pudemos então definir as seis referências básicas dentro do processo clínico, que são indicadas em conformidade com os teoremas apresentados.

* * *

Quero supor que isto que gosto de chamar de Clínica Geral pode ser aplicado além do *tête-à-tête* transferencial dentro do consultório, num campo de ação do psicanalista no mundo. Isto é coisa que, na história da psicanálise, ele tem se recusado a praticar para mais do que a publicação de alguns textos e a formação de instituições sempre extremamente precárias, sempre mal funcionantes, sempre da pior espécie por melhor que tenham sido suas intenções. Mas acho que é uma questão de vida ou morte para a existência da psicanálise ela ultrapassar as portas do chamado consultório. Caso contrário, sucumbirá. Quanto a isto, as mesmas referências, segundo o que posso produzir, são

utilizáveis no processo da extrapolação de tentativa de cura do circuito fechado da clínica.

Encerrarei o Seminário deste semestre abrindo mais esta questão da tentativa de entrada do psicanalista na lida direta com o mundo sem o aparelho defensivo chamado consultório. Nos tempos descontentes de hoje esta tentativa vai exigir que se retomem algumas reflexões que, embora não tenham deixado de ser trabalhadas no campo da psicanálise, continuam exigindo elaboração na medida em que os panoramas mudam. O psicanalista não pode ficar restrito à ingenuidade de que só ele pensa ou se preocupa com este tipo de coisas. Em vários campos, em várias atividades, no nível da religião, da filosofia, da política, etc., há pessoas voltadas para isto e apresentando soluções as mais diferentes ou, quem sabe, até as mais iguais entre si e que certamente não são bem as soluções e as posições que poderíamos subscrever. Vamos supor que começássemos a encarar com um pouco mais de firmeza as grandes questões da contemporaneidade, os problemas do homem no final do século XX: que posição o analista toma e que intervenção pode oferecer? Há algumas questões básicas a serem pensadas antes de tentar esta intervenção?

Estas são questões prioritárias. O panorama geral é horrível. Qualquer pessoa um pouco avisada, pelo menos em nível de jornal, deve estar sentindo o odor de pocilga que emana do mundo contemporâneo. Este horror que está acontecendo na face do planeta é de cheiro notório. Os analistas, em termos de Brasil pelo menos, que se incomodam um pouco com isto, no trato destas questões como psicanalistas, sempre me dão a impressão de que desviam seu discurso tanto por uma velha nostalgia de sua antiga pertinência a determinadas esquerdas, quanto por aplicação de índole sociológica evidente de certas traduções de termos e conceitos psicanalíticos. Isto muito a gosto, por exemplo, de certa vontade norte-americana ou alemã de abordagem dos problemas. Mas é preciso saber que há uma grande dificuldade em abordarmos estas questões sem sair do lugar, sem sair das referências próprias do analista, sem sair daquela mesma posição que se tomaria dentro do consultório. Não vejo isto acontecer, mesmo porque é um pouco temerário.

Toda vez que faço uma pequena incursão neste sentido, tomo porrada. As pessoas estão acostumadas a um discurso arrumado a respeito desses temas, discursos vindos da política, da sociologia, etc. Quando se coloca um mínimo de perspectiva do nosso ponto de vista, com ferramentas próprias, entram em grande estranhamento. Mas precisamos comparecer publicamente com nosso discurso, ainda que seja com cuidado. Às vezes, perde-se a medida, por não saber de antemão o que se vai achar. Aí há algum escândalo. Mas grande parte do que se produz sofre de algumas ingenuidades graves por parte daqueles que não exercitam o discurso psicanalítico enquanto teoria e enquanto prática. Eu não faria nenhuma restrição, por exemplo, à vontade de utopia, mesmo porque não se pode não pensar em alcançar alguma, mas depende de como, e de qual estatuto lhe dar. Há um nível tal de denegação no discurso das pessoas porque há virgindade de análise. Temos a impressão de que algumas pessoas que elaboram tais discursos são virgens de qualquer intervenção analítica, pois como podem sustentar essas coisas que se esfumam ao menor toque?

Quando sugiro a pessoas metidas com psicanálise saírem de seu gueto institucional, de seu *bunker* privado e irem ao mundo enquanto analistas, sei que isto é temerário. Mesmo porque o de que geralmente se fala, o que mais se conhece a respeito da psicanálise no mundo é folclore. Tem-se a impressão de que a psicanálise é coisa sabida, todos sabem que se trata de um tal de Freud, de um tal de Édipo... Quando abordamos certas pessoas, mesmo pessoas cultas, ou da maior qualidade científica, elas começam a falar bobagem, pois o que sabem é folclore a respeito da psicanálise ou, no máximo, lêem um certo Freud enviesado, sem algum aparelho mais rigoroso de leitura. Então, é difícil quando, por exemplo, se questiona uma denegação evidente no discurso de alguém metido com política, história, etc. É uma explosão. É como fazer uma intervenção abrupta com um analisando extremamente histérico que começa a se expandir dentro do consultório. Há até certo preparo para situar e discutir algumas coisas em nível de certa racionalidade, de certa lógica, mas não há o menor preparo para escutar a denúncia de uma denegação: a coisa é tomada de maneira pessoal, e explode.

Os discursos são sistematicamente denegatórios na maioria das vezes. Não é que sejam pessoas más. São pessoas da melhor intenção, da melhor boa vontade (e que vão direto para o inferno, sem a menor dúvida), honestamente preocupadas. Então, das duas uma, ou entramos nessa ou desistimos da Clínica Geral, ou, se não, temos que saber que teremos problemas com esse tipo de discurso. Ainda mais quando, num momento brasileiro de euforia de uma nova esquerda pós-derrocada, é muito complicado mexer aí. Os discursos são sistemática e evidentemente denegatórios, pois – como fazem ditos psicanalistas, aliás –, vemos declarações de *aceitação do outro* que são pura mentira. Digo *denegatório* porque, à menor intervenção diferenciada, você já é excluído. Posso mostrar por escrito discursos de certas pessoas influentes, que me foram fornecidos, onde se vê, de saída, que são de uma santa ingenuidade, de uma santa virgindade do ponto de vista analítico. Tudo bem, mas mesmo dando o devido desconto ao não analisado, ao não tocado, ao sexualmente virgem do ponto de vista analítico, vê-se que, logo em seguida, são grandes modelos denegatórios em que se esconde um sentimento de defesa “patótica”, se não patológica, declarando-se ao mesmo tempo a vontade de alteridade, de aceitação da diferença. Mas não é verdade. É igual a ditos “analistas” que, à menor diferença colocada, o salto é imediato. Então, se vamos insistir nesta vontade de intervenção, temos que pensar sobre isto, pois tem conseqüências sérias e imediatas em certos lugares. Ou melhor, mais do que sérias, imediatamente comparecem temas que são explosivos em qualquer tipo de relação interpessoal e que são tratados por grandes grupos com diferenças internas no nível da indicação de base: tal grupo é de religiosos, tal outro de sociólogos, outro de juristas...

* * *

Com o que, então, vamos responder? Com outra formação do *mesmo feitio* mas com *aparência* diferente? Aí, estaremos ferrados. Como, já que se investiu num processo de cura no mundo, podemos, por exemplo, questionar, com

fundamento, os neo-nazistas, sem ser por chilikues, vontades próprias, ou porque somos judeus ou católicos? Será isto possível? Em o sendo, qual o argumento?

Não posso chegar para pessoas de formações e de posições diferentes e lhes dizer que não estou trazendo apenas mais um discurso, que tenho uma proposta de verdade. Isto qualquer um pode dizer, apresentando ou não a diferença. A questão é, se tenho alguma proposta que, mesmo não se sabendo por inteiro, pretende questionar outras que parecem evidentemente denegatórias ou de *design* estritamente político regional, que comportamento devo ter? Que questão devo colocar? Qual é o modo de operar aí? Isto para que a conversa seja mantida sem explosões e sem, no entanto, abriremos mão do nosso discurso próprio. É uma questão difícil, já fiz testes. Às vezes, faço referência a nada meu, mas a algo que está no mundo, referências estritamente lacanianas, por exemplo, mas também não funciona, pois o Lacan de quem se fala também é folclore. Como Jesus Cristo, que também é folclore.

Alguns temas são mais candentes e explosivos. Temas que a psicanálise tem a pretensão de ter resolvido – o que não é verdade. Não resolveu e, se resolveu aparentemente num determinado momento do discurso, num momento posterior, aquilo já parece não ter a força que tinha então. Como, por exemplo, e quem sabe possamos entrar aí no próximo semestre, o uso absolutamente estapafúrdio da palavra *Ética*. Está na moda, modíssima, dizer: fulano não tem ética. Tal comportamento é uma falta de ética... Mas dizer *ética*, isto é uma pedrada, ou não é nada. Quando ouço o Sr. Fulano, da área religiosa, o Dr. Sicrano, da área sociológica, ou leio seus textos e lhes pergunto de que ética estão falando, levo um fora. Isto porque não se pode tocar neste assunto. Ética é uma palavra mágica que alguém diz e todos se seguram, pois, se não: podem pensar que não sou ético. Mas ninguém sabe do que se trata. É o novo *flogístico*. Quando se pergunta: muito bem!, quero ser absolutamente ético, podem me explicar como é isto e qual é o fundamento desse troço, pois, daí, vou obedecer rigorosamente – aí as explicações são freqüentemente de cunho político, nada têm a ver com alguma idéia sustentável de ética. Ainda outro dia fiz esta denúncia perante alguns e quase fui linchado. Efetivamente, ali, eu “não estava sendo ético”.

As colocações a respeito desta palavra têm sido de fundamento estritamente político. Tudo bem. Como ninguém está proibido de usar uma palavra, usa-se no sentido que quiser, mas é preciso saber que o ético apresentado é decorrente de uma postura política. Então, podiam chamar mesmo de político ou de “politicamente correto”. Por que chamar de ético? Querem chamar de ético. Então, é preciso conceder que é um ético derivado de uma postura política. Portanto, aí, estarei me lixando para sua ética se minha política for outra. Como fazer então? Amanhã, digo para um neo-nazista: você está errado. E ele me responde: só porque você quer. Se a decorrência de sentido do meu termo ética é estritamente política, por que minha ética será melhor que a dele? Suponhamos que os defensores desta prática discursiva possam me chamar no canto e dizer: ô cara, pára de falar essas besteiras, pois não está vendo que, como ninguém tem fundamentação, estamos pelo menos tentando fazer a cabeça das massas para uma postura em torno da questão da ética, ainda que seja política? Muito bem, então fica combinado assim. Não vou questionar o termo em seus fundamentos, vou aceitar que “o povo” pense que existe uma tal de ética baseada em certas formações sintomáticas que serão elogiadas, privilegiadas como boas, para ver se se dá uma arrumada nesta merda. Até podemos topa fazer isto. Mas isto tem vida curta. Daqui a pouco, quando todos estiverem no consenso de que o ético é isto, isto se questiona por si mesmo: isto revira. Eles não sabem que isto revira e que, daqui a pouco, a falta de fundamento vai se evidenciar e ninguém vai denunciar que a viu. O que a canalha comum da espécie vai fazer é continuar fingindo que os tais princípios éticos estão em vigor e, por baixo do pano, começam todos os joão-alves de novo, só que mais descriminalizados, pois já aprenderam como é com aquele caso anterior. Então, não é preciso mais estar no Congresso, pois em qualquer lugarzinho, em qualquer empreguinho que esteja, você já sabe como joãoalveizar a situação.

A tal *ética* vem como tapa-buraco de todas as questões que estão em voga. O que me parece mais contundente, mais explosivo, é o que ocorre em torno dessa palavrinha que hoje virou um lema de terrorismo no sentido da produção do silêncio dos outros. E ninguém pergunta por quê. *Estão falando*

do quê? Só perguntar já é considerado falta de ética. Isto é da ordem do terror macarthista. Não duvido da honestidade das pessoas que estão discutindo e colocando estas questões, mas quando vamos procurar aprofundamento, não há. Esta é uma questão seriíssima para nós, pois *mesmo a psicanálise que ética tem?* Se for a de Lacan, como pode ela discutir as questões ditas, assim nomeadas, sociais de hoje? Isto porque as pessoas que estão discutindo as questões ditas sociais já se envergonham plenamente de qualquer referência marxista. Já não colocam mais em seus textos coisas como luta de classe, por exemplo. Até o capitalismo tem outro odor. *O capital já não é mais aquele.* Mas tudo isto fica recalcado no fundo da cabeça, pois tantos foram marxistas. Ou seja, não se *fala* mais nisto. Fala-se de quê? De uma ética, de ecologia, de planetariedade, do homem no mundo, da Terra, essas coisas... Nada tenho contra, mas é preciso saber do que se trata, pois sempre o discurso corre, corre e, em última instância, diz que é assim porque há que ser *ético* e ninguém explica o que isto é. Quando explicam, vê-se nitidamente que a explicação é, repito, denegatória. Ou seja, é ético aquilo que acho e, de preferência, para mim. Por exemplo, se o deputado *x* recebe dinheiro de bicheiro, é *sem ética*, mas se um outro, eu por exemplo, recebo dinheiro de bicheiro, trata-se de *um erro político*. De repente, quem está errado sou eu. Vai ver que é isto mesmo, mas, pelo amor de Deus, me expliquem.

Não podemos, como seria a tendência de qualquer um de nós, fazer a suposição de que haja alguma coisa mancomunada entre eles. Não. É sintoma mesmo. Como já disse, não é que sejam maus, é muito pior, pois quando estou lidando com aquele que está determinado contra mim estou sabendo do que se trata. Eles não sabem, é recalque mesmo. Ou seja, quando estou com um inimigo absolutamente declarado, ele pode me dizer: nós estamos nesta, não interessa qual seja seu argumento. E se você falar nisso vamos fazer silêncio e derrubá-lo. Aí, posso responder: ah bom, entendi, não é uma questão de comprovação de fundamentos, e sim que vocês resolveram que a briga é por aí. Mas não é assim, é pior. O trauma da queda do Sagrado Império Socialista, da falta de referencial teórico, da falta de fundamento, é de tal ordem que, em cima, vem

uma massa repressora – e portanto recalcante – e tudo passa a funcionar na base do recalque. Mas isto tem volta: o recalcado sempre retorna. Mesmo para eles. É só esperar.

* * *

Não dá para fazer a menor intervenção em termos de mundo sem manter a questão de pé. Não estou dizendo que a tenho resolvida. Mas a pergunta continua: é possível, por algum teorema – ou pensamento psicanalítico pelo menos, que é o que está perto de nós –, estabelecer um fundamento ético?

Outro dia, em conversa, perguntei: o que você acabou de dizer me parece da ordem do político, e não do ético. Por que chamar de ético se não vejo distinção, onde está a fronteira? Por que daqui para cá é ético e para lá é político? Aí ouvi a seguinte pérola: porque é universal! Como?! Disseram: é universal no homem não aceitar que se mate outro homem. Então, por que matam? Há um imperativo categórico, não definível nem kantianamente, que, dentro de mim, diz: você não pode matar outro! Mas se, efetivamente, mato, cadê o universal? Isto é muito sério e precisamos procurar uma porta para sair, se não, a psicanálise vai virar um gueto trancado num canto também delirante, como costuma ser. E pensando que está curando. Curando coisa nenhuma, pois, no confronto com o mundo, vai para o brejo. Mesmo que tenha alguma razão, não vai a lugar algum, pois não tem como permear esses discursos.

Isto não é um fenômeno regional. Podíamos pensar que há uma crise específica brasileira, de terceiro mundo, que está lutando com tais e quais dificuldades, mas não, isto é mundial. Lá, só são mais ricos, opressores, ladrões e escravizadores. Aqui são oprimidos, fodidos, roubados e escravos, mas ambos dentro da mesma máquina. A questão é saber se vai dar, e com o quê, para ultrapassar a fase. Não se sabe. Com este tipo de papo, não vejo como. E se a passagem de milênio, que não será necessariamente na passagem do milênio e sim mais para a frente, for (não um claro genocídio, mas) a eliminação radical de toda uma grande parte da humanidade? Não estamos livres de passar por

isto. Os analistas ficam em seus consultórios preocupados com os Egos, os Ids, os Superegos, os S_1 , os S_2 , e é nisto que dá. Estas questões estão aí ao redor, os sintomas cercando toda a gente dia e noite, e o analista sonhando que pode curar. Mas aquilo volta podre. A “bactéria assassina” está em toda parte. Não é possível continuar pensando a região de cura no consultório sem pensar toda esta situação. A psicanálise ficou fingindo que podia se regionalizar enquanto o mundo parecia estar dentro da orquestração sinfonicamente ampliada de certo aparelho de representação. Mas agora o que fazer?

- Pergunta – *Em função do que você falou até agora, por que você diz que o fundamento da psicanálise é místico?*

Lacan, porque seu aparelho teórico assim indicava, resolveu que o fundamento da psicanálise era ético. Isto porque o processo da análise, para ele, não se encaminha para outro lugar senão o declarado no lema de Freud: *Wo Es war soll Ich werden*. Dever de, onde era Isso, botar sujeito. O encaminhamento total do processo teórico lacaniano é neste sentido. Ou seja, se assim é, o que fundamenta a psicanálise é a ética de fazer emergir o sujeito onde se fazia a suposição de que era Isso que estava. Com o aparelho que invento, não é este o fundamento. É claro que, conforme está desenhado no Pleroma, no vértice que chamo de Cais Absoluto, denúncia de sujeito tem condições de pintar. Então, há de pintar sujeito por ali?

O fundamento da psicanálise é místico, não no sentido que está em moda hoje em várias áreas da teologia católica, dos misticismos arcaicos e primitivos, etc. Lembro-me que lhes indiquei certa postura de François Laruelle sobre esta questão do místico e que era neste mesmo sentido que eu estava colocando o termo. Digo místico não no sentido de mistério, pois o mistério é que não há mistério, então, a palavra *mystikos* neste mesmo sentido também serve. Mas minha questão é que o que fundamenta o processo analítico, se minha maquininha está desenhada deste modo, é a possibilidade de Indiferenciação, ou seja, de se passar por um terceiro lugar onde a diferença se exaspera como diferença pura entre Haver e não-Haver, e não nas diferenças

localizadas “internamente”. E este é o lugar que se pode desenhar para a frequência do místico. Não estou dizendo que o místico é o que eles próprios dizem ser no discurso que fazem: a aproximação de Deus, etc. Não é neste sentido, e sim de que qualquer situação dita mística é tentativa de separação para com o mundo, de distanciamento do que é de cá. Em minha maquininha este distanciamento é: indiferencio absolutamente o que possa ser diferença interna ao Haver e me referencio à exasperação da diferença entre Haver e não-Haver. Esta é a postura mística. Digo que a psicanálise trabalha para levar cada um a este lugar porque a quem é possível viajar até aí, a quem consegue isto, não lhe é possível retornar sem suficiente estranheza e, ao mesmo tempo, reconhecimento indiferenciado para com o que quer que haja. Isto de maneira que chega, pelo menos, a ser suspensivo. É claro que tenho minhas preferências, meus tesões, minha estética, mas posso ser suspensivo, em função daquela experiência. Ou seja, bem dizer o que pintar, mesmo o mal. Isto porque estou para além de Marrakesh, para além de mal e bem, quando passo por esse lugar. E é justo na referência desse lugar que posso tentar algum juízo, provisório, é claro, pois nada garante que tal juízo seja melhor do que outro. Aí, são outros elementos que vão concertar a situação. Mas o lugar me garante que posso ser suspensivo.

- P – *O que se suspende nessa suspensão?*

Suspende-se a diferença interna enquanto optada. Ela passa a ser válida para qualquer lado. É como vemos em todos os grandes místicos: para eles, é tudo Deus. Você suspende até mesmo a sua própria opção, o que é uma suspensão de juízo. Tome-se, por exemplo, o Novo Testamento, quando Jesus Cristo diz que se lhe baterem numa face, vira a outra e deixa bater também. Isto é suspensão de juízo. Portanto, tenho condições de fazer um mínimo de suspensão e re-olhar tudo no momento de aplicar algum juízo sobre os encaminhamentos atuais do mundo. Mas esta postura não me oferece nenhum fundamento ético. Ou oferece? O que vocês acham?

- P – *Não há uma ética da indiferenciação?*

Se fizer a ética da indiferenciação, da ataraxia, ou coisa que o valha, retorno a esta indiferença e não tenho como aplicar a tal ética. E é preciso aplicar.

- P – *A referência não pode ser esta e a aplicação ser a pragmática?*

Aí, vale tudo e a aplicação é sempre política, e não ética. Quero que a aplicação seja ética. O perigo é este, de eu ficar em suspensão e, quando retornar, dizer que todas as aplicações são políticas. Mas não estou falando em política, e sim em ética.

* * *

- P – *Afinal, o que significa a palavra ética?*

Lacan toma as duas escritas da palavra. Uma sendo a pura repetição comportamental, e a outra, que é a que ele preza, sendo a indicação de algum transcendental, de uma possibilidade de referência extrema, que vai buscar em Antígona. Mas esta ética construída em cima de Antígona é precária hoje. Já sabemos criticar aquilo muito bem. Já a ética do bem-dizer, posso tê-la no nível da suspensão: volto e bem-digo tudo, d'AMÃE, d'OPAI, d'OFILHO, d'OESPÍRITO e d'AMÉM.

A pergunta permanece: há alguma aplicação ética da qual se possa dizer que se torna dever de cada um para consigo mesmo e para com outrem, com uma postura claramente fundamentada? As pessoas de quem estou falando não apresentam nenhuma. Eles escrevem coisas como: “Estou profundamente convencido de que...” Ora, eu também estou profundamente convencido... só não sei de quê, pois não li o sintoma. Qualquer pessoa que tem seu sintoma está profundamente convencida, não há a menor dúvida. Li esta pérola ontem. Ou seja, quando chego ao final do livro e vou ver como é o fundamento, é: “Estou profundamente convencido...” Este é um fundamento transferencial. Todos aqueles que me acham uma certa figura, vão entrar na minha e vão fazer o que estou dizendo porque acham que “estou profundamente convencido”. Se houver aqui algum babaca que vai fazer algo comigo porque acha que estou profundamente convencido, que desista já, pois estou profundamente ignorante.

Heidegger dizia, em entrevista ao *L'Express*, que não é possível estabelecer um fundamento ético hoje em dia. Perguntado se não iria escrever uma

ética, respondeu: quem tem a cara de pau de propor uma ética hoje? O Dr. Lacan, que fez uma quase que concomitantemente com esta frase de Heidegger... Então, se você me disser: não vejo como estabelecer uma ética, então, as coisas vão ficar no nível do político por enquanto, vai ser no nível das forças, etc., aí tudo bem, vamos ver. Mas o que é pior é você colocar como ética um argumento sintomático, portanto fundamento de uma atitude política... Uma atitude política é sempre sintomática. A não ser, será?, no sentido que Alain Badiou colocou em seu livro sobre política, de um fundamento não sintomático para a política. É a política da singularidade em busca da verdade. Mas não esquecer que ele chama de política, e não de ética. Então, retornando ao que estava dizendo, começa-se a convencer as pessoas de que elas precisam ser éticas e que ético é isto assim-assim, segundo *mim*. Mas aquilo não tem fundamento, é simplesmente uma idiossincrasia do autor ou de um grupo no momento. Então, quando a situação mudar, todo mundo pára de ser ético? Pior, o mesmo argumento usado pelo lado contrário, contraríssimo – os neo-fascistas, por exemplo –, vai lhes garantir que têm razão. Como é que a gente faz? Aí, não só é política como é polêmica. É a guerra que vai decidir quem vai vencer. É isto que se quer? Se é, então vamos à guerra! Que se danem os fundamentos!

Para começo de conversa, se não há fundamento ético, aceitemos que não há. Pelo menos, a questão fica de pé. O que é perigoso é fingir que há fundamento ético quando o que se tem é idiossincrasia de um grupo ou de uma pessoa. Você vai dizer que o que não é ético é o que não é da praxe, não é costume. Sim, e eu com isto? Como não sou um mero animal, posso olhar e dizer que tais pessoas têm uns costumes idiotas, pois não roubam no Congresso, ficam lá anos e não roubam nem um pouquinho. É assim que pensa qualquer João-alvejante da vida. Digam para ele que está eticamente incorreto, ele morrerá de rir. Ele dirá: quando eu estava na Comissão de orçamento, não tinha sorte, mas quando saí Deus começou a me ajudar. Saiam deste argumento. Qual o argumento que se tinha sobre o caso? Uma lei. Aplicou-se a lei, ele renunciou antes e pronto. Qual é o problema? Como vou manter uma situação juridicamente correta quando toda a história do Direito procurou fundamentar-se numa ordem externa a ele: direito divino, direito natural, direito do

cacete...? Aí, o pessoal vem dizer que não há fundamento nenhum, perderam-se os fundamentos, então, agora, só há a aplicação da lei. Como as leis são estas que estão escritas, digo eu: por que foram escrever logo esta lei contra mim; por que não escreveram outra? A situação está assim no fundo da mente de cada um, só que todos fingem que não é assim ou seguem a sua zona sintomática, a qual não é fundamento nenhum. E fica esquisitíssimo, numa discussão destas, dizer: até concordo plenamente que é chato, que não se deve deixar as massas morrerem de fome, mas é preciso saber que isto é sintoma meu. Os neo-nazistas não têm este sintoma e querem que se mate essa gente, que se passe fogo neles. Eles acham assim. E agora?

Será que a psicanálise pode ajudar? Aos neo-nazistas não faltam argumentos, os quais são da mesma estirpe do argumento sintomático do outro lado. Há que se conceber que a resultante dependerá da guerra, que vencerá o mais forte ou o mais sortudo ou quem, por acaso, vencer, pois também há isto. Outro dia, quase apanhei porque falei no meio de uns pensantes: foi por acaso que o partido oposto ao nazista ganhou a guerra... Quase me lincharam, pois, para eles, não há o menor acaso ao se ganhar uma guerra. Não há mais acontecimento. Ganha-se uma guerra porque, conscientemente, se cercou e ganhou. O certo sempre ganha. Aliás, disto não tenho dúvida: ganhou a guerra, estava certo.

• P – *Você, em seu Seminário sobre a Polética, fala de uma ética baseada no “não matar a diferença”.*

É uma besteira. Pode ser até que ela sirva, mas não apresentei seus fundamentos. Por que devo deixar a diferença viver? Dêem um fundamento para isto! Posso dizer que tenho o maior tesão na diferença, que acho um barato, que devia ser tudo diferente. Aí vem um cara com suas armas e diz: mas eu não acho! Bum! e me mata. É preciso ter argumento, construir alguma coisa que possa argumentar com ele, pois a diferença há em todo o Universo e, no entanto, as catástrofes existem e destroem populações inteiras. Cadê os dinossauros? Estamos com saudades deles até hoje, fazendo filmes tipo *Jurassic Park*. Foram todos destruídos. Quem fez? Os nazistas do espaço? Das baleias, não sentimos saudades ainda, sentimos outra coisa...

- P – *Por que você diz que a nossa é a época mais negra de todas?*

Quer me parecer que nunca se foi tão obscurantista. Não sei se é mais negra, branca ou vermelha, mas é absolutamente sem distinção. Acho que, no que chamam de História da humanidade – que, no fundo, é uma besteira, é que nem aquele negócio de quem está certo é quem venceu: a história é o que o historiador quer me contar, vou fazer o quê? –, o período de que se tem registro, historiografia, jamais a humanidade passou um período tão desbundê. Acho isto ótimo. Explodiu tudo, é um bom momento. Mas as pessoas não costumam nem achar ótimo nem funcionar com esta otimização. Elas partem imediatamente para a reatividade. Se todo mundo dissesse: que bom, acabou essa regra, um certo superego foi para o espaço, seria bom. Mas não têm muito estofo para agüentar esta barra, ficam todos pirados. Então, o que fazem? Reação. Por causa desta reação é que acho este um dos períodos mais obscurantistas. Nunca talvez a humanidade ficou tão desbundada e sem referencial. Os referenciais para trás são analisáveis: denegatórios, sintomáticos, crendices – mas existiam e havia uma generalidade na aceitação destes fundamentos. Hoje não há, e está resultando em quê? Não nas pessoas ficarem em suspensão, irem levando, esperando e, enquanto isso, evitando, já que não se sabe, destruir os outros. Aí sim viria um tal de *não matarás*. Mas não, a maioria das pessoas, se não nós mesmos, se encosta numa determinada função sintomática como sua verdade. Aí é a guerra total, o racismo generalizado.

Podemos tentar calcular um pouco. A impressão que dá é de que, antes, a situação era menos explosiva. Se o que há de explosivo atualmente detonar, ninguém segura. Quando chega em jornal de terceiro mundo, é porque esta coisa já anda por aí há algum tempo. Outro dia li que o pessoal estava preocupado com a seguinte coisa: terrorismo nuclear. Perdeu-se o controle da situação. Os restos do Sagrado Império da Esquerda, por exemplo, podem chegar a um distensionamento ou não. Ou seja, dois povinhos de titica lá na Europa Central resolvem sair no tapa e, daqui a pouco, explode uma bomba atômica na minha casa. É o efeito borboleta. Pode não acontecer nada, mas, antes, não se tinha este tumulto dentro das mentes, a coisa tinha certa localização. A barra está pesada. Já imaginaram aquelas bombinhas

todas que os russos perderam, não se sabe onde enfiaram na hora da briga, onde e com quem estão? E o cara vai decidir utilizá-las ou não em função de um grande ideal que tem na cabeça porque tem um sintoma *x*?

Sempre foi assim, mas com uma grande concordância. Vamos matar os judeus – matam, e o Papa não diz nada. Depois, quando começaram a jogar bomba em cima dele, disse: que absurdo! Está aí o João Paulo, agora, querendo pedir penico e os católicos dizendo: cara, não faz isto, vai dar na vista! Os cardeais estão em pânico: o cara é doido, vai falar isto, estamos perdidos, vai estourar a Igreja. Mas o terrorismo não é o do Seu Mané. É uma patota organizada, com determinada idéia na cabeça, com determinada convicção política. Seu Mané não coloca a mão em bomba atômica, nem que seja perdida. São pequenas máfias bem organizadas que colocam a mão nisso.

Estas são aberturas que ficam aí para pensarmos a possibilidade de generalizar o pensamento sobre a Clínica.

23/JUN

9

O INCONSCIENTE

[“Perdeu-se” a gravação do início do Seminário]

Temos que continuar tomando alguns dos teoremas lacanianos para revisão.

Por exemplo, isso que alguns consideram a delícia lacaniana do ponto de vista das finanças psicanalíticas que é o chamado *tempo lógico*. É um tesão, pois dá muito dinheiro. Temos que rever o que seja isto dentro da cabeça de Lacan, que tem a ver com a certeza tirada do absolutamente incerto, da repetição do “não sei...”, do “sei lá, entende?...” Comentaremos isto melhor depois, mas é engraçado verificar como Lacan propõe o tempo lógico e como os afoitos das finanças ficam encantados, deitam e rolam sobre coisa nenhuma, pois, na verdade, isso não é nada. E o tal *Inconsciente*, o que é? Estruturado como uma linguagem, da ordem do não realizável, do por vir, da fenda radical remetida ao sujeito que é pura brecha... Se, na herança disso, a nossa invenção supõe ter dado algum salto com a postura do não-Haver e do Revirão, certamente que o Sujeito não é a mesma coisa, que o Inconsciente não é mais o mesmo, que tempo lógico é uma piada. Aliás, de bom gosto, brilhante piada de Lacan, pois nos faz entender uma obviedade. Uma piada de bom gosto que precisa ser entendida na sua *graça*, em todos os sentidos do termo.

Um dos sentidos fundamentais de eu ter falado, para o bem ou para o mal, de “retorno *de* Freud”, em contraposição certamente histórica ao famigerado “retorno *a* Freud”, do Doutor Lacan, tem a ver, e muito, com a noção de

Inconsciente. Há em Freud uma oscilação entre o Inconsciente remetido ao conceito de recalque, remetido mesmo à ordem do recalcado, e o Inconsciente esticado para o outro lado, em função da Pulsão de Morte. Oscilação esta que se vê em Lacan, embora se possa mostrar que não há contradição. Há elasticidade entre o Inconsciente estruturado como uma linguagem e o Inconsciente como da ordem da pura fenda. Toda esta oscilação, tenho a pretensão de apresentá-la supostamente resolvida na medida em que faço o retorno do Inconsciente *de* Freud, daquele do começo de sua obra. Ou seja, em função do que se pode apresentar como garantia disto, faço uma retomada do *Inconsciente como da ordem estrita do recalcado*.

Este é o golpe. Parece estranho dizer isto, mas toda a oscilação entre os recalques produzidos como campo do Inconsciente e o não-dito, ou talvez não-dizível por ser da ordem da brecha, estão absolutamente recuperados quando digo que *o conceito de recalque pode retornar a ser a pedra fundamental de todo o edifício da psicanálise*, uma vez que – porque há mestres que nos auxiliam antes, Lacan e Freud sobremaneira – podemos conceber, de uma vez por todas, aonde ia a flecha pulsional do conceito de morte em Freud, ou seja, do conceito de vida. Na medida em que foi postulado o não-Haver como Causa do movimento em função da Lei interna – não porque o não-Haver esteja em algum lugar (é claro!, se não há, não está em lugar nenhum), mas em função da estrutura interna mesma do Haver como ALEI definitiva (Haver desejo de não-Haver) –, ou seja, postulado o não-Haver e construído o Revirão como resultante disto, vocês viram que calma e lentamente fui elaborando, reconstruindo, a idéia de Recalque como: *Recalque Primário*, nitidamente visível – acho que, hoje em dia, está claríssimo (alguma dúvida, pelo amor de Deus!, tentem tirá-la); *Recalque Secundário*, que é da ordem daquilo que Lacan gostava de chamar de simbólico; e *Recalque Originário*, que é decorrência imediata do Impossível de a flecha pulsional atingir o não-Haver. Apresento o Recalque Originário em terceiro lugar porque a massa recalcante primária, a massa recalcante secundária, decorrente dessa massa primária naturalmente, nos impede de chegar ao nosso mais íntimo, de rememorar a nossa mais antiga

memória, o nosso esquecido, que é o Recalque Originário. Talvez seja preciso toda uma *Pedagogia*, que chamo de *Freudiana*, que é essa coisa chamada psicanálise, para rememorarmos que o terceiro e último não é senão o primeiríssimo.

Dito isto, aceito isto, se é que deve ser aceito, está configurado que a sopa quente – para imaginarmos algo parecido com a sopa de que falam os biólogos, onde terá nascido a vida em nosso planeta –, não de onde nasceu o Revirão, mas que foi induzida pelo processo de Revirão, que chamamos Inconsciente, não é senão o grande cozido fundamental, básico pelo menos, decorrente do puro e simples fenômeno de haver recalque. Inconsciente é isso. Se a nossa apresentação é válida – suponho que o seja, e aposto que é –, onde é que caçamos o Inconsciente, até mesmo nas suas diversas e diferentes aparências? Lacan critica, por exemplo no *Seminário 11*, dizendo que o Inconsciente de Freud não é da ordem do não-consciente, do mais ou menos consciente ou daquilo que possa se opor pura e simplesmente à consciência, mas é, sim, a referência à falta, à fenda fundamental, etc., etc. Como ele o enxerga estruturado como uma linguagem, então temos que dizer que o Inconsciente é essa fenda... *Modus in rebus*...

No meu caso, o Inconsciente come tudo isso, devora todas as possibilidades de inconsciência para nós. Ou pior, se formos radicalíssimos – como já toquei em Seminário de dois semestres atrás, em torno do texto *Le Lien Affectif*, de um chamado Borch-Jakobsen –, em função da situação da angústia nesse campo, talvez Inconsciente não exista, seja apenas da ordem do estritamente consciente. Isto se o colocarmos no nível terceiro e último das pressões da angústia produzida por essa vertigem transcendental.

Eu diria que o Inconsciente, para nós, é o caldo onde a gente se move. Não é um conceito fundamental. Fundamental é o de *Pulsão*, de onde decorre o de recalque e *subseqüentemente* o de Inconsciente. Ele não é dado. Não é um dado dentro do qual vai nascer a linguagem por afetação significativa. É, sim, decorrente da estruturalidade do Haver em sua confrontação com o não-Haver. Então, o Inconsciente de que estou falando – caldo, sopa, sei lá o quê,

onde estamos mergulhados e onde nasce toda a fantasmagoria em que nos deslocamos – é da ordem dos três níveis que coloquei: primário, secundário e originário. Portanto, posso dizer que é da ordem estrita do recalcado.

Em nível primário, o que é o recalcado? É tudo aquilo que, nos dois aspectos do Primário – que costumo chamar de autossoma e etossoma, tanto da ordem da construção destes corpos que habitamos como da construção que lá está embutida e que não sabemos discernir ainda muito bem do comportamental devido a estas inscrições básicas –, se apresenta como não comparecente e recalcado pela massa disponível, dada, para nós. Então, é da ordem de outra cena, se quisermos repetir Freud, de outro corpo, de outra anatomia que não esta que porto e que recalca tudo aquilo que eu gostaria que me fosse anatômico. Não só gostaria como, através de milênios, tenho insistido tecnologicamente em produzir, por via protética, esta anatomia nova. Não estamos aqui vestidos, sentados em cadeiras, no auditório com ar refrigerado? Observem que este corpo já não é mais o mesmo. O mesmo qual? O mesmo de antes de qualquer tecnologia dependente do Secundário (pois existem técnicas dependentes do Primário que encontramos etologicamente implantadas em animais ou em nós mesmos, quem sabe).

Então, o que nos é inconsciente, que está nos limbos e que não foi dito? Tudo isso que a invenção e a produção, naturalmente que tecnológicas, de algum modo protéticas, nos oferecerão como ainda não dito na ordem de nossos corpos, de nossas construções primárias, ou seja, autossomáticas e etossomáticas. Isto é inconsciente e, digamos, *baixo*: é a baixaria do Inconsciente. Como nós somos dados, por motivos óbvios, ou seja, porque há Revirão... No pensamento de Lacan é o contrário: é a linguagem e o significante que caem do céu na cabeça da gente e nos instalam simbolicamente. Não é assim no meu caso. Preciso encontrar razões materiais para a instalação da linguagem, do dito simbólico – que chamo de metafórico, pois não é outra coisa o simbólico de Lacan –, que é a secundariedade que, como já expliquei enormemente, não é senão a passagem, digamos, mimética do Primário para o Secundário. Das formações imperativas do Primário para as formações de faz-de-conta, imitativas,

do Secundário, as quais, no entanto, por serem apenas estas que nos estão disponíveis, se tornam absolutamente *recalcantes* do quê? De tudo que ainda não se disse, mas que está disponível. Isto porque o Revirão me promete todo e qualquer reviramento como disponibilidade nossa.

O que é Inconsciente, secundariamente? Aquilo que Lacan disse que estava nos limbos, que é da ordem do não-realizado no nível secundário (como o é também no nível primário). Isso tem fim? Jamais! O que quer que se venha a colocar pode se fractalizar e pedir um oposto, que já não é uma simetria. Não é que uma vez aparecendo um troço, o oposto já lá estava, e sim que se fractaliza, se quebra, se despedaça e pede uma oposição para dar cabo. Isso é infinito, não vai ter fim nunca... a não ser que acabe junto com a viradinha do Haver, que vai perecer certamente.

E aquele transcendental freudiano, aquele chute para fora do campo, para além do gol, aquela referência à fenda radical, impossível de dizer, impossível de se apresentar como mais do que representado, segundo Lacan, de um significante para outro, aquela brecha, onde a colocamos? No Recalque Originário, que tem o seu recalcado também. O que é Inconsciente aí é o não-Haver, do qual a gente fala e que não tem o menor acesso, senão angustiosamente, para nossa consciência ou para nossa inconsciência. Aí, tanto faz dizer uma coisa ou outra, dá na mesma. Então, repito, *o Inconsciente continua, como começou, sendo da ordem estrita do recalcado*.

E assim se traz a múmia de Freud e se o põe vivo de novo.

* * *

Lacan dizia, entre outras coisas, que “o Inconsciente é o discurso do Outro”.

Podemos nós repetir exatamente, ou pelo menos com a mesma concepção, a mesma coisa? Não. *O Inconsciente é o discurso do mesmo*. O Outro de Lacan muda de lugar rapidinho, se trabalharmos por aí. O Inconsciente não é o campo do Outro, mas o campo do mesmo. É a sopa que *mesma*

a nossa existência enquanto desta espécie capaz de Revirão. Ele parece ser o discurso do Outro quando o mesmo está demarcado por significantes que o ancoram sintomaticamente em algum lugar. Até Lacan poderia dizer que é o discurso do mesmo se ele se referisse ao discursante como a brecha (dele), que está no meio, que é indizível. Se o empuxo definitivo é para este lado, o Inconsciente inteiro é o discurso do mesmo, é o discurso da brecha, da fenda. É o que se depreende do que desta fenda se pode tirar como fonte originária.

Mas, uma vez que está colocado assim no meu protocolo, insisto em que, se tudo depende d’ALEI fundamental, Haver desejo de não-Haver, e portanto do Revirão subsequente, o que podemos dizer que somos, e aí entramos na questão ontológica ou ôntica que Lacan coloca: “O estatuto do Inconsciente não é ontológico, é ético”... Mas não deixava de comparecer com alguma possibilidade de ontologia na medida em que ele dizia que é pré-ontológico, ou seja, quase ôntico, quase ontológico. Se digo que é pré-ontológico, de repente, por um breve tropeção, caio na ordem de uma ontologia possível para este ser-aí, este tal ser. Mas não vamos ficar discutindo filosofia...

O que importa, no meu caso, é que, se o Inconsciente é da ordem estrita do recalcado, ou seja, depende radicalmente do que se possa chamar de recalque, é recalque para quem? Para nós desta espécie, cuja fundamentalidade não é senão o Recalque Originário que está na dependência de um Impossível desejado e não encontrado, chamado não-Haver, que até digo que não deve diferir em nada do não-Haver que há indicado nas formações do próprio Haver disponível por aí, que as pessoas gostam de chamar de Universo, mas não é (Universo é outra coisa). É o Haver, isso que está aí. Se digo isto, estou dizendo que o Inconsciente é o discurso do Mesmo, de tudo aquilo que depende, por ordem de decadência, do recalcado fundamental que não há, que é indizível absolutamente, que, se quisermos fazer comparação, é fundador da brecha de que Lacan fala e que, para ele, é *sujeito* (entre isto e não-sei-o-quê-aquilo). Meu Sujeito não passa aí. Estou dando um doce a quem disser por onde ele passa. Se não disserem, de outra vez, direi por onde passa.

Se o Inconsciente é o discurso do Mesmo, nós o encontramos disponível por onde quer que passemos. Já notaram que esta conclusão é necessária?

Onde quer que a gente passe, tropeça nele. Deu de cara com a árvore, há algo de Inconsciente por detrás, pelo menos para mim, e quero supor que até para o Haver. Não para a árvore, pois ela não tem este problema, ela não revira. Mas se reviro talqualmente o Haver revira, para mim, assim como para o Haver, a árvore é um problema que suscita imediatamente uma questão do Inconsciente: uma pedra no meio do caminho. “No meio do caminho tinha uma pedra/ Tinha uma pedra no meio do caminho” – isto é um problema de Inconsciente apertando os bagos do poeta, tadinho. Então, não devo encontrar lugar privilegiado, a não ser do ponto de vista técnico, para abordá-lo. Posso, sim, privilegiar alguns lugares, onde digo que comparece privilegiadamente para os *meus* interesses de abordagem.

Estou dizendo isto porque Freud dissera que “o sonho é a estrada régia para o Inconsciente”. Isto no momento em que, para ele, o que reinava era o sonho, obviamente. Mas o sonho de quem? O que há de mais fecundo na obra de Freud não é sonho de ninguém, são os dele próprio. O que há de melhor como abordagem da via régia, são os sonhos dele, que nos narra, analisa, mas que sabe muito bem abordar, pois que ultrapassam de muito o que na narrativa ele trouxe. Os sonhos dele, que ele visita, rememora, em todas as suas manifestações figurais, e não só lingüísticas, decantáveis numa narrativa. O outro pode, no máximo, contar os seus sonhos. E obviamente que pode contar das mais diversas maneiras. Por que não através de um desenho, de uma pintura, de um filme, de uma música? Ele está narrando seus sonhos. O que mais estaria ele fazendo? Ou não se trata de sonho propriamente, mas simplesmente desse fazer. Não há nada para fazer mesmo nesta vida, então, a gente vai fazendo... Somos a espécie que não tem nada para fazer. As outras espécies têm determinadamente o que fazer. Então, há esse tédio terrível que nos frequenta, que nos faz fazer até este negócio de, na Universidade, botar uns bobos sentados e um palhaço falando para eles. Se tivéssemos o que fazer, não estávamos fazendo essas besteiras. Mas como não temos o que fazer, fazemos besteira a vida inteira. Besteiras que não são senão manifestações puras e simples do tal Inconsciente, que tem como via régia de acesso qualquer uma que se queira

pegar. Ou seja, será régia aqui e agora aquela que se privilegiar como lugar suposto de decantação dos movimentos do tal Inconsciente.

Lacan, para matemizar ao máximo suas construções, privilegiava a construção do Inconsciente, desse lugar, como uma *superfície*. Isto porque linearizar-se o Inconsciente, reduzir-se a *uma* dimensão, ficava difícil demais, impraticável. Ele faz, então, a redução a *duas* dimensões para trabalhar a superfície na sua topologia, pois, diferentemente de Freud, no fim de sua vida achava que a topologia é a estrada régia para o Inconsciente. Ele estava se lixando para os sonhos que você tivesse para contar, estava interessado em como você poderia apresentar o *tópos* bidimensionalizado do movimento inconsciente que você tinha para apresentar. Não é à toa que temos todo um Derrida escrituralista nas franjas do lacanismo. É absolutamente natural, pois a escrita é uma superfície e se borda com duas dimensões, com ou sem papel. Estão lá os nós, Lacan enrolado nos nós das tripas borromeanas da concretude da existência. Isto porque elas se escrevem na relação bidimensional: escrita ali no por baixo/por cima, e não na grossura dos barbantes. A bidimensionalidade do por cima/por baixo e do por baixo/por cima, é isto o que tem para fazer.

Na época de Lacan, um pouco antes de ele construir toda a sua aparelhagem, há na Europa, sobretudo na França, um movimento de reconhecimento das outras dimensões. Estavam todos entusiasmados. Há uma quantidade de livros, de obras de arte, etc., produzidas nessa ocasião. Há as máquinas desejantes, ditas celibatárias, que Deleuze vai retomar adiante. Há toda a maquinaria surrealista construída aí ao redor. Há, pois, a vontade imensa que encontramos em quantos autores de várias artes nesse momento preocupados com a decantação do aparelho que estou chamando de Inconsciente em alguma bidimensionalidade onde alguma coisa possa se escrever. Está aí quem não me deixa mentir, o mestre que chamo de meu, e que acho que não foi pouco mestre de Lacan, chamado Marcel Duchamp, que já construía muita coisa, por invocação mesmo da pintura que se fazia sobre o suporte bidimensional da tela nesse momento, e que não deixou de inscrever o seu *Vidrao*, que é o seu Pleroma, sobre a superfície do vidro. E dizendo: vocês precisam olhar isso não

com os olhos da imediatez do que vêem sobre a superfície, pois não é senão a projeção bidimensional de uma figura de quatro dimensões. Não é bem parecido com o que Lacan supunha?

Trata-se da superfície onde se pode escrever n dimensões como *geometria projetiva* – e Lacan não deixa de falar nisto quando se dá conta de que não está deixando de falar na geometria projetiva que habita a cabeça de Duchamp, obviamente (ele passa por aí, pelo menos no *Seminário 11*) – de todas as dimensionalidades do tal Inconsciente sobre uma superfície onde posso inscrever isso: folha de papel, tela de pintura, partitura musical sobretudo, lâmina de acetato de um holograma... Que luz teríamos que fazer incidir sobre nossas manifestações bidimensionais do Inconsciente para que víssemos diante de nós a sua figura? Temos n superfícies. A dos filmes de cinema, onde certa luz atravessa e nos dá imagens com n dimensões. Estou pulando por cima até do holograma. Tome-se a superfície de projeção do Inconsciente, atravesse-se esta superfície por uma luz, que não é outra senão uma *Aufklärung* freudiana (faço questão desta remissão ao iluminismo de Freud), ou seja, tome-se a *Aufklärung* freudiana como luz e faça-se atravessar a superfície bidimensional onde está projetado tudo que possa haver de Inconsciente, e veremos o quê? O Haver em sua manifestação de presença e de ausência, segundo a formulação do Revirão. Aliás, no fundo, a psicanálise é iluminista. Não que pretenda clarear tudo, mas tem a vocação de apresentar, mostrar, essa projeção.

Então, posso lhes dizer, meus caros, que, incluindo as manifestações mesmas disso que queremos chamar de Consciência, ou de Consciente, o Inconsciente como o esgoto geral, a cloaca máxima disso tudo, não é senão a superfície do *Plano Projetivo*, no sentido topológico, se quiserem, absolutamente para mais do que banda de Moebius, unilátera absolutamente porque nem borda tem, onde estabelecemos a geometria projetiva do que Há.

* * *

- Pergunta – *O Inconsciente é o retorno do recalcado?*

Sim! Ou já foi. O que quer que se encontre por aí, em algum momento não estava aí, então, em algum momento, foi retorno de recalcado. Ou seja, se não é especificamente inconsciente hoje, faz parte do Haver que é o inconsciente. Por isso, digo que na fímbria, no horizonte, tudo é consciente. Para quem? Quando? Onde?

- P – *O que temos, então, que entender na clínica é que lá se dá o retorno do recalcado?*

Sim. O que se suscita na clínica, com muita cautela, com todo cuidado, é o retorno do recalcado, para o sujeito perceber que não é um mero animal. Só isto!

- P – *A fronteira entre o inconsciente e o consciente fica absolutamente flou. Consciente para quem? Inconsciente para quem?*

Preciso situar-me no aqui e agora do que possa indicar na projeção como consciente ou como inconsciente. Isto porque o grande problema de nossa espécie é que ela não regula muito bem... esta passagem, tanto é que pode começar a delirar, ter alucinações. Justamente, em função do Revirão. Posso estabelecer uma medianidade de provas de realidade, mas no que algo se presentifica, suscita o seu reviramento, e se me perco minimamente aí, o que faço? Onde me encontro? Ninguém mais disponível à loucura do que gente.

- P – *Em Seminário antigo, você disse que a reflexão é binária...*

Em termos de Revirão, ela fica fazendo oposições. Mas justamente porque se constrói catoptricamente, ela tem o terceiro ponto que a remete para a indiferenciação, para o real, que lhe permite saltar fora e se defrontar com o não-Haver: há isto em contraposição a não-isto. Por isso, digo que talvez melhor do que falar em *terceiro* é falar em *segunda potência do binário*. Estou na freqüentação do binário, mas se me der conta do que vai pelo meio, ou seja, se me der conta da contrabanda do binário, salto para o terceiro lugar e tenho a chance de me defrontar com “há isto” diante de “não há”. Então, potencializei o binário. Por isso, preciso retomar o tal Sujeito, que é o meu, não o lacaniano, o cartesiano ou o kantiano e tampouco o de Alain Badiou, que as pessoas resolveram que deve ser o meu só porque indiquei aqui uns livros dele.

[...]

A postura do analista é manter o referencial de última instância, o Recalque Originário. Mas o que se opera na clínica é tentar a rememoração através daquilo que Lacan chamava de equivocação, que não é senão ir fazendo retornar o recalcado. Cada experiência dessas é uma experiência de Revirão e ela, por si, suscita a andadura para o Terceiro. Não posso operar diretamente querendo, por força, fazer o analisando rememorar a última instância, que é referência, que é rememoração minha pela experiência que já tive pela análise. Com o analisando, estou jogando bem mais barato, até, quem sabe, suscitar, por repetição da experiência, a rememoração direta. Só que dura um tempo para o sujeito se rememorar, se referenciar direto.

11/AGO

10

O SUJEITO

Hoje é 25 de agosto de 1994. Não sei se sabem que é o Dia do Soldado. Talvez não faça o menor sentido para vocês. Mas para mim faz. Faz exatamente quarenta anos que a gente atravessou a famosa Noite de São Bartolomeu, como era chamada a noite do massacre (que não foi exatamente o do Getúlio). Na véspera daquele dia, em 1954, dia 24 para 25, estávamos todos, garotos, na Escola Preparatória de Cadetes de Fortaleza com os fuzis na mão, ou ensarilhados em baixo do sol, para fazê-los suarem. Não sei se sabem, mas as armas suam. Passa-se graxa e, na hora de sair com elas, é preciso colocar ao sol para tirar a graxa. Elas ficam suadinhas e vamos enxugando. Estávamos, então, suando os fuzis para o grande desfile do dia seguinte, dia do soldado, quando nós, calouros, deixaríamos de ser *animais*, como éramos chamados, e passaríamos a ser *gente*, ou seja, cadetes. É um ritual de passagem, uma iniciação, em que se passa de suposto animal a suposto sujeito.

Mas, naquele dia, Getúlio resolveu dar um tiro nos peitos e estragou tudo. Nós sonhávamos apanhar, tomar porrada a noite de São Bartolomeu inteira e no dia seguinte poder ficar livres de uma vez por todas do ritual de passagem, o *trote*, que incluía essa espécie de tortura onde se verificava se o sujeito era filhinho da mamãe ou se dava para ficar lá. Quem agüentasse a porrada ali durante esse tempo, sobretudo na Noite de São Bartolomeu, virava gente no dia seguinte, era cumprimentado e passava a ser respeitado como se fosse um igual. Aí, Getúlio estragou tudo. Ficamos tomando porrada até 7 de setembro...

Getúlio, então (não sei por que em português se diz) *suicidou-se*. É redundante: ele *se matou-se*. E nós outros, que perdemos a data, a gente *se fodeu-se*. Vejam que este reflexivo da língua está associado ao reflexivo do sujeito num ritual de passagem iniciatório em que se deixa de ser animal e se passa a ser gente.

É isto o tal *Sujeito*? De que sujeito se fala? É o mesmo reflexivo de René Descartes?

* * *

Estamos tratando da questão da *Clínica*. Por isso, estou retomando esses indícios. Foi o caso da vez anterior, por exemplo, de redesenhar de algum modo a noção de Inconsciente, e acabamos no grande Plano Projetivo, capaz de receber a inscrição de toda e qualquer havência.

Hoje, estou de novo ocupado com a questão dita do *Sujeito*, que apareceu no campo da psicanálise mediante a forçação, nitidamente francesa, do Dr. Jacques Lacan. Isto pelo hábito do pensamento francês de se reportar a isso que chamam de *Sujeito*. Não havia isto em Freud, que tem o tal *Ich* ou *das Ich*. Lacan resolveu – não sei por que cargas d’água, pois não encontro isto no texto de Freud – que o *Ich* sozinho, o *Eu*, era da ordem do sujeito, e quando aparecia com o artigo *das*, neutro, deveria ser da ordem do Ego. Ele fez esta distinção, que acho inapreensível a não ser pelos interesses de representação do Dr. Lacan (o que é uma coisa perfeitamente normal), pois não há nenhum *Sujeito* assim nomeado no texto freudiano. Justamente porque, embora houvesse uma emulação constante de Freud com os filósofos, alguns até supondo certa inveja sua para com filósofos, ele não está fazendo propriamente filosofia, e quando se utiliza de pegadas filosóficas em seu percurso é como indicação de já ter havido algum apontamento daquilo de que fala no seu passado pré-analítico. No entanto, o Dr. Lacan deita e rola sobre um suposto *Sujeito* freudiano que seria como engrazamento na cultura, no pensamento francês, de nada mais menos do que o tal sujeito do *cogito* do das cartas.

Precisamos nos decidir – e esta é a intenção do ponto de vista clínico e teórico da minha perspectiva – se sustentamos este Sujeito ou não, ou em que ordem de significação sustentamos este nome, se quisermos mantê-lo. Vejo que alguns daqueles que operam junto comigo se confundem com certa facilidade entre essas nomeações de Sujeito. Uma suposta nomeação freudiana, que, na realidade, não existe; uma suposta lacaniana, que é declinada e remetida à cartesiana ou, por tabela, ao sujeito kantiano que não é reflexivo, e sim transcendental; e também, ultimamente – porque fui indicá-lo como questionamento da série dos números e, portanto, do velho texto de Jacques-Alain Miller sobre a função-sucessor como apreensiva da questão Sujeito –, as pessoas começaram a achar que tenho um Sujeito igualzinho ao de Alain Badiou. Não tenho não. Então, vamos tentar estabelecer as diferenças.

A questão cartesiana, como se lembram, começa onde deve começar. Bertolt Brecht, na *Vida de Galileu* diz: “Pois onde a fé teve mil anos de assento, sentou-se agora a dúvida”. Isto para mostrar a questão que ele elabora – e que retomaremos em outro Seminário – da asserção da fé, que não oscila nem mesmo obsessivamente. Este é o fundamento da religião. Mas Brecht não está falando de religião, e sim de algum tipo de fé que faz uma asserção sobre uma posição e a instalação da dúvida supostamente como aquilo que inaugura a possibilidade de pensar. Pelo menos, é assim que está dito no texto cartesiano mesmo. O famoso René Descartes, como sabem, nasceu em 1596 e morreu em 1650 (mais novo do que eu, portanto, já posso dar pito nele). Aos 54 anos, *empacotou-se*. Aliás, tem uma relação interessante com nossa história: em 1618, se alista no exército de nosso conhecido Maurício de Nassau, aquele príncipe que era uma espécie de Jacques-Alain Miller da época... Mas chamam Descartes de “pai da filosofia moderna”, como se ele tivesse inaugurado algo radicalmente. No entanto, sabemos que ele pode perfeitamente ser tomado como um epígono dos escolásticos.

O que Descartes estava procurando? Isto que, em filosofia, se chama de uma *proposição apodítica*. Ou seja, uma verdade na qual se possa crer sem nenhuma referência necessária, com independência total de qualquer

tradição ou de qualquer autoridade: a coisa se apresenta sólida e claramente por si mesma. Ele queria, então, encontrar uma verdade que se garantisse sozinha. Todo mundo quer. O século XX está ferrado porque acha que perdeu isto. Discute-se sobre ética, etc., porque não há, hoje, nenhuma afirmação apodítica, logo tudo se relativiza. Como sair desta? Mas onde Descartes foi amarrar sua necessidade de proposição apodítica? No que considerava como lugar de possibilidade de se demandar uma nitidez, uma clareza, uma evidência qualquer, e que encontra supostamente revelada no que chama *dúvida metódica*, que seria, como método, o nome está dizendo, aquilo que permitiria indagar sobre o último critério da verdade. Ele chega, para si, à conclusão de que não é só por nihilismo ou por ceticismo que se duvida, mas porque somente a dúvida pode fazer nascer uma certeza. Só da dúvida uma certeza tem nascimento.

Isto é muito sério, pois não é pouco freqüente, sobretudo com o peso da existência de René Descartes no pensamento ocidental, reconhecer-se que qualquer processo de encontro de uma verdade, de uma certeza, nasce sobre a dubitação. E isto não é senão algo que, hoje, conhecemos com outro nome. Mas Descartes achava que há algo de que não se pode duvidar de modo algum, que é indubitável quando está duvidando metodicamente, que é: enquanto está duvidando, ele está pensando. O mecanismo da dúvida é: *se duvido, logo penso*. Depois, ele chegou a uma conclusão apressada demais: *se penso, logo sou* – aí a coisa fica muito esquisita... Mas ele faz a suposição de que a dúvida pára, freia, se suspende no pensamento fundamental de que ao duvidar se pensa que se duvida: quando estou duvidando, estou pensando que duvido. Daí ele tira o famoso lema definitivo: *cogito ergo sum*, que passa a ser uma espécie de certeza de base, uma certeza primária do pensamento de Descartes e que invade o pensamento ocidental.

Desta cogitação, então, que não é senão dubitação, Descartes tira a idéia de que ele é uma coisa pensante: *res cogitans* radicalmente diversa de qualquer extensionalidade, de qualquer *res extensa*. Não estamos aqui retomando filosofia, o que me interessa é relembrar que a dúvida metódica, a *dubitatio*, de Descartes, não é senão o princípio sobre o qual ele funda toda a

possibilidade de certeza no pensamento. Ou seja, Descartes, como muita gente que pensa ou supõe que pensa, pensa a partir dessa dubitação, dessa vacilação, dessa irresolução, dessa indecisão, desse não decidido, desse não recortado ainda. O próprio movimento da dúvida, ele tomava funcionando como se fosse, ela mesma, uma espécie de suspensão de juízo, *epoché*. Eu, acho que a simples sustentação de uma dúvida não é suspensão de nada, é simplesmente a obsessão, a obsessividade do aparelho psíquico.

Esta suspensão suposta, que, na verdade, é *dubitatio* em Descartes, tem antecedentes. Encontramos isto com a mesma configuração em alguém em quem ele deu um chupadinha, que é Santo Agostinho, cujo cogito é: *Si fallor sum*, se erro então sou. O pensar em Descartes não é, pois, senão a insistência da dúvida. É como se dissesse: duvido, logo sou – que é extremamente próximo de *fallor*. O que está me interessando aí é, através destas declarações ditas filosóficas, a repetição de que as pessoas supõem que pensam porque ficam duvidando, porque são (não necessariamente neuróticos obsessivos, mas) obsessivas como todo aparelho psíquico. Veremos que, depois, Lacan retira Freud deste aparelho para não situar o Sujeito no mesmo lugar do cogito, mas sim no do *desidero*: desejo, logo sou. Mas Santo Agostinho teria dito isto no livro *De Civitate Dei*, Sobre a Cidade de Deus – estava falando de nós, naturalmente –, no livro 11, capítulo 26. Ele pergunta: *Quid si falleris?*, se você se engana, o que acontece? E responde: *Si enim fallor, sum*: se me engano, então sou. É isto que costumeiramente se repete na filosofia como: *Si fallor sum*, se erro – no sentido da errância, da dubitação –, então sou. Então, Descartes, no fundo, é um agostiniano dando uma solução peremptória a essa vacilação.

Merleau-Ponty, tentando nos explicar didaticamente o cogito, apresenta três aspectos. Está publicado no *Boletim da Sociedade Francesa de Filosofia*, de 1947, p. 129 a 130: O cogito, no seu primeiro aspecto, equivale a dizer que quando me apreendo a mim mesmo, me limito a observar um fato psíquico e esta significação, predominantemente psicológica, é a que aparece no próprio texto de Descartes. Isto é indiscutível. Ou seja, uma acepção do cogito me limita a observar um fato psíquico, que é a dubitação. Segundo aspecto: Cogito

pode referir-se tanto à apreensão do fato de que penso como aos objetos abarcados por este pensamento. Assim, *cogito* não é mais certo do que *cogitum*, ou seja, *penso* não é mais certo do que *aquilo que é pensado* por meu pensamento, e esta significação também está em Descartes. Terceira acepção: Cogito pode entender-se como ato de duvidar pelo qual se põem em dúvida todos os conteúdos atuais e possíveis de minha experiência, excluindo-se naturalmente, para poder valer, duvidar do próprio cogito (aí seria neurose obsessiva). É a significação que tem o cogito como princípio de reconstrução do mundo, e esta significação também aparece em Descartes. Embora as três significações apareçam no texto de Descartes, a terceira – do cogito enquanto colocação da dúvida como fundamento da certeza desde que não se duvide deste duvidar – parece ser a principal, e é a que a tradição tem mais acentuado. O verbo *cogitare*, em latim, que frequentemente interpretamos com sentido intelectual, no espírito mesmo de Descartes assim como na raiz etimológica, significa: qualquer ato psicológico que eu possa apreender em mim desde que este ato pertença de modo direto à realidade do íntimo como distinta da realidade das substâncias extensas.

Acho que não preciso falar mais para mostrar com clareza onde Lacan foi buscar o fundamento do sujeito da ciência como sujeito do Inconsciente. Foi no cogito cartesiano de herança agostiniana com a fundamentação de *dubitatio*. Isto só para lembrar a vocês, pois a indicação é antiga, onde fui buscar o meu Revirão. Não em nenhuma certeza cartesiana, mas no fato de que: colocou, opôs; colocou, dubitou; e duvidar não é senão, dentro de qualquer colocação, eu lhe colocar uma anteposta, seja o *não* disto, ou seja uma outra coisa que imediatamente, assim como queriam os lingüistas estruturalistas, passa a funcionar como oposição – fonêmica, de sensação, do que quiserem, até do tal significante.

Está combinado assim? Só chamei Descartes aqui para dizer que tenho espalhado por aí a garantia de que a certeza do tal Sujeito não é senão solução emprestada à dubitação necessariamente obsessiva do aparelho psíquico. Repito, não estou falando de neurose obsessiva, e sim da obsessividade do aparelho psíquico.

É claro que, mais adiante, em termos de gosto filosófico, isso começa a se encaminhar para outros lugares na tentativa de resolução de problemas muito sérios, que certamente foram postos pela própria postura do das cartas.

Kant, por exemplo. (Não vamos desenvolver aqui, pois é coisa para lonjuras). Só como lembrete, falemos do famoso *sujeito transcendental*. *Transcender*, todos sabem que indica a passagem de um local a outro atravessando certo limite. No sentido kantiano, transcendental é, pois, o nome de todo conhecimento que não se ocupa tanto dos objetos deste conhecimento quanto do modo de conhecê-los. Isto no que este conhecimento é, como ele chama, *a priori*, ou seja, não tem origem empírica. Aí vem sua tal filosofia transcendental como idéia de uma ciência cujo plano arquitetônico deve ser traçado pela crítica da razão pura. O tal transcendental é o nome de um modo de ver, que não é psicológico. É também o nome de algo que não é nem objeto nem sujeito cognoscente, mas sim uma relação entre ambos. Isto de tal modo que o Sujeito constitui transcendentalmente, com vistas ao conhecimento, a realidade enquanto objeto – é uma grande jogada do Immanuel. E a esta relação entre Sujeito e objeto corresponderia o tal Sujeito transcendental. Mas transcendental furando o limite para o quê? De eu para não-eu – ó o Lacan aí, gente! pintando o Outro aí na boca do Kant! A transcendentação de eu para não-eu constituindo, então, o objeto não-eu como, conhecimento na relação do tal eu. Constituindo-se, portanto, aí, como conhecimento, a transcendentalidade do não-eu. Há um Sujeito que transcende, digamos; o objeto que é transcendido; e o transcendental que não é senão a relação entre estes dois baratos aí.

O tal Sujeito, então, de que estávamos falando, é abordado de vários pontos, de várias maneiras. Digamos que, do *ponto de vista lógico*, é aquele de que se afirma ou se nega algo. Do *ponto de vista ontológico*, o ser do Sujeito é tudo aquilo que pode ser objeto de juízo, de julgamento. Na realidade, isto se chama objeto-sujeito. Em nossa língua não funciona muito bem, mas em francês fica muito claro quando se trata de certo *sujet*, que não é senão o

objeto-sujeito. Então, cuidado!, pois essa mania de falar francês vai acabar dando em besteira. A gente não é francês e não articula as coisas assim. Sujeito, para nós, aqui, é muito pegado de um lado só: ele custa muito a transcender, custa até mesmo a se tornar aparelho de conhecimento. Sujeito, na língua portuguesa, tem uma forte vocação para o sujeito psicológico. Do *ponto de vista do conhecimento*, não no sentido epistemológico mas no gnoseológico, o sujeito cognoscente é aquele que é definido como Sujeito para certo objeto de conhecimento. Do *ponto de vista psicológico*, não é senão o sujeito psicofísico que podemos indicar, apreender, por exemplo, na dubitação lá do Renato, e que temos certa facilidade para confundir com aquele do conhecimento, do objeto gonoseológico, mas que, na verdade, é o aparelho, a maquininha que podemos apreender como dubitante e daí tirar a suposição de que está acontecendo um troço, um barato, na cabeça, que chamamos de pensamento, por exemplo.

E o que está fazendo esse troço no campo da psicanálise? Dr. Lacan foi lá buscar o sujeito cartesiano, comparou com o *Eu* de Freud, fez uma grande batida no liquidificador, muito bem dosada, e reconstituiu este mesmo sujeito do conhecimento enquanto cartesiano, mas de certo modo infectado do sujeito transcendental de Kant, para atribuir a um sujeito do Inconsciente, dito sujeito do desejo, que ele vai redesenhar e apresentar como a grande bossa no achado psicanalítico. Ou seja, de que se trata do Sujeito. Isto em vários sentidos: está-se tratando de um cara e está-se tratando do Sujeito. Quem está tratando do Sujeito? O próprio sujeito-suposto-saber, por exemplo, que não é senão o tal Sujeito. Sujeito de onde? Do Inconsciente. Ele se mela consigo mesmo: ao mesmo tempo que é um sujeito com vocação psicológica, é um sujeito transcendental de conhecimento e é, sobretudo, um sujeito que passeia pelas cadeias do Prometeu acorrentado e não o desacorrenta jamais, senão que o mantém no papo da correnteza.

Lacan vem falar de um Sujeito *real-mente*. Para fazer um deslocamento radical do sujeito cartesiano e do kantiano, ele faz um empuxo em cima da tal cadeia de significantes, que tomou do estruturalismo lingüístico e refundiu, e vem dizer que não encontra outro sujeito senão aquele que é aquilo –

sei lá o quê – que é representado de um significante para outro significante. Isto é um golpe de mestre. Então, é só sabermos o que é o significante. É simples: significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Ele inventa o que chama a circularidade do Sujeito e do significante que digo que é pseudo-circularidade porque, se tomarmos uma frase e, a cada vez que aparece o termo, algebricamente substituímos por sua definição, entenderemos o quê? A *gagueira* do Sujeito. O Sujeito é gago. Querem ver?: o sujeito é aquilo que um significante (que é aquilo que representa o sujeito (que é aquilo que um significante (que é aquilo que representa o sujeito (que é aquilo que o significante... e vai-se em frente... Não se consegue terminar a frase se fizermos a substituição algébrica de cada vez que os termos aparecem. Então, ele não é circular, é infinitamente gago. As duas definições, colocadas uma embaixo da outra – “sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante”/ “significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” –, aparentam circularidade de definição, mas algebricamente... Lacan era muito chegado a aspectos de álgebra e almucabala no seio da representação. Mas trata-se mesmo aí de uma infinita gagueira aliás parecida com a tartaruga do Aquiles lá dele (depois chegaremos lá).

Um sujeito, diz Lacan, fala na análise para *se* significar. Há certo reflexivismo aí, que é o mesmo *se* foder, *se* matar, de que eu falava. *Se*, significa quem? *Se*, o quê? Lacan caminha, caminha, para explicar, lá adiante, que o Sujeito fala para sumir, para desaparecer. É a famosa afânise. Do quê? Do Sujeito – dito assim por Lacan. Para Freud, representado por seu garotão Ernest Jones, não havia nenhuma afânise de Sujeito, mas sim afânise do desejo. Juan Nasio chama atenção para isto numa série de conferências que fez sobre o ensino de Lacan em que nos lembra que Freud dizia: “O desejo se satisfaz...” Lacan diz: “O sujeito se satisfaz...” – com o quê? Com *sumir*. Isto sobre a perspectiva de desaparecimento afanísico do sujeito – que é a tônica de Lacan – que o torna, entre aspas, “real” porque simplesmente não há nada a dizer sobre o buraco que se representa, não se sabe como, entre significantes.

Nasio tem a idéia engraçada de apresentar o Sujeito como um doce folhado, daqueles do Alemão, lá de Petrópolis: o *sujeito folhado*, em cima da

superfície de Riemann, matematizada por essa sucessiva tentativa de representação de coisa alguma. Todos que comeram doce folhado sabem que estão comendo quase nada, pois recheio que é bom, não tem. Então vai-se comendo significantes, entre os quais está o tal Sujeito, que não é nada. Isto é trágico: a gente fica com água na boca e não come ninguém, ou melhor, nada. E o tal sujeito-suposto-saber não é senão o sujeito do próprio saber. Esta é a suposição que Lacan faz de haver um Sujeito do saber inconsciente, o qual não é nada, é um sumiço. Não estou comentando isto como erro. Ele inventa um negócio divino: nada. Ou seja, até do ponto de vista lacaniano estrito, poderíamos dizer que não há Sujeito algum. O que há é um efeito que chamamos de Sujeito, efeito de significantes. Então, o que Lacan consegue inventar é o Sujeito do próprio conhecimento, seja ele reflexivo, transcendental, desejante, o que quiserem, que não é senão nada, coisa nenhuma, um buraco, uma brecha, que fica por aí funcionando e que apreendemos como efeito dessas passagens de significantes.

Então, insiste-se em falar de certo Sujeito, para quê? Para se ficar parecido com os filósofos e chamar seu produto de anti-filosofia. Mas uma saída seria dizer: – Visto isto, não há Sujeito algum, vamos parar com esse negócio! Alain Badiou, que teve a gentileza de nos fazer uma visita, e que já comentei longamente em Seminários de anos atrás, como certo herdeiro da patota Althusser, Lacan, etc., retoma a questão do Sujeito. Foi publicado recentemente no Brasil um livrinho seu com as conferências que fez aqui, que é extremamente didático, mas aconselho que leiam também a sua obra mais pesada. Ele tenta recolocar o Sujeito, discordando do Sujeito lacaniano, a meu ver com extremo perigo, se não, mesmo com certo retrocesso quanto à posturação do Sujeito de Lacan. Mas ele traz, nesse livrinho, algo que acho muito gostoso, pois eu já o havia dito bem antes de ele o publicar assim. Não está assim em seus livros anteriores e serve para repetir algumas coisas que tenho colocado (sobre outro aparelho, como sabem). Badiou também diz, como eu, que o homem não é um ser para a morte, como quer o hábito filosofante do Ocidente. Eu, não digo assim. Digo: *a morte não há*. Para ele, trata-se de lidar

com o imortal. Badiou também diz que o Sujeito é raro, não é tão disponível, esse burquinho solto por aí como efeito de passagem entre significantes, como quer Lacan. Também digo que o Sujeito é raro, mas não pelo mesmo motivo. Estou tentando, aqui, fazer as distinções.

O Sujeito de Badiou é raro porque depende de um acontecimento. Acontecimento este que, para produzir o raro sujeito, depende de ser processado numa verdade, de um processo de verdade que existe na fidelidade a esse acontecimento. Ele diz: “O Sujeito não é alguém”. Alguém, *quelqu’un*, em francês, para ele, é um animal humano (aquele cuja passagem a homem eu lhes contei que em 1954 estava fazendo debaixo de porrada). Ele captura a passagem do animal ao homem neste processo de uma verdade constitutiva do Sujeito. Eu, não estou falando nem de *quelqu’un*, nem de Sujeito, e sim que: *há Um* – um homem com’Um. Badiou fala de “consistência subjetiva”, a qual acontece quando alguém compromete a sua singularidade, a sua existência corporal de animal humano. De alguém, na continuação da permanência de um sujeito da verdade. Então, o Sujeito, digamos, arrisca a sua vida – ele não escreveu assim, pois podia ficar parecido com a relação senhor/escravo de Lacan –, arrisca o próprio rabo, na sustentação de uma verdade que é processamento de um acontecimento e uma aposta.

Considero o Sujeito de Badiou um pouco em retrocesso porque, nesse confronto, nesse encontro, nessa aposta, enquanto definidora do tal Sujeito, estão se colocando de volta suas *razões sintomáticas*. Ele não diz isto, eu é que suspeito aí as razões sintomáticas de sustentação do Sujeito. Ele pretende encontrar um processo de verdade que decide independentemente de qualquer coisa, com puros lances de dados, um puro acaso. Isto não existe. O evento vem como suplemento a tudo que aí está e vai esbarrar numa indecidibilidade radical. Este acontecimento é indecível. Ou seja, nenhuma regra permite decidir se um evento o é. Assim, tem-se a impressão de que, com isto, ele consegue salvar a situação do acontecimento. Ou seja, se nenhuma regra decide, ela é decidida aleatoriamente na dependência estrita do acaso. Notem que ele não é psicanalista, e já disse que nem análise suporta fazer. É um filósofo com um tesão matemático muito bonito.

Estou dizendo que se deixarmos o homem ao acaso, o tal alguém, o animal, mesmo que tenha suportabilidade de Sujeito, este acaso será imediatamente sugado, imantado pelas formações sintomáticas que estão disponíveis. Por isso, considero retrocesso. Isto porque ele assume o risco de decidi-lo. Baseado no quê? *Por acaso*, diz ele. Esta decisão é “fragmento de acaso”. Mas ninguém se comporta assim, não na decisão, digo eu. A tal decisão, para ele, é uma escolha, uma escolha pura sem conceito. Ele tem que dizer isto, pois se colocar a menor sujeira na decisão, a menor conceituação, ela passa a ser sintomática. Sabemos que o grande representante, para ele, deste entendimento aí é Mallarmé, o tal do *Coup* de dado, o poeta do “lance de dados”. Esta decisão é, portanto, uma escolha entre dois termos indiscerníveis. Então, só pode ser aleatória, por acaso. Segundo ele, dois termos são indiscerníveis “se nenhum efeito de linguagem permite discerni-los”. Ou seja, nenhuma aplicação de linguagem permite discernir aquilo. Ele vai mesmo a Mallarmé: o Sujeito é puro lance de dados que não abole o acaso, nesse lance, e a verdade ali instaurada é um fragmento de acaso. Fragmento de acaso, acaso é. E ele então tira daí uma coisa que pode até nos ser interessante: a *indiferença do Sujeito*. Ele é inteiramente indiferente diante do acaso da escolha.

Badiou diz que uma verdade, se a supomos acabada, é genérica. Ou seja, tomando-se a teoria dos conjuntos, temos que um subconjunto genérico é infinito, não tem nenhum predicado que o unifique, é intotalizável, não há possibilidade de fazer a conta da sua totalidade e não se pode construir ou nomear dentro da língua. Então, não é senão, por exemplo, o aberto radical de Lacan com seu buraquinho de *S* de *A* barrado. Ele toma a idéia de *forcing*, de Paul Cohen, no sentido matemático, e diz que o que se produz como verdade, como sujeito, etc., é por *força*. No sentido matemático, a força é alguma coisa escritível matematicamente. O sentido que Badiou lhe dá em seu pensamento é o de “uma hipótese antecipante quanto ao ser genérico de uma verdade” – e como posso fazer uma hipótese antecipante sobre o ser genérico de uma verdade? por puro acaso –, uma “ficção potente”, continua ele, de uma verdade acabada – e como posso eu fazer a ficção potente de uma verdade acabada de

modo a que seja estritamente aleatória? Portanto, por favor, não confundam: se eu ainda tiver a coragem de falar em Sujeito, não é o de Badiou que se trata.

Será que ainda devo falar em Sujeito? Ou o jogo fora? Devo. (Só porque todo mundo fala, aí então fico na moda. E estar na moda é extremamente importante, se não a gente passa mal, tratam a gente muito mal, se a gente anda fora de moda, é doido).

Fiz, então, apenas uma breve passagem por cima dessas idéias de Sujeito, o qual não está em Freud, mas está em *Descartes* como *sujeito reflexivo*, em *Kant* como *sujeito transcendental*, em *Badiou* como *sujeito da verdade* e em *Lacan* como *sujeito do desejo*. Quando comecei a construir o aparelhinho chamado Revirão, até me confundi escrevendo Sujeito no intervalo dubitativo dos dois alelos, mas corriji correndo, pois já naquela época eu dizia que se trata é de um *assujeitado*. Quem está dentro desta maquininha está assujeitado à dubitação. É como se eu dissesse que a dubitação de Descartes, de Santo Agostinho, de Lacan, de Freud, de todos, não é senão que esta nossa espécie é assujeitada à maquininha de dubitação. Daí a fundar um Sujeito, é outra história. Estamos todos sujeitos, no sentido de assujeitados, à maquininha de dubitação. E é daí que todos tiram alguma coisa.

Não preciso instalar nenhuma brecha entre significantes para pegar um Sujeito como efeito dessa cadeia significante. Isto na medida em que, uma vez constituído o Revirão como dubitação entre alelos, no corte – ou antes ou depois, tanto faz – sobre a superfície unilátera, surpreendo, porque assim o quero, a possibilidade de escrever uma coisa de um lado e outra de outro e o percurso contínuo, no entanto recortável, do ponto bífido sobre essa superfície. Quando recorto, não me esqueci do antes do corte e, portanto, posso dizer que há dois alelos escritíveis sobre a superfície – não no mesmo lugar, pois há uma volta inteira antes de escrever de novo – e a suposição da sustentação do *ponto bífido* no intervalo, no *entre* os dois. Em que lugar? Não sei: ali pelo meio, sei lá onde, passa-se por ele. O ponto bífido, ele sim, não apresenta orientação alguma. Aliás, não posso conceber com os matemáticos a insistência voluntariosa de dizer que numa superfície unilátera como a banda de Moebius

não há possibilidade de se inscrever para um ponto uma orientação. Isto porque a possibilidade de um ponto estar orientado aqui e agora na sua referência a um outro que está ao seu lado é perfeitamente viável. Ou seja, uma vez que faz o percurso, vai aparecer do outro lado girando ao contrário, mas aqui e agora a banda tem uma borda e uma margem – que o Plano Projetivo não tem – que dão uma organizada naquilo. Um ponto que esteja do meu lado girando ao contrário de mim me parece diferenciável, mesmo que eu, dando meia volta, vá encontrá-lo em contrário a mim mesmo e girando ao contrário. Mas se o outro caminhar junto, vou encontrá-lo ainda girando ao contrário. Então, não quero me meter nas questões de orientabilidade de interesse puramente burocrático da matemática.

* * *

O que me interessa é dizer que se constituem dois alelos opositivos naquela perseguição obsessiva de Descartes, como de todos, em cima da dúvida. E que isto tem que ser recortado de algum modo. E foi recortado das mais diversas maneiras, mas não da minha. Da minha maneira, encaro as duas oposições, reclamo o terceiro lugar como a bifididade do pré-recorte, como lugar de transiência de uma posição para outra, e faço mais, ainda digo que se você consegue se instalar, por um pouco que seja, na *epoché* – agora, sim, verdadeira –, na suspensividade deste terceiro ponto – e não na suspensividade que se pode supor no entre da oscilação obsessiva, pois é aí que vem o fundamento da neurose obsessiva: o obsessivo, enquanto neurótico, e não enquanto aparelho psíquico, simplesmente fica igual a Descartes, mas sem tomar decisão alguma –, ou seja, se você vai para o terceiro lugar e entra em suspensão, você *indifere*. Não é a mesma indiferença de Badiou, pois aí a indiferença está entre oposições declaradas num terceiro lugar neutro, e que nem por isso é bissexual ou andrógino, nada disto, é simplesmente neutra, disponível.

No terceiro lugar, indiferenciando os outros dois, para o sujeito, repito agora, *sujeito psicológico* – pois o que apreendo aqui dentro de mim, de meu

lixo próprio, como daqueles faladores no meu ouvido, dos lixeiros que jogam dejetos na minha fossa –, nesse momento, exaspera-se uma diferença radical que não estava inscrita antes, que é de permanecer se percebendo psicologicamente como *havendo*, mesmo na indiferença das oposições, e não deixando de haver, portanto, não não-havendo. Isto é que é exasperador. Por isso, meu Sujeito, se ainda deve existir, não pode ser colocado em nenhum dos lugares que foram indicados até agora. Isto porque ele está escrito, apareça ou não, n' ALEI que fundamenta a possibilidade de a catoptria se mostrar, que é: Haver desejo de não-Haver. Aí posso encontrar uma escritibilidade possível para meu Sujeito – que não é propriamente *dividido*. Aquele professor, ano passado, no *Psicom*, chamou o sujeito dividido de sujeito no pau-de-arara. Achei interessante, mas prefiro dizer que é o Sujeito Prometeu acorrentado. O meu não é, pois, um sujeito dividido entre nenhum S_1 e S_2 , nem sujeito relacionado ao indecível do evento indiscernível que Badiou desenha. Quem se lembra de minha ALEI, do meu Revirão, poderá me conceder, pelo menos em função desta postulação, que estou falando de um *SUJEITO EM ABISMO*, à beira do Cais Absoluto: *um Sujeito à beira do abismo*. Ele não se representa para coisa nenhuma, pois lá só há abismo. O que, dentro, se apresenta, são as suas dubitações e a sua obsessividade. Sua, de quem? Estou falando bobagem, pois não há “sua”, *não há sujeito nenhum nessas dubitações*. E qualquer retorno do dito “sujeito” ao seio do Haver, retoma suas fixações, ou seja, é de ordem sintomática.

Freqüentemente digo, referindo-me a alguém: mas é um animal... Isto porque quer se esquecer da possibilidade de viajar até o Cais e, então, fica com aparência de animal. Entretanto, se me reporto à experiência de, digamos, Sujeito em abismo, posso perfeitamente retornar ao seio do Haver, *sem aderência sintomática*. Não sem sintoma, mas *sem aderência* e mesmo *sem adesão* ao sintoma, simplesmente usando-o. Sintoma está aí para se usar. A gente usa. Não temos nada para fazer mesmo... Já lhes disse que somos a espécie que não tem nada a fazer. Esta “adesão”, entre aspas, capaz de ser suspendida, é mera afirmação do valor de tal sintoma em confronto com outro sintoma. Se há sintomas pespegados no boneco, não sei por que motivo devo achar que o

sintoma de outro é melhor. Posso, então, dizer: você é muito engraçadinho, mas vou votar no meu sintoma. Mesmo porque o tal Sujeito abissal desaparece, some, se eu deixar o boneco morrer. Então, ninguém não vai me “afanisar” dessa forma enquanto eu puder lutar. E isto, não porque eu seja Sujeito em função desta aposta, pois posso até supor ser Sujeito – e isto não me serve para nada, posso jogar este nome fora – lá na minha região abissal, mas sim porque, de retorno, faço um pouco de justiça: qual é, cara, por que a sua deveria ser melhor que a minha?

Por isso, tenho a implicância que tenho com o “mazombismo” brasileiro. Não vejo nenhum motivo para confundirmos a massa eruditizante e eruditista com que qualquer francesinho bem escolado cerca os seus achados de maneira a nos sufocar debaixo de um saber astronômico, com competência de pensamento. Não tenho nenhum motivo para supor que René Descartes pensa melhor do que eu. Ele pode ser mais rico, mas não pensa melhor do que eu, não duvida mais do que eu, nem decide mais do que eu em função de meus abismos.

Vocês se lembram de que, há anos, comecei com a questão me aporriando a vida. Primeiro, em função de enunciado e enunciação, chamei de Sujeito da Denúncia, o que é tolice. Depois, tentando correção, busquei mostrar que no Cais Absoluto um sujeito *se denuncia*, que há pelo menos uma Denúncia de Sujeito por ali. Já melhorou. Agora vou insistir de outro modo. No Cais Absoluto há, sim, Denúncia de Sujeito, ele compareça ou não. Denúncia que se oferece a um indivíduo humano, a um homem com’Um. Aí é que se é com’Um, o resto é rebanho. Um homem com’Um é o que passa por Lá. Outros não passam por Lá com frequência ou não passam quase nunca, são o rebanho dos humanóides. Só há, então, Sujeito, mais raro talvez do que supõe Badiou, enquanto, entre aspas, “estacionamento” na Indiferença, na exasperação assumida entre Haver e não-Haver. Agora sim, posso dizer que há Sujeito (isto não presta para nada, mas posso dizer, para não sair da moda).

Que nome eu poderia lhe dar? Sujeito do quê? Da dúvida? Da certeza? Do desejo? Do saber? *Sujeito da Renúncia*, este é o seu nome. Denúncia de um Sujeito que só se apresenta como Sujeito na Renúncia à diferenciação do

Haver. Sujeito da Renúncia ao seu desejo? Não! Não é possível, a ninguém, renunciar ao seu desejo. Ninguém abre mão de seu desejo, como já expliquei, mas renuncia ali tanto à diferenciação interna quanto ao *objeto impossível* do desejo. Se há algum sujeito que preste, é, para mim, o Sujeito da Renúncia no Cais Absoluto, sujeito da U-topia. Todos que escrevem sobre utopias sonham poder desenhá-las, seja como o *Leviatã* hobbesiano, aquela coisa esquisita, seja como o carnaval de Oswald. Mas a utopia, meus caros, simplesmente não há. U-topia, quer dizer não-lugar. *O que é utópico? O não-Haver*, lugar nenhum. Mas acontece que ALEI não é outra senão aquela que me diz: teje preso, pois o que te desenha é: Haver desejo de não-Haver. Então, a Utopia, não posso abrir mão dela, mesmo não a encontrando jamais. E não posso abrir mão enquanto abissal, enquanto aquele que corre para o abismo, e dá de cara em quê? Não dá de cara, pois na cara não tem nada, só tem é debaixo da bunda, o Cais Absoluto, onde ele está sentado. É um sujeito quase desbundado. A utopia, meus caros, é a própria essência do trágico. O trágico é que a utopia não há e, no entanto, não posso abrir mão dela. E isto é *irreversível*, como tanto já expliquei.

O Sujeito em abismo, ao que me pese meu caro mestre Dr. Lacan – do qual Nasio insiste em dizer que o Sujeito de modo algum é entre *ser* e *não ser*, mas sim entre um significante e outro significante –, faço questão de dizer que retorna a questão hamletiana (não aquele Hamlet de Lacan, mas outro – um dia temos que relê-lo). É a tradução que já escrevi há muito tempo: *tobe or notobe*, que quer dizer: Haver desejo de não-Haver, *that is the question*: Haver ou não-Haver? Traduza-se direito Shakespeare. Os ontólogos resolveram dizer que se trata de “ser ou não ser?” Mas é “haver ou não haver”. É disto que ele está falando, e não de nenhum ser. Está com a porcaria da caveira na mão: “Eu há ou não há?”, “Hei ou não hei?” Sendo que a colocação precisa da questão do Sujeito da Renúncia elimina o *ou* do pobre do Hamlet. Ele só é obsessivo porque insiste no *ou*, e não porque resta entre Haver e não-Haver. O *ou* dele pode ser o *sive* de Espinosa ou o *vel* de Lacan. Acho que este *ou* deve ser eliminado, pois é a sede da neurose obsessiva do pobre Hamlet. Não é questão

de haver *ou* não-Haver, e sim de que *Há desejo de não-Haver*, e não há outro desejo disponível. Todos os outros são faces, máscaras, deste Desejo. E a morte não há. E com Hamlet esbarro na caveira que (não) a simboliza.

O que encontramos, então, é o homem com 'Um, como *Séde de desejo*, e não como Sujeito. Digamos que, de algum modo, *mutatis mutandis*, dá para retomar essa sujeitada toda no Sujeito da Renúncia, o qual não deixa de ser um sujeito reflexivo meio à la Descartes no seu movimento de equi-vocar as oposições; não deixa de ser um sujeito transcendental meio kantiano, pelo menos na tentativa de conhecer o intransponível de Haver para não-Haver; tampouco deixa de ser sujeito do desejo, meio lacaniano, ou sujeito da verdade, meio Badiou – tudo isto em decadência de sua posição de Sujeito da Renúncia, quando vai fazer uma opção que evidentemente não é aleatória, pois quando retorna do Cais, vai embarcar, vai aderir, vai fundear escolha de algum sintoma disponível.

Por último, o Sujeito da Renúncia, a ser tratado daqui para o resto da vida – pois é uma doença que me pegou, o que vou fazer? – *é induzido pela reflexão, propiciado pela transcendentalização, fomentado pelo desejo e capacitado a falar por uma verdade*. Mas, afinal, para que falar nesse Sujeito? Na verdade, ele não-Há.

* * *

• Pergunta – *No retorno do sujeito, ele faz uma escolha que é juízo foraclusivo?*

Juízo foraclusivo que, necessariamente, está interessado. Portanto, tem o rabo preso no sintoma disponível ali. Quero dizer que não há escolha inocente, aleatória. O lance de dados, de Mallarmé, é um sonho, como seu *Livro* também é *um sonho de utopia*: Ah!, se eu jogasse um dado e ele sozinho decidisse por mim... Seria tão bom! Só que não decide. Por isso Mallarmé é brilhante como poeta – bem mais do que costumam ser os filósofos – ao dizer que o lance de dados não abole o acaso. Que acaso? Tomem a frase na sua sintaxe, o que está sendo dito? Que o lance não abole o acaso ou que o acaso não abole o lance?

A frase que sobe é a mesma que desce e, se aplico aí a teoria do Revirão, sintaticamente, mesmo em francês, posso dizer que não sei se Mallarmé está dizendo que o lance de dados não abole o acaso ou se o acaso não abole o lance de dados. Lançar é um ato, não esquecer isto. Há uma mão aí em jogo.

• P – *Por que é renúncia ao objeto de desejo?*

É Renúncia porque sustenta uma utopia que não é desenhável. O objeto desejado não há, é impossível, e nem por isso meu desejo é abolível ou satisfazível. Não posso renunciar à diferença externa, mas sim ao objeto por ela indicado. Se o melancólico entendesse que esse objeto não há e que nem por isso ele pode deixar de desejar, ele parava com aquela frescura. Nos neuróticos, a burrice é outra: apostam que, um dia, vão construir aquela utopia. Está aí certa esquerda que não me deixa mentir. O melancólico, tadinho, fica se lamentando: ele ainda não sabe que não tem saída.

• P – *O que é o lugar da suspensão?*

É simplesmente eu poder me situar no Terceiro lugar. Aí já há suspensão. E, se além de suspender, vou me exasperar, é outra história. Vocês que são leitores do moço, diriam que Descartes se exasperava naquela dubitação? Vocês suspeitam, na leitura das *Meditações*, a exasperação de Descartes, ou ele só duvida, só fica em pânico de indiferenciação? O que vocês lêem lá (do ponto de vista poético)? Estou pouco me lixando para o Descartes filósofo. Ele era um cara sofrendo disso – é isto que interessa. Nós outros não estamos aqui para fazer filosofia, e sim para a *hação*. Pinta um homem com'Um, cuja subjetividade tem que ser lembrada para ver se ele se cura, e temos que tratar daquilo como num *laboratório* psicanalítico. Não estamos fazendo filosofia nem anti-filosofia. É um laboratório, que tem que funcionar, que prova sua existência, sua competência. Sua, de quem? Da dita psicanálise, porque funciona. Se não, não servia para nada. Os filósofos já faziam essas gracinhas de graça, e sem terem que curar ninguém.

25/AGO

11

O TEMPO

No Seminário anterior, trouxe o desenho do Sujeito que pretendo apresentar, fazendo breve passagem pelo Eu freudiano, pelo sujeito de Lacan, pelo de Descartes, de Kant e de Alain Badiou (que ultimamente virou um pouco moda por aqui). Passando por estes desenhos, pretendi apresentar meu desenho de sujeito que não é coincidente com nenhum destes: um sujeito em abismo, sujeito abissal, à beira do Cais Absoluto, que escrevo: \vec{S} . É S sem barra alguma, pois não estou falando de dólar, que é como escreve Lacan. Eu o chamei *Sujeito da Renúncia*, que remete outra vez à questão hamletiana do *tobe or notobe* enfocada de outra maneira: *Haver ou não-Haver*. Digamos que este Haver ou não-Haver se exacerba lá na região onde invoquei uma “diferença externa”, que poderíamos chamar efetivamente de DIFERENÇA TRANSCENDENTAL, a qual funciona na *Indiferença* quanto à diferença imanente, que chamei de alélica por ser “interna” ao Revirão. Siderado, então, por este Haver ou não-Haver, um homem, ou seja, alguém desta espécie, pode passar a homem com’Um, que podemos chamar também de *Hum Sujeito*. Isto acontece quando, perante a diferença transcendental, exacerbada na “externalidade” frente ao não-Haver, esse homem não tem outra escolha senão renunciar ao não-Haver desejado e optar pelo Haver, do qual não pode escapar nem mesmo pela suposição da morte. Chamei de Sujeito da Renúncia, pois, neste lugar, não há outra saída senão renunciar ao desejado. Não é renunciar ao desejo, pois não há como fazer isto, é ALEI que assim impõe, mas renunciar ao desejado como

objeto que não há e retornar peremptoriamente ao Haver. É claro que existem uns recalcitrantes que incluo no campo da Tanatose, que ficam melancólicos ou arranjam uma loucura dessas que insiste no Impossível e, portanto, não pode fazer nada senão se esfacelar. Portanto, um homem – isto é, um suposto portador de Revirão (pode ser tatibitati, enfiar sorvete na testa, aí, pode-se, de repente, descobrir que Revirão não funciona legal lá) – não deve ser dito sujeito do desejo. Pode ser dito sede de desejo, o qual desejo, uma vez assumido à beira do Cais Absoluto, faz dele um homem com'Um, ou seja, Hum Sujeito enquanto Sujeito da Renúncia.

* * *

Qual seria, então, a função da análise?

Se presta para alguma coisa, segundo o quadro assim desenhado de um suposto sujeito, a função da análise – ou, dizendo de acordo com Seminários anteriores, da Pedagogia Freudiana – é levar cada espécimen humano, cada animalzinho desses, quando for possível, a alcançar seu *lugar com'Um*. Isto é tudo que não se alcança quando pensamos que se trata de pertinência de elementos do rebanho à mesma formação sintomática. Não. Lugar com'Um tem que ser com'Um mesmo, para quem quer que chegue à última instância daquilo que porta como determinante da sua espécie, da sua especificação. A função da análise seria, pois, levar Hum sujeito até o Vínculo Absoluto. Vínculo este que recolhe e acolhe qualquer Hum. Qualquer que tenha se colocado como esse Hum é acolhido e recolhido pelo *lugar com'Um no Vínculo Absoluto*, que é uma espécie de feixe ou molho de *chaves para o senso com'Um*. Não há outro senso com'Um senão daqueles Huns que estão vinculados absolutamente nesse lugar. Abaixo disso, o que existe é imbecilidade mesmo, que as pessoas chamam de “senso comum”.

Que vantagens poderia nos trazer este novo Sujeito? De saída, pelo menos três. Primeira, ele não precisa mais nem mesmo ser chamado de sujeito. Se quiserem, podem chamá-lo assim, estejam à vontade, nada proíbe, mas o

nome dele é com'Um, ou melhor, seu nome é Hum. É, como já disse, “aquele um”, “aquela uma”, de que os baianos falam. Segunda vantagem: este sujeito escapa definitivamente a qualquer idéia de representação, não há como ele se representar. Terceira: ele remete cada Hum de volta para sua sobredeterminada sintomação. Ou seja, uma vez atingido, ele remete de volta: agora faça o que quiser e o que puder com sua sintomação! Mas, atenção!, não é uma sintomação qualquer, do tolo cotidiano que nem faz idéia de que está sintomatizado. É sim, *a sintomação referida à anamnese de sua transcendência*. O pedagogizado, ou analisado, se alguém acreditar que isto possa existir, faz esta diferença radical, pois ao mero neurótico ou ao mero sintomatizado não é possível esta rememoração, ela não funciona. Aí é que fica a pequena crítica que fiz ao Sujeito de Alain Badiou da vez anterior. Ele é muito bonito, muito interessante, mas, sem incluir esta anamnese, acaba sendo um retrocesso em relação ao Sujeito de Lacan, pois é sintomático demais.

O novo Sujeito é, como vêm, hiperdeterminado necessariamente, embora seja fundamentado misticamente, como já lhes apresentei. Ele não tem nem mesmo a salvaguarda dos antigos místicos que colocavam um Deus havente no lugar do não-Haver e assim podiam sonhar-se sujeitos que fossem representados pelo Mundo (pelo Haver) para Deus. Se quisermos imitar a definição de Lacan, um Santo Sujeito era aquilo que o Mundo representava para Deus. Isto na cabeça daqueles místicos que sonhavam que no lugar do não-Haver houvesse algum Deus. E o que era o Mundo? Era aquilo que representava o Santo para Deus. E o que era Deus? Era aquilo para quem o Mundo representava o Santo, etc., etc. Não se trata disto, pois o meu *Novo Sujeito* não tem nem mesmo esta esperança. Não há representação possível porque *ele é em abismo*. É apenas exasperado, é o reconhecimento de um Haver indiferenciado diante de um não-Haver que lhe é impossível continuar desejando diretamente. É o único lugar, suponho eu, onde pode pintar isto que costumam chamar de sujeito, ele retornar correndo e chafurdar na grande cloaca do Haver. Chafurdar de retorno, mas *na anamnese* desta experiência de abismo. Não há mais sujeito algum, ele não é representado em

lugar algum, nem mesmo de significante para significante. Aliás, quando se diz que se representa de significante para significante, estamos falando de uma formação para outra formação. Mais nada. Isto fica para outra discussão.

Da vez anterior, eu disse que até há uma oportunidade de nomear esse tal sujeito (chamem assim se quiserem, pois não me faz a menor diferença). Ele seria atingível no lugar com'Um, de *Vínculo Absoluto*. Não é vínculo entre nós, entre cada um de nós e um outro, mas sim *um Vínculo que nos amarra a todos porque diretamente absoluto para com aquele lugar*. Não nos amarra um ao outro, nós é que estamos todos referidos ao mesmo lugar e isto talvez faça algum vínculo entre nós, mas como *efeito* e não como direcionamento imediato. Se a psicanálise insiste, se a pedagogia freudiana quer continuar, existe um encaminhamento – que não é o único, não sejamos bestas –, alguma coisa produzida para levar um especimenzinho desses, homem, até o lugar com'Um.

* * *

Nossa questão hoje é o *tempo*.

Quanto tempo demora levar o especimenzinho até o lugar de Hum Sujeito? Pensar isto é pensar a questão do tempo em qualquer circunstância. Digamos assim: qual é o tempo de surgimento do sujeito? Qual é o tempo desta pedagogia? Se considerarmos toda uma análise, qual é o tempo de uma análise? Se quisermos falar mais localizadamente, qual é o tempo de atingimento, a cada vez, do Cais Absoluto (pode ser uma abordagenzinha regional)? Como cada discurso apresenta sua noção de tempo, então, qual é o tempo da psicanálise?

Freud, como sabemos, invocou que não há tempo. Ele tratava de um tal Inconsciente – que abordava através da “estrada régia” que ele supunha ser o sonho (até hoje, não tenho muita certeza se é uma estrada muito importante como ele supunha) –, para o qual não encontrava nenhuma lógica fixa que desenhasse seu tempo. Ele estava certamente falando da correspondência, discernível ou não, desenhável ou não, conceituável ou não, entre o tempo crono-

lógico que costumamos utilizar por algum referencial – o sol, as estrelas, as estações, um relógio, coisas assim –, e os movimentos que podia capturar no Inconsciente (dele), nos sonhos, etc. Na verdade, não conseguia capturar muito bem nenhum movimento do dito Inconsciente, nenhuma precisão sustentável, entre *antes e depois*. Sobretudo, quando verificou nos sonhos os antes e depois cronológicos se mesclarem, passarem um ao lugar do outro. Então, resolveu dizer que não há tempo no Inconsciente. Não esquecer que Freud, rigorosamente, não pretendeu desenhar, designar, nenhum tempo específico para seu campo teórico. Simplesmente, ele, comparativamente, descobriu que o tempo de que se fala em várias ocasiões, se tenta mensurar, organizar, segundo um aparelho qualquer, não existe no Inconsciente. Grande coisa! E se o tempo do Inconsciente for simplesmente outro? E se o relógio do Inconsciente não for o da externalidade material localizada do movimento celeste ou mesmo das emanções subatômicas dos relógios de ultra precisão contemporâneos? Não é bem esse o tempo. Mas isto merece dizer que não há tempo no Inconsciente? Ele disse, mas só porque não surpreendia o tempo de que tinha ouvido falar dentro do Inconsciente.

Sabemos que Lacan, coitadinho, sofreu desesperadamente a vida inteira na tentativa de dar alguma solução a esta questão. Isto para bancar um anti-filósofo decente, já que filósofo não queria ser. Os filósofos fazem grandes teorias sobre o tempo, nem que tenham que buscar em resultantes da física ou coisa desta ordem, mas dão um jeito de resolver. Lacan, então, se diz: se não falar do tempo, não terei pensado. Apressadamente, antes do momento adequado, escreve um texto chamado *O Tempo Lógico...*, que não é coisíssima alguma. Por que estou dizendo isto? O que o tal tempo lógico de Lacan tem a ver com o tempo? Lhufas! Nada! Não há um miligrama de questionamento ou de solução da temporalidade dentro do texto. Muito mais tarde, no final de sua vida produtiva, em seu último Seminário, Lacan tenta falar sobre *A Topologia e o Tempo*. O que ele conseguiu resolver sobre o tempo com a topologia? Lhufas! Absolutamente nada! Mas é uma tentativa bem mais vigorosa do que a do tempo lógico. Isto porque tenta, por via de uma matemática – que não é da sua invenção,

como todos sabem – e fica com a mente tomada por jovens matemáticos absolutamente loucos que andavam ao seu redor – um deles conheci razoavelmente, Pierre Soury – que endoidaram sua cabeça. Ele ficou piradinho em torno do tempo e da topologia. Era muito bonito e da maior graça aquilo. Ou seja, tentou dizer alguma coisa passeando pelas tripas extremamente embrulhadas daquela topologia esquisitíssima, que não foi ele quem inventou. Lacan não é nenhum Descartes, capaz de inventar a geometria analítica, não é nenhum Leibniz para inventar o cálculo infinitesimal. Sua matemática era um pouco tomada emprestado. Ele não inventou nada matematicamente a não ser algumas escritas de formulação psicanalítica, que de matêmico só têm a grafia. Era o que ele podia fazer. Mas, a rigor, não existe em toda a obra de Lacan nenhuma decisão sobre o tempo, nem mesmo na tentativa de o topologizar em seu Seminário último, no qual existe uma pérola, uma graça, que retomei e que, ao invés de ser sobre o tempo, é a questão da perplexidade de Lacan de só ter encontrado dois sexos e achar que estava faltando pelo menos um (já tivemos oportunidade de utilizar isto a nosso modo).

A absoluta incompetência do texto sobre o “tempo lógico” em resolver qualquer mínima coisa a respeito do tempo não impediu que todo tipo de picaretagem pseudo-intelectual, pseudo-analítica, se fizesse. Isto sobretudo para justificar alguns, picaretas além de imbecis, a funcionarem na sociedade segundo uma perspectiva “científica” que lhes desse garantia para fazer suas picaretagens. O melhor que o texto serviu foi para isto. Haja vista, por exemplo, tanto à patota francesa, a alguns incautos que se preocupam fora de posição com esta questão, quanto aos efeitos, digamos, brasileiros, que nos interessam mais de perto, desta bobagem.

* * *

Alguém me trouxe para ler um livro, não muito recente na sua origem (1989) chamado *Se Compter Trois: le Temps Logique de Lacan*, de um chamado Erik Porge. Infelizmente não conheço, pois não me deram a edição francesa

que preferiria ter lido. Certamente de implicância, me fizeram ler a edição brasileira, de 1994, intitulada *Psicanálise e Tempo: o Tempo Lógico de Lacan*, de uma editora nova, de *um livro* pelo menos, que se chama Campo Matêmico. Aí eu li – que é que vou fazer?! Dei uma lida no tal livro supostamente em português, se é que aquilo é língua portuguesa. A tradução é da pior qualidade, onde se vê, à flor da letra, todas as construções francesas. (Isto é uma coisa chata que sempre evito quando ouso fazer alguma tradução, que sempre acho que é ruim, são todas ruins. Sempre evito mostrar os andaimes da língua francesa e busco inventar na nossa língua). Tradução, aliás, feita por uma senhora que já foi “magnética”, chamada, está aqui escrito, é preciso citar, Dulce Duque Estrada, e sob encomenda de uma editora que também é de um grupo de ex-“magnetes”. Ora, ora, quantas moças não foram chacretes, e vivem muito bem?

O engraçado – é uma coisa engraçada, não é para se levar a sério, é a parte engraçada deste Seminário – é que, ao ler o livro, além de perceber que a tradução é muito ruim, percebi que existe um síndrome psicanalítico absolutamente novo na face do planeta que se chama *magnose*. Uma porção de gente está doente disto. Pelo que me toca, é até certa propaganda... Mas estou falando em *magnose* porque pessoas que não gostam, ou não gostam mais, de mim, ficam muito ocupadas em fingir que não existo. O que seria de um excepcional talento. Fingir bem que o outro não existe é um talento, uma força. Mas o diabo é que não conseguem, justamente por causa da tal *magnose*, que é parecida com o mazombismo, aquela coisa que o brasileiro quer também eliminar, mas não consegue. Isto, aliás, é coisa muito velha. Fui a primeira pessoa, no Brasil, que tomou o *analysant* de Lacan e chamou de *analizando* (que é aquele cara que deita no divã, ao qual podem dar o nome que quiserem: babaca, por exemplo...). Aí, algumas pessoas que *tinham* que contradizer minhas falas resolveram chamar de *analisante*. Façam o que quiserem com o nome, nada tenho com isto. Só chamei de *analizando* porque me pareceu que, dentro de nossa língua – onde o termo *analisante*, usado talvez por causa de rima com *significante*, não faz muito sentido –, é coisa comum, já que existem os doutorandos, os diplomandos, os mestrandos, os sacaneandos... Aí o cara faz

uma questão enorme e chama de analisante – é a tal magnose. Isto só para dizer que ele não é alguém que vá tomar um termo que terei introduzido. Nele, não entrou. Ou entrou? Vai ver que não introduzi direito... o tal termo. O livro faz a mesma coisa. A primeira vez usa analisante, mas, tadinha, a tradutora é doente de magnose, desmunheca três páginas depois e começa a falar em analisando. Alguém avise à moça para tomar jeito. Há uma porção de coisinhas assim.

Isto também ocorre em relação a algumas pessoas no seio da universidade. Lacan inventou usar um termo jurídico da língua francesa, que tem um semelhante na língua jurídica do Brasil, que é *forclusion*, pois lhe interessava mandar para este lugar o *Nom du Père*. Como, no começo da introdução do pensamento de Lacan por aqui, me deparei com este termo, procurei estudar para ver o que se fazia com ele. Na língua jurídica francesa se usa *forclusion* e também *préclusion*. No Brasil não se usa “forclusão” ou coisa semelhante, mas apenas *preclusão*. O termo tem um sentido absolutamente preciso, que é: quando há um processo em andamento, o juiz marca um prazo para a entrada dos documentos comprobatórios e, se algum documento não foi entregue a tempo, ele não entra mais. “A tempo” quer dizer: no tempo que o juiz determinou. Portanto, o documento fica pré-cluído. Lacan podia ter usado o termo *préclusion*, mas não quis porque, na ordem jurídica francesa, *forclusion* é mais abrangente. É alguma coisa que ficou fora por qualquer motivo, e não só por uma questão temporal de o juiz ter fechado o processo em tal prazo. Em língua brasileira só existe um termo usado e dicionarizado que contém o mesmo radical. É: *foragido*, *foragir* – do latim *foras agitu*, caiu fora, agiu e se mandou. Em português não existe outra palavra com o prefixo fora. Ora, se a única palavra já utilizada em português não é *for-agido*, e sim *fora-agido*, usando o prefixo *foras* do latim, achei que era obediência de minha parte traduzir por *foraclusão*, *foracluído*. Pronto!, foi o suficiente para todos que resolvem descaracterizar o trabalho de outrem dizerem que é *forclusão*. Aí, outro, mais inteligente, e daqui da universidade, teima que é *preclusão*. Ora, façam uso do termo que quiserem, que tenho eu a ver com isto? Mas é só para mostrar como a magnose funciona.

Voltando ao tal livro, tomemos o *Só-depois*, que é uma tradução minha para *Nachträglichkeit*. Não é que tenham que ficar me citando, pois dei, dei de graça – sou rico, posso dar muita coisa, tirem à vontade. Outro termo, *Verleugnung*, que forçadamente traduzi por *Renegação*. Como não conseguem outra tradução, vai esta mesma. É outra recaída. O mais engraçado é que citam-se dois Seminários de Lacan que traduzi – *Mais, Ainda*, de cuja tradução do título nem gosto, embora a tenha feito, e o famoso *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* –, fazem-se referências explícitas a modos de traduzir, mas a magnose não permite que se seja decentemente autor ou tradutor. Quando utilizamos um texto, não importa se odiamos a mãe do cara que o escreveu. Mas, como estão citando... A magnose fez com que desaparecesse meu nome, referido à tradução até de nota de rodapé. Ou seja, sofrem até hoje. Já se passaram anos e não houve analista entre eles que os libertasse um pouco de mim. Convoque-se analista para trabalhar lá. Há algum aí que está a fim? Quem sabe, vocês os curam da magnose. Mas isto é só para comentar o esforço de sustentação deste apagamento.

Mas o livro enquanto tal, tirando a magnose da tradução, para que serve? Para nada! Não vou me dar ao trabalho de ficar discutindo cada detalhe. Leiam, comprem, pois vão ajudar os pobrezinhos lá a pagarem análise para se livrar da magnose. Leiam em português ou em francês, nas duas línguas deve ficar mais interessante ainda, e verão o quê? O tal Porge – que é uma pessoa estudiosa, decente, não é nenhum mau-caráter – faz uma tentativa esforçada, mas absolutamente frustrada, de arrumar, com alguma mínima coerência, diversos fragmentos de Lacan que nada têm a ver um com outro. Lacan a cada hora dizia um troço a respeito de algum problema e o autor faz um esforço desgraçado para juntar os cacos e dizer que eram referentes ao tal tempo lógico. Passo a passo, ele fica se desculpando por não ter sido muito convincente, pois, de fato, o troço não encaixa muito bem. Como autor digno, tem a decência de dizer que está forçando um pouco a barra e que não consegue arrumar aquilo. E não é para conseguir, pois uma coisa nada tem a ver com a outra.

Como disse, existe a picaretagem daqueles que fazem a tentativa de associar o tempo lógico com a sessão curta, também de Lacan, e que foi um dos motivos de ele ter sido expulso da IPA. Como caiu na asneira de publicar o artigo intitulado *O Tempo Lógico...*, todos os picaretas de aquém Atlântico – além, o pessoal sabe que não pode ficar fazendo estas associações, pois o vizinho sabe muito bem ler –, como aqui as pessoas são analfabetas, dizem esta indecência: “Trabalho no tempo lógico...” Ou seja, ganham mais dinheiro por cada hora, pois suas sessões são de cinco minutos – e isto com a garantia “científica” do texto de Lacan. Em lugar algum, repito, Lacan jamais associou tempo lógico, esta besteira, com sessão curta. Também, em nenhum lugar de seu livro, o citado Porge comete a asneira de associar “tempo lógico” e “sessão curta”. Sessão curta é *Fi-lo porque qui-lo!* Eu digo quando termina a sessão e não me encham o saco! Além do mais, não estou aqui para ficar alimentando reforço de ego de analisando. E sou uma pessoa extremamente notória que coloco você dois minutos no divã e você volta, pois você sofre, inclusive, da doença de que deve ir ao Dr. Lacan que te atende dois minutos, e não à Dra. Maria que te atende uma hora e meia! Isto é óbvio no pensamento de Lacan. Fazia parte do reforço de ego do analisando dizer que fazia análise com o Dr. Lacan. Então: pois muito bem, retiro o reforço do ego fazendo sessão curta. E mesmo porque analisando me enche o saco e não o agüento mais de cinco minutos! É só isto a sessão curta de Lacan. Tem a justificativa da *ruptura de saco* – pois saco pode ser de filó, mas não é infinitamente elástico. E tem mais, o que se põe lá dentro não se tira: quanto mais velho se fica mais ele fica cheio. Se puser muito, vai rasgar... Este era, pois, um dos motivos de ele atender rapidinho. Outro motivo é que ele achava que qualquer atenção dada ao analisando só serve para reforçar o ego daquele debilóide. Então, coloque-se-o na rua depressa. E mais, porque ele era notório, famoso, e podia fazer isto que ninguém achava nada. Sobretudo, depois que mandou a IPA para aquele lugar e fez o que quis. Não me venham justificar esta atitude de quem tenha verdadeiro culhão para tomá-la com nenhum tempo lógico, pois este nada tem a ver com o tempo da sessão.

O tempo

* * *

Afinal, o que é o tempo lógico? Nada. Nada pelo menos que diga respeito a *tempo*. Não sei porque Lacan meteu a palavra tempo no meio de seu artigo.

Ele estava tentando arranjar um apólogo qualquer que viesse a lhe representar o que fosse a decisão de um ato para o analista. É a primeira vez que ele faz um esforço lógico de tentar abordar a questão do *Ato* dentro da psicanálise. E de onde terá ele tirado esta idéia? Em certa página, Porge diz: “Não se sabe de onde Lacan tirou...” Mas é uma evidência que ele leu, em espanhol ou outra língua, nada mais nada menos do que os mesmos textos que me fizeram aproximar dele, e que são de nosso caríssimo Malba Tahan, brasileiro, Prof. Mello e Souza. Foi de lá que Lacan pegou. Minha aproximação de Lacan se deve a dois nomes. Primeiro, encontrei Lacan tardiamente. Eu o encontrei livrescamente em 1969, por culpa de Vana Piraccini, que faz essas loucuras de mandar livros para a casa da gente... Fiquei deslumbrado por ver algo que na minha infância perseguia as minhas leituras: idéias de Malba Tahan. Onde elas estavam? Por exemplo, na historinha do tempo lógico, que é dele e na qual Lacan certamente meteu a mão. Como também estavam nas idéias de topologia. Já lhes contei que, em 1957, na Academia Militar de Agulhas Negras, Malba Tahan foi fazer uma conferência e nos fez ver, a nós jovens cadetes, o que era topologia. Isso me siderou em minha história pregressa de gosto pelas conferências e livros de Malba Tahan, que é do Brasil, repito. Outro texto que me aproximou de Lacan, que eu havia lido em inglês e do qual gostava, foi *The Symbolic Equation Girl=Phallus*, de Otto Fenichel (que Lacan cita como certo apoio à sua idéia de falo). Eu gostava do modo como Fenichel havia intuído a *indiferenciação sexual* para o falo.

O texto d’*O Tempo Lógico*... – que não vou comentar aqui, pois já fizemos muitos trabalhos sobre ele – não é, pois, senão Lacan procurando uma razão qualquer para o *ato* do analista. E ele encontra a razão, mas não explicitamente no texto de Malba Tahan, e sim na sua absoluta falta de solução.

Porge tem a coragem de dizer que Lacan aponta o texto como um sofisma, mas que *o resolve*. Resolve nada! O que Lacan está dizendo é que é mero sofisma, e que não tem solução de espécie alguma, nem apesar da boa vontade de Erik Porge. Aliás, nosso amigo Sibony, lembram dele?, tem um longo trabalho mostrando que o texto de Lacan não é sobre coisa alguma de lógico.

O que os prisioneiros do texto *O Tempo Lógico*... encontram pela frente de modo a, até apressadamente, correrem para a definição e a decisão da questão? Eles encontram que o problema apresentado pelo diretor da prisão é absolutamente *indecidível*. Não há a menor condição de resolver aquele sofisma porque ele empurra qualquer um que pense nele para uma indecidibilidade radical. Daí as paradinhas que fazem. Eles pensam que resolveram, mas depende da visão intersubjetiva – aliás, outra coisa que Lacan joga no lixo é esta questão da intersubjetividade, pois isto não vale nada... As paradinhas feitas, por notarem a indecidibilidade de seus raciocínios para procurar a saída, denunciam cada vez mais a indecidibilidade radical da proposta de um problema que não é problema algum porque solução não há. Portanto, a única coisa que Lacan consegue com seu texto é mostrar que quando as pessoas – isoladas ou em grupo, seja o sujeito lá dele, individual ou coletivo, pouco importa – são levadas a situações de indecidibilidade, elas não têm mais o que fazer senão, depressinha – “função da pressa” –, tomar uma decisão. Só isto. Como dizia Duchamp, não há nenhuma solução porque não há nenhum problema.

Lacan divide a questão de seu tempo lógico em três recortes. Primeiro, o *instante de ver*. É óbvio, e não há tempo algum aí: topou-se apenas com determinada situação. Segundo, (aí vem o termo:) *tempo para compreender*. Terceiro, *momento de concluir*. Está compreendido, conclui-se: função da pressa e coisas quetais. O que acontece, então, é que, posto o problema, os círculos nas costas, viu-se e levou-se um tempo para compreender o quê? Que não há a menor decisão possível fundável racionalmente na distribuição dos discos. Ou seja, que estamos no indecidível, tome-se uma decisão e saia-se correndo para apresentá-la. Está-se dizendo que o momento de concluir é simplesmente uma tomada de decisão diante de um indecidível. A função da pressa não é

senão a urgência de decisão quando, e somente quando, se reconhece que se está diante de um indecível, o qual é reconhecível nas paradas dubitativas, ou seja, paradas em puro Revirão, dos personagens da prisão. Eles entram em dubitação, e aí está denunciado o indecível. Não que isto seja o indecível, mas na atitude deles o indecível se denuncia, e mesmo se anuncia.

Nós outros não precisamos de “tempo lógico” algum, pois temos o Revirão, a suposição do não-Haver, do Cais Absoluto, no qual, quando tudo se indiferencia internamente diante da exasperação da diferença externa, não há o que fazer senão, na absoluta indecidibilidade quanto à internalidade dos alelos, tomar-se uma decisão o mais depressa possível. Isto é que é o Retorno, e que faz o Ato. Um Ato Analítico é da mesma natureza deste retorno, aí mediado, diante do indecível. Há um Ato Analítico quando consigo empurrar a situação daquele que ali está – e, portanto, estou também – até o Cais, até o momento de Indecidibilidade, e forçar um retorno à Decisão. Ou propiciar um retorno e uma decisão, pois não se pode ficar estacionado lá. E isto não tem *tempo* algum. É apenas a intuição do Ato. E mais, a lógica do Ato, que Lacan não resolve em seu Seminário intitulado *O Ato Analítico*, está descrita no meu Revirão.

Porge apela para tudo na obra de Lacan para mostrar que tem a ver com o “tempo lógico”, e o que acontece é que vai suturando numa colcha de retalhos coisas que nada têm a ver. E fica sempre se desculpando, porque sabe disto. Ele lança mão de topologia, da garrafa de Klein com suas voltas – as quais são pura e simplesmente representativas do Revirão, da reversão dos sentidos na dubitação: começou-se a caminhar dentro dela, imediatamente os sentidos se revertem... É a inversão de sentidos que põe a indecidibilidade. É isto que o Revirão faz com a gente. Deixa-nos no indecível, às vezes no neutro... E a tomada de decisão não terá nenhuma justificativa interna. Pode ter pegadas internas, posso sintomaticamente optar por isto ou por aquilo, mas isto não justifica nada, pode apenas explicar. Meu sintoma ser preferido ao de outro não justifica coisa alguma. A repetição da inversão na dubitação impõe o terceiro ponto de indiferenciação e de neutralidade e, com ele, propõe a Hiperdeterminação que permitirá a Decisão aparentemente aleatória. Isto porque

os sintomas sempre nos capturam com interesses particulares. Então, não procurem nenhuma solução a respeito de tempo no texto d’*O Tempo Lógico* e nem tampouco no Seminário *A Topologia e o Tempo*. E qualquer referência da vontade de ganhar mais dinheiro na sessão curta a “tempo lógico” é PI-CÁ-RE-TA-GEM, pois nada tem a ver.

Porge lança mão de tudo que pode. De Aquiles e a tartaruga, de que Lacan fala diversas vezes, sobretudo no *Seminário 20*, que traduzi, para mostrar a impossibilidade da relação sexual. Aquiles corre atrás da tartaruga e nunca vai alcançá-la, ou, pelo menos vai ultrapassá-la sem atingi-la. Não menos engraçadinha é a relação que existe entre a diagonal do quadrado e seu lado. Incomensurabilidades que se pretende ver resolvidas ou anunciadas com resolução possível na questão do tempo lógico. O número de ouro, que desde o Renascimento fizeram reinar. O número π , que tanto conhecemos da escola secundária...

Agora, pergunto eu, de uma vez por todas, para acabar com essa masturbação pseudo-intelectual: o que tem a ver a suposta relação entre os sexos, ou qualquer outro tipo de relação, com essas abordagens numéricas? Aí é que está a bobagem da questão. Que eu entre num processo qualquer de afetação psíquica porque estou utilizando um aparelho tomado de determinada zona da matemática para, com ele, metaforizar a futricação das pirocas e das xotas – no fundo, é isto, e não adianta dizer que masculino e feminino são espirituais, pois não o são (isto tem efeitos psíquicos, mas é lá que está a coisa) –, ou seja, o que tem a ver a oportunidade de eu meter a mão num registro matemático, e utilizá-lo metaforicamente para isto, com a efetividade disso? Nada impede que, bancando o cientista, o pensador ou coisa que o valha, eu lance mão de uma metáfora matemática e a aplique. Mas terá sido bem aplicada? Será que é bem assim que funciona minha abordagem da suposta relação que não haveria entre isto e aquilo? Onde está minha afetação, minha loucura ou minha falta de aconchego relacional? No ato que abordo ou na matemática que utilizo? É uma questão séria, não podemos levá-la na brincadeira.

Então, um maluco qualquer resolve tomar um número e dizer que entre o diâmetro da circunferência e seu perímetro há uma incomensurabilidade da

mesma ordem que a “relação” entre os sexos. Temos que dizer-lhe: você é doido. O que tem a relação entre os sexos com o número π ? Só porque você resolveu que é por aí? Então tá bom, vamos fazer de conta que ele tem razão. Tomemos o número π , a diagonal do quadrado, a raiz de 2, o número de ouro, e perguntemos: por que não lhes dar uma solução geométrica e gráfica? A dita relação suposta de incomensurabilidade aparece numericamente nas contas que aritmeticamente são impossíveis de ser realizadas quando, na marra, resolvo que devo estabelecer a relação entre o lado do quadrado e a diagonal. Mas se pego régua e concretamente desenho – porque a vida é assim – um quadrado; se abro o compasso e tomo o tamanho daquela diagonal; não deixei absolutamente de desenhar com precisão a diagonal do quadrado em função de seu lado. E isto sem ficar nem um pouco grilado com a incomensurabilidade dos dois. É a mesma coisa com o número de ouro ou qualquer número desses. Então, qual é a adequabilidade de se utilizar o rabo infinito da divisão, harmônica ou não, de determinados números para eu ter feito a suposição de que a relação, sei lá mais o quê, a transação, o que for que se esteja observando, deva ser conotada com este rabo infinito de incomensurabilidade? Pode-se fazer, não se está proibido, mas não *têm* que me convencer de que *é* assim. Isto, como se Aquiles e a Tartaruga, disputando qualquer corrida, pudessem caber na cabeça doida do grego que ficou fazendo as contas dos intervalos que há entre eles. É um problema interessantíssimo para curiosidades matemáticas ou para aplicação no lugar certo, mas não neste. Mesmo porque Aquiles vai passar correndo, meter o pé – com ou sem tênis – por cima da tartaruga e esmagá-la, quem sabe?

A infinitização e a incomensurabilidade são *conseqüências* e não causas da busca de uma relação a que nenhum ato obriga conhecer. A solução geométrico-gráfica que apontei prescinde desta incomensurabilidade e toma a decisão *no traço* ou *no braço*, como um *ato sexual* que pouco está se lixando para se há ou não “relação”.

* * *

Eu lhes disse que hoje iria falar sobre o tempo e acabei mostrando que não há tempo em lugar algum desses. O que há, então, de temporal no texto de Lacan? Apenas uma indicação: é o *tempo para compreender*, do qual ele nada fala de melhor.

O tempo na psicanálise não é, pois, senão o tempo para compreender, o qual é estritamente o tempo necessário à resolução, ou à solução se quiserem, das resistências. Então, como se mede o tempo em psicanálise, seja o tempo do que se passa no analisando seja o que se passa nas estrelas? Repito, é o tempo da solução das resistências. Como sabem, coloquei o Revirão, o não-Haver e toda e qualquer formação como recalcante ou recalçada. Portanto, formações são pura resistência. Quanto dura, quanto custa – como já perguntei diversas vezes –, qual é o custo para se mexer numa formação dessas? Qual é o custo para se deslocar uma resistência? Pode ser em dinheiro, em esforço, em murro, em suor, em tempo, em muita coisa... Quanto tempo dura – tempo medido por qualquer coisa: o relógio, teu saco, tua pele que coça, algum troço – a minha incapacidade de dar solução a determinada formação? Por que a análise não anda, demora tanto? Porque o analisando custa muito, demora muito tempo, para permitir que se dissolva, que se solucione uma resistência, ou seja, uma formação recalcante de seu fluxo imediato. O fluxo do Haver no sentido d’ALEI, para o não-Haver, tem a velocidade da luz, se não for mais. Por que não passa correndo, e de cabeça fresca? Por que fica tudo quente? Porque há resistência no meio do caminho. “No meio do caminho tinha uma merda. Tinha uma merda no meio do caminho”.

Só há uma noção de tempo possível compatível com o psicanalítico. É o *tempo da resistência*. E resistências são abordáveis, estudáveis, no nível primário (os tempos primários de resistência) e no nível secundário (os tempos secundários de resistência). No nível originário, não, pois o que há aí tem velocidade maior do que da luz. O tempo da psicanálise ou de uma interpretação na análise é o *quantum* de demora para chegar ao Cais. Às vezes, demora infinitamente. Tome-se determinada questão que durante toda a sua vida será absolutamente insolúvel: quanto ao recalque, quanto à possibilidade de Revirão,

e você achará que é eterna, você vai morrer sem resolvê-la. São algumas pregnancies primárias e mesmo secundárias onde a luta pelo recalçamento é tão forte que será mantida a vida inteira. Seja uma luta interna de alguém, seja da sociedade impondo recalcimentos. O tempo, por exemplo, de uma vida é quanto vai custar a boçalidade de certos recalques.

Já outra coisa é a *lógica do ato*, de que Lacan tentava falar com o tal texto do “tempo lógico”. E *que não é outra senão a lógica da Hiper-determinação* pura e simplesmente. Ou seja, que ali seu retorno decide no aleatório. Aleatório este significando que sua decisão pode até ser capturada pela querência sintomática, mas *nada obriga*, é absolutamente indecível o que se aborda. Já o *tempo*, este, está adscrito às quantidades referidas às resistências, mais nada.

Temos o resto da vida para brincar disto.

* * *

• Pergunta – *O que é desmontar uma formação?*

Cada formação tem sua força, seu poder, sua massa de sobre-determinação, como Freud pensou muito bem. O volume de sobre-determinação de uma formação constitui uma força recalcante que, se não se armar uma força igual em sentido oposto, não se conseguirá desmontar. Freud dizia que essa massa endurece e que é preciso uma perlaboração enorme para se a desmontar. Esta seria a esgrima do analista com as forças recalcentes: ele tenta demolir, cortar aqui, ali, mas as formações resistem. Aliás, o que querem as formações senão continuar a sê-las? Elas são resistência pura. Às vezes resistem simplesmente porque são de pedra, às vezes porque são bons guerreiros, lutam com iniciativas de demolição. O que quero dizer é que o *tempo para compreender* é o único tempo possível da análise, é o tempo que se leva para chegar à Indiferenciação em relação a determinada formação. Ou seja, para tornar indecível o que quer que se diga como apoio a ela. Trata-se de desmontar aquele aparelho. É uma polêmica como outra qualquer. Você está cercado de

guerreiros oprimindo. Então, você vai lutar sozinho contra eles ou vai estabelecer uma agonística qualquer.

Não é pelo fato de sustentar minha referência à hiperdeterminação que as coisas se dissolvem. Eu é que as indiferencio e posso, então, rememorar minha fundação na neutralidade. Mas quando vou à hiperdeterminação, o Haver não acaba, ele continua lá, o que já é sobredeterminação demais. Já é muita decepção eu sonhar com uma Indeterminação absoluta e quando volto está lá o sol que não se apaga. Vamos supor que eu tenha conseguido a proeza, que ninguém consegue, de indiferenciar “todos” os meus sintomas secundários. Não adianta, pois o sol, o meu corpo, vêm e me oprimem: está pensando que está falando com quem? Olha o dedão! O dedão pode me forçar uma opção. O fato de neutralizar secundariamente, de me referir à Indiferenciação, não tira, no retorno, o retorno das formações primárias recalcantes. E freqüentemente no retorno – aí é que está minha crítica a Badiou – o aleatório se perde. Isso pode se tornar aparentemente aleatório para mim quando não sei indicar qual foi o envolvimento que me pegou, mas isto não é inocente: algum envolvimento vai me pegar. Portanto, tenho que manter em suspeição, voltar lá e dizer: sim, há um sintoma que me pegou, mas, como aquele que se refere à hiperdeterminação, não tenho nenhuma aderência a este sintoma, a este envolvimento. Aí é está o tempo da compreensão.

• P – *É retorno ao lugar com'Um?*

Não. O lugar só é com'Um quando vou Lá. Quando volto, deixou imediatamente de sê-lo. O que se pode – e que as pessoas não conseguem sustentar, mas filósofos antigos sempre nos lembraram disto – é, na Anamnese de sua estrutura fundamental, manter-se uma *epoché*, uma posição suspensiva, e de suspeita em relação ao que se está fazendo até mesmo com gosto. Isto é que permitiria eliminar os racismos e outras discriminações. Sei muito bem que minha escolha é sintomática, e que portanto não tenho a menor condição de dizer que a do outro é melhor ou pior do que a minha.

• P – *Como fica, nisto, a produção de uma prótese?*

Do mesmo modo. Retorno, me envisco com algum problema aqui e agora e digo: estou livre para expulsar alguns aparelhos de repressão que estão

recalcando a possibilidade de surgimento da prótese. Isto é o juízo foraclusivo de que Freud falava e não sabia onde situar, e para o qual estou tentando arranjar um lugar. Faço um juízo foraclusivo quando retorno, e não é porque isto e aquilo sejam sintomáticos para mim, mas sim que os suspendo e invento uma prótese. Mas se me ajoelhar diante dela, sou apenas uma besta.

• P – *Você chamou o Falanjo, o Terceiro, de sexo Resistente, mas não poderíamos chamá-lo de sexo da Renúncia desse objeto?*

Não. Renúncia não fode. O que há é que ele renuncia ao objeto absolutamente desejado e resiste porque insiste na sua solução fálica dentro do mundo, e para qualquer lado. Ele diz: a função fálica pode ser negada, mas não toda. Quando volto, tudo funciona de novo. E funciona na independência tanto da Inconsistência como da Consistência. Funciona como mera Resistência, no “topa-tudo”, com ou sem dinheiro (brincadeira com um programa de TV intitulado “Topa Tudo por Dinheiro”).

• P – *Esta resistência é diferente daquela de que você falava anteriormente?*

Não. Resistência é resistência, qualquer que ela seja. Cada um escolhe se gosta ou não.

• P – *Se não são diferentes, para que serve a psicanálise?*

É uma boa pergunta. Você quer a psicanálise para acabar com todas as resistências? Pode-se, no máximo, suspendê-las parcialmente, tomar decisões, etc. Se as suspender todas, você estará inventando um não-Haver que há. Faça isto, pelo amor de Deus! Você estará dando o maior presente que alguém pode dar à humanidade: fazer haver o não-Haver.

• P – *Eu não quis dizer todas, mas algumas resistências...*

Ah bom!, aí já dá para fazer negócio.

08/SET

12

A FUNÇÃO CURATIVA DO TRÁGICO

Os três últimos Seminários trataram, o primeiro, do *Inconsciente*, o segundo, do *Sujeito*, e o terceiro, do *Tempo*. Hoje, gostaria de entrar em duas questões que se tornam exigíveis de abordagem a partir destes três temas e também a partir de toda a seqüência sobre a Clínica desenvolvida no primeiro semestre. São as questões, adjacentes ou decorrentes, da *Verdade* e da *Ética*. Entretanto, como algumas pessoas acharam que os três últimos temas foram tratados um pouco abruptamente, ao invés de ir adiante no que teria que desenvolver, deixo a sessão de hoje disponível para esclarecimentos.

Nesses Seminários, tentei indicar a diferença que há entre o que venho posturando e o que se diz, por exemplo, em Lacan, no lacanismo e em outras filosofias ao redor. Para a próxima vez, gostaria que lessem a peça de Bertolt Brecht chamada *Vida de Galileu*, que é bastante conhecida de quem viveu neste país na década de 60 – foi encenada por José Celso... Na edição da Paz e Terra da obra teatral de Brecht, está publicada no volume 6. Peço que leiam para que eu possa fazer referências aleatórias sem ter que me reportar ao texto.

* * *

Quanto ao que diz respeito à formação geral dos aparelhos teóricos que aponte nos últimos Seminários – o Inconsciente, o Sujeito e o Tempo –, e

nas suas diferenças para com outras posições, gostaria de relembrar que, do modo como estas três noções estão postas, poderíamos dizer que lidamos com *a função curativa do Trágico*.

Evidentemente que estou falando do Trágico como o tenho articulado há algum tempo. Coloquei-o de uma única maneira compatível com o Pleroma, embora em Seminário recente eu tenha apontado algo que possa parecer outra maneira, mas não é. O Trágico está na dependência de reversibilidade e irreversibilidade. Ou seja, o que há de trágico é uma mente absolutamente simétrica, no sentido geométrico, uma mente absolutamente reversível – menos quanto à questão do impossível não-Haver –, diante da resistência das formações do Haver, isto é, dos impossíveis modais, deparar-se com irreversibilidades localizadas. Quero supor que podemos reduzir toda e qualquer emergência de Trágico a esta definição. Não é reduzir qualquer definição a esta, mas sim qualquer emergência do Trágico na literatura, nas artes, na vida, etc. Outras definições estão instaladas em contextos apropriados. Nietzsche, por exemplo, enfiou na cabeça das pessoas que o Trágico era pura e simplesmente a emergência do acontecimento. Não é assim que penso. Para mim, *o Trágico é o embate, não possível de ser resolvido, entre a reversibilidade radical de nossa mente e a irreversibilidade das formações*.

Isto ocorre tanto dentro do Haver como quando se tenta abordar o Cais Absoluto, pois é impossível passar a não-Haver, embora a reversibilidade radical de nossa mente postule e posture o não-Haver. Tanto é que *ALEI mesma do Pleroma é: Haver desejo de não-Haver; a qual, em si mesma, é a escrita do Trágico*. Isto porque o que há é o desejo de Impossível, de não-Haver. Ora, se existe um aparelho qualquer, seja o Haver em sua plenitude, seja a mente desta espécie chamada Humana, que se propõe o não-Haver como simétrico de sua intensidade última, e em sendo isto impossível, está aí o Trágico. Isto se explica com a colocação que fiz ao dizer que a irreversibilidade de direito que há no Haver e em nossa mente propõe este Impossível inatingível. Ou seja, explica-se por nossos encontros dentro do Haver com as formações inamovíveis aqui e agora e que, no entanto, são facilmente reversíveis por nosso pedido de

reversão. Podemos conceber esta reversão na medida em que temos a mente simétrica – e, no entanto, a Reversão não vem. Por exemplo, a questão da flecha do tempo no pensamento de Ilya Prigogine. Ou quando Freud dizia, não com a precisão adequada mas com certa significação, que não há tempo no Inconsciente, estava era dizendo que o Inconsciente e a mente humana são absolutamente reversíveis quanto às questões de tempo. Mas o tempo que o Haver tem para percorrer seu périplo não é reversível. Só o será no momento *x* em que se processa em Revirão. Aqui e agora, está resistente em suas formações, mas minha mente se defronta rigorosamente com meu pedido de reversão no tempo, nos acontecimentos, etc., e não encontro esta possibilidade. Isto é que faz uma emergência de desespero e uma suspensão radical no reconhecimento desta impotência absoluta. Uma impotência que só posso reconhecer no exercício da potência: no que tento reverter e isto se torna impossível é que vem a emergência do Trágico.

• Pergunta – *No Trágico está embutida a noção de progresso?*

No que entro em embate com as formações no sentido de não permitir a vigência do Trágico, estou tentando criar progresso. E às vezes o crio. Portanto, não julguem que no meu pensamento não há progresso, como no de Lacan. Há algum progresso quando se consegue suspender a tragicidade, na medida em que se consiga reverter algumas aparências de irreversibilidade. Isto se consegue. É um modelo de heroísmo. Não é exatamente o mesmo modelo do cientista produtor como o é no campo do Iluminismo, mas tem algo desta classe, pois posso qualificar o heroísmo pelo esforço de reversão, mesmo não a conseguindo. Mas quando se consegue, temos o herói bem sucedido. Ou seja, aqueles que idiotamente depomos dentro dos Panteões da vida teriam sido alguns que conseguiram reverter uma situação momentaneamente, ou até então irreversível. E continua sendo trágico, pois depois deste passo não há outro. É um passo, um sucesso, que indica a falência posterior.

A função curativa do Trágico é que não há outra função curativa – se levarmos o Trágico à sua última instância, que é a beira do Cais Absoluto –

senão o momento do reconhecimento da impossibilidade de passar a não-Haver e ter que retornar sem a menor possibilidade de saída. Nem mesmo morrer é saída para nada (matar-se pode ser saída para uma porção de bobagens, mas não para isto). O embate com o Trágico é que é curativo. Reconhecer que nossa posição é a de viver no regime do Trágico, isto é que cura. Na formação curativa, digamos assim, do embate com o trágico é que temos a possibilidade de reconhecer o que Freud chamava de Castração. De reconhecer que o que possamos conseguir está no regime da tentativa de superação das resistências das formações, mesmo que não consigamos. Ou seja, mesmo não conseguindo, se reconhecemos isto, já há cura. Então, o modelo dos meus embates não é no sentido lacaniano, ou qualquer outro, digamos, imaginário de alguma pretensa formação que eu teria como ideal, e sim toda e qualquer possibilidade de embate neste pequeno momento de Cais Absoluto – pois ele é rememorado nesta hora, mesmo que eu esteja cá embaixo –, de tentativa de reversão.

Do ponto de vista estritamente das formações, digamos mentais, disto que chamamos de Inconsciente, sabemos que toda e qualquer cura é possibilidade de reversão. Aí é um lugar onde reversão é possível. Estamos aí no regime do *soft*, e não no do *hard*. Mas nada impede também que as forças recalcantes na mente de um qualquer sejam tão vigorosas que façam custar muito cara a possibilidade de reversão. Isto é, aliás, o mais comum. A luta das pessoas, na sua análise, nos seus processos de cura, é conseguir reverter as massas estratificadas, demarcadas, alelicamente repetidas, na sua formação. Quando se consegue um pouco de reviramento, pelo menos aí, o sujeito percorre com mais maciez. Mas isto não é fácil. As formações recalcantes e recalçadas são extremamente fixadas. Isto com a ajuda das formações primárias. E, como sabem, adscreevi a isto a questão do tempo, que, na psicanálise, pode ser pensada pelo *custo*, mesmo em *duração*, do embate com as resistências.

A questão do Sujeito em abismo, na última instância do Cais, é delicada quanto ao Trágico como função de cura, pois qualquer Um que tenha passado pela experiência da vertigem do Trágico, queira ou não, passou por uma rememoração disto que eu poderia aceitar que se chamasse de Sujeito. E se

por Lá passou, qualquer tentativa de afastamento é, a partir daí, pura denegação. Uma vez reconhecida uma pequena passagem, não se pode dizer que este sujeito não se lembre disto. O Sujeito, esse passo abissal, foi rememorado. Mas este Sujeito não é, de modo algum, representável como o é o de Lacan que fica sendo repetido de significante para significante. Posso falar dele cá de dentro do Haver como experiência abissal pela qual terei passado, mas o que falo não o representa, talvez apenas o indique. E isto é muito bom, é um sujeito muito legal, pois tenta abolir das minhas pretensões todas as idéias de representação. Se o sujeito não é representado, o que mais seria? Por isso, nem mesmo um Congresso Nacional vale a pena. Nem mesmo a democracia deveria ser representativa. De quê, de quem? Ou seja, a suspensão da representação de Sujeito mexe politicamente nas representações.

O Trágico é, pois, o embate entre o reversível e o irreversível. Mas, em encontro anterior, eu disse que *a essência do Trágico é a Utopia*. Isto pode parecer outra coisa, mas não é, pois Utopia não é senão o *não-lugar* requisitado indefectivelmente por ordem legal, já que ALEI assim funciona: Haver desejo de não-Haver. A Utopia é o não-Haver. Não há este lugar. A tolice menor, neurótica ou perversa, quem sabe psicótica, paranóica, até constrói uma utopia do lado de cá. Construir utopias, seja pelo gênio que for, indicá-las, seja por Oswald ou por Thomas Morus, é tolice porque é uma U-topia, *não-topos*, não há. Não ocorria aos criadores de utopia do lado de cá, fossem eles Charles Fourier ou Marx, que se tratava do não-Haver. Ninguém lhes havia ensinado que era assim. Se não, teriam visto que a Utopia é exigida, indefectivelmente, não se pode abrir mão dela, e inalcançável. Por isto eu disse que a essência do Trágico é a Utopia, pois é a dissimetria radical. Peço de direito a Utopia, e ela jamais virá, pois ALEI não é reversível de fato. Haver desejo de não-Haver é irreversível justo porque se pode ler de lá para cá: não-Haver desejo de Haver. Toda tolice pensa que há desejo de Haver, que é o que não há. Desejo de Haver é pura resistência, é o “não tem Tu, vai tu mesmo”, é o que há para fazer. Onde qualquer Deleuze indicaria os desejos situados é justamente tolo, pois não há desejo situável no nível do Haver. Há encostos: o desejo faz encostos, pois não tem jeito, não há para onde fugir, não tem saída.

- P – *Qual a diferença da Utopia requisitando algo inalcançável para com a idéia de Bem em Platão?*

Já situei isto há tempo, mas posso lembrar. O supremo Bem coincide com o supremo Mal. Onde? Na Utopia, no não-Haver. O Bem supremo é aquele que ALEI me põe a desejar, e o Mal supremo é aquele que, por impossível, jamais atingirei. Não há paradoxo algum aí – o qual é algo que só existe dentro das frases –, isto é concreto. O que é mais desejado é o Bem supremo que é o Mal supremo porque jamais será atingido. Por isso é a essência do Trágico e da Utopia.

O que pode (não resolver, mas) mexer com as formações filosóficas contemporâneas é esta idéia de que o desejo que resta, que permanece, que jamais perde sua função – aliás, já lhes disse, não existe isto que Lacan disse sobre “abrir mão de seu desejo”, pois é impossível a alguém fazê-lo: só defunto abriria mão de seu desejo, e não abre, pois não sabe que abriu –, em sendo impossível atingir o utópico, se fractaliza como o Haver. Então, há uma enorme diferença entre reconhecer que se o desejo não encontra seu objeto, condena-se a espalhar-se pelo que der e vier, ou por minhas formações sintomáticas indicando escolhas especiais, e supor que o desejo sabe o que quer ou que indicaria as suas formações numa espontaneidade qualquer como podemos ver no pensamento dos desejosos e desejantes que se acompanham de Deleuze, Nietzsche, essas bobagens... Não diria que Nietzsche é uma bobagem. Já expliquei que era louco do Revirão, o pensador do Revirão... e absolutamente perdido por isto. Não há saída alguma em seu pensamento. Seu vitalismo e seu biologismo são o desespero do fraco.

- P – *Haver desejo de Haver, seria tomar a Pulsão de Morte como pressão inercial. Neste caso, o ser humano não desejaria o não-Haver, ele seria empurrado para lá...?*

O próprio Freud chegou a substituir todas as funções pulsionais pela Pulsão de Morte. E o desejo vai colado nesse rabo. Mas do que adianta embutirmos um livre arbítrio no meio dessa máquina todo-poderosa? O que você disse resulta em que haveria um livre arbítrio qualquer de contradizer o empuxo

da máquina. Mas o que há de desejo é justamente o empuxo da máquina. Não há outro. Com isto, reitero que meu pensamento é o retorno *de* Freud: quero a doença de volta. O que há de diferença no que estou trazendo é para com certas posturas de Lacan e dos lacanianos. Então, para mim, isto que se chama de desejo não é senão efeito do funcionamento do princípio fundamental, que é a Pulsão.

Nossa questão – contemporaneizada diante dos pensamentos que estão por aí, diante da absoluta falta de fundamentos em que nos encontramos de repente, diante da discussão de horror sobre o que fazer hoje na face do Planeta – é que a diferença que proponho parte de podermos aceitar e reconhecer que o que há é *pulsão* e mais nada. A qual não é preciso chamar “de Morte”, pois ela é d’ALEI. Que isto é o Trágico. Que podemos colocar aí a Utopia bem como o Trágico, como impossível. E que de lá para cá é resultante de fractalização, de estilhaçamento sob a condição dessa imposição radical, dessa *condenação* da qual não temos como sair, nem mesmo querendo morrer. Isto desmonta uma série de engodos, como o do *Viva a vida!* nietzscheano, o qual, a meu ver, é uma resposta louca, uma incongruência radical em sua obra. Daí, igualmente, os nietzscheanos de lá para cá. A minha é uma postura de defrontação, na presença do Trágico, com a *condenação* irreversível. A questão é, pois: o que fazer? Os filósofos estão em pânico, sem nenhuma condição de resposta. O máximo que conseguem é virar vedete de televisão...

Portanto, esta postura de diferença é que situa os três elementos que lhes apresentei este semestre. O que chamo de *Inconsciente* é toda a massa, com o Primário, o Secundário e o Originário, cada qual no seu nível. O *Sujeito* é experiência de abismo, não representável. No máximo, pode-se fazer sua epopéia. E o *Tempo*, que é puro tempo de resistência, de luta, de transporte. O tempo na psicanálise termina quando se conseguiu uma reversão. Isto nada tem a ver com tempo de sessão (que, como já expliquei, depende do tamanho do saco do analista).

O que fazer, então? Primeiro, trata-se de assumir a condenação. Segundo, existem fundamentos? Estou sendo dogmático? É óbvio que sim, pois

estou posturando ALEI como Haver desejo de não-Haver. Acredite se quiser – é a formação que tenho para oferecer. Entretanto, faço a suposição – absolutamente contestável, pois sempre haverá alguma histórica para me dizer que não é bem assim (histórica, não é xingamento, mas sim que elas gostam de pensar de outro modo) –, solicito o testemunho da experiência dos seres humanos a respeito da vontade de reversão e do sentimento do Trágico, os quais me parecem ser, ainda que estatisticamente, suficientes para eu insistir em minha produção. Isto, como já disse, não é nenhum ser-para-a-morte, pois ninguém sabe de morte alguma, ninguém sabe contar nada a este respeito. Parece que a maioria das pessoas concorda comigo em afirmar que tem a experiência de condenação, da impossibilidade de passar, do desejo de gozo absoluto que nunca vem, do desejo de Utopia e de Paz que nunca se consegue. Todos vivem declarando isto, até à sua própria revelia.

Qual a saída que haveria? Depois de colocar tudo que coloquei, é extremamente delicado pensar uma saída. Por isso, ainda preciso tratar da questão da *Verdade* e da *Ética*, este palavão contemporâneo que nada quer dizer além de ser um xingamento: fulano não tem ética... Quando um deputado recebe dinheiro de bicheiro, digo que ele não tem ética. Quando sou eu quem recebo, digo que foi um erro político... Ética é isto. (Mas, infelizmente, não recebo. Para que serviria a um bicheiro dar dinheiro para mim? O que ele ganharia com isto? Vocês nem jogam no bicho – não há influência minha aí).

- P – *Esta postura já não é uma ética?*

Qualquer Habermas, ou gente da sua laia, diria isto, que quando abro a boca para falar já estou falando a partir de uma ética. Como não sabem que existe um negócio chamado *sintoma*, chamam de ética, pois isto para eles são formações comportamentais.

- P – *Mas Haver desejo de não-Haver não tem formação comportamental.*

Isto tem autor. Alguém disse isto que não eu? Portanto, tenho que reconhecer que é um sintoma meu, que o inventei. Aí é que vem o problema da falta de fundamentos. Isto que você acabou de colocar, qualquer um da linhagem ou em semelhança com aquela turma sociologizante da Alemanha, Karl Otto

Apel, etc., também diria que ao abrir a boca já se está colocando algo que tem desenho ético. Mas, em nossa linguagem, se você abre a boca é que você já saiu de sua situação à beira do Cais. Então, já está em formação. E se assim é, o que pude dizer já está infectado, já tem certa, ainda que mínima, ordenação sintomática. Mas não é por aí que temos que brigar, e sim, entre as formações disponíveis aqui e agora, buscar quais as que se apresentam com maior eficácia de entendimento e de ação no mundo contemporâneo. Se não, a discussão pára. Eles, por exemplo, são comunicacionistas, apostam tudo na comunicação dentro da comunidade.

* * *

Lacan, como sabem, designou três paixões: o amor, o ódio e a ignorância. Isto é uma asneira completa. Primeiro, falar de amor e ódio, que são os dois avessos da mesma coisa, como duas paixões já é asneira. Segundo, a ignorância só funciona como sendo a ignorância disto.

As pessoas que podem pensar um pouco com a maquininha que apresentei, sabem muito bem que só existe uma paixão, que se chama: *Vinculação*. Todo vínculo, qualquer que seja, é passional. Há o Vínculo Absoluto, que não seria passional. Isto porque seria *pura* paixão – portanto, não posso designar a diferença que apresenta. Existe só a *paixão vincular*, seja amorosa, odienta, ignorante, sabidinha... É esta paixão que se trata de organizar em seus vetores eventualmente opositivos para reger alguma coisa dentro da vida. Não conseguimos nos manter à beira do Cais apenas referidos ao Vínculo Absoluto. Descemos e começamos a nos apaixonar, a ter opiniões, como, por exemplo, a minha de dizer que ALEI é Haver desejo de não-Haver.

Trata-se de saber qual dessas organizações discursivas pode ser, aqui e agora, em nossa contemporaneidade, mais solta, mais eficaz, mais abrangente. Daí a imbecilidade de toda e qualquer parada em cima de determinada prolação de algum pensador. Tenho certeza de que no momento de sua enunciação, e ainda dura por muito tempo em certas faces, a enunciação e o

enunciado de Lacan foram extremamente vigorosos, ou seja, estiveram no lugar do *aquí e agora isto serve*. Mas em muita coisa não servem mais, pois nos ajudaram a andar para a frente e justamente ver que não servem.

Em algum lugar anteriormente, para acirrar a possibilidade de um pouco de discussão entre nós, eu disse que minha posição era *pragmatista*. Algumas pessoas ficaram me olhando enviesado por causa disto. Mas tenho um vício pragmatista, pois antes de ser discípulo de Lacan, meu mestre era Anísio Teixeira, o qual era aluno de John Dewey. Sou, então, uma figura exótica, cujo pai é pragmatista e a mãe estruturalista (pois Lacan, é óbvio!, só pode ser mãe). Mas preciso definir este pragmatismo da mesma maneira que William James, Dewey, e todos seus descendentes, até os contemporâneos (como o que esteve em São Paulo fazendo a festa do Banco Nacional, chamado Rorty)? Ou será que ele não muda de figura se o encaro a partir da idéia de Condenação e de Utopia que coloquei antes? Talvez, assim, possamos ter outra pragmática ou, quem sabe, mudar seu nome, pois pode não ser exatamente um pragmatismo. Rorty é um filósofo sério que tenta resolver, por exemplo, a questão – difícil para nós também – de se uma postura pragmatista não cai necessariamente num relativismo incontrolável. Acusação que todos os essencialistas, kantianos, platônicos, etc., fazem a este tipo de pensamento...

Há um livro de Rorty, de 1982, cuja tradução francesa se intitula *Consequences du Pragmatisme*, Paris, Seuil, 1993, no qual, página 309, temos uma definição, digamos, mais simples do relativismo: “O relativismo é a concepção segundo a qual toda crença para dada questão” – e aí inclui-se a questão do meu Haver desejo de não-Haver –, “se não mesmo para qualquer questão, é tão boa quanto qualquer outra”. Ou seja, tratam-se todas as afirmações defendidas por alguém como uma crença, e tão boa quanto qualquer outra. Mas isto é um relativismo relativo. Meu relativismo é absoluto: *relativismo é a consequência de uma ausência irreparável de fundamento enquanto referente absoluto*. Rorty trata o relativismo em sua manifestação, ou seja, no qual qualquer crença vale qualquer outra. Meu relativismo é lá na beira do Cais: na falta de fundamento absoluto, para dentro do Haver tudo é relativo.

Isto não resulta necessariamente em que qualquer crença valha qualquer outra, pois as formações não o permitem. As formações com as quais tenho que me embater darão empuxo às crenças possíveis. E também tenho algo que paradoxaliza o relativismo: para mim, é absoluto que há vínculo e que o não-Haver não há.

• P – *Mas isto não é fundamento?*

Sim, mas fundamento sem conteúdo. Antigamente, os filósofos eram muito bacanas, eram gente da maior confiança, pois nos apresentavam fundamento conteudizado. Kant, por exemplo, enfiou na cabeça das pessoas que havia um tal “imperativo categórico”, que não sei onde arranjou. Como desenvolvimento, está perfeito, mas nunca o encontrei na prática, na vida. Então, quem engolisse a opinião dos filósofos passava muito bem, pois eles eram confiáveis. Mas estou dizendo que, quem sabe – isto está sob discussão, pois, de repente, dão uma pequena pedrada e quebram minha vidraça –, há um fundamento absoluto, o qual não me dá nenhuma indicação, não se pode tirar dele nenhum imperativo categórico. Por isto, eu disse que *nada obriga*.

Como se pode, então, pensar que se está debaixo de um Absoluto que não dá nenhum imperativo quanto a nossos comportamentos? Quem sabe, dizer que há um Vínculo Absoluto, isto até dá um imperativo que não tem conteúdo, mas que pode nortear nossos movimentos, nortear a construção de uma ética. Será possível uma idéia de pragmatismo, ou seja, de ação no mundo, a partir deste absoluto relativismo que tem um fundamento sem determinação conteudística? Entendam que o problema que estou trazendo escorrega para todas as questões filosóficas contemporâneas, mas, ao mesmo tempo, não é a mesma coisa.

Sidney Hook é um americano contemporâneo, na linhagem do pensamento pragmatista de Dewey. Num livro chamado *Pragmatism and the Tragic Sense of Life*, Nova Iorque, Basic Books, 1974, p. 25, ele diz que “o pragmatismo é a teoria e a prática” – tudo bem, digamos que seja – “que confia ao artifício” – isto é legal, pois só podemos confiar a artifício – “de um controle social inteligente” – aí já é pedir muito – “o desenvolvimento da liberdade humana

num mundo precário e trágico. Pode muito bem acontecer que esta seja uma causa perdida, mas não conheço outra melhor”. Não sei o que ele está chamando de liberdade humana. Quanto a mim, vocês sabem que digo que *liberdade é a liberdade de desejar*. Portanto, todos são livres... quando suas cabeças permitem, pois há pessoas que não se sentem livres nem mesmo para desejar – são os chamados neuróticos. Mas se criássemos o bicho solto, ele seria livre, desejaria qualquer coisa. Outra coisa, é conseguir realizar o desejo que se conseguiu dizer. Então, o “desenvolvimento da liberdade humana” está nos dois sentidos freudianos de se partir para a enunciação do desejo e de até se conseguir poderes para realizá-lo. Se estou dizendo que o *herói trágico* é o que consegue pelo menos enfrentar a irreversibilidade e, às vezes, até ganhar dela, então, trata-se disto.

Estou, pois, tentando iniciar a possibilidade de posturar uma idéia de pragmatismo sobre a Condenação à ALEI, Haver desejo de não-Haver. Ou seja, vai-se Lá; ficar Lá parado não vai a lugar algum e não há saída; então, há que retornar. Este retorno pede alguma práxis que poderíamos chamar de pragmatismo, pois o que interessa é o jogo da práxis. Isto em função da ALEI, da Condenação e do próprio jogo, quem sabe, da liberdade humana. (Lacan dizia que falar em liberdade é inteiramente delirante... por isto, ele falava tanto...) Acho, então, que as coisas que estou colocando se encaixam um pouco com a idéia pragmatista.

* * *

- P – *Não podemos apreender na experiência algum tipo de hierarquia entre as formações? Uma obra de arte não teria uma referência mais próxima do que você chama de Revirão, por exemplo?*

Isto só colocaria uma hierarquia determinada por *minha* ortodoxia, por *minha* dogmática. Não posso ir por aí, que me perco. Não estou a fim de passar a perna em mim mesmo, de me tapear e achar que descobri a pólvora. Quero tentar pensar. Não há a menor dúvida de que haja hierarquia entre as

formações do Haver, mas não de valores. Algumas formações aqui e agora são imperativas sobre outras, mas no caso desta espécie em que as formações são artifícios evidentes, baseados no quê vamos hierarquizar? No que diz respeito à obra de arte, há grande discussão da estética contemporânea, entre os chamados críticos, quanto ao que tem valor ou não. Mas baseada no quê? Em quem? Em que princípios? Então, se você quiser basear no Pleroma, talvez faça uma bela hierarquia... para quem quiser aceitar. O que é mais obra de arte – já perguntei isto mil vezes –, a Mona Lisa ou um pote de merda, que também está no museu e assinado? Depois que houve Marcel Duchamp, Andy Warhol, como se sai desta? Podemos ser daqueles, tipo Ferreira Gullar que escreveu um livro intitulado *Contra a Morte da Obra*, que prezam a fatura da obra. Eu também prezo, gosto muito. Então, se prezo a fatura da obra, seja pictórica, musical, literária, vou querer dar status de valor superior a essa fatura. Mas outro pode estar cagando tanto para a fatura que chega a colocar um pote de merda no museu, assinar embaixo e demonstrar que é inserível no campo das obras de arte.

No meio das bienais da vida, o que temos é um relativismo relativo, pois, afinal de contas, no campo das artes plásticas, por exemplo, não se tem mais do que o mercado – e não apenas no sentido financeiro... Pessoas metidas com crítica, que escrevem em jornal, fazem questão de estabelecer alguma diferença entre *mercado* e *circuito*. É feita uma amiga minha que escreveu um livro “erótico” e deu uma entrevista dizendo que uma coisa é ser erótico, outra ser pornográfico. Eu gostaria de saber exatamente onde passa a fronteira entre um e outro. Pelo que eu saiba, pornografia, como as pessoas dizem claramente, é o erotismo dos tarados. E erotismo é a pornografia dos covardes. Nas artes plásticas, então, onde o valor de determinada obra não é a mesma coisa que o de um livro em que cada unidade custa certo preço – aliás, mede-se o tamanho do pau do autor pela quantidade de exemplares que vende: Paulo Coelho, por exemplo, tem maior do que Jorge Amado... –, cresce o valor internamente na obra e fica-se discutindo sobre mercado e circuito. Mas, na verdade, o mercado é o circuito dos canalhas, e o circuito é o mercado dos babacas. É só esta a diferença porque é uma questão de mercado. Mercado de mídia é mercado também...

O grande problema deste final de século é que não se encontram determinantes absolutos ou universais. O que se pode dizer é que há uma patota que preza muito a fatura da obra, entre os quais Ferreira Gullar e eu também, então farei uma hierarquia em função da fatura. Mas como não sou burro, não inteiramente pelo menos, quando vejo colocar-se um pote de merda no museu, concordo que é um ato absolutamente artístico. Isto porque, hoje, temos evidenciado que o que quer que alguém da espécie humana faça, o menor gesto, é arte. Isto porque está banhado, de molho no regime do art-fício e, portanto, da art-culação. Foi a este extremo que chegamos neste final de século.

• P – *Se todas as formações podem ser mercadoria, então, qual é a possibilidade de hierarquia se não for capitalista?*

Esta é uma das questões que se colocam hoje.

• P – *Esta hierarquia que você está tentando achar...*

...Não estou tentando nem mesmo isto. Estou apenas me perguntando, pois, de repente, não há hierarquia.

• P – *...não estaria referida ao Imperativo sem conteúdo?*

O Absoluto sem conteúdo pode, quem sabe, vir a me nortear, mas não sei se já norteia. E não em coisinhas tão miudinhas. Mas suponhamos que a humanidade tomasse vergonha, que é algo que costuma não tomar. Por que não se perguntar, no caso das artes plásticas, por exemplo, se a saída não está do lado oposto? Se a indecência é ainda haver arte? Se houve Duchamp, Warhol, quem sabe o indecente não é ainda se nomear alguma obra arte? Quem sabe se o imoral não é dizer que fulano é artista? Por que não sicrano? Como vêem, estou contestando o desejo de hierarquia com o de abolição. Então, pergunto de novo, quem é mais artista, Leonardo da Vinci, que faz a Mona Lisa, outro que expõe pote de merda, ou a garota que trepa bem, que faz todas as sacanagens legal?

• P – *Mas, assim, não se corre o risco de cair numa posição meramente demissionária?*

Daí a luta contemporânea entre o relativismo, às vezes chamado de pensamento cínico, e a busca desesperada de um referente que ninguém acha. Como vêem estamos numa situação difícil.

- P – *Mas o referente sem conteúdo não tem condições de passar indícios pelo menos de que se possa estar referido ao Cais?*

Pode. Mas o que isto determina do ponto de vista dos valores e dos conteúdos cá embaixo? Como sabem, estou me aproximando devagarinho da possibilidade da construção de uma ética, então, posso dizer que isto poderia, quem sabe, no máximo, fundar aquilo que chamo *Diferocracia*. Ou seja, com que cara alguém vai determinar a mínima hierarquia sobre qualquer valor? Mas é possível governar o mundo assim? Ou isto deve ser simplesmente uma meta? Se há alguma ética, deve ela ser da ordenação dos comportamentos, ou de apontar uma meta, inatingível que seja, mas que norteie meus movimentos? Isto, ainda que eu só faça besteira o dia inteiro. Mas mesmo assim tendo um norteamento qualquer. Não podemos esquecer que as pessoas que falam em ética hoje estão é falando do vigor excelente de seu gosto, de seu sintoma.

- P – *Quando você fala em Sujeito da Renúncia, ele tem articulação com alguma vontade?*

Não me parece que seja preciso reclamar nenhuma vontade, pois uma vez que se chegou Lá e se reconheceu, não há saída, há que renunciar. Pelo contrário, o mínimo de vontade aí colocaria o sujeito contra a Renúncia e faria dele um melancólico, um maluquete. Ele fica resistindo, pois *vontade* é algo resistente.

22/SET

13

ÉTICA E VERDADE

Da vez anterior, eu falava da *função curativa do trágico* e lembrava que, no progresso do tema da Clínica, seria preciso dar conta, minimamente que fosse, de duas questões envolvidas no processo de Cura – tanto individual, se é que vale este nome, quanto do que chamo Clínica Geral na pretensão da cura do Social, digamos assim – que são: a Verdade e a Ética. Já as abordei por diversas vezes, mas é preciso inseri-las com maior clareza no campo da Clínica, de que venho falando este semestre. E, sobretudo, no interesse do estabelecimento de diferenças mais nítidas entre as minhas postulações e as de outros teóricos com as quais, às vezes, facilmente são confundidas.

Chamei atenção recentemente para a confusão que tem sido feita com os temas de Badiou, já que aproveitei seus teoremas para comentar algumas das minhas posições. Podem pensar que se trata da mesma coisa, mas quero lembrar que não é este o caso. Ele fez algumas conferências no Brasil que foram publicadas num livrinho que resume mais ou menos os calhamaços enormes de suas obras. Se quiserem ler, é muito prático, pois é um conjunto de pequenos textos onde delimita os pontos fundamentais da sua presença na filosofia contemporânea. Ele está preconizando uma *ética das verdades*, que tem que chamar assim porque não pode falar *Verdade* no singular. É, pois, uma ética das verdades no sentido como a desenha em cima de uma ontologia matematicamente construída. Ou seja, seus conceitos de verdade e de ética são construídos em cima dessas verdades. No meu caso, não se trata bem disso.

Mas as questões da Ética e da Verdade continuam de pé quanto ao endereçamento da Cura, quanto à posição da psicanálise no mundo. Vocês diriam que estou chovendo no molhado ou perdendo meu tempo, uma vez que, quem sabe, Lacan já resolveu todos esses problemas... É claro que resolveu... à sua maneira, e deixou tudo sem solução. Não para mim, pelo menos...

* * *

A questão da Verdade, por exemplo, a seu respeito vou dizer um verdadeiro barbarismo hoje aqui. Ou, se não, um verdadeiro futurismo. Escolham...

Há algo que acontece no seio da filosofia... Aliás, não se pode deixar, como já não se deixa há muito tempo, o próprio Lacan fora da filosofia. Isto, na medida em que ele dizia que fazia anti-filosofia. E quem anti-filosofia faz, filosofia está fazendo. Mas os filósofos, de bastante tempo para cá, sobretudo os últimos, de nossa época, têm uma verdadeira vergonha, se não ojeriza, sei-lá-o-quê, de falar a respeito da Verdade. Não se encontra nenhuma filosofia contemporânea que possa brandir *A Verdade*. O máximo que conseguem é apresentá-la como *múltiplo*, ou seja, pluralizá-la. Fala-se em *verdades* e se tenta localizá-las de algum modo. Como Badiou, como Lacan mesmo quando diz: *La femme n'existe pas*. Tá bom, então não tem. Como a verdade é mulher – não sei por causa de quê, quiseram assim –, então, não existe.

Por causa de quê a Verdade não existe? Porque todo e qualquer postulado de fundamento é criticável, relativizável, como já tocamos aqui. Isto de tal modo que quem há de sustentar que está falando da *Verdade* diante da possibilidade de qualquer contestação? Todos os filósofos, então, os ditos pensadores em várias áreas, se esquivam da declinação da *Verdade*. Que façam isto muito bem, de maneira extremamente bem construída no papel e numa lógica bem articulada, é óbvio que conseguem fazer. O diabo é a gente engolir isso, por exemplo, enquanto analista. *Je dis toujours la vérité*, digo sempre a verdade, diz Lacan. (Notem que ele não disse: *Je dis toujours une vérité*).

Não-toda, continua ele. Como também disse que A mulher não existe, ou, pelo menos, não-toda. Badiou, de descendência lacaniana, também fala das *verdades* na dependência de eventos, de acontecimentos, que possam influir na possibilidade de uma captura que instaura uma verdade onde nasce um sujeito, etc. É lindo, bonitíssimo...

Existem outros que são menos – qual seria o termo? – hipócritas, que já partem logo para a relativização de tudo. Os filósofos e sociólogos do relativismo, o grupo da democracia, para o qual tudo vai depender do debate, da argumentação infinita. Temos a sociologia alemã. Temos os americanos, descendentes de James, de Dewey, que declaram logo que não há verdade alguma, mas apenas o jogo democrático das conversações, dos consensos, dos entendimentos, etc. Há o pessoal do mercado, os filósofos ou sociólogos marqueteiros, para quem tudo é mercado, interessando apenas quem compra, quem não compra, oferta e procura. As verdades vão sendo instauradas por aí e o jogo permanece. Chamei-os de menos hipócritas, pois, pelo menos, vão logo declarando que não sabem de nada, que só conversando, levando papo, é que a gente vai se entender.

Quero falar em hipocrisia filosófica a respeito daqueles que fingem que não estão brandindo a verdade, e fingem muito melhor, pois os democratas e os marqueteiros fingem menos, fingem mal. Há certos democratas tão liberais, por exemplo, que poderiam só acreditar numa democracia *ad hoc*, em que, a cada questão, se pudesse fazer um plebiscito. Hoje, isto é fácil, pois há computador, televisão (aliás, não sei onde se rouba mais, se no papelzinho do voto ou se aí)... Numa democracia *ad hoc*, então, as verdades apareceriam à medida que as coisas fossem ocorrendo. Verdades que, naturalmente, são *sintomáticas*.

Procurei no pensamento de Badiou se haveria alguma possibilidade das verdades que adscribe aos eventos sonhando com um lance de dados absolutamente neutro para o advento destas verdades, dos sujeitos. Em última instância, a meu ver, não é possível reconhecer subjetividade, verdade ou coisa desta ordem, no que Badiou propõe senão quanto à mesmíssima natureza da ordem sintomática de Lacan: ama teu sintoma como a ti mesmo. É o nível que

podemos ter das verdades no plural, da tal multiplicidade da verdade. Ou seja, é o nível sintomático. Tomem-se as definições que ele dá dessa coisa que te arrebatou, que te ultrapassa – isto é da ordem da pega sintomática, do encontro fortuito, até mesmo no sentido surrealista, com determinada formação que me empolga e que a empolgo (empolgar significa *pegar*). Isto de tal maneira que se diz como verdade sintomática por mim descoberta naquele momento de encontro, naquele acontecimento. Então tá, fica combinado assim, a *Verdade* é plural, há *verdades* e são sintomáticas. Não vejo ninguém dizer outra coisa. Mesmo no nível dos democratas e marqueteiros a coisa é assim: vamos discutir, conversar, combinar, chegar a acordos, consensos, pois cada um acha uma coisa, sente um troço diferente. Estamos de novo no nível das formações sintomáticas, ainda que tenham a beleza do encontro fabuloso com o acontecimento...

Mas por que falei em hipocrisia dos filósofos, inclusive de Lacan enquanto mestre, filósofo? Fico espantado de os filósofos, os estudantes de filosofia, não se darem conta, ou pelo menos esconderem que se dão conta, da declaração de verdade que cada um desses pensadores faz antes ainda de desenvolver o seu programa. Quero dizer que existem lemas, declarações, pontos de partida, para cada um deles, que ficam obnubilados pela declaração da Verdade como múltipla, quando, na verdade, foi declarada *A Verdade* que sustenta todo o seu discurso. Na verdade, cada um deles declarou a Verdade que sustenta seu discurso como *A Verdade* – a Verdade de que ele está falando. Vocês poderiam me dizer que, no confronto com os outros, cada um vai dizer a Verdade, logo ela é múltipla. E daí? O que acontece é que, na construção do discurso do Sr. Fulano, que diz que a verdade é múltipla, o que sustenta o seu dizer que a verdade é múltipla é *A Verdade*, esta, que ele apontou como sustentadora do seu discurso. É fácil reconhecer que há n filósofos, n pensadores, cada um apontando, multiplicando, tornando múltipla a possibilidade de se dizer *A Verdade*, mas é preciso saber que, de seu discurso para dentro, há uma verdade funcionando como a Verdade e toda sua instauração. Aí o Dr. Lacan diz: o Inconsciente é estruturado com uma linguagem. Não é esta *A Verdade*

de todo o discurso do Dr. Lacan? Não é esta *A Verdade* que sustenta toda a teoria do Dr. Lacan? Mas ele não quer parecer que seja como fazem alguns pensadores de outras formas que dizem que a Verdade é *tal*. Por exemplo, no campo da arte, o artista não tem o menor escrúpulo – está na moda (escrúpulo quer dizer *pedregulho*) – em dizer que a verdade é aquela que está dizendo e que o resto não é realidade. Os religiosos também. Os fundadores de religião dizem: Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Não são hipócritas. Pode-se dizer o que quiser de Jesus Cristo, mas hipócrita não é.

Como fundamento de algum modo a construção de uma teoria em algum campo, algum pensamento, e digo que a Verdade é múltipla, não há? Então, já estou convidando todos a imediatamente fazerem um bosquejo por dentro de minha teoria e passar adiante, pois ela é apenas *uma*. Mas não é assim que funcionam. O Dr. Lacan não dizia que tinha uma das psicanálises possíveis, e sim que estava falando d'*A Psicanálise*, o resto é isso que “um vão povo pensa”: O que essa gente vã pensa não é psicanálise, psicanálise é o que estou dizendo. Então, como não há a Verdade? Baseado em quê estava dizendo isso? Já eu não, não sou hipócrita: *Há a Verdade. A Verdade é o que eu digo, é óbvio*. Das duas uma, ou você escolhe ser hipócrita, e junto com isto vem a canalhice, ou você escolhe assegurar, garantir, a sua declaração de verdade. Então, o cara é doido, paranóico. Sim, mas hipócrita não é. O que é ruim, e que estou chamando de hipocrisia, é perceber dentro dos discursos a denúncia muito humilde, muito lúcida, de que não há A Verdade e, no entanto, verificar a sustentação desse discurso sobre uma verdade que não pode, enquanto garantidora dele, não ser *A Verdade* para esse discurso.

Isto não dá para engolir, não por um analista. É preferível que diga que a parana em caso e em causa é tal, mas está garantindo, como qualquer paranóico de coturno (Jesus Cristo, qualquer um), que *A Verdade* é *x* e não *y*. Se não, tudo que se está dizendo é declaradamente da ordem da bobagem, do desperdício discursivo. Mas estou dizendo que *A Verdade* está explicitada, sempre me pareceu explicitada, em vários discursos. Apenas a acolhi e a enunciei de certo modo. E ela, para mim, se escreve: *Haver desejo de não-Haver*. A Verdade

coincide com ALEI, que foi enunciada por este discurso e que o sustenta. Sair desta declaração é pura hipocrisia. É absolutamente hipócrita indicar este discurso como o discurso da validade da psicanálise sem dizer que indica *A Verdade* de algum modo, que a indica como sendo escrita mesmo d'ALEI e se diz: Haver desejo de não-Haver.

Acontece que, desde o limite máximo do Cais Absoluto (de onde posso reconhecer isto) para baixo, tudo se fractaliza. Aí, então, posso falar de verdade no sentido multiplicado, plural. Tudo se fractaliza em verdades que são necessariamente formações que, aderidas a fulano ou sicrano, são sintomas. Mas não posso mentir quanto à fundação do discurso que a paranóia que cultivo está produzindo sem indicar que este discurso *tem* a Verdade e que *é tal*. As pessoas estão preocupadas em não parecerem paranóicas, mas o conhecimento, a formação de qualquer discurso, desde que Lacan esclareceu isto que ficou evidente na obra de Freud, é paranóia pura, a qual não é necessariamente psicose paranóica, pois é um método como outro qualquer. E todos eles são paranóicos. Não é preciso, então, a hipocrisia de esconder a paranóia atrás de uma declaração de multiplicidade que é falsa porque a sustentação do discurso é unária, de Verdade única.

- Pergunta – *Já que não-Haver não há, então, por que não instalar a Verdade no mero campo do Haver?*

É o que estou fazendo. A verdade é: Haver desejo de não Haver. Isto só acontece no campo do Haver.

- P – *Por que não: haver amor na liberdade de não-Haver, já que você considera o amor como vínculo? Ou seja, haver vínculo na liberdade de não haver vínculo, já que o não-Haver não há e ficando no campo do Haver...*

Assino embaixo, pois é resultante necessária do que tenho dito. Já que o não-Haver não há, tudo é imanente. Mas o enunciado da Verdade no teorema tal como o construí não pode ser senão a própria estrutura da ALEI que desenha o movimento, o périplo pulsional do Haver que é: Haver desejo de não-Haver.

É o périplo do Haver, pois o não-Haver não tem périplo algum, já que não há.

A Verdade enunciada no meu discurso é, pois: Haver desejo de não-Haver, que é coincidente com ALEI, com o movimento da Pulsão, com o périplo do Haver e com sua imanência. O que quer que se consiga dizer para menos do que isto cabe perfeitamente nas verdades do múltiplo feminino de Lacan, nas verdades do múltiplo matemático de Badiou, e até mesmo nas dos democratas e marqueteiros. São todas sintomáticas, formações regionalizadas dentro do Haver. Só quero chamar atenção para o fato de que não posso negar que estou referido à Verdade enquanto tal e que está dita como sendo aquela. Do contrário, seria hipocrisia.

* * *

Ficamos com uma questão difícil. Como se passa disso tudo que tenho trazido, inclusive sobre a questão da Verdade que coloquei hoje, para a possibilidade de se pensar uma *Ética*? Isto não por mero desejo de fazer pseudo-filosofia, ou filosofia mesmo, mas pelo interesse de manejar a Cura do processo humano em geral.

Afinal de contas, então, o que poderíamos chamar de uma ética? Vamos nos referir a nossa herança mais próxima, a Lacan no Seminário d'A *Ética*. Como sabem, sua ética, neste Seminário, se resolve, digamos assim, no final, capítulo XXIV, chamado *Os paradoxos da ética ou Agiste conforme o teu desejo?*, onde, p. 359 da edição francesa, temos que “a ética consiste essencialmente num juízo sobre nossa ação” – está ele, aí, falando do que todos falam. Mas trata-se de estabelecer, pelo menos, a ética da psicanálise, digamos até, a ética do analista.

Há pouco, disse que me refiro à *Verdade*, digo qual ela é, e que dali para baixo só temos *verdades*. Então, no meu sentido, temos possibilidades muito difíceis, altamente discutíveis, altamente transáveis, de estabelecer verdades localizadas, formações menores do que a plenitude do Pleroma. Temos também a possibilidade de estabelecer formações secundárias que tentam mapear

formações primárias. São maneiras de estabelecer verdades, no plural. Temos até – e meu teorema é uma prova disto – formações secundárias que mapeiam a formação originária. Ou seja, *minha tentativa de teoria é: mapear a formação originária e dizer que A Verdade é aquela*.

Continuando, como vamos estabelecer uma ética – isto que Lacan quis chamar de juízo sobre nossa ação, e que é assim chamada pelos filósofos também – com relação às verdades e à Verdade? Lacan se saiu brilhantemente em sua ética, chegando à conclusão de que se tem que *agir conforme o seu desejo*. Não faço a menor idéia do que seja isto, ou, se fizer a idéia, fico muito arrepiado. Ele diz, p. 361, que “a ética da análise não é uma especulação que incide na ordenação, no arranjo, do que chamo o serviço dos bens”. Ele está retirando a ética da psicanálise – o que já é um alívio – do serviço dos bens e das éticas de que falam na televisão: a ética do pedregulho (chamado escrúpulo), ou a ética da Casa da Banha... Ele está dizendo que a ética da psicanálise é fora do serviço dos bens – o que já é uma questão: será que, no interesse do tratamento de alguém, no atingimento da cura, não há um mínimo de serviço de bens? (Vamos engolindo as frases e esquecendo de ver se seus rabos foram limpos). Continua Lacan: “Falando propriamente, ela implica a dimensão que se exprime naquilo que chamamos a experiência trágica da vida” – até concordo, tanto é que, da vez anterior falei sobre a função curativa do trágico. “É na dimensão trágica [primeiro] que se inscrevem as ações” – concordo plenamente, no meu sentido: você entrou em ação, ferrou-se, pois a irreversibilidade está comendo. Segundo, é na dimensão trágica “que somos solicitados a nos situar quanto aos valores”. A questão é um juízo sobre a ação e, portanto, um juízo que está falando de ações e valores que se inscrevem necessariamente na dimensão trágica. Não é à toa que Lacan vai tomar uma tragédia, *Antígona*, para resolver o problema.

“A relação da ação” – e é num juízo sobre ela que consiste a ética que interessa – “ao desejo que a habita na dimensão trágica se exerce no sentido de um triunfo da morte”, continua ele. Ou seja: o que dá sustentação à relação da ação ao desejo que a habita, dentro desta dimensão trágica, se exerce no sentido

de um *triunfo da morte*. Ele regula, então, todo o processo da ação dentro da dimensão trágica em relação com o desejo que faz esta ação funcionar na sua referência à morte como triunfal, triunfante. É o tal negócio do velho, como continua ele a dizer, “triunfo do ser-para-a-morte, formulado no *mé funai* do Édipo”. Ele montou em cima disso todo o seu aparelhinho para segurar a ética referida ao trágico da Antígona. Já lhes disse que, em decorrência do pensamento do próprio Lacan, não dá para suportar a idéia de que o *mé funai* seja ser-para-a-morte ou triunfo da morte. *Mé funai* significa *antes não houvesse* e declina que ALEI é Haver desejo de não-Haver, e não morte alguma. Já lhes garanti que a morte não há, podem ficar sossegados.

Segundo a minha Verdade, ou *A Verdade* que enuncio, não estou falando de nenhum triunfo da morte ou de ser-para-a-morte, e sim da indicação da ALEI como *A Verdade* dizendo que há desejo de não-Haver e que isto não se realiza jamais. Então, repito, o que, para mim, segura a dimensão trágica, ainda em cima da herança lacaniana, não é nenhum triunfo da morte, nem ser-para-a-morte, mas sim a função mesma da ALEI como sendo *A Verdade* que sustenta o que tenho a dizer e que garante que há desejo de não-Haver, que a morte não há, e que a dimensão trágica está no sentido único, na mão única, da irreversibilidade neste caso como em qualquer outro.

Mesmo que o herói lute com a irreversibilidade e, às vezes, até se canonize heroicamente porque a vence numa região, ele não consegue vencê-la por inteiro. Localmente ele faz uma reversão, mas sobra muito de irreversível nessa reversão. Há, por exemplo, o fato de que fez isso tarde demais. Como sempre, aliás. O que a gente não faz tarde demais, ainda que heroicamente? Ele não terá salvo a tempo. Digamos que um herói qualquer produza a cura da Aids. É claro que é um herói que lutou contra uma aparente ou regional irreversibilidade, mas tornou a coisa reversível tarde demais. Isto porque é uma questão de reversão. Não posso reverter o Haver em não-Haver. A dimensão trágica é a própria castração, a quebra de simetria, que, cá embaixo, se manifesta na luta contra irreversibilidades. Algumas, por serem regionais, conseguimos reverter

– no que estão associadas a uma série enorme de demandas, só se revertem regionalmente. O herói sempre é um herói fracassado, pequenininho.

Lacan, p. 368, diz: “Proponho que a única coisa de que se possa ser culpável” – ele associa a dimensão ética à culpa, ao sentir-se culpado –, “pelo menos na perspectiva analítica, é de ter cedido em seu desejo” – pode-se também traduzir por “ter aberto mão de seu desejo”. Continua ele: “Esta proposição, aceitável ou não em tal ou qual ética” – em outra, pode não ser aceita – “expressa muito bem o que constatamos em nossa experiência. Em último termo, o de que o sujeito se sente efetivamente culpado” – atenção, pois a constatação que ele faz em laboratório é de que *o sujeito se sente efetivamente culpado*; eu não posso constatar isto, pois não sou o sujeito que está se sentindo culpado, só posso fazê-lo se me sentir culpado – “quando entra em culpabilidade” – é redundância –, “de maneira aceitável ou não pelo diretor de consciência, é sempre, na raiz, relativo a que ele cedeu em seu desejo”. Isto faz uma dimensão ética para a psicanálise. E é claro que é uma besteira. Tanto é que, no futuro, Lacan passa por cima disto e resolve, em *Télévision*, indicar uma *ética do bem-dizer* desinteressado dessas culpabilidades. Isto é uma falta de análise de Lacan, neste Seminário. Mais adiante, ele sofre mais análise e melhora como todos nós.

Mas de onde vou tirar a garantia da construção de uma ética para a psicanálise em cima disso de o sujeito se sentir culpado? Ora, ele se sente culpado porque é neurótico, se não, não se sentia. Então, vou fazer a ética da psicanálise em cima do sentimento de culpa do neurótico? Mas, aí, poderiam me dizer que sou cínico, pois estou dizendo que quem não é neurótico não sente culpa. E efetivamente estou dizendo isto. Toda vez que sinto alguma culpa, é um resto neurótico, se não, não sentiria. Deus é absolutamente inocente, por que eu não o seria? Se não posso encontrar provas da minha inocência, é porque tenho o rabo preso em formações inferiores. Se não estiver aderido a minhas formações menores, tenho todas as provas de minha inocência. Posso ter provas de minha burrice, de minha escrotidão, de minha formação menor aqui ou ali, mas continuo sendo inocente quando visto do ponto de vista que

interessa à psicanálise. Não se esqueçam de que Lacan faz referência do sentimento de culpa e da verdade da culpabilidade à formação sintomática do seu analisando aqui e agora declarando-se entrado em culpabilidade. Mas como fazer disto uma ética? Pelo amor de Deus, lembrem-se de que Lacan também faz besteira. Desse momento, ele vê que está fazendo besteira, e tenta corrigir adiante.

Entre os lacanetas desta vida, se repete que o sujeito “abriu mão de seu desejo”. Quem é que abre mão do seu desejo? Não conheço ninguém que tenha feito isto nem uma única vez. Conheço pessoas que desviam seu desejo, o qual, mesmo no sentido lacaniano, é desejo de *mé funai*. Lacan dá a isto a interpretação de ser-para-a-morte. Sim, eu não dou. Mas desejo em estado puro é desejo de não-Haver. E disto ninguém abre mão. Faz desvios os mais tolos. O neurótico desvia tanto quanto eu, ou qualquer outro, desde que faça qualquer enunciado apontando, de maneira demandatória, o seu desejo, onde está localizado aqui e agora como resistência. Mas abrir mão, não. Ele pode achar que não dá pé, o que é muito diferente.

- P – *Mesmo que não se possa fundar uma ética no “não ceder em seu desejo”, esta não é uma dica preciosa de Lacan, em termos de intervenção na clínica, de que se alguém está em estado de culpabilidade é que, por alguma razão, está desconectado de seu desejo?*

Em última instância, Lacan só pode estar dizendo que alguém se sente culpado porque o é. Vê-se isto todos os dias com o obsessivo. Ele *usa o desejo* para isto.

- P – *Mas qual é a culpa dele?*

É ser babaca, imbecil, roda-presa, ficar repetindo a mesma merda.

- P – *Mas se ele é assim é porque está se recusando a admitir o desejo.*

O pior é que *ele está usando o desejo para isto*. Se não, era fácil curá-lo. Ele aplica, investe, todo seu desejo nessa gozação anal, sei lá o quê, de ficar sem sair do lugar. Ele gosta de ficar gozando por aí...

- P – *Ele não está recusando ALEI?*

Ele nem sabe disso.

- P – *Mas você disse que, no entanto, ele sabe.*

Não posso dizer que ele está abrindo mão de seu desejo. Se não, estarei dizendo uma bobagem. Posso dizer que está aplicando em formações que, a mim, me parecem, e parecem às suas reclamações – mas não a seus atos – que não são bons investimentos. É só o que posso dizer. Suponhamos que ele se sentisse muito culpado e dissesse: como é gostoso se sentir culpado, uma delícia. Então, ficaria culpado e pronto, estaria feliz. Mas ele gosta de investir na culpa, o que se vai fazer? Que tenho a ver com isso? Aí entramos na tal democracia. Só posso dizer que, do ponto de vista do analista – o qual, supostamente, segundo a minha declaração de verdade, passou pela experiência do Cais Absoluto, pretende ser testemunho, mártir, desta passagem e dizer que ali é que se encontra a verdadeira vocação da espécie e o ponto de cura –, ele está eticamente errado em seu investimento. Isto porque ou ele é covarde, embora tenha tido alguma experiência e não quer se lembrar, ou simplesmente não consegue se rememorar por essa experiência, no interesse das formações menores.

Com isto, estou dizendo que, primeiro, declaro haver a Verdade – se não, meu discurso vai para o beleléu –, a qual é o fundamento de todo o meu discurso. Se quiserem relativizá-lo, vão relativizá-lo de fora, pois, de dentro, não vou fazê-lo de maneira alguma, não vou ser hipócrita. Segundo, há uma ética sim, relacionada a esta Verdade, que é a ética do que chamei *Pedagogia Freudiana: a ética de levar cada sujeito, principalmente a mim, às grimpas de seu processo, até à reminiscência, à anti-amnese, à anamnese do Cais Absoluto, do reconhecimento de Haver desejo de não-Haver. A ética do psicanalista, da psicanálise, coincide com sua operação, com sua verdade, com seu trabalho. Tudo coincide no mesmo lugar*. Esta é a ética da psicanálise, esta é a ética do analista. O vetor que ela encaminha é daqui para Lá, é empurrar para chegar Lá. Chegado Lá, de retorno, estaremos ainda falando de ética da psicanálise ou estaremos distribuindo a postura ética da psicanálise pelas possibilidades éticas, melhor dito, *políticas* do mundo?

Tomemos, por exemplo, os democratas ou os marqueteiros. Uma coisa, é eu acreditar, porque vejo a multiplicidade, que tudo é muito relativo, que, portanto, devemos fazer um plebiscito permanente e sermos democratas ou esperar que as leis do mercado, de maneira liberal, decidam qual é o

endereçamento das coisas. Outra, é dizer que a democracia é a pior forma de governo, sem a menor dúvida, só que todas as outras não prestam. Que a democracia é o governo do *demo*, como o nome diz, já repeti isto tantas vezes, entretanto, o que fazer? Talvez seja a única coisa possível, mas não estarei dizendo que vou manejar o processo democrático porque dou de cara com a multiplicidade e não reconheço nenhuma verdade. O que direi é que, segundo minha ética, posso retornar em total suspeição, sem aderência alguma, e jogar o jogo da democracia como, talvez, o menos ruim que apareceu até agora. Mas não vou dizer que é o melhor, nem que não exista possibilidade de inventar algo melhor. Nem vou aderir à democracia como se fosse meu fetiche e minha perversão. Mas é isto o que mais frequentemente acontece.

Então, há muita diferença entre eu ter a minha mente cujo vetor vai daqui para Lá, do Primário para o Originário, da bobice alélica do mundo para o Cais Absoluto e, depois, visto isto, retornar, olhar para as coisas e dizer: tenho jogos a jogar, sem aderência, sem acreditar demais, mas apenas fazendo o que é possível. Aí é que entra a *ética do possível* – que Lacan quis articular depois –, que é a ética dos possíveis, pragmaticamente posta, mas sabendo que a referência é do vetor daqui para Lá. Isto faz uma diferença enorme entre a ética da psicanálise e qualquer outra ética mundana ou mundial.

* * *

Não é por menos que havia pedido a vocês – o que não vai dar para vermos hoje, mas isto é bom pois dá mais tempo para lerem – para retomar o texto de Brecht sobre a *Vida de Galileu*. Poderemos, quem sabe, a partir de reconsiderar essas coisas que eu disse – O Inconsciente, O Tempo, O Sujeito, A Verdade, A Ética, O Trágico –, tomar não a vida propriamente de Galileu, mas o texto de Brecht como uma bela construção de indicação de retorno, depois de uma ética desse tipo. Parece-me que Brecht teve uma grande intuição aí.

Entenderemos, talvez, o sentido mesmo da palavra *catharsis*. O que é catártico? Vocês me diriam que a peça de Brecht não é uma tragédia, e sim um drama histórico. Estou me lixando, pois minha definição de *trágico* – que é a

relação para com a irreversibilidade – cabe perfeitamente aí. Se o gênero, o tipo, literariamente é considerado outra coisa, isto não é problema meu. Vejo o trágico aí. Mas interessa pensar a noção de *catarse* para hoje. Acho que a *purgação*, digamos, que o termo *catarse* me permite traduzir, é da maior importância. Isto no sentido mesmo em que Brecht colocava o seu *teatro didático* (é claro que ele estava pensando em outra coisa). Retomo este termo para falar da Pedagogia Freudiana. Ou seja, retiro o *didático* e chamo de *teatro pedagógico*, para dizer que é aquele que faz a *catarse* de se estar presente como público aos embates narrados sobre o herói em sua defrontação com a irreversibilidade. *Catarse* é isto. O teatro está sendo pedagógico, está tentando me rememorar a cada caso esse embate.

Como hoje não dá tempo para falar de Brecht, fica para a próxima vez. Prefiro que coloquem o que desejarem... naturalmente, sem abrir mão de coisa nenhuma.

* * *

• P – *Se o único desejo que há é o de não-Haver, então, qualquer outro desejo é culpado por si só?*

Sim. Aí você foi no ponto. Lacan achou que o sujeito se sentia culpado porque abriu mão de seu desejo. Mas qualquer um de nós se sente culpado de cada vez que não faz a anamnese do Cais, pois tudo abaixo dele é porco, é imundo, ou melhor, falando corretamente, é mundo. Então, sou culpado de ser esta titica que deseja uma porcariazinha. Mas se faço a rememoração e me lembro do Cais, imediatamente, me torno divino, ou seja, inocente. Não vou sentir culpa porque sou inocente como Deus é inocente. Só faz merda, cria esta porcária que é nosso corpo, a vida de merda que levamos, mas é inocente, pois estava brincando, referido ao Cais Absoluto e deixando rolar... Mas é preciso ter em mente que quanto mais inocente alguém parecer, mais os culpados se empenham em matá-lo. Por isso, se deve mentir: *Mea culpa*.

O comparecimento efetivo das culpas, diferentemente do que Lacan declarou a partir de seu laboratório, está sempre referido a determinada formação enunciada pelo analisando que se sente culpado na comparação desta formação com outras que a contrariam. Só percebo a culpabilidade no índice menor do confronto das formações. Aí é que vejo que a única escapada que se tem não é de convencer o outro de que não se é culpado... Há coisa mais ridícula do que qualquer júri? Há que ser trouxa para se acreditar no resultado de um júri, que é uma dança formal e teatral para se decidir algo. Até serve, é um jogo que precisa ser melhorado cada vez mais como o da democracia. Mas um analista não pode *crer* naquele juízo. Ele pode *usá-lo*. Isto porque é um debate entre formações menores.

Pilatos, por exemplo – que era apenas um romano querendo levar o dele –, foi tomado para fazer alguma coisa em relação a Jesus Cristo. Ele disse: nada tenho com isso, vocês que são judeus que se entendam. Minha cultura só está interessada em dominar o campo, mandar no pedaço e receber seus dividendos, não quer assimilar e nem destruir a de vocês. Aí, lava as mãos. E pergunta para Jesus: o que é a verdade? Este fica quieto. Ou seja, ei-la: *Ecce homo*. Ele vai discutir com Pilatos? Se abrir a boca, estará falando de formações tão pequenas, ficará discutindo direito romano, direito judaico, a Torah e o cacete, eternamente. Ele simplesmente fez silêncio, o que é um golpe de mestre. Se abrir a boca, deteriora.

No regime da anamnese radical a inocência nasce imediatamente. É o que os cristãos e outros inventaram como o *perdoar o morto*. O cara era um fdp, morreu, perdoa-se. Não perdoem não, pois ele continua como formação localizada. É quem acredita no ser-para-a-morte que fica nessa de perdoar. Lá sei eu se a morte dele não foi memorar a anamnese. Aí não seria preciso perdoá-lo, pois ele se sentiria inocente. Para que um inocente precisa de meu perdão? Ele pode precisar é de minha não sanção sobre ele, que certamente é culposa. Se tenho o poder de uma sanção sobre um inocente, o culpado sou eu. Ele pode precisar que eu não exerça esta violência de maneira a não prejudicá-lo, mas não precisa de perdão meu algum. Eu é que preciso do perdão que lhe ofereço.

- P – *A consciência geral que relativiza as verdades pontuais não é necessária para as relações humanas?*

O trágico é que no nível Originário não há condições de estabelecimento de relações, pois aí fica-se na absoluta inocência, no Cais Absoluto, na Indiferenciação absoluta. É isto que determina a ética do meu movimento. Mas não é para restar Lá, e sim para, referido a esta experiência, voltar às relações humanas que são *mundais*, mundas. Mas há radical diferença entre a *mundice* do analisado e a do não-analisado. É isto que proponho como ética da psicanálise. O analisado, por mais que se refestele nas sujeiras das parciaridades, não adere. Ou seja, ele *jamais é perversista*. Ou seja, não universaliza jamais nenhuma coisa relativa, pois sabe que não é universalizável. Apenas toma como um dado de movimento aqui e agora, como uma ação política, uma necessidade material, etc. Então, repito, ele jamais é perversista ou fóbico. Ou seja, jamais adere à morfose. Também não enlouquece na psicose e não tem nenhum compromisso com a neurose. Ele apenas tenta saber *dançar bem*.

- P – *O ponto de indiferença não seria transcendente?*

O Cais Absoluto é o lugar mesmo do que chamo de Real como puro espelho, como lei de catoptria. Ele é imanente ao Haver na medida em que produz o movimento legal. É por sucessivas simetrizações do que quer que compareça que o Haver chega à última das simetrias – Haver/não-Haver –, se encaminha para ela e só não a encontra porque é impossível. Então, este ponto último não é transcendente, e sim o ponto de onde o imanente pode ser transcendental. Ou seja, o ponto de onde, na minha imanência, posso me situar como transcendental, mas não como transcendente e tampouco como transcendência. A única transcendência que haveria, se houvesse, seria o não-Haver. O Cais é interno, é o ponto de indiferença, de neutralidade, mas não é transcendente.

- P – *Neste sentido a ética da psicanálise seria uma ontologia?*

Fico mais ou menos condenado à situação de que o ético na psicanálise se confunde com o *ontós*. As outras éticas seriam moralidades regionais, mas querem chamá-las de ética, então, vou fazer o quê? Para mim, são *políticas*. Eles não sabem que são políticas porque não fazem a anamnese. Se sou tão pequenininho que faço da referência a uma formaçãozinha o meu referente,

chamarei isto de ética. É a bobagem que vejo no Seminário d'A *Ética*, de Lacan. Mas se vou ao Cais Absoluto, tudo para cá é política. São políticas de sobrevivência. E sempre estarei fazendo erros, nunca saberei se estou fazendo a melhor política. Aí podem vir as discussões dos democratas, dos sociólogos, mas nunca saberei. A única coisa que posso fazer é dizer que sou inocente porque não tenho aderência morfótica a nada disso. Todo e qualquer da nossa espécie, sejam os melhores homens do mundo, quando não se refere ao Cais é necessariamente morfótico. Aí é que se funda a tal perversidade social, da qual não conseguimos dar conta porque ficamos procurando perversos em quisquilhas de pegas menores.

- P – *Você não pode referenciar-se ao Cais e continuar sendo perversista?*

Não é possível. Aí estaríamos criando o hiper-escroto. O cara é escroto com sua própria escrotidão. Se minha referência é Lá, minha ação muda. O que posso é denegar, ou seja, cair abaixo do meu nível e entrar em denegação, mas, aí, são os restos neuróticos de qualquer formação. Nem tampouco vou acreditar que nossa espécie possa produzir pessoas que fiquem na firmeza dessa referência. Encontramos isto na tentativa de muitas experiências do Zen, de certos conventos, certos santos ocidentais que quando queriam fazer sua pedagogia exigiam do sujeito o máximo de tempo numa referência que achavam que era a uma transcendência. Mas ninguém é de ferro e fica Lá o tempo todo. De vez em quando, perde a memória, começa a denegar, começa portanto a sentir-se culpado, e a sê-lo.

- P – *Brecht diz “infeliz o país que precisa de heróis”, mas quanto ao que você está dizendo, na verdade, o país precisa de muitos heróis?*

Brecht está dizendo com muita clareza que, se precisamos de heróis na minoria em que ali se designa, é porque os outros são como se fossem animais. Se todos fossem heróis, para quê iríamos precisar deles? Já os teríamos.

06/OUT

14

A BANDEJA DO HERÓI

Estive falando, este semestre, de *Sujeito, Inconsciente e Tempo*. Falei sobre o *Trágico*, sobre a possibilidade de introduzir uma *Ética* e sobre a questão da *Verdade*. Todos estes elementos foram recolocados em função dos teoremas previamente propostos. Isto no sentido de ajustar os conceitos com estes teoremas e do entendimento do processo da *Cura*, que é para onde conflui todo o arcabouço.

Falei também da *função curativa do trágico* e aproveitei a ocasião para situar a *catharsis*, a mesma de Aristóteles, na experiência (certamente também transmitida pela tragédia) do herói com a irreversibilidade. A *catharsis*, segundo esta perspectiva, seria a *pedagogia do herói*, a qual, na verdade, embora possa parecer espantoso, é a mesmíssima que chamei de *Pedagogia Freudiana*.

* * *

Substituirei, agora, a tragédia grega – como foi, por exemplo, *Antígona*, de Sófocles, para Lacan – pelo drama contemporâneo, que, como já lhes apontei, não considero menos trágico do que a tragédia grega. O drama contemporâneo que utilizarei é de Bertolt Brecht – contemporâneo, mais ou menos, pois tem exatamente a minha idade –, intitulado *Vida de Galileu*, que pedi que lessem.

Como lhes disse, não associo a tragédia a nenhum ser-para-a-morte. Evidentemente que, quanto mais primitivo se é, mais se conta com as pressões violentas do Primário. Certos povos, segundo seus aparelhos ditos religiões primitivas, gostam de fazer ordálios, provas violentas para serem garantidoras da verdade, em que o sujeito passa em cima de brasas, bebe veneno, arrosta a morte, é enterrado vivo (como Antígona)... Isto é da ordem da boçalidade social, não prova coisa alguma, a não ser que o sujeito é mortal, perecível, do ponto de vista da carne. Pode provar a coragem de alguém, ou pelo menos sua teimosia, se não sua burrice, em preferir a morte a deixar para lá a asneira que o vizinho está dizendo. O Ocidente tem certo gosto pelos crucificados. A prova da mensagem de Jesus Cristo, por exemplo, ao invés de ser sua boa palavra, é o sangue que escorre da cruz – o que é, no mínimo, uma imbecilidade. O boneco morre e não fala mais. Ele podia continuar pregando, era tão juvenzinho...

O fato do perecimento físico, corporal, expõe nitidamente – também é uma maneira de expor – a irreversibilidade com que o herói se defronta. Não é por menos que Lacan não toma os Édipos de Sófocles – *Édipo Rei* e *Édipo em Colona* – como exemplares de sua ética. Seriam os mais exemplares se ele continuasse seguindo ao pé da letra o viés freudiano. Mas tomou Antígona que, se não morre à vista, fica sufocada lá dentro do túmulo em que a colocaram viva. Édipo não morre, é verdadeiro. Não morre não só porque é imortal, obviamente, com qualquer sentido que se queira dar a este termo, mas sim porque a morte não há, conforme talvez quisesse apontar o próprio Sófocles (pelo menos, para mim, foi o que indicou). Édipo some no meio da luz porque é imortal, porque a morte não há. Isto no sentido do que o texto estava trazendo em superação até da besteira do incesto como pura cópula e reprodução. Ou seja, na passagem da reprodução dos corpos segundo um incesto, que só pode ser secundário – não há incesto no Primário -, à aproximação do Cais Absoluto, da Hiperdeterminação, Édipo (em Colona) já não é mais o macaco do Primário e nem o incestuoso do Secundário. Ele é simplesmente aquele que encontra que *a morte não há*. É assim que quero ler os dois Édipos de Sófocles.

Galileu já é um tipo mais próximo do herói que posso designar segundo a ética que tento desenhar. Como dizem popularmente: se lhe dão um limão, ele

faz uma limonada. Se lhe dão um cágado... bem, ele sempre faz alguma coisa. É como se repetisse a frase: se não tem Tu, vai tu mesmo. Mas não pensem que ele era otário – como diria o ministro Ciro Gomes que introduziu o estilo MD Magno no Governo.

Vamos dar um bosquejo na vida de Galileu Gallilei para alguém ou para além do texto de Brecht: nasceu na cidade de Pisa – aquela que tem a torre sem prumo, desafiando um pouco a mera gravidade –, no dia 15 de fevereiro do ano de 64 do século de 1500. Foi o fundador da *dinâmica*, na física, nome bastante explorado por Freud na construção de sua teoria. É o primeiro a claramente enunciar a idéia de *força* enquanto agente mecânico no campo da física, que também vamos encontrar indiciada na *konstante Kraft* da Pulsão de Freud. Primeiro também a perceber uma interação e uma injunção inevitáveis entre as matemáticas e a física e a desenvolver a noção moderna de *método experimental*.

Em 1581, muito jovem, vai para a Universidade de Pisa estudar medicina. Sua primeira descoberta é feita aos 19 anos quando justamente acabava de abandonar esses estudos de medicina. Observando o movimento de uma lâmpada, sem nenhum vento, balançando sob a cúpula da Catedral de Pisa, descobre o *princípio do isocronismo do pêndulo*, o qual, mais tarde, vai explicar matematicamente e aplicar ao cálculo das batidas do coração, o pulso humano, para fabricar o relógio. Como vêem, ele está metido em todos os cantos de nossa vida, mesmo que não se saiba disto. Ao desenvolver as teorias mecânicas de Arquimedes, lança-se numa série de experiências sobre a *queda dos corpos* com o auxílio do chamado plano inclinado, que também é uma máquina importante na física simplíssima de sua época. Após várias pesquisas, descobre a *lei do movimento uniformemente variado*. Debruçando-se sobre o estudo dos projéteis, a *balística*, enuncia a lei de seu movimento e o *princípio de inércia*, do qual Freud também não conseguiu escapar para montar seu aparelhinho. Evidencia as *ondas estacionárias* e preconiza o emprego dos *termômetros construídos com líquidos*. Enuncia a *lei dos vasos comunicantes* e inventa a *balança hidrostática*. Invadiu nossa vida completamente...

Na ótica, realizou o primeiro microscópio e a luneta que leva seu nome. No texto de Brecht, temos a impressão de que roubou a primeira idéia de luneta. Pode tê-lo feito, mas aproveitou e desenvolveu da sua maneira. Como se sabe de sobejo, provocou uma revolução na astronomia. As numerosas descobertas que fez com o telescópio acabaram por assentar e comprovar as doutrinas de Copérnico, aquele a respeito de quem costumamos falar em revolução copernicana de tão violento que foi em seu momento. Julgado por isto pela Inquisição e depois condenado pela Igreja, é obrigado a terminar sua vida em reclusão. Ele se aproveita disto para se dedicar ao acabamento de suas teorias mecânicas fornecendo uma explicação matemática do *movimento acelerado* e, como já disse, do *movimento dos projéteis*.

A despeito de sua fama crescente desde muito jovem, Galileu só conseguiu encontrar um meio de ganhar a vida aos 25 anos. Já era moda esse tipo de tortura naquele tempo... Tentou por diversas vezes, sem conseguir, uma colocação como professor. E justamente no momento em que foi chamado para uma colocação, muito honrosa mas nada lucrativa, como lente de matemática da Universidade de Pisa – ou seja, um merda –, pensou em se mandar para o leste. Suas conferências a respeito de suas descobertas levaram à loucura os membros aristotelianos da faculdade onde ensinava. Os caras já não suportavam mais a pressão de Galileu... Também provocou a ira das autoridades escrevendo uma peça burlesca onde ridicularizava a imbecilidade das regras universitárias. Em 1591, achou mais prudente demitir-se. Pouco depois conseguiu a cátedra de matemática da Universidade de Pádua, onde ensinou durante 18 anos, de 1592 a 1610. Neste período obteve grande reputação por toda a Europa como cientista e inventor.

Sua maior invenção, embora provavelmente, como diz Brecht, aproveitada da idéia de um outro, foi o *telescópio*, com o qual fez várias descobertas, principalmente a das *luas de Júpiter*, as quais chamou de *estrelas medicéias* em honra do Grão Duque da Toscana, que era da família Medici (a mesma daquele que foi ditador aqui). Isto lhe valeu a nomeação de filósofo e matemático extraordinário do Grão Duque (ele sabia puxar o saco certo na hora exata) com

grande salário e ampla permissão de pesquisa. Era tudo que queria, e justo onde se ferrou. Desde 1597, numa carta a Kepler, aquele que deu uma empurradinha na circunferência para ela virar elipse, já dizia ter-se convertido às opiniões de Copérnico: “Toda minha vida e meu ser dependem desde então do estabelecimento da nova teoria”.

Dada a fama alcançada, em 1611 foi convidado a ir a Roma, onde demonstrou o telescópio às autoridades eclesiásticas, as quais tão logo perceberam que tentava conciliar as descobertas de Copérnico com as sagradas escrituras, começaram a lhe fazer oposição. Em 1614, veio do púlpito de Florença a primeira acusação, a de estar defendendo a nova doutrina astronômica. Eis o que respondeu: “O Espírito Santo entendeu nos ensinar, na Bíblia, como se *vai* para o céu, e não como o céu *vai*”. É uma interpretação, aliás, lacaniana... A carta com esta frase foi logo levada para diante das ventas da Inquisição. Em 1615, Galileu foi informado, por um amigo eclesiástico de Roma: “Você pode escrever como matemático e, hipoteticamente, como dizem que Copérnico escreveu, e escrever livremente, enquanto ficar fora da Sacristia”. Mas logo em 1616 o Santo Ofício, saindo da Sacristia e metendo o bedelho na ciência, pois tinha poder para isto, condenou duas das proposições fundamentais de Copérnico, as quais foram retiradas de um artigo de Galileu (nem se deram ao trabalho de ler diretamente). Galileu foi intimado perante o Cardeal Bellarmino a não adotar nem defender a teoria de Copérnico (olha Antígona aí, gente...).

Galileu manteve silêncio até 1627, quando publicou *Il Saggiatore*, no qual afirmava que as novas descobertas astronômicas estavam mais em acordo com o sistema de Copérnico do que com o de Ptolomeu. Ele acrescentou que, uma vez que uma teoria estava condenada pela Igreja e a outra pela razão, esperava que uma terceira fosse encontrada para arrumar as coisas. Foi a maneira que arranjou para afirmar o que queria e tentar escapar da Inquisição. Seu livro foi dedicado a Urbano VIII, o papa de então, que era matemático e ficou numa situação difícil entre a fé e a razão, pois viu que estava bem demonstrado o texto de Galileu. O livro foi aceito tanto pelos eclesiásticos quanto pelos cientistas. Durante seis meses, Galileu teve seis audiências com o Papa.

Aí é que mora o perigo... Encorajado por estes acontecimentos, dedicou os próximos oito anos a escrever – e aí é que se ferra – o *Diálogo dos Dois Principais Sistemas do Mundo*, ptolomaico e copernicano, que publicou em 1632. Imediatamente foi denunciado pelas autoridades eclesiásticas e levado a julgamento perante o Santo Ofício. A fama, na verdade, foi corda que lhe deram para soltar a franga. Foi acusado de três delitos. Primeiro, o de ter quebrado seu acordo de 1616, de não defender Copérnico (que não foi um acordo, mas sim uma intimação do Cardeal Belarmino). Segundo, de ter ensinado o sistema copernicano como verdade, e não apenas como hipótese. Terceiro, de teimar em acreditar na verdade de uma doutrina condenada pela Igreja (aí disseram toda a verdade).

No processo de 1633, foi julgado culpado das duas primeiras acusações, de ter quebrado o acordo de silêncio e de ter ensinado o sistema de Copérnico como verdade e não como hipótese. Quanto à terceira, de acreditar no que a Igreja manda não acreditar, afirmou que nunca foi sua intenção acreditar na verdade da doutrina de Copérnico depois que foi condenada pela Igreja. Uma vez que declarou isto, foi apenas denunciado como “veementemente suspeito de heresia”. E foi sentenciado à punição que lhe determinasse a Corte (os juízes tinham esta folga naquela época). Galileu submeteu-se e fez o que a Corte requereu dele, ou seja, abjurar à verdade copernicana. Feito isto, recebeu permissão para deixar Roma. Foi para Siena, onde residiu por diversos meses na casa do Arcebispo de lá, o que evidentemente já é uma forma de prisão domiciliar. Em dezembro de 1633, teve permissão para retornar a uma *villa* que tinha em Arcetri, perto de Florença. Aí passou o resto de seus dias em retiro, como rezavam as condições de sua rendição. Ali completou o tal *Diálogo das Duas Novas Ciências*. Sua última descoberta, pelo telescópio, foi a respeito do *movimento da lua*, em 1637, poucos meses antes de ficar completamente cego. A cegueira não o impediu de continuar sua correspondência científica. Morreu dia 8 de janeiro de 1642 e foi, ironicamente, sepultado na capela de Santa Croce (será que devemos dizer que foi *croceficado*?), em Florença, onde está até hoje.

Estes são os fatos de que Brecht se aproveitou para escrever sua peça. (Brecht ou suas amantes, segundo o Jornal do Brasil, que publicou um artigo de alguém que tentava provar que eram elas que escreviam para ele. Pelo menos, ele sabia escolher bem as amantes. Não é qualquer um que consegue).

* * *

Quando comentei aqui sobre Ética e Verdade, disse que a única ética que a psicanálise pode justificar – apesar de todas as construções que nos foram apresentadas, a de Lacan inclusive – é *a ética do sentido do vetor para o Cais Absoluto*. Mas, uma vez atingido o Cais, uma vez que possamos nos referir à experiência da hiperdeterminação, como lá não podemos ficar, há que retornar para o mundo, para a baixaria das oposições. O que fazer, então, de retorno dessa Viagem? Que nossa ética está no vetor daqui para lá, no sentido do Cais, já está dito – mais do que isto não podemos dizer. Mas há o retorno, e não se trata, talvez, propriamente de ética da psicanálise dizer o que se faz de retorno. Mas, em função da ética da psicanálise – que é aquela que viaja no vetor que vai para o Cais –, depois da experiência dessa visita, trata-se de tirar conseqüências possíveis de nossa presença no mundo em função desta referência. Isto não desenha propriamente uma etologia, mas indica comportamentos possíveis. Ou seja, repetindo, a ética é o vetor daqui para lá. No vetor de lá para cá, na rememoração dessa experiência, há comportamentos possíveis de serem, quem sabe, mais ou menos adequados àquela visita.

Há muito tempo, sugeri que o máximo que se pode fazer é uma POLÉTICA, misturando uma política compatível com esta ética. Uma polética é, pois, uma política – e não uma ética – que vem só-depois, *Nachträglichkeit*, de uma ética, isto é, que tem como referente o Norte já encontrado segundo uma ética. Então, a ética do Cais desenha algum Norte. E *uma polética é uma política que tem como referente o Norte encontrado por esta Ética*. Portanto, não é dizer que se trata de uma ética, mas sim de uma política segundo o referencial mostrado por esta ética. Mas não esquecer que o referente apontado não tem conteúdo.

Quero apresentar-lhes algumas definições, compatíveis com o que tenho trazido, para continuarmos refletindo a partir delas:

- ÉTICA – O lema que tenho a apresentar é: *Age como quem lembra da Viagem que fez ao Cais Absoluto, onde, sem Morte, achaste entanto o Norte de qualquer viagem. Se a isto nada obriga, seja qual for contudo a tua rota, somente assim será original e singular a tua Sorte (apesar das afeições desta lua volúvel).*
- HERÓI – *É qualquer Hum de todo aquele, que nos dá, de bandeja, em oferenda, o que s'obra de sua agonística com o Fado irreversível, seja fasto ou nefasto o resultado.*

Por que digo oferecer *de bandeja*? Não estou falando de ninguém que se estrebucha na “primeira” ou na “segunda” morte, de ninguém que é trancafiado vivo ou que morre na cruz, mas sim de alguém que simplesmente oferece o resultado, fasto ou nefasto, pouco importa, da sua agonística com a irreversibilidade. É *de bandeja* como na sabedoria que nosso herói, Galileu, ensinou e que os meninos da *Casseta & Planeta* dizem de maneira muito simpática: “acredite se quiser, se não quiser, também, foda-se”. Que obrigação tem o herói, se não diante de sociedades boçais, primitivas, de morrer trancafiado na pedra ou pendurado na cruz? Ele apenas está oferecendo alguma coisa que lhe aconteceu colher, que pode servir para qualquer um de nós. Se conseguir escapar da boçalidade da sociedade que o crucifica ou o sepulta vivo, terá a sabedoria de simplesmente dizer: tenho aqui uns doces maravilhosos, se quiserem, estão às ordens, se não quiserem, também, danem-se...

Como vimos, Galileu era deste tipo. Estava interessado, na sua extrema curiosidade, em comprovar as coisas que, para ele, pudessem ser uma garantia de verdade. Estava interessado em comer os gansos, o que é algo da maior importância. Quem não gosta de comer os gansos, sejam quais forem os gansos em que a gente se afoga? Então, todo e qualquer herói, assim apontado por nós, não está senão lutando com algo que parece, pelo menos momentaneamente, modalmente irreversível. Nesta agonia, ele conseguirá ou não. E não é menos herói se não conseguir, embora só notemos os que conseguem. Notar não significa

que se dê prêmio, pois às vezes se castiga porque conseguiu ou mesmo só porque tentou. O que importa é que basta oferecer *de bandeja* seu resultado, e já estamos diante de um herói. São muitos. Às vezes, na vida cotidiana, nos deparamos com eles. Uma pequena reversão dentro de um consultório, no meio da família, são pequenos heroísmos que devem ser levados em consideração.

- Pergunta - *Nesta situação aí o irreversível é o modal, se não, não poderia ser fasto ou nefasto?*

Sabemos de uma irreversibilidade absoluta – não há como passar a não-Haver – e, com esta definição, em considerando também este absoluto, estou não deixando de levar em consideração que seu caminhar até o Cais Absoluto é da ordem do heroísmo, pois você entrou na agonística de tentar reverter isso. É óbvio que é impossível, mas herói é todo aquele que sustenta este desejo de Impossível. Neste caso, é nefasto. É faustoso o movimento, pois é o Bem supremo que se pretende atingir, e o nefasto, o não faustoso, chama-se simplesmente *Castração*. Então, aqueles que continuam no Desejo, são os heróis da castração. Se o que Lacan apontou como “não abrir mão de seu desejo” se refere a este Desejo – e, depois, alguns lacanianos, e mesmo ele, tentaram induzir a coisa para esse lado –, então, está bem definido. Mas não era bem disto que se tratava quando ele produziu aquela Ética.

- TRÁGICO – *É o embate do herói com o Fado irreversível, quer ele consiga ou não alguma reversão na sua saga.*

Como se lembram, eu dissera que “o trágico é o embate, não possível de ser resolvido, entre a reversibilidade radical de nossa mente e a irreversibilidade das formações”. Disse também que a escrita da ALEI, Haver desejo de não-Haver, enquanto ALEI do Pleroma, é a escrita mesma do trágico. Isto está aí na garantia da definição que dei hoje.

* * *

Se é como estou definindo, a partir de uma ética única de vetor único da psicanálise, como indiquei, há várias *poléticas*. Várias políticas podem ser recomendadas a partir da ética mesma do Cais Absoluto. Vocês encontrarão, publicada em meu Seminário de 93 sobre *A Natureza do Vínculo*, uma conferência que fiz no *Psicom* do Marcio Tavares d’Amaral, aqui mesmo nesta sala, onde indiquei pelo menos três destas poléticas:

Uma, a polética da *volta ao retorno do recalçado*, ou seja, a *polética do Revirão*, isto é, daquele que, tendo feito a anamnese da Hiperdeterminação, reconhece não o dever, mas a *disponibilidade* enriquecedora dos alelos recalçados, em qualquer nível, primário ou secundário. Também as poléticas vêm de bandeja, pois *nada obriga*. Estamos acostumados, através da história do Ocidente, a falar em ética quando algo obriga a um comportamento. Mas sabemos que isto foi para o beleléu. O imperativo kantiano não se agüenta. A ética de Lacan, que ele vai tentar estear numa frase de Freud onde o verbo *dever* comparece de araque, *soll Ich werden*, sabemos que nada obriga, nem aquilo. Então, o que temos são apenas poléticas oferecidas de bandeja por heróis. Esta é, pois, uma polética que, para quem lá foi ao Cais Absoluto, deve chamar sua atenção: tudo isso pode ser revirado, todos os valores podem ser transtornados, como diria Nietzsche, por exemplo.

Segunda, a polética da *revolução do Falanjo*. A política da indiferenciação pura e simples – tanto indiferenciação sexual quanto outra qualquer – como sendo a única atitude capaz de renovar os valores e as performances mundiais e mundanas. Quem foi à hiperdeterminação, pode serenamente retornar com a política da indiferenciação, mormente da indiferenciação sexual – que é aquela que os taradinhos, mesmo da psicanálise, pensam que é sintomática pura e simples (e não é) –, como de qualquer outra diferença. A política da indiferenciação é a que permite a política do reviramento – até contra meus interesses, meus desejos, meus sintomas.

Terceira, a política da *heurística permanente*. Ou seja, a política da Prótese, em qualquer nível de recalque, a qual tenta, o mais freqüentemente possível, pôr à disposição os artifícios industriais que são típicos de nossa espécie.

São, portanto, três políticas entrelaçadas: o Revirão, a Indiferenciação e a produção de Próteses (em ambos os níveis, primário e secundário). São políticas compatíveis com a Viagem ao Cais Absoluto. Mas *nada obriga*. É sobretudo para uso do herói a *polética da bandeja* – talvez a única compatível com o *nada obriga* ao recurso da hiperdeterminação –, a qual não é senão oferta, é pegar ou largar. É a mesma ética que Lacan declaradamente usava para si mesmo. É esta que ele usava de fato para suas aplicações de saber. Também porque *nada obriga*, ao contrário do lema de Brecht, *há necessidade de heróis*. A peça termina com “infeliz do país que precisa de heróis”, mas aí é herói no sentido deles, de trancafiado em túmulos, pregado em cruzes ou reduzido a silêncio. Segundo a nossa definição, *há necessidade de heróis*, de muitos. *Infeliz do país que não tem heróis, pois o herói é aquele que realiza a verdadeira humanidade do homem e, com isto, dá seu exemplo (que é o tal de bandeja)*. *Nada obriga, mas o herói emula por transferência, isto é, induz vinculações de qualquer nível que sejam rememorativas e comemorações do Vínculo Absoluto*. Estamos, pois, na ética do nada obriga, na polética da bandeja, e o herói é aquele que, em sendo herói, tenha consciência de meu teorema ou não, fez a Viagem ao Cais e nos emula pela *transferência* que com ele fazemos porque algo no seu ato re-memora, co-memora, a anamnese dele que pode ser a minha.

* * *

Galileu é um herói que ofereceu de bandeja os quitutes que tinha para oferecer. É pegar ou largar. Mesmo depois de condenado continua a afirmar sua singularidade de herói. É o caso dos *Discorsi* que passam pela fronteira e que não existiriam se ele não abjurasse. Freud é uma espécie de Galileu que foi salvo por sua época. Isto é, a época o deixou falar quase que à vontade e... logo desfigurou o seu achado. Ele não precisou abjurar, pois a época estragou o que disse.

A ética do não abrir mão de seu desejo, de Lacan, não pode deixar de – pelo menos também – resultar no lema de Miller: ama teu sintoma como a ti mesmo. Lema compatível, que transforma o sintoma-âncora de cada um naquele que seria *o seu próximo* segundo a ética dos cristãos: ama teu próximo como a ti mesmo. Meu próximo é meu sintoma. Aliás, pode até ser: uma mulher, uma língua, coisas que Lacan dizia que eram sintoma... Não se sai da mesma. É como se disséssemos: ama teu mesmo como a ti mesmo.

Outra coisa bem diferente – é o que eu gostaria de fazer entender – é a *singularidade* que faz Hum, mesmo Hum sujeito, do homem com'Um. A singularidade do herói não é mera referência ao próprio sintoma como *o si-mesmo*, e sim referência à hiperdeterminação, no Cais Absoluto, de sua própria singularidade. Como sabem, só há singularidade quando hiperdeterminada na exasperação entre a indiferenciação interna e a diferença externa na Impossibilidade. Ou seja, no que retorno, encontro uma massa em singularidade, mas, minha referência sendo à hiperdeterminação, eu me posturo imediatamente no transcendental desta imanência sem transcendente algum. Portanto, relativizo radicalmente minhas próprias formações. Portanto, não amo meu sintoma como a mim mesmo. Ele me é estranho, pois sou o Anjo que habita aquele outro lugar. Uma coisa é alguém referir-se à sua própria formação sintomática, tomando o sintoma como uma formação modal. Outra, é referir-se à sua hiperdeterminação e retornar à sua singularidade, ainda que ancorada na formação sintomática. É muito diferente o *modus – modus in rebus*, se quiserem... Ou seja, reconhecer que não há nenhum motivo para que esta singularidade não se afirme também, não seja também levada em consideração, enquanto tal, isto é, enquanto singularidade referida à verdade da hiperdeterminação: Haver desejo de não-Haver.

Só esta seria, talvez, a fundação sobre a qual poderia vir a ser elevada uma Diferocracia, como sugeri anos atrás. Hoje, temos postulações “éticas” – para além e para aquém de políticas, de econômicas –, segundo o registro deles (e não o meu), como a de Marx, por exemplo, tornadas irrisórias. Quem sabe se o marxismo não veio absolutamente extemporâneo? Nunca conseguiu me convencer porque eu lera Freud antes. Mas uma ética como queria Marx, quem sabe, não é possível só para heróis?

Não supor que o herói seja sempre reconhecido por sua gente. Dependendo dos interesses dessa gente o resultado de sua agonística será louvado ou rejeitado. Quem ia saber que Galileu era um herói naquela época? Ele era simplesmente um terrorista científico. Jesus Cristo era um marginal. Freud, no começo, chegou a ser tido como um taradinho que achava que até criança pensava em sexo. Lacan só podia ser veado, dizendo que a mulher não há... Mas notem que quando há condições de reconhecimento, seja o heroísmo mais ou menos interessante, o pessoal percebe. Infelizmente ninguém ensina às massas como se aproximar de outros heróis mais importantes. Vejam que existem, por exemplo, Ayrton Senna, Romário, que também fazem Revirões do tamanho que a massa entende e daí a louvação. Pena que não entendam Revirão de Freud, de Galileu, que são mais importantes do que fazer gols de copa ou chegar primeiro de baratinha.

Vimos, por exemplo, Fernando Henrique ganhar eleições presidenciais em primeiro turno, mesmo contra o herói recentemente destronado, chamado Lula. Ganhou como o herói da moeda nacional, isto foi entendido. E é um reviramento. O problema é como situar os diversos níveis de heroísmo e como dar às pessoas condições de reconhecimento até, quem sabe, contra a sintomática que portam. A coisa mais difícil é reconhecer um herói que vem me mostrar que meu sintoma é reles. E o pior é que é.

* * *

Por fim, qual é a relação do herói com a mal chamada *perversão*?

No fundo, o herói é um sacana, está sempre sacaneando a sociedade. Um Jesus Cristo, que cara mais “perverso” sacaneando aquela judeuzada séria. Galileu, sacaneando a Igreja, que é tão decente. Se tomarmos a antiga indicação de Octave Mannoni, poderemos dizer que o famoso *eppur si muove* de Galileu – que, aliás, dizem que é uma invenção posterior, pois ele não teria dito isto, mas como também “não inventou” o telescópio, dá na mesma – seria Galileu dizer: *Je sais bien* que a Terra é nosso centro, *mais quand même*, ela se move... Isto derroga o conceito de perversão que vai no artigo do próprio Mannoni.

Outra coisa que teremos que retomar daqui para a frente é a questão da *culpa*, da *culpabilidade*, que foi apontada por Lacan: é culpado aquele que cedeu sobre seu desejo. Já disse aqui que não é, mas podemos retomar esta questão em relação ao que coloquei hoje. Recomendo a vocês, se tiverem paciência, a leitura de um texto belíssimo, mas cujos documentos são ligeiramente chatos. É *Le Procès de Gilles de Rais*, de Georges Bataille, que está publicado no volume X de suas obras completas, editadas pela Gallimard (mesmo volume em que está seu famoso *L'Érotisme*). Gilles de Rais é aquele que, *mutatis mutandis*, acabou sendo conhecido como Barba-azul. Bataille fez um piedoso colecionamento do processo inteiro. E o vemos oscilando em sua monstruosidade absoluta entre a inocência e a culpa. Quem sabe, ele não é um personagem interessante para pensarmos a morfose em relação com a ética, e também os processos de indiferenciação e de diferenciação? Gilles de Rais, depois de todos os crimes – assim chamados, pois eram contra a lei e contra a vontade dos homens –, oscilou da mais absoluta indiferença à mais culpada diferenciação.

Nosso *problema polético fundamental*, a partir da experiência ética referida aqui como vetor para o Cais Absoluto: *como agir na diferença (sem culpa) por referência à indiferença (sem cinismo)*? Este me parece ser o problema ético contemporâneo e o problema nosso, da psicanálise segundo a conjecturo. Veremos que Gilles de Rais é justamente aquele que jamais soube conciliar as duas coisas (e aí é caso de morfose).

20/OUT

15

AS SOMBRAS SÃO

Aproveitando a existência de Galileu e de uma peça tão conhecida de Brecht sobre ele, estivemos conversando da vez anterior sobre possibilidades *políticas*, se não *poléticas*, de retorno de um exercício ético que considere o único possível para a psicanálise. Uma das coisas que pesou na história daquele Galileu, para a qual Brecht chama atenção, é certa *ingenuidade* sua – antes ainda de ser apresentado às armas da tortura, diante das quais capitulou na sua extrema vontade de confrontar-se com o Papa – quanto a acreditar demasiado na *razão*. Isto, naquele momento em que a Razão começava a mostrar as unhas, embora, como bem se lembram, a teologia católica reinasse todo-poderosa diante de qualquer pretensão de conhecimento. Qualquer outro conhecimento era chamado de escravo, ou pelo menos sub-dito, súdito da teologia. A própria filosofia era chamada de *Ancilla Theologiae*.

É um momento em que idéias naturalistas, racionalistas – de forte ligação com a cultura pré-cristã, efetivamente a clássica, greco-romana, mais grega que romana –, os renascimentos, se acentuam. Renascimentos da vontade de conhecimento aproximado da observação da natureza, dos corpos, em contraposição à vontade dogmática da teologia cristã imposta – por força política, naturalmente – à decadência do Império Romano. Frequentemente, no texto, alguém faz menção ao “queimado vivo”, Giordano Bruno, para lembrar Galileu de comportar-se melhor. Tendo sido Bruno também um dos que forçava a presença da razão no reconhecimento dos saberes, dos conhecimentos possíveis.

Galileu era um entusiasmado desta proposta. Antes ainda de ser apresentado aos instrumentos de tortura, e à boa vontade torturante dos teólogos, ele se encantava com a possibilidade de algo que racionalmente estivesse clarificado, que qualquer um pudesse entender a construção discursiva capaz de explicar aquilo, e mais, que se pudesse, pelo *método experimental* que havia acabado de criar, ir às fontes na realidade, observar os fenômenos, verificar se se tratava daquilo mesmo. Assim, evidentemente, as pessoas entenderiam e dariam razão a seu projeto. O que é simplesmente uma tolice, uma grande ingenuidade do moço em supor que os poderes constituídos, forjados nos porões do Vaticano, estivessem dispostos a conceder qualquer fatia de sua força a mero reconhecimento de conhecimentos produzidos por alguém (o que não é ainda nenhuma novidade, continuamos na mesma).

Neste final de século tumultuado, cada vez menos se acredita que algum conhecimento possa ter força de impor-se por si mesmo. Não sei se, hoje, estamos em maior ou menor obscurantismo do que naquele momento. Quer me parecer, com muita frequência, que a coisa é bem mais obscura. Não porque a hegemonia de algum discurso, de alguma construção sócio-política ou algo desta ordem esteja impondo algum produto como verdade absoluta. Mas sim porque parece que todo mundo perdeu as estribeiras em todos os sentidos. *Não há mais nenhum discurso que seja capaz de se propor como garantia nem mesmo da veracidade de determinado saber.*

Todos aqueles que, melhor ou piormente, podemos situar numa espécie de vontade de claridade, de iluminação, se não mesmo de Iluminismo, de *Aufklärung*, ou Ilustração, hoje se encontram numa posição extremamente difícil. Cheguei mesmo a dizer que a psicanálise deveria ter esta vocação esclarecedora, pois parece que ela nasceu assim com Freud. Alguns dizem, e pode-se até aceitar, que Freud era um iluminista. Supunha que o conhecimento do inconsciente jogaria luz sobre a vida humana de maneira que se pudesse viver mais de acordo com a clareza do conhecimento das verdades. Não me parece que Freud tenha sido daqueles que acreditavam que o inconsciente fosse da ordem do puro sombrio. Pelo contrário, achava que podia penetrar ali,

acender sua lanterna e fazer do inconsciente um facho de luz sobre as questões humanas.

Digamos que seja um pouco difícil, neste nível, misturar Freud com Nietzsche. Tais misturas são produtos posteriores. Mexer com o que chamava de inconsciente, não parecia a Freud nenhuma vontade de obscurantismo, nem mesmo de impedimento à razão. Podia ser um questionamento, mas não impedimento. Há certa vontade de esclarecimento na produção freudiana, o que não impede que ele nada tenha a ver com o sujeito cartesiano, nem com o racionalismo típico de Descartes.

Nosso problema maior é que, hoje, parece que fica até meio *demodé*, meio cafona, falar em vontade de esclarecimento, de clareza, de entendimento, de clareza de alguma coisa. Eu, não abro mão desta vontade. Não que o racionalismo que se costuma definir tenha que ser um imperativo neste caso. Talvez não seja a mesma ordem de razão. Talvez não seja apelar para os mesmos artifícios, para as mesmas construções, mas algo tem que funcionar como um mínimo de possibilidade de nos dar uma visão um pouco clara para nossas ações. É claro que com todas as falhas, defeitos, impossibilidades de plenificação da construção.

A propósito, vocês sabem que hoje, se já não aconteceu será daqui a pouco, vai ficar tudo preto. Estará acontecendo a raridade de um obscurecimento da luz solar. Raríssimo, um negócio que acontece a cada cinquenta e tantos anos. Talvez nenhum de nós sentado nesta sala consiga ver de novo. Eu, não verei nem esta, pois o que tenho a fazer lá fora para ver se a lua tapa o sol? Que besteira, isto é coisa para astrônomos. Não estou nem um pouco interessado. Mas acontece que acontece.

Acontece que esta *lua volúvel* de que venho falando durante todo este ano – *Velut Luna*, é o título deste Seminário – cria esses casos: mexe com as marés, com a menstruação das mulheres, com o tesão das pessoas, os pássaros, os bichos. Tem até a audácia de passar na frente do sol e tapá-lo com a peneira da nossa burrice. Coisa que acontece todo dia, não só hoje. Mas todos estão ouriçados porque hoje vai ficar um pouquinho mais preto. Lua volúvel, interpos-

ta entre o sol e a nossa visão. Aí, escurece um pouquinho. Toda noite escurece, pois o sol dá a volta, fica lá atrás, ou é a Terra que dá a volta, segundo Galileu?

* * *

No momento justamente em que resolvi tratar um pouco da *Clínica* mais especificamente, chamo este trabalho de *Velut Luna*, lua volúvel, pois costumamos atribuir à lua – diz-se que fulano está de lua, que é lua nova, lua cheia... –, seja esta que está passando por aí ou aquela que nem existe (mas com que as pessoas sonham e que até apelidaram de Lilith, como o não-Haver), os movimentos da *Sorte*. Em latim se chamava *Fortuna*, em grego, *Tiquê* – que Lacan gostava de usar como possibilidade de encontro, ainda que faltoso. Em suma, Sorte: acontece uma Sorte.

Do que tratamos na Clínica? Disso, da Sorte de cada um. Por isso, falei em Lua Volúvel, pois mesmo que o sujeito tenha nascido com tal ou qual Sorte – por exemplo, herança genética, lugar de nascimento, genótipo, fenótipo, etc. (tudo isso faz parte da Sorte que o sujeito deu, ou seja, seu Azar, seu Acaso) –, além disso, ainda acontece muita coisa durante a vida, da ordem do Primário, do Secundário. Então, do que tratamos? Das resultantes dessa Sorte. Do que todos os atos, os trabalhos humanos tentam tratar? Das resultantes da Sorte.

Será isto dizer que basta a Sorte, deixar rolar, pois é uma questão de Sorte? De modo algum. Se não, não estaríamos fazendo o que fazemos, poderíamos simplesmente, como está na moda do obscurantismo contemporâneo, aprender a ler a Sorte das pessoas nos astros, no dedão do pé, nas pregas do... Onde quer que encontrássemos alguma marca de distinção, aprenderíamos a ler a Sorte, diríamos ao sujeito qual a Sorte que ele não sabe ler e ficava tudo resolvido. Mas não é disto que se trata. Tentamos alguma *intervenção*. Em nosso caso, chamamos esta intervenção de *Clínica*. Portanto, não se trata apenas da Fortuna.

Recorro a um dos maiores pensadores do Ocidente, muito mal falado, nem por isto menos importante, chamado Maquiavel, Nicolau, patrício de Galileu,

que, ao tratar das questões do mundo e das intervenções do homem no sentido de tentar governar um pouco essa joça – que é o caso do clínico, que tenta governar um pouco a bagunça de Fortuna que coube a cada um –, sempre lembra que é preciso reconhecer que tudo é uma questão de Sorte. Estamos em jogo com a Fortuna. É fundamental não se esquecer da Sorte. Não posso, para começar qualquer trabalho, contar senão com o lance de dados, de todos os dados que estão aí para eu abordar como Sorte, Fortuna. Mas ele lembra que todo processo de elaboração, de intervenção, depende não de um, mas de dois fatores fundamentais: de um lado, a Sorte, a Fortuna; de outro, o que chamava de *Virtù*. Podemos traduzir como *Virtude*, mas o termo é ruim, pois se pensa que só macho é que tem Virtude, a qual é uma presença, uma operância, uma força de enfrentamento da Fortuna.

Ao falar da Clínica, disse apenas *Velut Luna*, Lua Volúvel, que anda por aí me apresentando todas essas Sortes, esses dados lançados. Isto é o que se põe para mim como campo de operação da Clínica. Tudo isso que nos vem da Lua Volúvel, tal como está escrito e depois foi cantado em *Carmina Burana: O Fortuna, velut luna!* Mas a nossa presença, o efetivo da nossa intervenção, chamada Clínica, é a *Virtù*, aquela mesma que apresentei sobretudo como exemplaridade no movimento que pode acontecer de *heroísmo*, de tentar revirar as situações. Esta é a força. Podemos aproveitar facilmente da lição de Maquiavel o diálogo, o embate, da Fortuna com a *Virtù* para desenhar o que possa ser a *Clínica*, sobretudo no sentido *Geral*, que abrange desde o tratamento de alguém que nos procura no consultório, até o tratamento do mundo corrente, da política cotidiana.

Baseados em quê podemos tentar exercer a Virtude da Clínica diante da Fortuna do que há disponível? Baseados em alguma coisa que pensamos ser um *conhecimento* de algo. Digamos até algum conhecimento sobre o que Freud destacara com o nome de inconsciente. No entanto, apesar dos movimentos da lua, suas interposições entre nós e qualquer claridade, temos que fazer algum destacamento e, hoje em dia, sem a pretensão de nenhum Iluminismo reconhecível. Já que não se pode falar em *Aufklärung*, Iluminismo, Ilustração,

em Seminários antigos falei de *limpeza, faxina*: cabe ao analista ser o faxineiro da situação. Entre meus aparelhos de observação e de intervenção e o problema, dados da fortuna, há muita sujeira. É claro que não posso moralizar a sujeira. Não se pode dizer que é sujo porque é imoral, mas sim que algo, pelo menos aqui e agora, está impedindo que determinada aparência se me apareça com maior precisão. Isto pode ser bom ou não, trata-se sempre de estar fazendo a faxina para ver se enxergamos um pouco. Hoje, por exemplo, os astrônomos devem estar limpando as lentes, fazendo faxina no telescópio para ver se, com um pouco mais de precisão, conseguem perceber a imagem que lá se oferece. Isto segundo as possibilidades das lentes dos seus telescópios, das suas medidas, das suas cabeças, dos seus olhos...

Falando desta *limpeza* e lembrando que a moda da nomeação destes casos é afeiçoada à língua inglesa, disse que se tratava não de ser iluminista, mas de ser *clean*. Ou seja, chamemos de *CLEAN-ICS* a nossa atividade: dar uma limpeza para se poder abordar o Inconsciente. Por que estou dizendo isto? Pode parecer besteira. Se não parece, até é mesmo. Mas o que se pode fazer com a confusão a respeito do *conhecimento*, da absoluta impraticidade das epistemologias, da desmoralização da razão?

* * *

Se acaso estiver valendo para alguma coisa o que tenho construído até agora – o que falei ultimamente sobre *Sujeito, Inconsciente e Tempo* –, viu-se que não tenho colocado nenhum Sujeito necessariamente do lado do observador.

Já que estamos falando que deve haver um astrônomo do lado do telescópio a esta hora enfiando o olho na butuca da lente para observar o que se passa lá quando a lua resolve obscurecer nossa visão, não há que colocar necessariamente nesta produção toda do lado de cá o nome de Sujeito, como se quer na maioria. A crise das epistemologias, do pensamento disponível mais próximo de nós sobre o conhecimento, é justamente a que se reporta ao conhe-

cimento de que este não pode ser em estado puro, pois há um sujeito, um cientista, interferindo. Só que não está interferindo em coisa nenhuma. O que se tem é muita sujeira dos dois lados. Há o lado do *observado* e o do *observante*, seja qual for o nome que se queira dar a isto. Os filósofos, os epistemólogos, costumam dizer que o observante é da ordem do sujeito e o observado da ordem do objeto, mas não vejo sujeito ou objeto algum aí.

O que posso pensar como talvez uma atividade perene, jamais satisfazível, de faxina, de tornar *clean* o que possa interessar quanto ao inconsciente, é reentender a transa que se passa entre o observante e a observada, ou o observado, sem ter necessariamente que chamar nenhum Sujeito para meter o nariz aí. O Sujeito último produzido, o de Lacan, ainda é do lado do observador, algo que se representa de significante para significante na sua estruturação, e que, toda vez que se defronta com o objeto, acaba se apresentando como o tal Sujeito diante do tal objeto. É claro que há uma transgressão na produção de Lacan em que, no decorrer de sua obra, não se sabe mais quem é sujeito, quem é objeto, pois isso passa de um lado para outro. Mas ainda há o tal sujeitinho intrometido, como a lua entre nós e o sol, fazendo sombra demais aí. Ou seja, fico na suposição de que, porque sou falante ou porque sou desta espécie, toda hora que, no laboratório, diante do telescópio, observo alguma coisa, sou Sujeito. Não sou não.

Já disse que sujeito é coisa rara, raríssima, e nem mesmo no sentido de Badiou, de precisar dos acontecimentos para surgir. Na construção que tento apresentar só há um acontecimento, uma possibilidade, de o Sujeito surgir. É quando ele se aproxima do lugar abissal e unifica tudo que há para o lado de cá. Aí posso dizer que há Sujeito. Sujeito em trauma, assustado.

O que acontece aí – e isto é para onde tenho que me encaminhar, devagar, com as forças que tenho nas pernas que a Sorte me deu – é justamente a tentativa de alguma *teoria do conhecimento* tirada da construção que venho fazendo, se é que será possível. O que reconheço, como sabem, são *formações* dos mais diversos desenhos, sejam do nível Primário ou do Secundário. A formação Originária é aquela, única, que não tem saída: é aquilo e é onde

“Sujeito” é possível de aparecer. O resto são formações primárias e secundárias com miríades de possibilidades de desenho.

O que acontece, então, na tentativa de desenhar ou anotar algo como sendo da ordem de um saber ou de um conhecimento produzido? É que determinada formação – que posso chamar de observante, pois alguém lançou mão dela como, digamos, tendo tomado a iniciativa de operar (e aí fica aquela coisa de não se saber o quê observa o quê) – tenta mapear outra formação. Sinto muito ser tão simplório, parecer tão pobre, tão seco, mas não entendo nada além disto. Nada que a psicanálise possa me oferecer. A única coisa que vejo como possibilidade de começar é o que, há tempos atrás, chamei de *Gnomo* (e não *gnoma*, como algumas pessoas tentam corrigir), que são os fantasmínhas que andam por aí. Ou seja, tenho uma formação qualquer que – não sei por que cargas d’água, deve ser porque deu esta Sorte – consegue mapear outra formação.

O engraçado é que se tomamos a iniciativa de olhar daqui para lá, temos uma formação *observante* observando uma formação *observada*. Mas no que muito se observa, nada impede que o vetor mude de sentido. Há que reconhecer que a observante, no que as descrições do processo se dão, acaba sendo observada, descreve-se o lado de cá. Ou seja, não há nada a fazer senão estar sempre limpando a área que nunca fica limpa. Ficar limpa é maneira de dizer, pois se determinada formação está voltada para outra formação, alguma coisa não será vista porque à formação que se encarrega da descrição lhe falta algum detalhe de formação capaz de descrever a outra formação. Então, é preciso fazer a faxina de novo, trocar de formação, incluir alguma coisa, tirar isto daqui, dali. Mas é tudo o que temos e não mais do que isto.

Gnomo é, pois, toda e qualquer formação. Já disse o impropério de que *o que quer que se produza é da ordem do conhecimento, mesmo loucuras*. Não se sabe o quê se está conhecendo, qual a relação entre as formações. Chamemos um sujeito completamente louco para falar aqui. Ora, ele falará de ciência. Iria falar do quê? Estará simplesmente, a partir de determinada formação, tomando ciência de outra formação. Eu é que fico perdido por não

saber qual formação está lendo qual outra. É só isto. Se começar a aplicar um pouco de faxina, de limpeza, quem sabe, consigo fazer os ajustamentos. O dia em que tivermos humildade para reconhecer que o que quer que se diga, que se ponha, é da ordem do conhecimento, teremos claro que só não sabemos *do quê* é conhecimento, pois não notamos ainda qual é o ferramental de abordagem, nem o que é abordado. Mas é um conhecimento, se não, não se estava dizendo. Esta, quer me parecer, é a única maneira de se escapar da hegemonia dos *designs* do conhecimento.

Posso, sim, dizer que o conhecimento do tal maluquinho não me interessa, pois não vejo nenhuma maneira de aplicá-lo aqui e agora nos meus interesses atuais, na minha política de sobrevivência hoje, então, jogo-o fora. Mas não posso me esquecer de que, também neste momento, é uma formação minha fazendo uma opção porque lhe interessa fazer assim. Estaríamos, então, mergulhados nessa pletora de formações, todas elas capazes de serem observantes ou observadas e de produzir um mapeamento qualquer. Temos que ter um hiper-computador capaz de calcular isso tudo, para ver, aqui e agora, diante de nosso problema, qual é a resultante mais *clean* para o enfrentamento de *determinada* questão. E, pior, quando fizermos o juízo de que esta nos parece a mais *clean*, já é um erro porque há uma formação que está fazendo esta escolha.

Isto é apenas o começo da possibilidade de uma teoria do conhecimento baseada na psicanálise que entendo. A lua continuará volúvel e nossa tarefa de faxineiro é infinita.

* * *

• Pergunta – *Qual é a força que move, que faz com que determinada formação seja observante e não observada? Não há sujeito aí, é um lance de dados?*

Não há sujeito necessariamente aí nessa produção de mapeamento, mas em supondo que é verdade que esta espécie tem a chance de se apresentar

como sujeito – ou seja, está disponível à hiperdeterminação –, ela parece ter sido, até hoje, o único agente conhecido dessa força de conhecer. Por causa da hiperdeterminação, repito, que induz a isto. Mas mesmo que faça recorrência à hiperdeterminação, daí não tiro nenhum conhecimento. Apenas desço e, na pressão da hiperdeterminação, recaio nas sobredeterminações que não são senão movimentos de mapeamento de formações sobre formações. A ponto de, às vezes, eu me perder, pois não sei se sou eu que estou conhecendo este copo que está em minha mão, ou se é ele que está me conhecendo.

• P – *Mas a hiperdeterminação não nos possibilita estarmos no lugar do observante?*

Alguma coisa em nós, aqui e ali, nos empurra, pode nos lançar na referência mais constante à hiperdeterminação. Não sei dizer o quê. Se não, eu cairia num voluntarismo esquisito. Quero supor, por exemplo, que, na clínica, sei o que é isso. Tirando da ética da psicanálise – que é a Pedagogia da Hiperdeterminação –, se alguma pessoa supostamente está nesta referência, por via transferencial, de certa forma força o outro a isso. Mas não sei quem força ela. Talvez um exercício a que foi forçada por um outro. Então, esta Pedagogia fica em aberto. Para não infinitizar, preciso imaginar que uns e outros, também por acaso, por causa da Fortuna, começam a exercer essa Virtude. Acabei de dar um nó na cabeça do Nicolau, Maquiavel: *acontece que* alguns caem ali. O começo deve ser acontecimental, eventural: alguns caem ali e começam a querer infectar os outros. Ou seja, a clínica é um desejo que você tem de adoecer os outros que nem você. Não é bacana?: eu gostaria de adoecer a todos conforme a minha doença.

• P – *Antigamente você falava que para chegar ao Cais Absoluto implicaria levar muito longe determinada série. Você ainda mantém isto?*

O grande problema que existe em todo este construto que tenho a pretensão de querer fazer é que *nada obriga*. Não há nenhum imperativo. Ninguém, no sentido da psicanálise tal como a coloquei, obriga você a ser ético, a se encaminhar para Lá – a não ser que algo venha a obrigar. Não é o imperativo categórico, ao qual posso me referir, por exemplo. Acontece alguma coisa e

damos de cara Lá. Se conseguirmos retornar, voltamos com essa experiência, se não mesmo com o conhecimento desse fenômeno e, como temos o vício pedagógico, incluímos isto em nossa carreira e começamos a pedagogizar os outros sobre a experiência absolutamente singular pela qual passamos. É este o motivo de nossa reverência ao chamado poeta. Supostamente ele caiu Lá e quer contar para todos.

• P – *E aí pinta sujeito?*

Pinta sujeito na experiência, e não na produção dos mapeamentos. Posso supor que a referência a sujeito que terá brotado lá – ou seja, referência da minha visita ao Cais Absoluto, que é a mesma coisa que referência à minha experiência de sujeito – me force a querer ficar mapeando as coisas, no sentido até de pedagogizar os outros, mas o mapeamento em si não contém nenhum sujeito.

• P – *O mapeamento já é a prótese?*

Toda vez que se mapeia alguma coisa, está-se fazendo prótese, em qualquer nível: primário, secundário.

• P – *Haveria uma diferença de construção nesse conhecimento no sentido de ida e de volta ao Cais Absoluto? Ou seja, o conhecimento antes da experiência...*

Antes desta experiência não há a menor condição de produção de conhecimento nomeável. Existe um conhecimento disponível, ao qual você pode colar, por hábito, por alguma coisa. Mas sem esta experiência, você não teria a força nem mesmo de colher o conhecimento. Para sabermos isto, dependemos dos etólogos que observam que determinados animais parecem aprender, juntar coisa com coisa. Lembram daqueles macacos a que me referi, que conseguiam lavar a papa que estava misturada com areia? Isto porque observaram que a água do mar batia e retirava a areia. Isto é uma produção de conhecimento? Tem toda a cara de uma prótese, mas será que é? Não sei discernir isto aqui e agora. Será que os macacos estavam produzindo efetivamente uma prótese? Ou estavam se aproveitando de uma situação?

Que pergunta tenho que fazer para encontrar que há intervenção de uma referência a sujeito na produção de uma prótese? Eu, exijo que haja isto. E o nome disto até sei, chama-se *revolta*. Chama-se *Lúcifer* – é o ato de Lúcifer. Quem é Lúcifer? É Deus revoltado com uma limitação. Ele é aquele que faz a luz. É, pois, luciférico o processo: no que se atinge esse lugar, rebela-se contra uma limitação. Não é mera conjunção, mera combinatória de elementos que apareceu aqui e agora – isto que as pessoas chamam de *criatividade* (como costume dizer, se juntarmos liquidificador com caminhão, dá liquidificador de baiano, que é a betoneira, e não vejo nenhum brilho em se fazer isto, conseguir ser baiano – baiano, aliás, já nasce feito). Outra coisa, é sua produção de prótese ser referida à experiência de Cais Absolut, de hiperdeterminação, de lugar onde sujeito pelo menos se *denuncia*, se é que há sujeito, e retorna na rebeldia diante das limitações. Isto, não vi nenhum animal fazer: um ato rebelde, luciférico.

- P – *Mas Lúcifer era um anjo, não era Deus.*

Era o próprio. Era travesti. Quando Deus fica revoltado, vira Lúcifer.

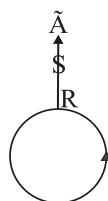
- P – *Tomando o Clean-Ics, que você colocou, como vou distinguir a limpeza da lente de uma neurose obsessiva, de ter que ficar mais limpo, de ter que observar, ver melhor...?*

Minha pergunta vira ao contrário da sua. Por que temos que chamar de neurose obsessiva a obsessão do cara em querer limpar? Isto é coisa de psicólogo. Há um vício universitário de escola de psicologia de achar que se define uma neurose obsessiva pelo fato de o sujeito ficar limpando. Pode ser uma obsessão de qualquer um, no momento, de querer limpar, mas não define. Já defini neurose obsessiva com clareza. Toda e qualquer pessoa que está na insistência de alguma intervenção fica obcecada em cima daquilo. Somos todos obcecados por alguma coisa. Se não por nada, por hábito: de sair de casa, vestir a roupa, sentar no auditório para ouvir besteira... O cara pode estar numa (em vez de *clean*) de sujeira se ficar repetindo a limpeza onde já estava limpo. Não é questão de limpar mais ali, e sim em outro lugar. Aí é uma estupidez. O mais freqüentemente, aliás, somos da mais simplória estupidez, quer dizer, paralisia. Vivemos paralisados. A gente não se mexe, não faz outra coisa, fica repetindo, repetindo... E graças a Deus. Já pensaram se não repetisse?

O tal sujeito de que falo, se pensarmos em termos de Haver desejo de não-Haver, do movimento como plerocinese, no lugar que, em meu Esquema, chamei de Real, é na interseção entre Haver e não-Haver que o desenho. E não é barrado, escreve-se: \vec{S} . Lembra que eu disse: Deus *vel* Natura – Deus e Sujeito são a mesma porcaria, é Lúcifer, tudo igual – brincando com Espinosa que disse Deus *sive* Natura? É o Haver como Natura e essa coisa que há na interseção e que não sei para onde jogar, é puro abismo. Se houver interseção entre coisa nenhuma e alguma coisa, é por ali.

- P – *Nesse lugar é que fica o Sujeito da Renúncia?*

Sujeito da Renúncia foi como chamei simplesmente a nossa postura, nós que habitamos do lado de cá, quando reconhecemos, à beira do Cais, no abismo, que não estamos fazendo favor algum, que temos que renunciar por uma razão muito simples, porque o não-Haver não há. Isto é imperativo, é categórico, disto não se pode fugir. Mas isto não determina nenhum comportamento, pois não tem nenhum conteúdo. Só posso reconhecer que não há. E renuncio a quê? Ao meu pedido? Não. Não é possível, pois ALEI é: Haver desejo de não-Haver. Renuncio ao não-Haver. Mas não a pedi-lo. Uma coisa é renunciar a um objeto porque não há. Outra, é renunciar ao meu desejo de que houvesse. A isto não renuncio jamais. Aí é que está a rebeldia. Não renuncio a querer o não-Haver – só que ele não há. Renuncio ao não-Haver, mas não a querê-lo. Desejar é desejar o Impossível – exatamente o contrário do que disse Lacan. Ou você deseja o Impossível, ou é um animal.



- P – *Você estava distinguindo entre combinatória e criação, esta sendo produtora de evento, ao mesmo tempo que disse que o que quer que se*

diga é da ordem do conhecimento. Mas dependendo do ângulo em que coloco meu telescópio, isto soa como combinatória para mim, mas não para outra pessoa.

Por isso digo que o que quer que se diga é da ordem do conhecimento. Conhecimento de quem? Do Haver, por exemplo, sei lá... Quando digo que os macacos estão lá, aí mexem e descobrem que podem lavar a papa, segundo os etólogos que estavam pesquisando, não posso esquecer que há um etólogo para o qual isto se anota como conhecimento. Então, quero saber é se os macacos entre si estão no regime do conhecimento. Isto é o que não sei. Nem vou garantir que não estão, embora ache que não.

• P – *Quer dizer, a combinatória é o que já sei e que outro não sabe – aquele que está fazendo talvez não saiba. Ou, ao contrário, o que não sei o que fazer com isso, chamo de combinatória?*

Será que é assim? Também não sei. Você agora me pegou. Às vezes, uma coisa esbarra na outra e é mera criatividade. É preciso um ato qualquer de empacotamento, de apropriação, para isso virar criação. Vejamos, por exemplo, nos atos criativos de certos artistas contemporâneos. Tomemos o grande, digamos, iniciador disso tudo que é Marcel Duchamp, que, de repente, inventa o *ready-made*. Estava ali. O ato de produção de obra de arte como *ready-made* não é a reprodução do objeto, do secador de garrafas, etc., e sim um ato de apropriação daquilo como obra de arte, como *criação* de uma postura, de conhecimento. Obra de arte é conhecimento. Não sei se isto chega a explicar muito, mas podemos passar o resto da vida discutindo.

Quando digo que tudo é da ordem do conhecimento é porque, em algum momento, se produziu esta relação de observação. O que estou chamando de conhecimento é simplesmente o mapeamento entre observante e observado. Mapeou, há conhecimento, com ou sem sujeito. Só estou chamando de ato de criação quando minha referência ao Abismo me traz uma obra como uma revolta que pretende revirar alguma coisa do que está diante de mim. É esta intencionalidade de reviramento, ou seja, uma *polética*, uma política baseada no meu percurso ético, é que me dá a postura de criador. Mas acho que se

você, por exemplo, inventa uma máquina que, de repente, sozinha começa a mapear algum campo, é conhecimento disponível para quem se apoderar para revirar alguma coisa.

Estou dizendo, então, que não acho conhecimento lá essas coisas. É a ampliação dos campos, o enriquecimento. Acho que o progresso existe. Regionalmente, há progresso. Quanto mais rico, mais progresso se tem. (Posso ficar rico até de mazelas – isto é um progresso. Tenho mais vícios hoje em dia. Antes, era um tolo que só tinha dois ou três, agora, tenho dez...). O que não me situa necessariamente, com referência subjetiva, ou seja, a esta experiência, como apropriador do Haver. Aproprio-me efetivamente do que há não quando colho o que há, e sim quando me rebelo contra o Haver que inibe e recalca a produção de seu anti-alelo. Esta é que é nossa experiência fundamental, de gente.

- P – *Isto é que é a arte?*

Acho que sim.

- P – *E o outro conhecimento que se produz seria o quê?*

Reconhecimentos, mapeamentos, etc. Outra coisa é o gesto essencialmente político e rebelde de dizer: Muito bonito, mas por que não o contrário? Por que tenho que me conformar com isso? Não tenho motivo nenhum.

- P – *Acho isto um pouco obscuro.*

Não acho não, acho *muito* obscuro. Por isso, hoje, não estou tentando produzir ainda uma teoria do conhecimento. Estou dizendo por onde é que as coisas que mexi me encaminham para eu, algum dia, se a sorte deixar, produzir o que chamei de *Gnômica*.

03/NOV

16

NOSSAS VIRTUDES REAIS

Hoje podemos encerrar o Seminário deste ano. Acho que em nossos quinze encontros anteriores já deu para apontar, se não todos, pelo menos alguns pontos essenciais do que chamo Clínica Geral. Diria que, se não com o mesmo espírito, com a mesma significação, o lema dos iluministas serve para otimizar o que poderíamos chamar nossas virtudes reais. Era dito em latim: *Sapere Aude* – saber ousar. Isto justamente naquele momento em que tentavam ousar racionalmente contra preconceitos, idiotias, filosofemas gastos, lemas bastardos, imperativos abstrusos. Talvez nenhum lema se aplique melhor à Cura: ousar saber, ter a coragem de usar o próprio entendimento. É neste sentido que o diziam. Eu diria: *ter a arrogância, enfim, de revirar*. É o mínimo a esperar num processo de Cura.

Ousar saber não é diferente de saber ousar. Traduza por *ousar saber*, dá na mesma. No que podemos ousar, no sentido de algum reviramento, estamos na audácia de tentar saber algo que não foi dito. Mas, para isto, é preciso também saber ousar esse reviramento. Acho que nenhuma cura possível existe sem essa arrogância mínima. Não vejo também nenhuma diferença de postura ou de ação entre a *Cura de gabinete* e o que chamo *Clínica Geral*. Se existe, é talvez diferença de eficácia. Nunca se sabe. Pode ser que a eficácia do lado de fora seja até maior do que a de gabinete. Afinal de contas, em última instância, como estamos sempre lidando com chamados humanos, os seres afetados de

Revirão, onde quer que lidemos se, eventualmente, a intervenção colar, será do mesmo jeito.

A suposição que se costuma fazer, dentro do gabinete, é de que há transferência. Isto é relativo. Há ou não, haverá ou não. Nunca temos certeza do por que alguém retorna toda sessão. Pode ser só meio doido, mania de repetição, o que se vai fazer? Ele volta, volta... E o analista tolamente coloca isto na conta da transferência. Quando se está talvez vinculado a algo de que não fazemos menor idéia. Pode ser a porta. Pode ter gostado do cheiro do consultório... Não é necessariamente comigo. Mas já que está lá, a gente aproveita e faz o que pode fazer. E ganha o que pode ganhar, é claro.

Então, nesta perspectiva bastante solta, bastante aberta, quero supor que o que quer que façamos – da política à arte, da filosofia à técnica, da ciência à religião –, estaremos sempre sob a mesmíssima *chance* de intervenção. Não vejo diferença. Seja uma intervenção sobre o discurso que o chamado analisando traz, sobre um fenômeno político que esteja ocorrendo, ou sobre a fabricação de uma teoria da arte, ou uma filosofia... Se o aparelho construído, se nossa presença, com escuta adequada, servem para alguma coisa, a intervenção é a mesmíssima e terá o mesmo valor em qualquer desses casos. Por isso, me importa colocar a Clínica de gabinete sob a égide da Clínica Geral. Ou seja, não é a Clínica Geral que é uma expansão da Clínica de gabinete, e sim o contrário, a Clínica de gabinete é que é uma região da Clínica Geral.

Se o analista prestasse para alguma coisa, no seio da chamada sociedade, e não fosse apenas aquele que se fantasia de profissional e fica no seu cantinho, operando como se estivesse fazendo algo muito importante, seria sobretudo uma presença constante no mundo, capaz de escutar toda e qualquer manifestação, e tentar intervir com seu ato, diferentemente dos outros. Assim, ao contrário das teorias que repetiram que não se é analista o tempo todo, posso dizer que *não se consegue ser analista o tempo todo por incompetência*. Mas isto não no sentido em que diziam, pois o analista é analista o tempo todo. Só que é incompetente com muita frequência. Não sei por que os outros discursos se supõem capazes de viver em estado discursivo da sua própria natureza,

intervindo no mundo, e o analítico só ligaria a tomada quando está no gabinete. Se é um analista que está agindo mesmo, se ele se suporta ou se supõe suportar por sua formação, supõe-se que está na prática intensiva e permanente do seu discurso. Então, em qualquer lugar, a qualquer momento, ele devia ter a nobreza de intervir segundo o seu modo discursivo próprio. Daí que *qualquer atividade de intervenção de um analista enquanto tal é uma atividade clínica*. Infelizmente, o termo *Clínica* tem origem hospitalar: o sujeito se *deita*. Como já disse, o lugar onde se deita é hospital ou prostíbulo. Dá na mesma. Então, a clínica serve para esses ambientes onde devemos intervir freqüentemente. Fazer curar ou fazer gozar são a mesma coisa. Gozar de boa saúde, quero dizer... O que quer que façamos é Clínica.

* * *

Não sei se notaram uma coisa engraçada. Na conferência de nosso caro Alain Badiou, proferida aqui na Escola de Comunicação e publicada naquele livrinho que mencionei outro dia, falta um pedaço. Li e não achei o ponto que então comentei com ele. Era a questão que achei interessantíssima de ele colocar a *clínica da obra de arte*. Disse-lhe então que achei muito bom ele falar disto naquele momento, pois é justamente o que chamo Clínica Geral. Lembra que ele considerou a obra de arte do ponto de vista serial, que não se deve considerar um quadro, por exemplo, uma obra, pois a série é que é a obra? E que a abordagem que se faz não deve ser crítica, e sim *clínica*? Ou seja, propôs exatamente o que dantes propus: como deitar a obra de arte e fazê-la gozar... de boa saúde, naturalmente. Neste sentido, então, é que falo de Clínica Geral. Por que os analistas não podem tratar da Clínica da filosofia? Filosofia é uma coisa de doentes e é uma coisa doente, todos sabem disto. Fernando Pessoa já declarou que “filósofos são homens doentes”. Analistas também. Mas como nossa especialidade é fazer Clínica, por que não fazer a Clínica da filosofia, da ciência, da arte, da religião, da universidade?

Diferentemente, por exemplo, do livro de Deleuze, que publicou sem o falecido Guattari, chamado *Critique et Clinique*, onde fala de crítica até o

ponto em que o discurso se torna dependente do clínico e, segundo ele, perde o sentido e não tem mais nada a dizer. Isto é uma besteira assombrosa, pois não há a menor condição de se estabelecer nenhuma fronteira entre o crítico e o clínico como ele preconiza. Nunca se sabe onde começa a loucura. E não é só a loucura que não faz sentido, pois ela pode justamente ser o *fazer sentido*. A coisa é tão doida que começa a fazer sentido. A paranóia de determinado discurso científico ou filosófico pode ser evidentemente – e frequentemente o é – a maluquice de alguém. Pode não ser uma psicose paranóica, mas é a maluquice do autor. Vai-se fazer o quê? Ou pensam que são o quê? Se tivéssemos condições de estabelecer fronteiras nítidas dentro do saber, ou dentro dos campos de aplicação da nossa própria prática, continuaríamos no mesmo procedimento policial que se usou até recentemente.

Estamos numa época em que o fenômeno mais interessante que parece ocorrer é justamente a impossibilidade de se traçarem fronteiras nítidas entre campos, entre posturas discursivas. Podemos até desenhar discursos, matemizar como Lacan quis fazer, mas onde passa exatamente a fronteira? Não podemos mais, hoje, confundir *pólos* discursivos ou de ação com *fronteiras*, ou confundir *atrações* com *definições*. Temos regiões de atração, e não definições de campo.

Tomando outro exemplo: o livro *Qu'est-ce que la Philosophie?*, de Deleuze junto com Guattari, que já comentei mais longamente em meu Seminário de 91 e que acho que já traduziram para o português (não resolvi implicar com Deleuze hoje, falo dele porque é importante e me lembro de seus exemplos). Lembram-se da tentativa de distinção que ele faz ali? Para arrumar as coisas, os campos de ação, de pensamento, ele tentou distinguir o que chamava de *planos*, atribuindo o plano de *imanência* à filosofia, o plano de *referência* à ciência e o plano de *composição* à arte. Tomou os termos de *variações* para a filosofia, *variáveis* para a ciência e *variedades* para a arte. É bonito, literário, uma beleza. Só que, como observaram, se leram o livro até o fim, a combinação disto e a impossibilidade das fronteiras vai misturando os planos, fazendo com que o autor chegue a um plano quase que absoluto (comparativamente, eu diria que pode ser um Plano Projetivo, onde insisto em colocar toda e qualquer

possibilidade de inscrição), onde os campos vão se fundindo. De maneira que não sabemos mais por onde passa nenhuma fronteira nítida entre imanência, referência e composição. Acho isto uma coisa óbvia nesse livro dele. É um dos exemplos, de uma pessoa da maior importância, da maior qualidade, de que não está dando para se desenhar fronteiras.

Por isso mesmo, digo, repito e insisto em que o que temos hoje são *pólos*. Se imaginarmos o grande plano de projeção, o Plano Projetivo, na sua neutralidade de ser uniface, unilátero e não ter nem mesmo borda como tem a chamada banda de Moebius, podemos imaginar aí alguns focos. Ou seja, não vamos procurar onde é cada fronteira entre campos, mas sim pólos atratores, centros de atração de determinados elementos. Existem sim grandes *atrações*, e não *definições* de campos. E as coisas não são nítidas, se interpenetram, se misturam. Este é o *interesse da Clínica: distinguir pólos, atrações, por onde determinada coisa se coalesce, se ajunta com mais força ao redor de determinado ponto*. E mesmo a indicação dos pólos e das atrações depende muito do pólo e da composição de atratores da visão que está considerando.

Conforme coloquei da última vez, o que temos são *formações observantes* e *formações observadas*. Não sejamos tolos, pois não há mais condições de se epistemologizar coisíssima alguma. Mas há a condição clínica (*segundo determinado escopo*, é claro, pois não há possibilidade de Clínica sem escopo, seja freudiano, lacaniano, meu, ou de quem quer que seja), de se tentar fazer a leitura dos pólos e das atrações e intervir no sentido de neles produzir deslocamentos que venham a, pelo menos, afrouxar os laços vinculares de baixa extração. Isto pode permitir que um sujeito fique mais solto, que o mundo fique mais frouxo, mais leve, que se diminua um pouco o mal-estar.

Isto é o que temos a oferecer. E já é muito. Se não for nada.

* * *

É em torno destas coisas que vão girar o que podemos chamar de nossas *Virtudes*. Isto no sentido que coloquei da vez anterior, tomando de Maquiavel a relação entre *Fortuna* e *Virtù*.

A Sorte nos apresenta essa coisa horrorosa – ou maravilhosa, escolham, como quiserem – que são: os corpos, o mundo, a lua, o sol, os acontecimentos, a história, a lama decantada que a história fez... O de que mais sofremos é dessa coisa chamada história, que não é senão a decantação de determinados acontecimentos como válidos. E isto nos tira mesmo a possibilidade de nos libertarmos daquilo e procurar outros acontecimentos. Portanto, é uma lama de sintomas, um lixo cultural nos oprimindo e nos endereçando para a repetição daquelas besteiras. Não que outra coisa não fosse besteira, mas poderíamos variar de besteira, gostar de outras e não daquelas que sintomatizaram a história.

Isto é a tal Fortuna. O sujeito nasce e recebe de herança essa lama. Vai-se fazer o quê? O que podemos fazer, já que recebemos tal ou qual Fortuna, é aplicar nossas Virtudes no sentido de tentar mobilizar a nossa vida dentro da opressão das Fortunas. Sejam fastas ou nefastas, as Fortunas são opressoras. Quando acontece alguma coisa que achamos muito bom, estamos festejando agora, mas não sabemos se sua resultante, daqui mais um ano, não será uma grande decepção. Mas festejamos, pois somos bobos mesmo.

Nossas Virtudes estão, portanto, em função dos momentos que, durante este ano, tentei distinguir como alguns pequenos aparelhos que possam nos ajudar a ousar nossas ações diante da Fortuna. Tentei falar de *realidades virtuais*. Perguntei-me se, ao invés de questões éticas, não teríamos uma verdadeira Deontologia, um *deontos*, desta nossa estada dentro do Haver como tal, deste modo de ser. Recordei que toda a questão da Cura se prendia à possibilidade de uma *Anamnese*, de uma rememoração da força, da Virtude que teríamos contra qualquer Fortuna, que é a Virtude última de referência a um aparelho de Indiferenciação. Dentro do lixo, da lama de decantação histórica, lembrei que talvez nos encaminhássemos através de *Cinco Impérios*, que, pelo menos no Ocidente, são evidentes: desde AMÃE, passando pelo OPAI, OFILHO, OESPÍRITO até o AMÉM, que, este, seria para onde gostaríamos de ir. Ajuntei em *seis referências clínicas* estes pequenos lembretes que podem nos auxiliar no trajeto da Clínica. Fiz lembrar certo *odor de pocilga* que emana da contempo-

raneidade, em tudo isso que querem chamar de ético ou não-ético. Busquei um reentendimento do que pudesse ser o *Inconsciente*. Tentei, dentro da perspectiva que venho trazendo, recolocar uma idéia possível e viável de *Sujeito*. Fiz uma retomada do Tempo como mero *tempo para compreender*, ou seja, *tempo das resistências* – onde tive o prazer de fazer a crítica, enquanto temporalidade, dessa bobagem que chamam “tempo lógico”. Tentei apontar a *função curativa do trágico*, na medida em que o trágico foi definido como sendo o embate com a irreversibilidade a partir da mente reversível. Retomei a possibilidade de pensar minimamente o que possa ser para a psicanálise, hoje, a questão da *ética* e a da *verdade*. Situei o estritamente ético da psicanálise no encaminhamento decisivo que acontece (mas a que nada obriga) para uma hiperdeterminação, para a rememoração disso. Mostrei que isso é uma ética que não obriga, que não tem imperativo, mas que está em disponibilidade para qualquer um da espécie. Aproveitei ter havido essa pessoa excelente que foi *Galileu Galilei* e que tomei muito a propósito. Pois o maluquete do João Paulo – que parece que não anda muito bem da cuca, segundo os cardeais – recentemente resolveu “recuperar” a figura de Galileu, como se ele precisasse disto (o João Paulo é que está precisando, tadinho, e não consegue...) Mas retomei a figura excelente de Galileu para mostrar que a ética que se tem é a política de retorno. O que se pode fazer é oferecer *de bandeja* aquilo que se colhe, que se produz. Quem quiser, que pegue. Se não quiser, também, dane-se. Por último, foi a vez de lembrar que estamos precisando, se não de um iluminismo, pelo menos de uma tentativa de permanente faxina, na medida em que o obscurantismo está à solta, em que as sombras, semelhantemente à lua em eclipse naquele dia, estão obscurecendo o mundo.

Foi este o percurso do ano e nossa tentativa de dar indícios, um pequeno esboço, uma polarização, do que possa ser desenvolvido – por quem quer que seja – como isto que quis chamar de Clínica Geral. Estaremos de volta, se acontecer, no próximo ano.

* * *

- Pergunta – *Você coloca todas as formações do Haver como recalcanes, tanto as primárias como as secundárias. Também as próteses seriam recalcanes? Elas, num determinado momento, não podem ter uma função puramente libertadora?*

Qualquer formação é recalcanes. As próteses também são formações. O momento de criação de uma prótese é um momento de revelação, de retorno do recalcanes, mas uma vez algo criado, danou-se.

- P – *Certos artifícios como o ar condicionado, por exemplo, neste calor horroroso em que estamos, a mesa, a cadeira, são coisas que me recalcam, mas me libertam...*

Libertam do quê?

- P – *Do calor, do desconforto. Então, como sua teoria coloca um relativismo absoluto, que o que importa são as políticas e que, diante de determinada situação, sejamos pragmáticos e encontremos uma solução que possa até efetivamente revirar um pouco mais formações tão recalcanes, minha pergunta é: haveria certos artifícios que, pelo menos por enquanto, interessa preservar? Isto é uma questão meramente política? Ou uma questão de um saber aí?*

Bem colocada a pergunta, pois pode indicar um mal-entendido. Quando digo que qualquer formação é recalcanes, isto é do ponto de vista estrito da construção do Haver. Basta haver uma formação em exercício para que alguma outra, contrária, não o esteja aqui e agora. Nada estou dizendo quanto ao valor, se é boa ou má para mim neste momento. No exemplo, um aparelho de ar refrigerado enquanto prótese inventada em determinado momento, e que está à minha disposição, me permite revirar o calor que está sendo produzido espontaneamente pela chamada natureza. Aqui e agora, no momento em que a uso, estou dizendo que sou humano, pois tento revirar o que me é imposto. Estou revirando a situação e isto é da maior importância. Mas isto não impede que esta formação seja, aqui e agora, recalcanes de outra. O aparelho de ar refrigerado, aí o coloquei para recalcar o calor que me é imposto. Então quando coloco toda e qualquer formação como recalcanes por ser uma formação, estou

libertando-a do valor que possa lhe atribuir aqui e agora. Ela é recalcante, pois, do ponto de vista da construção teórica, só uma absoluta indiferença não é recalcante, já que permite o reviramento permanente em qualquer momento, a qualquer hora.

Mas estou no embate dos recalcentes com os recalcados, estou permanentemente nessa agonística. Se está fazendo um calor desgraçado lá fora, felizmente houve um herói que resfriou o ambiente apesar de a natureza impor aqui e agora calor. Então, meto a mão na bandeja do herói e faço uso de sua oferta. Mas eu podia ser maluco o suficiente para dizer que, por exemplo, tenho uma religião que diz que Deus mandou sentir calor. Por isso Ele o fez, então, devo suar. O herói vai morrer de rir de mim. Para ele, é: inventei o ar refrigerado, você não quer, que se dane, o problema é seu. Não tem gente que deixa o filho morrer no hospital porque não se pode fazer transfusão de sangue?

• P – *Aqui recalco o calor, mas com a alternativa de que, se precisar dele, está lá fora, tenho calor também. Mas há determinadas formações recalcentes que são muito mais opressivas do que deviam e não têm alternativa. Por exemplo, se meu barato é ver tudo explodir e joga uma bomba aqui dentro, não dou alternativa de o outro poder escolher outra coisa para ele.*

É o que chamo de impossibilidades modais aqui e agora. É impossível você explodir esta sala – espera eu sair, pois não estou muito a fim de explosões – e, daqui a pouco, passar o filme ao contrário, pois é irreversível. Ou seja, no momento, não conhecemos nada capaz de reverter uma explosão. Mas não sei o que a humanidade vai inventar. Então, determinadas forças são recalcentes e sem a menor condição de retorno do recalcado. Não são meros recalcados, mas sim impossíveis modais para alguém do Impossível Absoluto. Os heróis costumam ser mais freqüentemente reconhecidos como tais quando vão lá entre os impossíveis modais e fazem um Revirão que permite a agonística dos recalques. Por exemplo, permite recalcar o calor e chamar à tona o frescor. Ou permite, no inverno, recalcar o frio e trazer o calor. Mas é um processo de recalçamento: toda formação está recalçando alguma coisa aqui e agora. O

impossível modal aqui e agora é um recalcado sem retorno possível, pelo menos na realidade externa, chamemos assim.

Suponhamos que estamos sonhando com o retorno disso. Quantos desejos não temos como, por exemplo, o seu de explodir tudo e poder refazer? Isto só porque estávamos com raiva na hora, mas, depois, recompomos. Seria um barato. Eu explodiria muita gente, muita coisa, com muito prazer. Mas a gente se contém, pois é impossível retornar. Às vezes, não é nem por isso, e sim porque a polícia nos pegará. O processo é dinâmico. É toda a dinâmica dos recalques, do retorno dos recalcos e de que há impossibilidades modais como há a Impossibilidade Absoluta. Esta só retorna de direito, na ALEI de seu funcionamento como pedido permanente de não-Haver, e que jamais retornará de fato.

• P – *Eu estava querendo pensar a questão da ética. Você diz que a psicanálise não tem um fundamento, nada que a fundamente em termos de ética, mas só uma política...*

Eu disse que não há nada que obrigue, mas fundamento tem. Se ela é o que estou dizendo, está fundamentado eticamente que seu movimento é no sentido da hiperdeterminação. Só que isto não me põe, nesse movimento ético, nenhum conteúdo. Por isso, eu disse que são *acontecimentos* que levam alguns a se aproximarem do lugar da hiperdeterminação, e são vinculações interpessoais que fazem com que tantos queiram seguir alguns que foram Lá. Mas *nada obriga*. Tanto é que se olharmos bem a humanidade na totalidade do que é hoje e do que foi no tempo, veremos que é um bando de animais. Ou você acha muito bonitinho o que acontece no mundo e na história?

• P – *Mas, então, nada se pode fazer se não se pode obrigar ninguém a ir lá?*

Pode-se jogar uma bomba, por exemplo. Há lugares em que se pode e até se devia jogar. No final, trata-se de uma guerra. Por que determinadas formações, pelo fato de serem parte da lama da decantação histórica no sentido do vencedor, resolvem que devem determinar que tipo de formação se deva apresentar?

- P – *Porque o bando é animal, a grande maioria é animal. Se não for na porrada, não há condição de convivência mínima...*

Então, também tenho porrada para dar. Guerra é guerra, é o que você está dizendo. Justamente num momento histórico como o nosso em que está tudo esfacelado – os fundamentos estão perdidos, as pessoas não sabem mais a que santo apelar, etc. –, está-se fazendo correr pelo mundo um sentimento de fraternidade, de solidariedade... Isto é falso. É a guerra contemporânea: a de que se deve convencer a todos que devemos ser fraternos... São os últimos estertores da religião do amor que, espera-se, irá para o brejo no próximo século. Já durou dois mil anos. É uma guerra de comunicação, de convencimento, de sugestão, de hipnose...

- P – *De poder.*

Qualquer uma é de poder. Eu, agora, estou aqui comendo biscoito porque tenho poder para isto. Se não, seria menino de rua passando fome. Estou tentando reverter minha fome e minha hipoglicemia com o poder de comer biscoito. Como se faz a distribuição mais ou menos equitativa dos poderes? Pode-se até falar de certa distribuição de renda, de certa distribuição da grana (como se houvesse – quem tem renda é rico). Uma tentativa de Diferocracia seria a distribuição dos poderes, mas isto não vai dar certo nunca, é óbvio. Mesmo assim, será que não poderíamos fazer uma tentativa de distribuição dos poderes, para não ficarem todos muito frustrados o tempo todo? É preciso fazer uma guerra para isto.

- P – *O poder se distribui ou se conquista?*

É uma conquista, é uma guerra, ainda que eu queira distribuir o meu poder. Se tenho poderes e acho que devia distribuí-los um pouco mais, sou eu que acho. Então, minha guerra é distribuir meus poderes. Ninguém vai aceitar isto com facilidade, pois outro a meu lado, que tenha poderes iguais, um pouco maiores ou menores, pode achar que estou dando um péssimo exemplo e vai querer me impedir. Então, mesmo quando quero bancar o bonzinho, estou numa guerra. O tal Jesus Cristinho que disse aquelas gracinhas todas, levou beijinho, talquinho no bumbum? Levou foi uma canga nos cornos. E estava só tentando

criar a religião do amor, tadinho – estava falando de algo que não existe. A dificuldade é entendermos que foi assim, que já estamos mais ou menos crescidinhos neste ponto da história, que já acumulamos muito lixo, muita informação, então, já era hora de partirmos para outra.

• P – *Vivemos numa cultura basicamente voltada para a noção de conforto. Qualquer forma de pressão do outro acaba resultando numa espécie de reação contra esta ação, pois é causa de desconforto. Então, como se coloca o desconforto produzido por qualquer pressão na perspectiva da Indiferença e, ao mesmo tempo, como é a postura, digamos assim, de açulamento disso com relação à noção de valor mesmo em relação ao conforto?*

Em primeiro lugar, valores são valorativos. Valor para quem? Do ponto de vista político, podem-se estabelecer os valores contemporâneos, escutando ou não a massa. Mao Tsé-tung tinha poder de persuasão e dizia à massa o que ela devia achar que tinha valor. E a massa achou, pois a hipnose deu certo. No momento, isto não está valendo, pois não está na moda existirem personalidades persuasivas que digam à massa o que ela deve valorizar. Está-se ouvindo o sintoma da massa num certo “consenso” e dizendo: é isso aí, vocês são maravilhosos. É a mesma merda, mas é apenas uma questão de moda. Mas quando consigo hipnotizar uma massa, estou impondo alguma coisa? Me dêem uma resposta sobre isto. Estou impondo é quando não consigo hipnotizar. Aí, posso colocar soldados armados, etc. Mas se consigo hipnotizar, vou dizer que Mao Tsé-tung estava impondo não-sei-o-quê às massas? Não. Ele conseguiu hipnotizá-las e elas retornaram. Estavam gozando de montão. Hoje, a moda não é esta. É a da massa dizer as asneiras das suas próprias hipnoses já contidas dentro de si, tirar-se a média e dizer-se: é isso aí, o negócio é esse. O vetor daqui para lá e de lá para cá não faz muita diferença e as valorações o são dentro dessa coisa.

Conforto e desconforto são uma coisa muito relativa. Somos bonecos vivos de ordem carbono. Então, se perguntarmos – sem grandes interferências das maluquices secundária ou originária – ao boneco do quê ele gosta, ele dirá

que gosta de conforto. Ou seja, daquele que corresponde à subsistência de sua estrutura de boneco de carbono. Qualquer cachorro sabe disto. Ele não consegue fabricar ar refrigerado, pois não é da nossa espécie, mas consegue farejar pelo mundo, na hora do calor, uma sombrinha à beira de um riacho, algum lugar para entrar numa boa... Há uma formação ditando o que é o conforto. Mas se parto para o meu nível secundário ou originário, sinto-me extremamente desconfortável dentro dessa burrice. Ninguém vai criar uma filosofia, uma ciência, um ato político, etc., porque tem um negócio maravilhoso, mas sim porque está desconfortável mesmo dentro do conforto do boneco. O mal-estar pode estar em outro lugar. Às vezes, para minhas valorações de aqui e agora, preferiria estar sentindo calor e não estar mergulhado na burrice em que vivemos mergulhados. Então, isto pode me dar mais mal-estar do que o calor. Aí, vou lutar contra o mal-estar da burrice. Entendam que é tudo uma dinâmica. Qualquer valoração indicativa é politicamente situada – não há saída. Tudo o que chamam de Ética hoje são ordens comportamentais politicamente situadas. O estado de Indiferença – que não conseguimos habitar, ao qual apenas nos referimos e, muito raramente, quem sabe, passemos por ele de raspão – é apenas a referência que me faz lembrar – e é o centro ético do analista – que, se pensar como analista, não posso valorar absolutamente nada. E isto é muito difícil.

- P – *Fica como uma criança pequena.*

Não. Criança pequena é um animal que valoriza todas as suas animalidades: chupar os peitos da mãe, cagar na fralda... e fica feliz. Vocês precisam entender que a humanidade é muito feliz, felicíssima. Ela não sabe, mas é.

- P – *Ao observarmos as crianças, vemos com clareza o momento em que sacam que o universo passa a ter um outro sentido para elas quando incluem a valorização de algo. Por exemplo, no consultório, jogam dardos ou pegam varetas. Inicialmente, pegam a vareta por pegar, mas quando sacam que a pretinha vale 50 e a outra vale x, a brincadeira passa a ter outra qualidade. Observo, então, que algumas crianças rapidamente já querem jogar só com valoração, outras fazem questão de fazer de conta que não há valoração, que o que interessa é só quantidade...*

Essa tal criança de que você está falando está lá oferecendo claramente todas as significações. Eu é que não sei ler, eu é que estou fazendo besteira. Ela está dizendo.

- P – *Mas nesse nível fica parecendo uma coisa tão burra.*

E é. É apenas um bichinho que está tentando entrar na ordem humana. Você queria que fosse o quê?

- P – *O que leva a esta passagem à ordem humana?*

Se nada obriga, pelo menos há disponível nela a possibilidade de hiperdeterminação. E a criança foi lá fazer o quê em seu consultório? Ela não sabe, a mãe não sabe, você talvez não se lembre todo dia, mas foi lá na suposição de que há alguém que vai forçar um pouco para esse lado. Alguém que tem a experiência da hiperdeterminação e que vai tentar um vínculo qualquer mediante o qual possa empurrar para esse lado.

- P – *Em última análise desejaria exercitar os seus reviramentos possíveis?*

Não sei se deseja. Não sejamos cristãos. Ela não sabe, ninguém sabe. Mas o fenômeno é que, depois que você vê a criança fazer o que você disse, isto se deu porque houve lá alguém que empurrou um pouco para a hiperdeterminação. Mas não devo supor que alguém vá ao meu consultório para isto. Se não, era fácil. O trabalho é difícilíssimo, não conseguimos quase nada justamente porque não vão lá para isto. Raramente há uma pessoa que vá ao consultório – ou a algum lugar, ao padre, ao santo, ao místico – por ter sacado que o troço está ali, e o quer. Nem mesmo por isto as resistências vão deixar de funcionar. Mas conta-se, pelo menos, com alguém que já sacou que há um troço lá e quer porque quer aquilo também. É um invejoso...

Comecei a estudar psicanálise com 17 anos. Quer dizer, é uma doença séria e antiga. Isso caiu na minha mão, acreditei e achei que estava me ajudando. Com 19 anos já estava deitado em divã – é uma tortura. Mais tarde, driblando isso, deparo-me com os livros de um sujeito chamado Jacques Lacan que me deixaram deslumbrado. Aí comecei a fazer esforço para me aproximar dele, ser recebido por ele, virar até seu assistente na Universidade. Por quê? Porque nisto me sobra a maluquice, que procurei em muitos lugares, de achar alguém

que portasse não-sei-o-quê, que não sabia o que era, que eu queria também. Morri de inveja do cara...

- P – *Mas você é uma raridade.*

Claro que sou. Você tem alguma dúvida? Mas sabemos muito bem que a psicanálise entrou no mundo e que, em certo momento, virou uma coisa chique. Quantas pessoas vão ao consultório porque dizem que é muito chique esse negócio de fazer análise, que a gente melhora, que consegue ganhar mais dinheiro, comer mais mulheres ou mais homens... Vão lá procurando por isso.

* * *

- P – *Estava aqui pensando numa ficção científica: daqui a algumas décadas, poderíamos trocar o chip do Revirão.*

É possível. Outro dia apareceu na televisão um maluco... Estou louco para ler o livro dele. É um cientista americano, um físico, completamente pirado, que está dizendo coisas que nem eu digo (mas ele não sabe disto, é claro). Segundo ele, primeiro, todo mundo vai comer todo mundo. Ou seja, já prometeu o paraíso. Você vai andando pela rua e trepa com quem quiser. É uma boa promessa para se ganhar dinheiro. Também vou inventar um mundo desses, podem passar lá no meu consultório. O interessante é que ele disse que a humanidade vai ter que mudar da Terra, pois isto aqui vai se estragar, e vai ressuscitar inteiramente em forma de computadores. O cara fala isto a sério. Não sei se, nos Revirões do universo, toda a experiência que temos não será acolhida de algum modo, por mera combinatória, num elemento que não seja de base carbono, mas de base silício, por exemplo.

- P – *Mas estou pensando em nós, de base carbono... Não será a técnica atual que está errada? Você fala de Revirão, mas o que isto implica de modificação elétrica e molecular? Muito pouco se fala em memória, em neurônio...*

Certamente que há modificação elétrica e molecular, só que sou completamente ignorante na matéria.

- P – *Então, daqui a tantas décadas, ao invés de divã, troca-se o chip.*

Sou plenamente a favor. Mesmo porque seria rápido. E, de preferência, indolor. Dá-se uma fisgadinha e troca-se o *chip*. É tudo que desejo. Maravilha! Já disse que gostaria de sair um dia de negão, outro, de lourinha. A gente goza para tudo quanto é lado. “Sentir tudo de todas as maneiras”, como nos ensinou o Pessoas (no plural mesmo dos Fernandes).

- P – *Mas você está falando sério, não é?*

Por quê? Você não me leva a sério? É seriíssimo. Só porque é impossível, achamos graça. Mas já pensou se fosse possível?

- P – *O que sinto falta é que, de repente, no que você fala, teoriza, nós de carne e osso ficamos meio por fora. Acho que, no processo de análise, há que haver mudança elétrica, molecular, neuronal...*

Não só há que haver como há mesmo. Não tenho isto muito desenvolvido, mas imagino que, assim como se tem a modificação de lá para cá, uma tecnologia que possa intervir no corpo como você está pedindo, e isto existe hoje no mundo das químicas...

- P – *Mas não estou pensando em química.*

Trocar o *chip*, pode ser um *chip* orgânico, uma injeção de células de lagartixa, uma coisa assim. Por que não? Lagartixa tem uma coisa maravilhosa, corta-se o rabo e ele cresce de novo. Quer dizer, não teríamos tanto medo de castração, pois pode crescer maior, sei lá. Por outro lado, há um cruzamento qualquer aí. Há evidência de que quando, por processo analítico ou algo que o valha, se conseguem boas intervenções, a química também muda. Cerebralmente e na pele, isso muda. Já perceberam, no consultório, pessoas que trocam de cheiro? Pessoas repelentes que, de repente, começam a ficar cheiráveis, comíveis...

- P – *Você fala muito pouco disso.*

Desculpe, mas só falo disso, nunca falei de outra coisa.

- P – *Há tempo li numa revista médica sobre essas mudanças neuronais, eletromoleculares, etc., e o que citavam como exemplo era o reflexo condicionado, de Pavlov. A experiência era feita com animais e começaram a*

sacar a representação do animal, quais seriam os caminhos colaterais da representação... Aí, sempre me fica a idéia de que, na verdade, o processo de análise acaba tendo que ser um tipo de reflexo condicionado, tipo sugestão, que tem que existir...

Sim e não. Às vezes, no procedimento cotidiano do judô analítico há muita coisa que é da ordem do hipnótico mesmo. Mas se o referencial da análise – coincidente, aliás, com seu referencial ético – é a hiperdeterminação, como coloquei aqui, a grande questão é: *como sugerir uma suspensão?* E isto é da ordem de algo que se anula a si mesmo. Como posso, para além de sugerir formações – porque o analista sugere mil formações –, conseguir sugerir uma suspensão, uma neutralização?

- P – *Mas tem-se que sugerir uma suspensão ou a diferenciação?*

Tenho que sugerir a suspensão. A diferenciação, quem sugere é Deleuze, os nietzscheanos. Eu, sugiro uma *neutralização*. Em todo o esforço, mesmo se fazendo sugestões freqüentes de formações simplesmente para empurrar o sujeito, minha esperança é que, através dessas mudanças locais e até com outras intervenções mais eficazes, se possa sugerir uma aproximação da neutralização. Então, aí é o que alguns gostariam de chamar de paradoxal. Não vejo nada de paradoxal, vejo que a máquina *é assim...*

- P – *Não é sugerir, pois a sugestão já está embutida na máquina, já está lá...*

Está lá, mas tenho que sugerir que se vá lá porque não se vai. Ou seja, tenho que sugerir o que já está lá porque as pessoas não se lembram. Por isso, falei de *Anamnese*. Se sugerirmos diretamente, o outro não entende a sugestão. Se tivesse a lembrança, não estaria preso ali.

- P – *Quero dizer que no discurso do analisando já está isso.*

Não está. Ele só fala besteira. Apenas faço a *suposição* de que ele é gente. Ele ainda não provou nada para mim.

* * *

- P – *A Indiferenciação (ou a neutralização) já é em si uma formação?*

É. Não posso dizer o contrário, pois eu seria, no mínimo, mau caráter. Não se pode esquecer que quem disse isto fui eu. Do ponto de vista da minha construção teórica, a Indiferenciação não é uma formação e a verdade é o que eu disse: Haver desejo de não-Haver. Entretanto, do ponto de vista dos manejos de mundo, não posso me esquecer de que fui eu quem o disse. Portanto, é passível de ser suspeito de formação. Se não, viro lacaniano, daqueles que pensam que foi Lacan quem inventou o saber na década de 50. Que antes nunca ninguém pensou e nunca mais ninguém vai pensar. Mesmo porque não lêem outra coisa a não ser Lacan. Então, não lêem nada, pois não há nada ali dentro se só há Lacan. Tudo que há de saber hoje por aí foi primeiro retirado de alguém.

Não posso, portanto, na seriedade do processo, não lembrar que, do ponto de vista desta construção, a verdade é tal e a indiferenciação é uma formação. Mas isto é um ideal teórico, o da teoria produzida. Só, mais nada. É a ferramenta que, no momento, suponho ser a mais eficaz. Fora disto, é fanatismo.

- P – *E se alguém disser que a sua teoria é uma antropologia?*

Por que não? Digam o que disserem. Já disse que o que quer que se diga é da ordem do conhecimento. Portanto, é uma antropologia.

- P – *Mas do seu ponto de vista?*

É uma antropologia, por que não? Pois se estou dizendo que a essencialidade *do homem*, desta espécie, é o Revirão, então, minha antropologia é a antropologia do Revirão, que se chama Psicanálise... Nova, naturalmente.

- P – *Mas aí você está delimitando fronteira...*

Meu anjo, papai do céu não sou eu. Não me confunda, pelo amor de Deus. Sou o Magno, só. Depois, vão dizer que o maluco sou eu...

- P – *A afirmação extremada de Haver desejo de não-Haver, por exemplo, quer me parecer que simula o ato de ser o proferimento de uma fala divina.*

E é uma fala divina. Ia ser o quê? Falas divinas são falas limiares. Qualquer fala que, em qualquer momento, vai ao limite, é uma fala divina. Mas não vai ser divina por muito tempo.

- P – *Você certamente já ouviu falar a respeito de ondas alfa, de estar em alfa. Isso tem paralelo com uma certa Indiferenciação.*

É possível, só que não entendo disto. Não é minha especialidade, sou ignorante. Estou apenas, a partir de uma experiência pequeninha, chamada experiência analítica, generalizando grandemente, tentando fazer um mapa do teorema que possa orientar alguns procedimentos. Seria bacana se tivesse uma porção de amigos cientistas, laboratórios maravilhosos, que até viessem a se interessar de testar isto que estou dizendo. Aí poderiam confirmar que o que digo acontece ali. Mas não tenho esta sorte, essa Fortuna. Quem sabe se, amanhã ou depois, alguém inventa um aparelho e mede que o cérebro – no sentido que uso de compleição humana de manipulação – funciona catoptricamente mesmo, que tem pontos de indiferenciação em que se vê o processo todo ficar, por exemplo, azul, mudar de cor... Sei lá, tudo isto é possível. Aí ficarei muito feliz de ver o sujeito trocar um *chip* ou dizer a palavra mágica... Quem sabe se o *chip* é a palavra mágica? Para tal pessoa há tal palavra mágica, só que não sei. Se a disser, pronto, ela entra no barato. Isto pode acontecer.

Então, considerada toda a nossa ignorância, o que tenho a oferecer de bandeja é esta configuração que, sem modéstia alguma, acho melhor do que as que vi, do que as que me ofereceram. Só isto. Sem fanatismo. Depois, joga-se isto também no lixo. E se faz outra.

17/NOV

SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia. Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica).

Fundador da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de NOVAMENTE, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

Atualmente, além de sua atividade como Psicanalista, continua o desenvolvimento de sua produção teórico-clínica (*work in progress*) em Falatórios e Oficinas Clínicas, realizados na sede da UniverCidadeDeDeus e publicados regularmente.

ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno vem desenvolvendo ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: Senso Contra Censo: da Obra de Arte
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p.

2. 1976/77: Marchando ao Céu
Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: Rosa Rosae: Leitura das Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa
3ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 220 p.

4. 1978: Ad Sorores Quatuor: Os Quatro Discursos de Lacan
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 276 p.

5. 1979: O Pato Lógico
2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 252 p.

6. 1980: Acesso à Lida de Fi-Menina
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 316 p.

7. 1981: *Psicanálise & Polética*

Quatro sessões, sobre *Las Meninas*, de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 498 p.

8. 1982: *A Música*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 329 p.

9. 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1987. 264 p.

10. 1984: *Escólios*

Parcialmente publicado em *Revirão: Revista da Prática Freudiana*, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: *Grande Ser Tão Veredas*

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p.

12. 1986: *Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, *Ainda // Juízo Final*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

14. 1988: *De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise*

Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1990. 208 p.

15. 1989: *Est’Ética da Psicanálise: Introdução*

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.
17. 1991: *Est'Ética da Psicanálise (Parte 2)*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.
18. 1992: *Pedagogia Freudiana*
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.
19. 1993: *A Natureza do Vínculo*
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.
20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 310 p.
21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 264 p.
22. 1996: "Psychopathia Sexualis"
Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.
23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 408 p.
24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.
25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise*
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 224 p.

26. 2000: “Arte da Fuga”
Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro:
NovaMente Editora, 2003. 656 p.
27. 2001: Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito
Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro:
NovaMente Editora, 2003. 656 p.
28. 2002: Psicanálise: Arreligião
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.
29. 2003: Ars Gaudendi: A Arte do Gozo
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.
30. 2004: Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão
Proferido na UniverCidadeDeDeus [a sair].
31. 2005: Clavis Universalis: Da cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica.
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 224 p.
32. 2006: AmaZonas: A Psicanálise de A a Z
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 198 p.
33. 2007: A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousía
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2009. 210 p.
34. 2008: AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do Conhecimento [a sair]
35. 2009: Clownagens [a sair]

Formato

16 x 23 cm

Mancha

12 x 19 cm

Tipologia

Times New Roman e Amerigo BT

Corpo

11,0 | 16,5

Número de Páginas

310